A Tuna Académica da Escola Polytechcnica de Lisboa surge num contexto de forte expansão deste tipo de agrupamentos, sobretudo no âmbito escolar, contribuindo para um fenómeno ainda pouco valorizado: o da importância das tunas na democratização da música e o seu papel de destaque no grande movimento mundial das orquestras de plectro.

O prestígio alcançado, o número invulgar de temas e peças apresentado, bem como a relevância social alcançada colocam esta tuna como uma das mais importantes no que poderíamos chamar de "1.º boom" de tunas académicas; uma história que merecia, portanto, ser mais detalhadamente percorrida e dada à estampa.

ISBN 978-989-9072-25-1
9 789899 072251 90000

CoSaGaPe AHT

A Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa - Vigência, actividade e protagonistas

Jean-Pierre Silva

A Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa

Vigência, actividade e protagonistas

CoSaGaPe
2021

Jean-Pierre Silva

A *Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa*

Vigência, actividade e protagonistas

- Lisboa, 2021 -

Título: A Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa
- Vigência, actividade e protagonistas.

Autor: Jean-Pierre Silva.

Capa: Jean-Pierre Silva

Foto-montagem integrando um Bilhete-Postal da Escola Politécnica de Lisboa (blogue "Toponímia de Lisboa"), um Postal da Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa (BNP) e cliché do bando precatório dos alunos da Escola Politécnica de Lisboa, 1909 (AML).

Edição: CoSaGaPe.

Designação da presente edição: *A Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa - Vigência, actividade e protagonistas*. 1.ª Edição. Lisboa, Outubro de 2021

Copyright: © 2021, Jean-Pierre Silva

Depósito Legal: 489457/21

ISBN: 978-989-9072-25-1

Esta versão em PDF é de distribuição gratuita

Índice

Introdução ... 3
Agradecimentos ... 4
De *Escola Polytechnica* a Faculdade de Ciências ... 5
Ano de 1901 ... 13
Nasce a Tuna da *Polytechnica*. ... 14
Corpos Sociais ... 14
Na Sociedade de Geografia (recepção à TAUC). ... 15
Ano de 1902 ... 18
Na recepção à Tuna de Valladolid. ... 18
Sarau no Teatro D. Amélia (12 de Março). ... 21
No sarau da Tuna do Liceu ... 24
No sarau da Associação de Imprensa ... 24
Digressão a Castelo Branco, Guarda e Viseu (20 a 26 de Março) ... 24
Em Castelo Branco ... 28
Na Guarda ... 29
Em Viseu ... 30
Corpos Sociais ... 35
Sessão Solene do 1.º aniversário ... 35
Em Évora (20 e 21 de Dezembro) ... 37
Ano de 1903 ... 40
Sarau no Liceu de Lisboa ... 40
Jogos Florais ... 40
Sarau da Associação Académica de Lisboa ... 42
Digressão à Galiza (11 a 17 de Abril) ... 43
Corpos Sociais ... 49
Ano de 1904 ... 50
Recepção à Tuna Compostelana ... 50
Jogos Florais ... 55
Sarau anual no Teatro D. Maria ... 56
Em Setúbal (2 de Abril) ... 59
Festa de caridade da Imprensa de Lisboa ... 61
Sarau do Congresso Marítimo Internacional ... 63
Sessão Solene em honra de A. Mântua ... 64
Corpos Sociais ... 65
Outros ... 65
Ano de 1905 ... 66
Festa na Politécnica (Jogos Florais) ... 66
Na visita das Tunas de Valência e Córdova ... 73
Sarau anual no Teatro *Gymnasio* ... 80
Digressão a Castelo Branco, Guarda e Viseu (21 a 29 de Abril) ... 82
Em Castelo Branco ... 82
Na Guarda ... 84
Em Viseu ... 85
Sarau da Academia de Estudos Livres ... 89
Sarau no Teatro *Gymnasio* ... 90
Sarau do semanário "Alma Portugueza" ... 90

Sarau de homenagem a Alfredo Mântua 99
Concurso Internacional de Música do Mónaco 100
Corpos Sociais 101
Ano de 1906 102
Sarau anual no Teatro Trindade 102
Projeto de ida a Salamanca 107
2.º Sarau no Teatro Trindade 107
Digressão ao Algarve (15 a 17 de Abril) 110
Sarau de caridade no Conservatório 113
Nas exéquias de Ilídio Amado 115
Corpos Sociais 116
Outros 116
Ano de 1907 118
Na homenagem a Ilídio Amado 118
Sarau anual no Teatro Trindade 122
Outros 123
Corpos Sociais 123
Extinção da Tuna 124
Ano de 1910 125
TAEPL no centenário de Alexandre Herculano 125
Ano de 1925 129
Festa de confraternização e sarau 129
O estandarte da Tuna 130
Ano de 1937 136
Centenário da Escola Politécnica 136
Ano de 1938 140
Festa de confraternização e sarau 140
Membros da TAEP 144
Alfredo Mântua 145
Membros da TAEPL em 1901 149
Membros da TAEPL em 1902 153
Membros da TAEPL em 1903 154
Membros da TAEPL em 1904 155
Membros da TAEPL em 1905 156
Membros da TAEPL em 1906 160
Membros da TAEPL em 1907 162
Membros da TAEPL em 1910 162
Repertório da TAEL 163
Temas executados em 1901-1902 163
Temas executados em 1902-1903 163
Temas executados em 1903-1904 164
Temas executados em 1904-1905 164
Temas executados em 1905-1906 166
Representações 166
Epílogo 167
Bibliografia 168

Introdução

Uma vez mais, este trabalho é um aprofundamento feito a partir das iniciais investigações realizadas no âmbito da obra "QVID TVNAE?" (2011-12), de material que tinha ficado omisso nesse livro e, naturalmente, de investigações suplementares levadas a cabo ao longo dos últimos anos.

Era um projecto que acalentava há já muito: o de coligir e publicar a informação de que dispunha sobre a **Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa** e, assim, contribuir para um melhor conhecimento da actividade desta agremiação escolar e para a preservação da sua memória.

Poucas terão sido as tunas que, num período de vigência tão curto (cerca de 6 anos), tenham tão profundamente marcado o panorama tuneril de inícios do séc. XX.

O prestígio alcançado, o número invulgar de temas e peças apresentados, bem como a relevância social alcançada colocam esta tuna como uma das mais importantes no que poderíamos chamar de "1.º boom" de tunas académicas em Portugal[1]; uma história que merecia, portanto, ser mais detalhadamente percorrida e dada à estampa.

As páginas que se seguem permitirão ao leitor viajar no tempo e apreender o que foi, numa curta, mas preenchida vigência, a actividade da ***Tuna da Politécnica***, conhecer os seus protagonistas, o repertório apresentado, o contexto de algumas incidências, os espaços onde se apresentou, tudo devidamente acompanhado de uma vasta e rica iconografia documental.

Procurou-se evitar longos textos, optando, antes, por resumir ao essencial a informação, deixando para as imagens documentais o testemunho mais pormenorizado dos acontecimentos.

É uma monografia necessariamente incompleta pela falta de diversa documentação que continua por descobrir[2], e que poderá conter algumas imprecisões biográficas[3], mas é já um contributo para que futuros trabalhos de investigação possam completar e actualizar o que, aqui, com toda a simplicidade, mas máximo de rigor possível, se apresenta.

A redacção é feita com a ortografia anterior ao AO90, dado o desacordo confesso do autor com tal "acordo".

[1] *Ca*. 1890 a *ca*. 1915.

[2] Actas, registos, fotos, documentos vários, estandarte e outros objectos que poderão estar na posse de descendentes (tendo conseguido contactar alguns, mas sem indícios de acervo que tenha sobrevivido) ou irremediavelmente perdidos (como pode ter sucedido no grande incêndio que ocorreu na Escola Politécnica, em 1978).

[3] Apesar dos esforços envidados em contactar diversos descendentes, só pontualmente se conseguiu conhecer forma de os contactar (e ainda mais raramente estabelecer comunicação) , sem daí resultar, à data, a obtenção de informações pessoais, documentos ou dados sobre a passagem dos seus antepassados pela TAEPL.

Agradecimentos

Um agradecimento penhorado ao Arquivo Histórico dos Museus da Universidade de Lisboa, nas pessoas de Vítor Gens e Marta C. Lourenço (em 2010), bem como a Branca Maria do Nascimento Rolão Moriés e David Gregório (em 2021), pela ajuda e colaboração preciosas que enriqueceram este trabalho.

Agradecer igualmente ao tuno, e amigo de sempre, Tiago Almeida, pelas informações prestadas sobre a localização do antigo Teatro dos Bombeiros, na Guarda (corroborada, posteriormente, por Dulce Helena Pires Borges, da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço), bem como a António Lamas, pela informação e foto enviada sobre o seu antepassado (Arnaldo Ressano Garcia).

Uma palavra de apreço e reconhecimento aos fraternos amigos, companheiros destas lides de investigação tuneril[4], Eduardo Coelho, Ricardo Tavares e João Paulo Sousa, bem como ao Rafael Asencio, José Mateo, Héctor Valle Marcelino e Ramón Andreu Ricart.

Finalmente, à minha família, meu porto de abrigo, pelo apoio e paciência que estas aventuras investigativas lhes exigem, sendo que este livro lhe é dedicado.

J.Pierre Silva

Outubro de 2021

[4] Tunólogos pertencentes ao CoSaGaPe (grupo de investigadores portugueses responsável pela obra "QVID TVNAE?", em 2011-21) e/ou à AHT (Academia de História da Tuna).

De *Escola Polytechnica* a Faculdade de Ciências.

A Escola Politécnica de Lisboa ("Escola Polytechnica de Lisboa", segundo a grafia da época) foi criada em 1837, por acção de Sá da Bandeira[5], Primeiro-Ministro e Ministro-Interino da Guerra de D. Maria II (1834-1853), no âmbito de um processo de reforma do ensino superior e militar, instalando-a no edifício do Colégio dos Nobres, extinto poucos dias antes (a 4 de Janeiro desse ano).

Tinha por finalidade ministrar um ensino preparatório científico (variando entre 3 e 4 anos de estudos) aos candidatos a oficiais do Exército e da Marinha - que seria depois completado em escolas especializadas (Escola do Exército e, mais tarde, Escola Naval) - segundo o modelo da *École Polytechnique de Paris*.

> *"Tratava-se de uma Escola destinada à instrução militar onde se ensinaria Física e Matemática a nível universitário. Tal como explicita o decreto da sua criação (11 de Janeiro de 1837), a Escola tinha por objectivo formar alunos com os conhecimentos necessários para seguirem cursos das escolas do Exército ou da Marinha, dando-lhes instrução geral superior e a capacidade de exercerem outras profissões científicas. Assim se criava um instituto de ciências físicas e aplicadas destinado não só aos preparatórios dos engenheiros militares, engenheiros civis oficiais e construtores de marinha, oficiais de artilharia e Estado-maior, mas também a ministrar os conhecimentos auxiliares e indispensáveis ao estudo da medicina, da farmácia, do comércio, e o que mais importante é, da agricultura e da indústria."*[6]

O primeiro director da escola foi o coronel de engenharia José Feliciano da Silva Costa, ministrando-se, na época, dez disciplinas (Álgebra, Geometria e Trigonometria; Cálculo Diferencial, Integral e das Probabilidades; Mecânica; Astronomia e Geodesia; Física; Química; Mineralogia e Geologia; Anatomia, Fisiologia e Zoologia; Botânica e Agricultura; e Economia Política), organizando-se cinco cursos para alunos, maiores de 14 anos, que se distinguiam entre alunos ordinários e alunos voluntários.

A Escola, herdeira do património do extinto Colégio dos Nobres, dispunha de laboratórios de Física, de Química e de Ciências Naturais, sendo-lhe anexado o Jardim Botânico da Ajuda e o Observatório Astronómico da Marinha - inserido no edifício do antigo colégio pombalino.

Em 22 de Abril de 1843, sobreveio um incêncio que destruiu por completo o edifício, obrigando a escola a funcionar em instalações provisórias, até à aprovação da nova planta (em 1857) e conclusão das obras (no mesmo local) por volta de 1877.

Nesse período, a Escola do Exército passou a funcionar no Palácio da Bemposta, foi edificado o Observatório Meteorológico (mais tarde denominado do Infante D. Luís) e o Museu de História Natural da Academia das Ciências passou a funcionar nas novas instalações da Politécnica.

Por lei de 7 de Junho de 1859, a Escola Politécnica deixou de pertencer ao Ministério da Guerra, passando a depender do Ministério do Reino, sendo preciso esperar uma década mais (em decreto específico de 14 de Dezembro de 1869) para que o director e os mestres da Escola passassem a ser civis.

---

[5] **Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo** (Santarém, 26 de Setembro de 1795 — Lisboa, 6 de Janeiro de 1876), Moço fidalgo da Casa Real, par do reino e marechal de campo, foi um político português do tempo da Monarquia Constitucional e um importante líder do movimento setembrista em Portugal. Um dos líderes do Partido Histórico, o qual abandonou para formar o seu próprio movimento, o Partido Reformista. Assumiu diversas pastas ministeriais e foi por cinco vezes presidente do Conselho de Ministros (1836 – 1837, 1837 – 1839, 1865, 1868 – 1869 e 1870), para além de Presidente Interino do Conselho de Ministros, em substituição do Duque de Loulé (1862). Foi primeiro Barão (1833), primeiro Visconde (1834) e primeiro Marquês de Sá da Bandeira (1854).

[6] In **História e Património da Politécnica**. *Website* da Ordem dos Engenheiros [Em linha], consultado a 12-05-2021.

Foram-se criando novas cadeiras, nomeadamente de Geometria Descritiva e de Química Orgânica, e reorganizado o programa de cursos, aparecendo alguns novos como o de Engenheiros Hidrógrafos, em 1862, e os de habilitação para o Magistério Secundário, em 1902.

Convém referir que a Escola Politécnica era uma instituição de frequência obrigatória, para quem quisesse prosseguir estudos em fileiras de formação nas áreas da medicina e da engenharia, sendo, pois, uma escola de passagem para a Escola Médico-Cirúrgica ou Escola do Exército, entre outras.

Implantada a República, registou-se uma importante reforma e reorganização do ensino superior, com a criação das Universidades de Lisboa e do Porto, a 22 de Março de 1911, e promulgação das bases da nova Constituição Universitária, em 19 de Abril[7], pondo termo à exclusividade da Universidade de Coimbra.

Em resultado desse processo[8], procedeu-se, em Lisboa, à reforma do Instituto de Agronomia e Veterinária, que passou a denominar-se Instituto Superior de Agronomia (formando engenheiros agrónomos e silvicultores), e foi criado o Instituto Superior Técnico, procedendo à divisão do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa em duas escolas autónomas: o Instituto Superior do Comércio e o Instituto Superior Técnico (sendo extinto o curso de engenharia civil da Escola do Exército). Quanto à Escola Politécnica, com a criação das novas universidades, passou a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, cumprindo o Plano Geral de Estudos das Faculdades de Ciências, publicado em 12 de Maio desse mesmo ano de 1911.

A Escola Politécnica de Lisboa é, pois, uma das instituições mais importantes no panorama educativo nacional, nela se formando muita da elite portuguesa.

Entre muitas figuras proeminentes, podemos citar alguns ilustres que por lá passaram, como Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga (1828-1891), Andrade Corvo (1824-1890), António Augusto Dias de Freitas (1830-1904),Francisco Fonseca Benevides (1836-1911), Adriano Augusto de Pina Vidal (1841-1919), Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895), Souza Martins (1843-1897), Frederico Ressano Garcia (1847-1911), Pedro José da Cunha (1867-1945), Óscar Carmona (1869-1951), Gago Coutinho (1869-1959), Afonso Augusto Costa (1871-1937), Frederico Ferreira de Simas (1872-1945), António Maria da Silva (1872-1950), Afonso Júlio de Cerqueira (1872-1957), José Duro (1875-1899), Júlio Dantas (1876-1962), José Tristão de Bettencour (1880-1954), Matos Sequeira (1880-1962), Sacadura Cabral (1881-1924), António Sérgio de Sousa Júnior (1883-1969), Francisco Pinto da Cunha Leal (1888-1970), Craveiro Lopes (1894-1964), António de Spínola (1910-1996) ou Jorge de Sena (1919-1978), entre outros[9] (nomeadamente pertencentes à Tuna, e que mais à frente abordaremos).

Em 2013, o núcleo principal da antiga *Escola Polytechnica* - Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa[10] é declarado como monumento de interesse público, segundo despacho publicado em Diário da República[11].

---

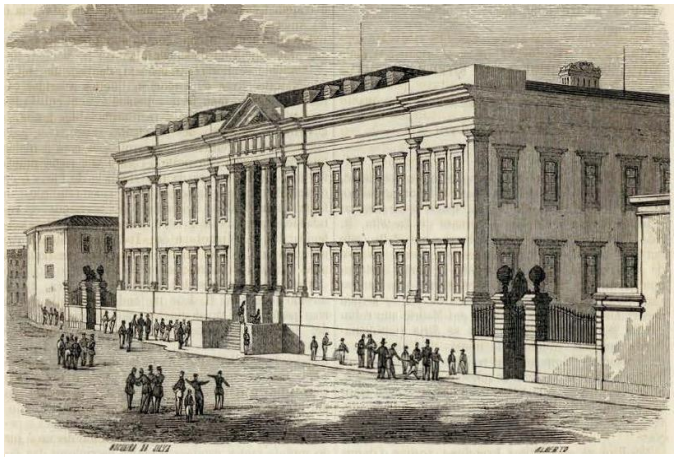
[7] Cf. Decreto de 22 de Março de 1911, publicado no Diário do Governo, de 24 de Março de 1911. Ver também o Decreto de 19 de Abril de 1911, publicado no Diário do Governo de 22 de Abril de 1911, o qual cria as faculdades primitivas da nova Universidade.

[8] Vd. GOMES FERREIRA, Joaquim - **A Reforma Universitária de 1911**. **Revista de História das ideias, Vol 12**, IHTI. Faculdade de Letras da UC, 1990.

[9] Embora tenhamos optado por não elencar os docentes, apenas deixar nota que o famoso Presidente do Governo **Afonso Costa** foi o último professor da Economia Politica da Escola Politécnica

[10] Em finais do século XVI, é construído, na antiga Quinta do Monte Olivete, a Casa do Noviciado da Cotovia, segundo risco de Baltazar Álvares. Entretanto, com a expulsão dos Jesuítas, em 1759, o noviciado é transformado em Colégio do Nobres pelo Marquês de Pombal, tendo sido, então, reconstruído e adaptado por Carlos Mardel, em consequência dos danos provocados pelo terramoto de 1755. Com a instituição do regime liberal, o Colégio foi extinto, criando-se, em 1837, a Escola Politécnica. O actual conjunto edificado (substituindo o que fora destruído pelo incêncdio de 1843), segundo projectos de Silva e Costa e, por fim, Pézerat, foi inaugurado em 1877-78.

[11] Portaria n.º 287/2013, DR, 2.ª série, n.º 92, de 14-05-2013, cujo processo pode ser consultado no site da Direção-Geral do Património Cultural.

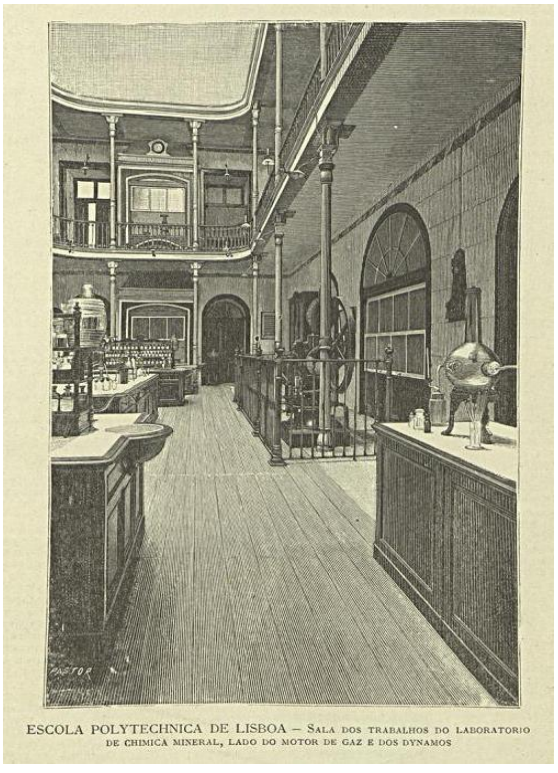


Noviciado dos Jesuítas no sítio da Cotovia; Colégio dos Nobres; Escola Politécnica - 1863.

A Escola Politécnica, ca. 1900.
(Arquivo Municipal de Mafra)

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA — O AMPHYTHEATRO DA AULA DE CHIMICA

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA — VISTA GERAL DA SALA DE TRABALHOS DO LABORATORIO DE CHIMICA MINERAL


ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA — SALA DOS TRABALHOS DO LABORATORIO DE CHIMICA MINERAL, LADO DO MOTOR DE GAZ E DOS DYNAMOS

ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA — AMPHYTHEATRO DA AULA DE CHIMICA, BANCADA DOS ALUMNOS

Instalações da Escola Politécnica em 1891.
(**Occidente,** 14.º Ano, N.º 447, de 21 de Maio de 1891, p. 113)

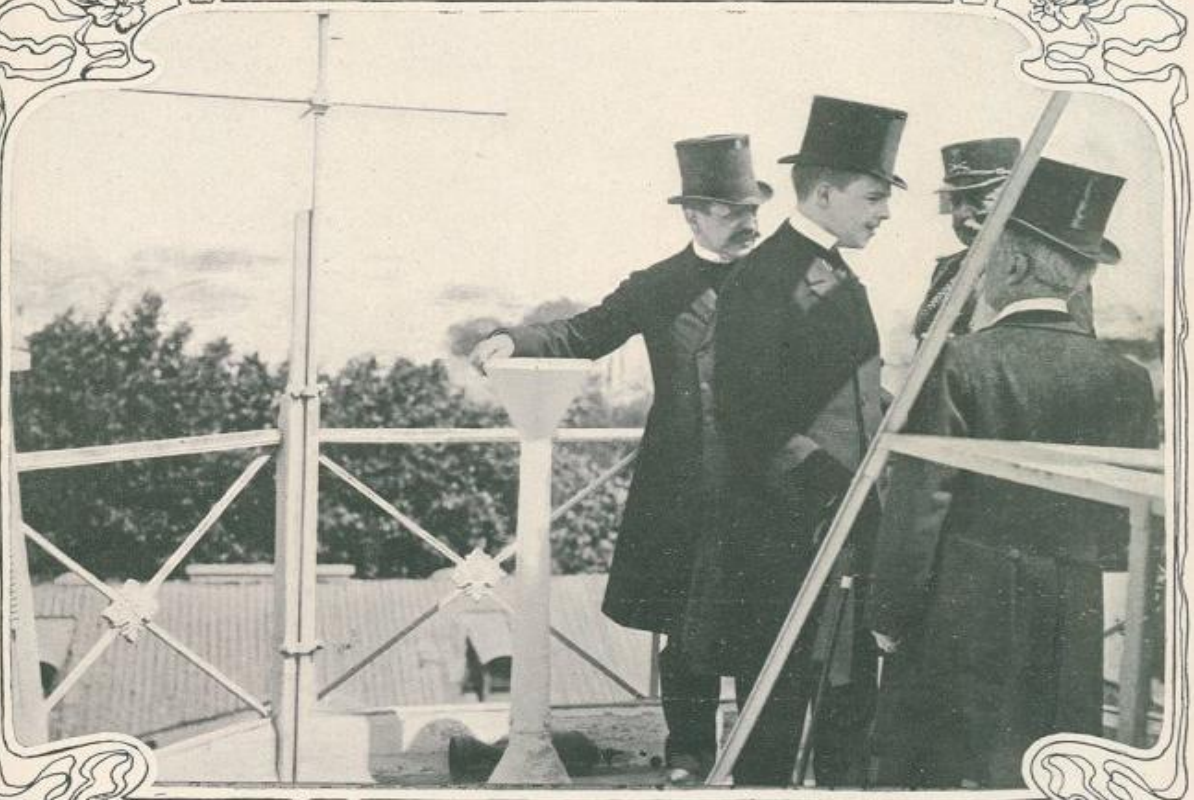
A Escola Politécnica de Lisboa na 1.ª metade do séc. XX.
(Arquivo Municipal de Lisboa)

S. A. R. O PRINCIPE SENHOR D. LUIZ FILIPPE, DANDO A SUA LIÇÃO DE CHIMICA NO LABORATORIO DA ESCOLA POLYTECHNICA COM O PROFESSOR SR. ACHILLES MACHADO, NO DIA 20 DE NOVEMBRO

O Príncipe Real, Luís Filipe, na sua aula de química, no laboratório da Escola Politécnica, com o professor Achilles Machado (1903).

(**Illustração Portuguesa**, 1.º Ano, N.º 4, de 30 de Novembro de 1903, p. 54.)

VISITA DE EL-REI Á POLYTECHNICA



No dia 3 do corrente sua magestade El-Rei visitou a Escola Polytechnica de Lisboa, onde tinha estado pela ultima vez como infante e na qualidade de simples estudante, poucas horas antes da tragedia de 1 de fevereiro. Foi alludindo a esta recordação dolorosa, que não poderia deixar de impressionar o seu espirito, que no ensejo de passar pelo laboratorio de chimica, onde trabalhou sob a direcção do professor Achilles Machado, o sr. D. Manuel disse commovidamente, dirigindo-se ao seu antigo mestre:

El-Rei, conselheiro Pina Vidal, dr. Santos Lucas e major José Lobo, no ponto mais alto do Observatorio Infante D. Luiz

— El-Rei assignando o seu nome no livro do Museu Bocage

— «Bom tempo aquelle que aqui passei! E bem ditoso!»

O chefe do Estado visitou o observatorio D. Luiz, subindo até ao respectivo mirante, todas as aulas da Escola, assistindo n'algumas a varias experiencias e demonstrações, e as diversas salas do Museu, comprehendendo as collecções de zoologia, geologia e mineralogia.

O corpo docente da Escola aguardou El-Rei na respectiva escadaria, e os alumnos, seus antigos condiscipulos, fizeram-lhe uma calorosa manifestação de sympathia.

A visita Real à Escola Politécnica, em 1908.
(**Illustração Portugueza**, N.º 125, de13 de Julho de 1908, p. 39)

Aspecto das casas fronteiras á Escola—Os estudantes no atrio da Escola, esperando El-Rei

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

A visita Real à Escola Politécnica, em 1908.
(**Illustração Portugueza**, N.º 125, de13 de Julho de 1908, p. 40)

Entrada para a Biblioteca.
(Foto do autor 2010)

O Salão Nobre.
(Foto do autor - 2010)

Ano de 1901

O ano de 1901[12] é pródigo em fundação de tunas, em Lisboa, já que datam dessa altura a criação da Tuna do Ateneu Comercial[13], da Tuna do Liceu de Lisboa[14] (sob regência de Carlos Canedo, e mais tarde, regida por Wenceslau Pinto[15]), da Tuna do Liceu Politécnico[16], (sob a regência do professor Raul Campos - que orienta também, na época, a Tuna da Escola Académica e a Tuna do Real Colégio Militar[17]), entre outras.

Como se poderá notar, são quase todas tunas escolares, sendo, aliás, na capital que mais agrupamentos académicos do género serão fundados ao longo do séc. XX[18].

Tuna do Ateneu Comercial em 1906.
(Brasil-Portugal - Lisboa - A. 8, vol. 8, nº 190, 16 Dez., p. 344)

Tuna Académica do Liceu de Lisboa em1903.
(BNP - Cliché de Paulo Emilio Gomes)

Tuna do Liceu Politécnico em 1904.
(**Occidente**, XXVII Volume nº 921 de 30 Julho 1904, p. 164)

Tuna-orquestra da Escola Académica, *ca*. 1904.
(José Leite, blogue "Restos de Colecção")

---

[12] Ano em que João Franco cria o Partido Regenerador Liberal (Maio), que começam a circular os primeiros eléctricos em Lisboa (Agosto) e em que Hintze Ribeiro reforma o ensino primário, tornando-o gratuito e obrigatório (Dezembro), entre outras efemérides.

[13] Que se estreia a 3 de Fevereiro, sob batuta de Francisco Soares Nogueira (**Diário Illustrado**, 30.º ano, N.º 10026, de 04 de Fevereiro de 1901, p.3).

[14] Fundada a 29 de Outubro de 1901, segundo foto em Bilhete-Postal (BNP), e que se estreia a 20 de Dezembro (**Diário Illustrado**, 31.º Ano, N.º 10338, de 15 de Dezembro de 1901, p.1); tuna que parece estar extinta em 1905 (segundo o periódico **Alma Portuguesa**, N.º 5, de 19 de Março, 1905, p. 2.). O liceu em causa será o actual Liceu Passos Manuel (já que o Liceu Camões foi inaugurado em 1902).

[15] **Wenceslau Pinto** (1883-1973) é o conhecido regente da Tuna Académica de Lisboa que, assim, sucede, nessas funções, a Ilídio Amado, e que foi um dos maestros mais destacados da sua época, estando consagrado na toponímia de Lisboa (Freguesia de Santa Clara).

[16] Tuna que suspende a sua actividade em 1902 e que é reactivada em 1904 (mas de que se perde rasto a partir daí).

[17] **Ocidente,** N.º 921,de 30 Julho 1904, p. 163 e 164 (com cliché da Tuna do Liceu Politécnico).

[18] Embora, no que concerne a Tunas estrictamente do Ensino Superior, o Porto tenha ligeiro ascendente entre 1980 e 2000, segundo SILVA, Jean-Pierre e COELHO, Eduardo - **QVOT TVNAS? O Censo de Tunas Académicas em Portugal** - 1983-2016. CoSaGaPe, 20119.

Tuna-orquestra do Real Colégio Militar, *ca*. 1904.
(SOUSA, Vicente e JACOB, Neto – Portugal no 1.º Quartel do séc. XX documentado pelo Bilhete-postal Ilustrado. Bragança: C.M. de Bragança, 1985, p. 403)

Tuna do Instituto de Cegos de Lisboa Branco Rodrigues, *ca*. 1901.
(RTP - Documentário de 1991 sobre José Cândido Branco Rodrigues, fundador e diretor do Instituto de Cegos de Lisboa, e fundador da Instituição análoga no Porto)

Nasce a Tuna da *Polytechnica*.

A **Tuna Académica da Escola Polytechnica de Lisboa**[19] é, pois, fundada no final desse ano de 1901, mais precisamente a 8 de Dezembro[20], por iniciativa de Apparício de Lima Palma e sob regência de Alfredo Mântua, e apressa a sua organização, de modo a poder estar presente na recepção à TAUC (Tuna Académica da Universidade de Coimbra)[21], que vinha a Lisboa participar num grande espectáculo, no Teatro D. Amélia, oferecido pela Associação dos Jornalistas de Lisboa, em benefício da Caixa de Socorros a Estudantes Pobres.

> *"Estes rapazes animados de boa vontade nomearam uma comissão installadora que tendo á frente Apparicio Palma e José Ramos escolheu para regente da futura Tuna o distincto maestro Alfredo Mantua que á vista de muito trabalho e grande força de energia, conseguiram que a 22 de dezembro a Tuna fosse á estação do Rocio, esperar os estudantes de Coimbra."*[22]

A comissão organizador da tuna era constituída por *Ressano Garcia*, *João Correia Pereira*, *Apparício de Lima Palma* e *José Bonito*.

Corpos Sociais

Realizada a primeira função e aparição oficial, a **Tuna Académica da Escola Polytechnica de Lisboa**, tratou de proceder à eleição dos seus primeiros corpos sociais, sendo que, a 21 de Dezembro, os mesmos ficaram assim constituídos: *Lino das Neves* (Presidente), *José Bonito* (Secretário), *Apparício Palma* (Tesoureiro), *João Fontes Pereira de Mello* (Director do Grupo Dramático), *João Correia Pereira* (Director do Grupo Musical).

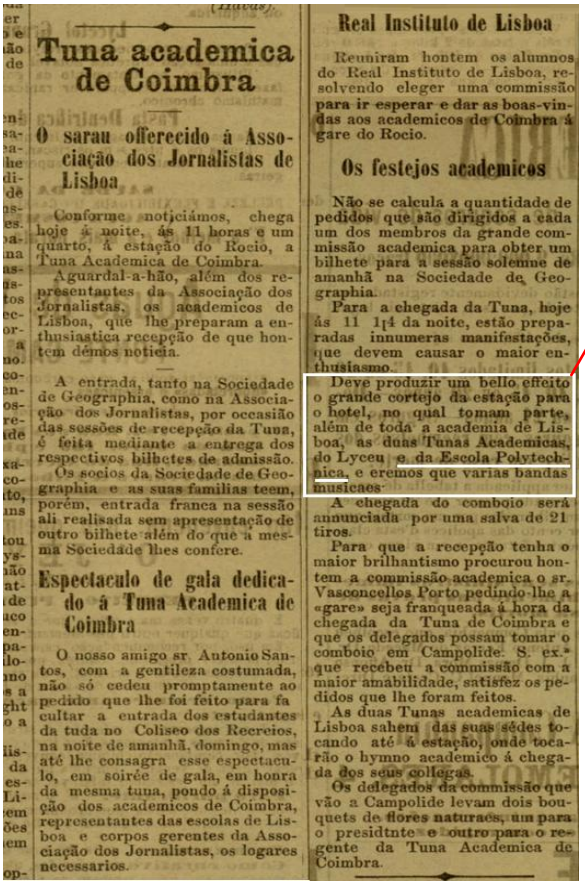
Em 2 de Fevereiro, *José Bonito* é substituído no cargo por *Humberto Severim de Moraes*.

---

[19] Que também designaremos por **TAEPL**, por **Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa** ou, ainda (por questão de economia) por **Tuna da (Escola) Politécnica**.
[20] Segundo investigação feita ao arquivo da Escola Politécnica, onde se encontrou uma carta da tuna, dirigida ao *reitor*, a pedir autorização para celebração do seu 1.º aniversário, em sessão a ocorrer a 8 de Dezembro 1902.
[21] **Diário Illustrado**, N.º 10344, de 21 de Dezembro de 1901, p.4 e N.º 10345, de 22 de Dezembro de 1901, p.3.
[22] **Alma Portuguesa**, N.º Comemorativo, Abril 1905, p. 2.

Na Sociedade de Geografia (recepção à TAUC).

Na citada deslocação a Lisboa, por parte da TAUC (que chega à capital no dia 21), a Tuna do Liceu e a **Tuna Académica da Escola Polytechnica de Lisboa** participam da recepção[23] que lhe é feita, na Sociedade de Geografia[24] e, depois, na visita à redacção do Diário de Notícias, onde foram recebidas pela Tuna do referido periódico[25], marcando, depois, presença na sessão solene realizada na Câmara Municipal, entre outras visitas sociais a diversas personalidades, estabelecimentos de ensino e associações.



Tuna academica de Coimbra

O sarau offerecido á Associação dos Jornalistas de Lisboa

Conforme noticiámos, chega hoje á noite, ás 11 horas e um quarto, á estação do Rocio, a Tuna Academica de Coimbra.

Aguardal-a-hão, além dos representantes da Associação dos Jornalistas, os academicos de Lisboa, que lhe preparam a enthusiastica recepção de que hontem démos noticia.

A entrada, tanto na Sociedade de Geographia, como na Associação dos Jornalistas, por occasião das sessões de recepção da Tuna, é feita mediante a entrega dos respectivos bilhetes de admissão.

Os socios da Sociedade de Geographia e as suas familias teem, porém, entrada franca na sessão ali realisada sem apresentação de outro bilhete além do que a mesma Sociedade lhes confere.

Espectaculo de gala dedicado á Tuna Academica de Coimbra

O nosso amigo sr. Antonio Santos, com a gentileza costumada, não só cedeu promptamente ao pedido que lhe foi feito para facultar a entrada dos estudantes da tuda no Coliseo dos Recreios, na noite de amanhã, domingo, mas até lhe consagra esse espectaculo, em soirée de gala, em honra da mesma tuna, pondo á disposição dos academicos de Coimbra, representantes das escolas de Lisboa e corpos gerentes da Associação dos Jornalistas, os logares necessarios.

Real Instituto de Lisboa

Reuniram hontem os alumnos do Real Instituto de Lisboa, resolvendo eleger uma commissão para ir esperar e dar as boas-vindas aos academicos de Coimbra á gare do Rocio.

Os festejos academicos

Não se calcula a quantidade de pedidos que são dirigidos a cada um dos membros da grande commissão academica para obter um bilhete para a sessão solemne de amanhã na Sociedade de Geographia.

Para a chegada da Tuna, hoje ás 11 1|4 da noite, estão preparadas innumeras manifestações, que devem causar o maior enthusiasmo.

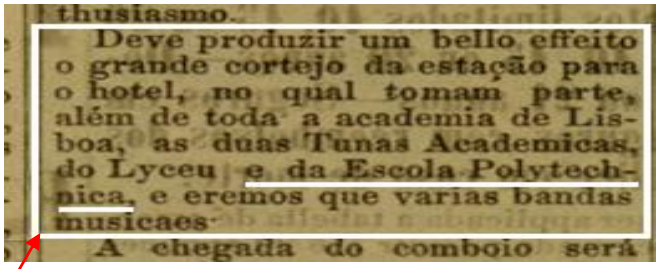
Deve produzir um bello effeito o grande cortejo da estação para o hotel, no qual tomam parte, além de toda a academia de Lisboa, as duas Tunas Academicas, do Lyceu e da Escola Polytechnica, e eremos que varias bandas musicaes.

A chegada do comboio será annunciada por uma salva de 21 tiros.

Para que a recepção tenha o maior brilhantismo procurou hontem a commissão academica o sr. Vasconcellos Porto pedindo-lhe a «gare» seja franqueada á hora da chegada da Tuna de Coimbra e que os delegados possam tomar o comboio em Campolide. S. ex.ª que recebeu a commissão com a maior amabilidade, satisfez os pedidos que lhe foram feitos.

As duas Tunas academicas de Lisboa sahem das suas sédes tocando até á estação, onde tocarão o hymno academico á chegada dos seus collegas.

Os delegados da commissão que vão a Campolide levam dois bouquets de flores naturaes, um para o presidtnte e outro para o regente da Tuna Academica de Coimbra.



thusiasmo.

Deve produzir um bello effeito o grande cortejo da estação para o hotel, no qual tomam parte, além de toda a academia de Lisboa, as duas Tunas Academicas, do Lyceu e da Escola Polytechnica, e eremos que varias bandas musicaes.

A chegada do comboio será

(**Diário Illustrado**, 31.º Ano, N.º 10344, de 21 de Dezembro de 1901, p.4)

A tuna do pessoal tipográfico do «Diário de Noticias» em 1902

Sentados, da esquerda para a direita: Augusto Machado, José Joaquim Pinheiro, Hamilton de Araújo Vasques, Angelo dos Santos e Custódio Ribeiro dos Santos. Ao centro: António Ribeiro dos Santos, Guilherme Eduardo Coelho, António Pessoa, José Henriques Martins e José Augusto da Silva. Ao alto: Manuel Joaquim Gomes, António Espírito Santo, Francisco Soares Nogueira e Francisco José Fernandes

A Tuna do Diário de Notícias, em 1902.

(FREIRE, João Paulo - **Diário de Notícias, da sua Fundação às suas Bodas de Diamante.** DN, 1.º Vol. Lisboa, 1939, p. 155)

TAUC em 1901.

(NASCIMENTO, **Estudantes de Coimbra em Orquestra**, TAUC 1888-1913, p.152)

[23] Não há indícios de que tenha formalmente tocado - o que se percebe, dado o pouco tempo de que dispuseram para ensaios, embora não se enjeite que o pudesse ter feito de forma espontânea e informal com as demais tunas.

[24] **O Século**, 21.º Ano, N.º 7176, de 23 de Dezembro de 1901, p. 1 e **DN**, 38.º Ano, N.º 12952 de 22 de Dezembro de 1901, p.1.

[25] NASCIMENTO e NASCIMENTO – **Estudantes de Coimbra em Orquestra, TAUC (1888-1913)**, p. 157 e **Diário Illustrado**, 31.º Ano, N.º 10346, de 23 de Dezembro de 1901, p.3.

Tuna academica de Coimbra

O sarau offerecido á Associação dos Jornalistas de Lisboa

No comboio do norte chegou hoje pelas 12 e um quarto horas da noite a Tuna Academica de Coimbra, que vem assistir ao sarau que a mesma dedica á Associação dos jornalistas, no theatro de D. Amelia, na noite de ámanhã.

Pouco antes das 11 horas da noite já se achava na gare da estação central do Rocio a Tuna da Escola Polytechnica e grande numero de estudantes.

A's 11 e 20 minutos chegou áquella estação a Tuna do Lyceu Central de Lisboa, acompanhada de muitos estudantes e executando o hymno academico.

Na gare e proximidades era enorme a agglomeração de povo que aguardava a chegada da Tuna.

Depois dos estudantes de Coimbra se apearem do comboio organisou-se o cortejo, indo á frente a tuna do lyceu Central de Lisboa, estudantes de diversas escolas e academias e tuna da Escola Polytechnica, e tuna e estudantes de Coimbra.

Todas as tunas conduziam os respectivos estandartes, e os estudantes faziam uso dos laços de fita collocados no braço esquerdo, distinctivo das suas escolas ou academias.

Os estudantes, durante o trajecto, desde a estação do Rocio até ao hotel Portuense, foram acompanhados de grande numero de curiosos, levantando vivas, e tocando as Tunas o hymno academico.

Até á hora de entrar o nosso jornal na machina não consta que tivesse havido o menor incidente.

(Diário Illustrado, N.º 10345, de 22 de Dezembro de 1901, p.3)

A Sociedade de Geografia de Lisboa

Tuna academica de Coimbra

O sarau offerecido á Associação dos Jornalistas de Lisboa

A recepção hontem feita na Sociedade de Geographia pela Associação dos Jornalistas á Tuna Academica de Coimbra foi uma festa interessante, em que a nota alegre d'uma mocidade buliçosa e expansiva como é a das escolas, aqueceu a frieza habitual das sessões solemnes.

A sala «Portugal» da benemerita sociedade onde essa recepção teve logar, apresentava um aspecto grandioso.

A concorrencia enchia completamente as galerias e todos os outros logares que lhe estavam reservados. O que ha de mais distincto nas classes superiores do nosso meio ali se achava representado, cabendo grande parte d'essa representação ao elemento feminino, que, como era de suppor, foi alvo de inspiradas referencias aos oradores que usaram da palavra.

A meza constituiu-se por volta da hora e meia, occupando ahi o primeiro logar, como presidente da Associação dos Jornalistas, o sr. Brito Aranha; como representante da academia de Lisboa o sr. Januario Barreto; como representante da de Coimbra o sr. dr. Costa Ferreira; e como representante da Associação dos Jornalistas de Lisboa os srs. Jayme Victor e José Parreira.

Aberta a sessão, usou em primeiro logar da palavra o sr. Brito Aranha, que, depois de justo e merecido elogio feito á Sociedade de Geographia pela cedencia da sala para a sessão solemne, propoz, e foi unanimemente approvado, um voto de agradecimento á mesma Sociedade.

Em nome da academia de Lisboa fallou em seguida o sr. Januario Barreto, que n'uma saudação enthusiastica aos academicos de Coimbra lhes deu as boas vindas, pondo nas suas palavras todo o calor d'um affecto sincero e fraternal que toda a assistencia sublinhou com applausos e vivas.

O sr. Lourenço Cayolla, em nome da associação dos Jornalistas, proferiu então um longo e substancioso discurso rememorando as gloriosas tradições da academia de Coimbra, e especialmente aquelles que mais modernamente a enalteceram.

Tendo pertencido a ella em 1880, referiu-se aos centenarios de Camões e do Marquez de Pombal, á fundação da sociedade de Geographia e ao muito que por differentes formas, mas orientada sempre por alevantados ideaes, tem surgido do seu esforço cooperador ou da sua espontanea iniciativa. Assim, o objecto da expressa vinda da tuna a Lisboa, na occasião em que as festas d'esta epoca do anno anciosamente os chama, a todos os que a compõem ao seio das respectivas familias, alli estava ella attestando a voluntariosa dedicação de sempre, a mesma solicitude da academia por uma obra de auxilio em favor dos estudantes pobres.

O orador foi constantemente applaudido e muito abraçado pelos estudantes no final do seu brilhante discurso.

* * *

Na redacção do nosso collega «Diario de Noticias», séde da Associação dos Jornalistas, teve depois logar, ás 4 horas da tarde, a recepção feita pela direcção da mesma associação á Tuna Academica de Coimbra.

A sala achava-se artisticamente ornamentada com festões, palmeiras e jornaes, havendo ao fundo um estrado e, n'elle, um bronze de Guttenberg. N'esse estrado é que discursaram os oradores, formadas as Tunas ao meio da sala, onde foi servida uma taça de champagne a cada um dos assistentes—socios e convidados.

O sr. dr. Alfredo da Cunha recebeu os academicos com uma enthusiastica saudação em que fallou como director da Associação e como academico que tambem foi: isto é, com a saudade dos tempos que aquella festa lhe recordava. Foi tocante; e commovidamente lhe agradeceram tão sentidas palavras quantos da propria e identica saudade tiveram n'elle um delicioso interprete.

Muitos outros orndores o seguiram, fazendo votos por que fosse eterna tão intima confraternisação. O jubilo produzido pela effusiva e inequivoca affirmação de tão affectuosos sentimentos—que não houve coração que não palpitasse commovido n'aquelle momento,—não limitou a expansibilidade dos academicos que então se mostraram como costumam sel-o—moços.

A Tuna do «Diario de Noticias» tambem executou algumas peças do seu reportorio, e a ella testemunharam os academicos o seu agradecimento, saudando-a com vivas.

O final da festa, que teve um caracter encantador de intimidade, consistiu da homenagem prestada pelos academicos ao nosso querido collega Brito Aranha, o decano da imprensa lisbonense. Um d'elles levantou-o sobre os hombros, em cima do estrado, e todos os outros o acclamaram com palmas e cobriram-n'o com os estandartes das Tunas.

O presidente da Tuna o sr. dr. Costa Ferreira, um fino e delicado espirito de artista agradeceu n'um inspirado improviso as boas vindas e os extremos d'affectousa confraternidade que tanto a academia de Lisboa como a associação dos jornalistas acabavam de manifestar todos os membros da Tuna, e ao mesmo tempo, em burilada phrase, accentuou a despretenção bohemica com que ella viera trazer o seu concurso á piedosa festa cujo producto reverterá em favor da associação protectora dos estudantes pobres.

Foi tambem muito applaudido com saudações e vivas.

Seguiram-se ainda no uso da palavra os srs. Rodrigues Cebola, da escola medica, Domingos Pepolim, estudante de Coimbra, Mario Soares, secretario da direcção da Tuna, Leopoldo Saraiva, da academia de Lisboa e Julio Martins da escola medica. Todos elles procuraram ferir nos seus discursos a nota sympathica da reunião com a eloquencia que só um dissentimento dá e, de facto, só nobres intuitos inspiram. Os dois ultimos, porém, e especialmente o sr. Julio Martins, por tal forma revelaram essa eloquencia, não só demonstrando raros dotes oratorios mas ainda uma bem disciplinada cultura mental, que, decerto, não houve quem deixasse de reconhecer-lhes o muito talento que possuem.

A sessão terminou com o hymno academico executado pela Tuna academica, que, á sahida era esperada pela do Lyceu de Lisboa e pela da escola Polytechnica.

Noticias judiciaes

Por incommodo de saude não compareceram hontem á sessão do tribunal da Relação os juizes srs. drs. visconde de Ervedal da Beira e Francisco Antonio Ochoa.

—Perante a presidencia da Relação de Lisboa, prestou hontem juramento o sr. Antonio Manuel Dias Salgado, na qualidade de ajudante do notario da Camara de Moura, sr. Antonio Coelho Teixeira.

—Requereu auctorisação para advogar nos auditorios da comarca de S. Vicente de Cabo Verde o sr. Fernando Whason.

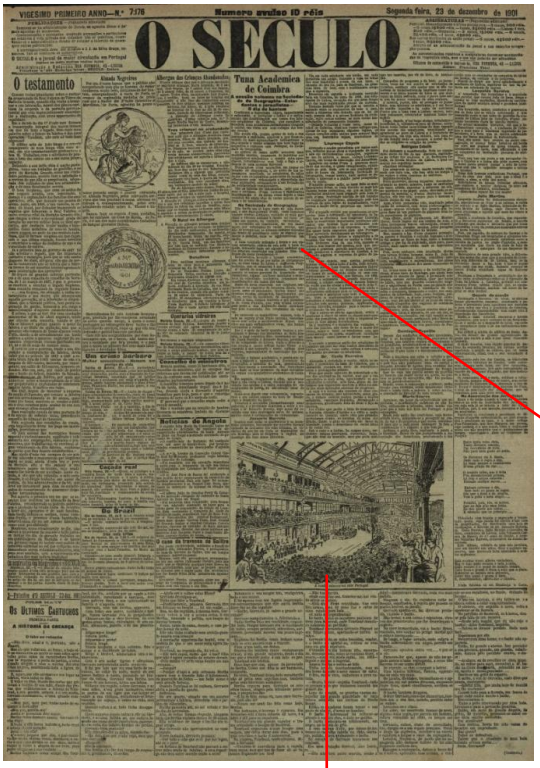
—Na sessão de hontem, a que presidiu o sr. conselheiro Firmino João Lopes, presidente do Tribunal, foram distribuidos 12 processos, sendo 1 appellação civil, 1 commercial, 3 crimes, e 2 com a Fazenda Nacional.

—Foi adiado, *sine die*, o julgamento das appellações commerciaes, que haviamos noticiado achar-se marcado para a sessão de hontem.

—Pela presidencia da Relação foi proposto ao governo para chefe da secção da secretaria o nosso amigo e collega sr. Augusto de Castro.

O respectivo decreto deve ir á assignatura regia na proxima semana.

(Diário Illustrado, N.º 10346, de 23 de Dezembro de 1901, p.3)


VIGESIMO PRIMEIRO ANNO—N.º 7176 Numero avulso 10 réis Segunda feira, 23 de dezembro de 1901

O SECULO

O testamento

Tuna Academica de Coimbra

Os Ultimos Cartuchos

Na Sociedade de Geographia

Não havia um só logar vasio na sala *Portugal*, e nas duas galerias d'esta, onde tomavam assento muitas senhoras, vestindo as mais garridas e vistosas *toilettes* e dando ao vasto recinto um aspecto, na verdade, encantador.

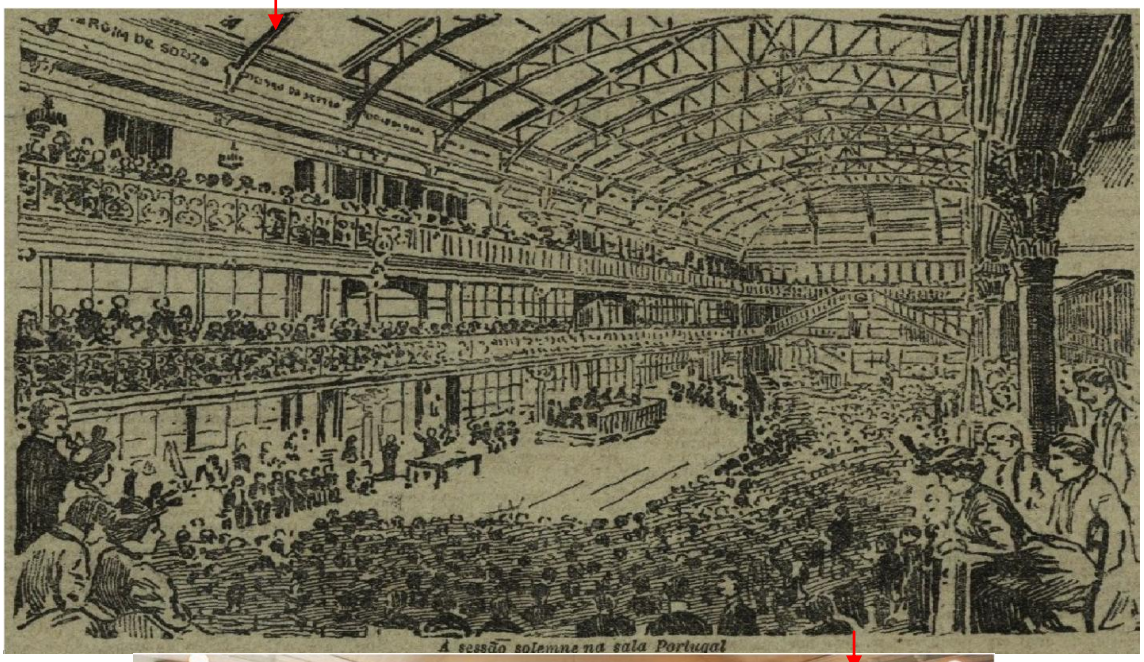
A assembléa era constituida, na sua maior parte, por estudantes de varias escolas, que não só occupavam as diversas cadeiras dispostas em frente da *presidencia como* os degraus que levam á galerias, onde se agglomeravam em cacho.

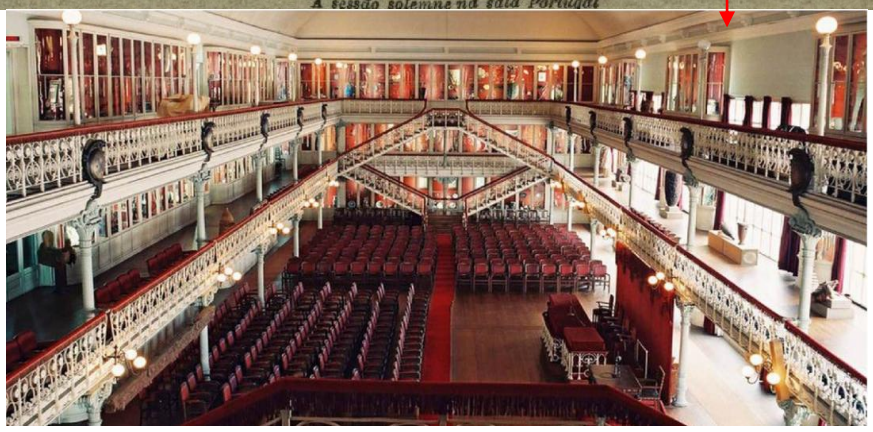
A tuna coimbrã trazendo á frente o seu vistoso estandarte, entrou na sala pela 1 hora da tarde, tomando logar em algumas cadeiras que lhe estavam reservadas nas primeira filas em frente da meza presidencial.

Receberam-a, tocando o hymno academico, que foi ouvido de pé por todos os circumstantes, as duas tunas do Lyceu e da Escola Polytechnica, que se sentavam á sua direita.

A direita da meza do presidente, tomavam assento os corpos gerentes da Associação dos Jornalistas, alguns oradores inscriptos e membros da commissão academica promotora das manifestações em honra dos tunos.

(**O Século**, 21.º Ano, N.º 7176, de 23 de Dezembro de 1901, p. 1)


A sessão solemne na sala Portugal



A *Sala Portugal*, principal sala da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Ano de 1902

A primeira referência que temos desse ano data e inícios de Fevereiro, quando se diz que a **Tuna da Escola Polytechnica** decidiu, em Assembleia Geral, que a sede seria na Escola Politécnica e que o estandarte seria guardado na sala do Conselho, em homenagem e gratidão ao corpo docente, que sempre acarinhara a tuna.[26]

Na recepção à Tuna de Valladolid.

Dias depois, chega à capital a denominada Tuna Valladolid-Coimbra[27], depois de ter estado em Coimbra.

É recebida (presumivelmente no dia 10 de Fevereiro[28]) pela **Tuna da Escola Polytechnica**, bem como pela Tuna Académica de Lisboa (TAL)[29] e a Tuna do Liceu.

Alojada no "Hotel Portuense", a tuna espanhola percorreu vários espectáculos e bailes (D. Maria, Príncipe Real, entre outros) e foi recebida, na legação espanhola e no Paço das Necessidades (para pedir dispensa de aulas para os colegas portugueses).

No dia 13 à noite, tem lugar um grande sarau, no Coliseu dos Recreios, com a presença da família real[30]. Tendo acedido ao programa completo desse grande sarau[31], em honra da tuna espanhola, sabemos que, nesse concerto, participou a **Tuna da Escola Politécnica (TAEPL)** - que se estreou, com o *Hymno Académico Portuguez* e outras composições musicais, e a Tuna do Liceu Central de Lisboa, sob a regência de Carlos Canedo. Curiosamente, a TAL não esteve presente.

PROGRAMA

PRIMEIRA PARTE

1.º - Portugal España, passo doble para apresentação da Tuna Hespanhola Valladolid-Coimbra. Este passo doble foi escripto expressamente para a Tuna pelo distincto maestro hespanhol sr. Mateo.
2.º - Les femmes de feu, suite valsas de O. Metra, bailadas pelos panderectologos da mesma tuna.
3.º - Oratoria fim de seculo, pelo tuno sr. Pradera.
4.º - Silhuetas comicas, pelo tuno sr. Garcia Crespo.

INTERVALO DE 10 MINUTOS

SEGUNDA PARTE

1.º - Hymno Academico Portuguez, para apresentação da Tuna do Lyceu Central de Lisboa, sob regencia do sr. Carlos Canedo.
2.º - Saudação, poesia original do sr. Sylva Neves, estudante da Escola Polytechnica.

---

[26] **O Século**, XXII Ano, n.º 7.217, de 03 de Fevereiro de 1902, p. 3. Sabe-se que, com a mudança de sede, anos mais tarde, o estandarte deixou de ali estar guardado (dele falaremos, aliás, mais à frente).
[27] Formação expressamente constituída com esse nome, para assinalar o propósito da sua constituição - o qual era retribuir a visita que a TAUC fizera à cidade (e suas academia) do país vizinho. (Vd. **Una Visita á los estudiantes portugueses, por la Tuna Escolar valladolid-Coimbra de 1902. Memórias é Impressiones por el "Tuno" Antonio Martínez Cabezas**. Imp. y Lib. de F. Santarén Madrazo. Valladolid, 1902; **El Globo**, Ano XXVIII, N.º 9876, 28 de Dezembro de 1902, p. 2 e SILVA, Jean-Pierre - *Tuna Valladolid-Coimbra no Coliseu dos Recreios (Lisboa), 1902*. Blogue"Além-Tunas", artigo [Em linha] de 18-06-2017.
[28] **O Século,** 22.º Ano, N..º 7.225, 11 de Fevereiro de 1902, p. 3.
[29] Fundada em 1895 (Vd. COELHO, Eduardo, SILVA, Jean-Pierre, TAVARES, Ricardo, SOUSA, João Paulo - **QVID TUNAE? A Tuna Estudantil em Portugal**. CoSaGaPe, 2011-12).
[30] **Diário Illustrado,** 31.º Ano, N.º 10396, de 13 de Fevereiro de 1902, p. 1 e **A Arte Musical**, Ano IV, N.º 76, de 28 de Fevereiro de 1902, p. 33.
[31] **Colecção Lambertini** (Vol. 2) - BNP e **O Figueirense**, 3.º Ano, N.º 213, de 20 de Fevereiro de 1902, p.1.

3.º - Solo de bandolim, pelo sr. Alfredo Mantua, regente da Tuna da Escola Polytechnica.
4.º - Solo de violino, pelo sr. Cabral, 1.º violino da Tuna da Escola Polytechnica.
5.º - Várias composições musicaes, pela Tuna do Lyceu Central de Lisboa, sob regência do sr. Carlos Canedo.

INTERVALO DE 10 MINUTOS

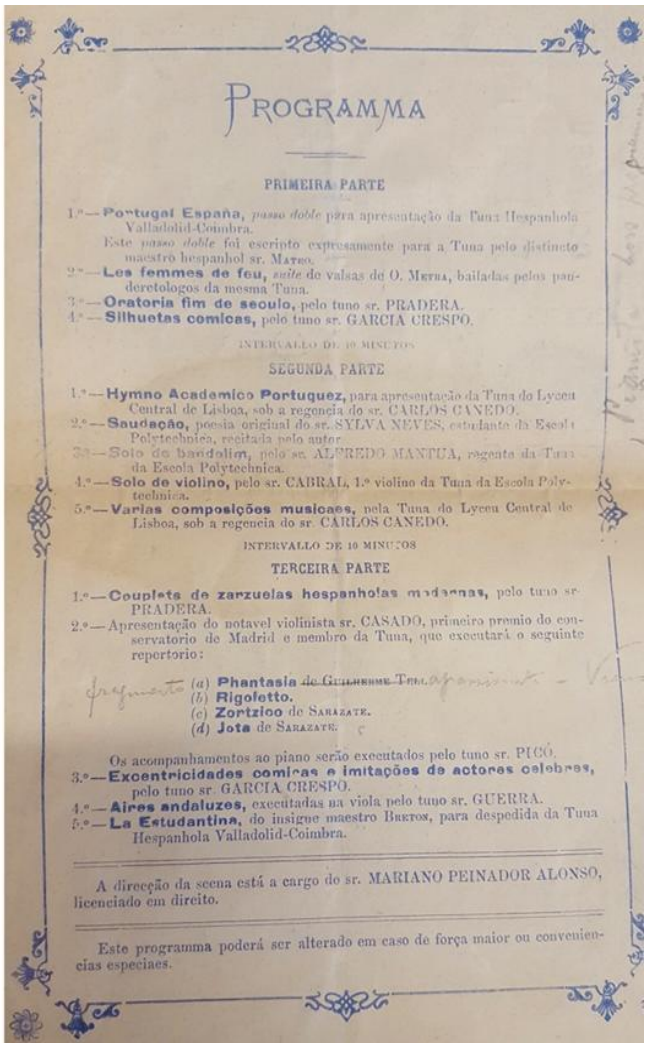
TERCEIRA PARTE

1.º - Couplets de zarzuelas hespanholas modernas, pelo tuno sr. Pradera.
2.º -Apresentação do notavel violinista sr. Casado, primeiro premio do conservatorio de Madrid e membro da Tuna, que executará o seguinte repertório:

(a) Phantasia de Guilherme Tell
(b) Rigoletto.
(c) Zortzico de Sarazate.
(d) Jota de Sarazate.
Os acompanhamentos ao piano serão excutados pelo tuno sr. Picó.

3.º - Excentricidades comicas e imitações de actores celebres, pelo tuno sr. Garcia Crespo.
4.º - Aires andaluzes, executadas na vila pelo tuno sr. Guerra.
5.º - La Estudantina, do insigne maestro Breton, para despedida da Tuna Hespanhola Valladolid-Coimbra."

COLYSEU
DOS
RECREIOS
Rua de Santo Antão
Empresa SANTOS
Quinta-feira 15 de Fevereiro de 1902
GRANDE SARAU
ACADEMICO
Em Honra da
TUNA
HESPANHOLA
Valladolid-Coimbra


PROGRAMMA

PRIMEIRA PARTE

1.º—**Portugal España,** *passo doble* para apresentação da Tuna Hespanhola Valladolid-Coimbra.
Este *passo doble* foi escripto expressamente para a Tuna pelo distincto maestro hespanhol sr. Mateo.
2.º—**Les femmes de feu,** *suite* de valsas de O. Metra, bailadas pelos pandoretologos da mesma Tuna.
3.º—**Oratoria fim de seculo,** pelo tuno sr. PRADERA.
4.º—**Silhuetas comicas,** pelo tuno sr. GARCIA CRESPO.

INTERVALLO DE 10 MINUTOS

SEGUNDA PARTE

1.º—**Hymno Academico Portuguez,** para apresentação da Tuna do Lyceu Central de Lisboa, sob a regencia do sr. CARLOS CANEDO.
2.º—**Saudação,** poesia original do sr. SYLVA NEVES, estudante da Escola Polytechnica, recitada pelo autor.
3.º—Solo de bandolim, pelo sr. ALFREDO MANTUA, regente da Tuna da Escola Polytechnica.
4.º—**Solo de violino,** pelo sr. CABRAL, 1.º violino da Tuna da Escola Polytechnica.
5.º—**Varias composições musicaes,** pela Tuna do Lyceu Central de Lisboa, sob a regencia do sr. CARLOS CANEDO.

INTERVALLO DE 10 MINUTOS

TERCEIRA PARTE

1.º—**Couplets de zarzuelas hespanholas modernas,** pelo tuno sr. PRADERA.
2.º—Apresentação do notavel violinista sr. CASADO, primeiro premio do conservatorio de Madrid e membro da Tuna, que executará o seguinte repertorio:

(a) **Phantasia** de Guilherme Tell.
(b) **Rigoletto.**
(c) **Zortzico** de Sarazate.
(d) **Jota** de Sarazate.

Os acompanhamentos ao piano serão executados pelo tuno sr. PICÓ.
3.º—**Excentricidades comicas e imitações de actores celebres,** pelo tuno sr. GARCIA CRESPO.
4.º—**Aires andaluzes,** executadas na viola pelo tuno sr. GUERRA.
5.º—**La Estudantina,** do insigne maestro Breton, para despedida da Tuna Hespanhola Valladolid-Coimbra.

A direcção da scena está a cargo do sr. MARIANO PEINADOR ALONSO, licenciado em direito.

Este programma poderá ser alterado em caso de força maior ou conveniencias especiaes.

(BNP - Lamberti, Vol. 2)

Coliseo dos Recreios— Effectua-se hoje n'este Coliseo uma festa unica em honra da Tuna Hespanhola de Valladolid-Coimbra, constando o programma de musica, declamação e canto, desempenhado por estudantes hespanhoes e portuguezes.

No espectaculo, a que assistem Suas Magestades e Altezas. apresentam-se, tocando, as Tunas Hespanhola e do Lyceu da Lisboa.

A elegante sala conserva a mesma vistosa e artistica decoração das deslumbrantes diversões carnavalescas.

(**Diário Illustrado**, N.º 10396, 13 de Fevereiro de 1902, p. 1)

CONCERTOS

No vasto Colyseu dos Recreios, teve logar a 13 o sarau academico. em honra da tuna hespanhola, que visitou a nossa capital.

Se bem que este genero de festas não costumem ser registradas n'esta secção, em causa da pouca importancia artistica de que são habitualmente revestidas, temos que fazer uma excepção para mencionar dois distinctissimos musicos hespanhoes, srs. Casado e Picó, que se apresentaram n'ella a solo, o primeiro como violinista e o segundo como pianista e que o fizeram por fórma a enthusiasmar o numeroso publico que enchia o Colyseu.

O sr. Casado, que é primeiro premio do Conservatorio de Madrid, tocou uma parte da *Fantasia apassionata* de Vieuxtemps, uma outra sobre o Rigoletto e duas peças de Sarazate, *Zortzico* e *Jota*.

O pianista executou a *Segunda Rapsodia* de Liszt.

Tambem mereceu os melhores suffragios o distincto professor de bandolim, o sr. Alfredo Mantua.

*

(**A Arte Musical**, Ano IV, N.º 76, de 28 de Fevereiro de 1902, p. 33)

Estandarte da Tuna de Valladolid, 1902.
(Blogue "Arte en Valladolid")

Día 11.

A las dos de su tarde la *Tuna*, constantemente acompañada por sus colegas los estudiantes de Lisboa, fué á ofrecer sus respetos al Ministro de España en Portugal Sr. Polo de Bernabé, no haciéndolo también al Cónsul D. Juan de Castro, por guardar éste luto muy reciente.

Visitamos al Conde de Figueiró á fin de que tan ilustre titular nos solicitase de SS. MM. una audiencia. No estaba de servicio en palacio, mas el señor Conde

— 18 —

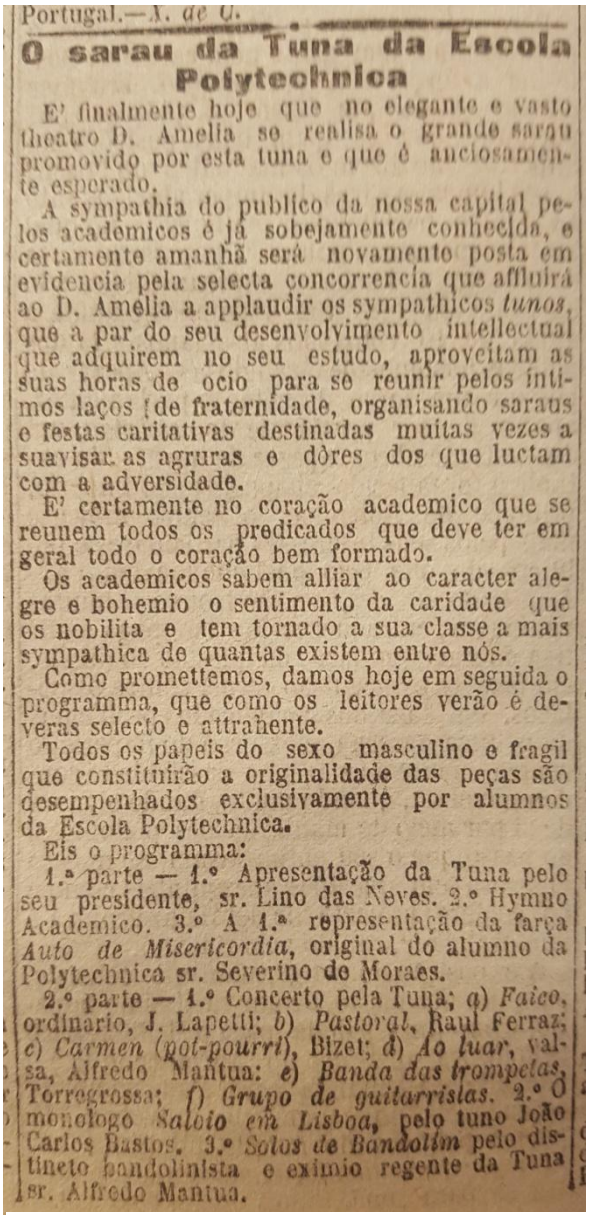
de Ribeiró indicó á nuestro Presidente que se encargaría gustoso de consultar á SS. MM. tal petición, cuya respuesta él mismo habia de darnos.

Marchamos después á saludar á nuestra hermana la *Tuna* de la Escuela Politécnica, donde fuimos recibidos espléndidamente, dándonos un concierto en el que revelaron sus aptitudes musicales los estudiantes Alfredo Mantua, Gama, Pisarra, Cabral, Loff y otros

(**Una Visita á los estudiantes portugueses, por la Tuna Escolar valladolid-Coimbra de 1902. Memórias é Impressiones por el Tuno Antonio Martínez Cabezas.** Imp. y Lib. de F. Santarén Madrazo. Valladolid, 1902.)

Sarau no Teatro D. Amélia (12 de Março).

Nos dias 12 e 13 de Março, a **TAEPL** organiza o seu sarau de apresentação (com fins caritativos) que decorreu no Teatro D. Amélia, executando o "Hino Académico", "Faico" (J. Lapetti), "Pastoral" (Raúl Ferraz), um *pot-pourri* da ópera "Carmen" (Bizet), a valsa "Ao Luar" (A. Mântua) e "Banda das Trombetas (Torregrosa); a par com números de um grupo de guitarristas da tuna, solos de bandolim (pelo seu regente) e as sempre animadas representações musicadas (como foi o caso, neste sarau, das farsas burlescas "Auto da Misericórdia" (do tuno Severim Moraes) e "Aventuras na Côrte" (de António Carneiro).[32]



Portugal.—*X. de C.*

O sarau da Tuna da Escola Polytechnica

E' finalmente hoje que no elegante e vasto theatro D. Amelia se realisa o grande sarau promovido por esta tuna e que é anciosamente esperado.

A sympathia do publico da nossa capital pelos academicos é já sobejamente conhecida, e certamente amanhã será novamente posta em evidencia pela selecta concorrencia que affluirá ao D. Amelia a applaudir os sympathicos *tunos*, que a par do seu desenvolvimento intellectual que adquirem no seu estudo, aproveitam as suas horas de ocio para se reunir pelos intimos laços de fraternidade, organisando saraus e festas caritativas destinadas muitas vezes a suavisar as agruras e dôres dos que luctam com a adversidade.

E' certamente no coração academico que se reunem todos os predicados que deve ter em geral todo o coração bem formado.

Os academicos sabem alliar ao caracter alegre e bohemio o sentimento da caridade que os nobilita e tem tornado a sua classe a mais sympathica de quantas existem entre nós.

Como promettemos, damos hoje em seguida o programma, que como os leitores verão é deveras selecto e attrahente.

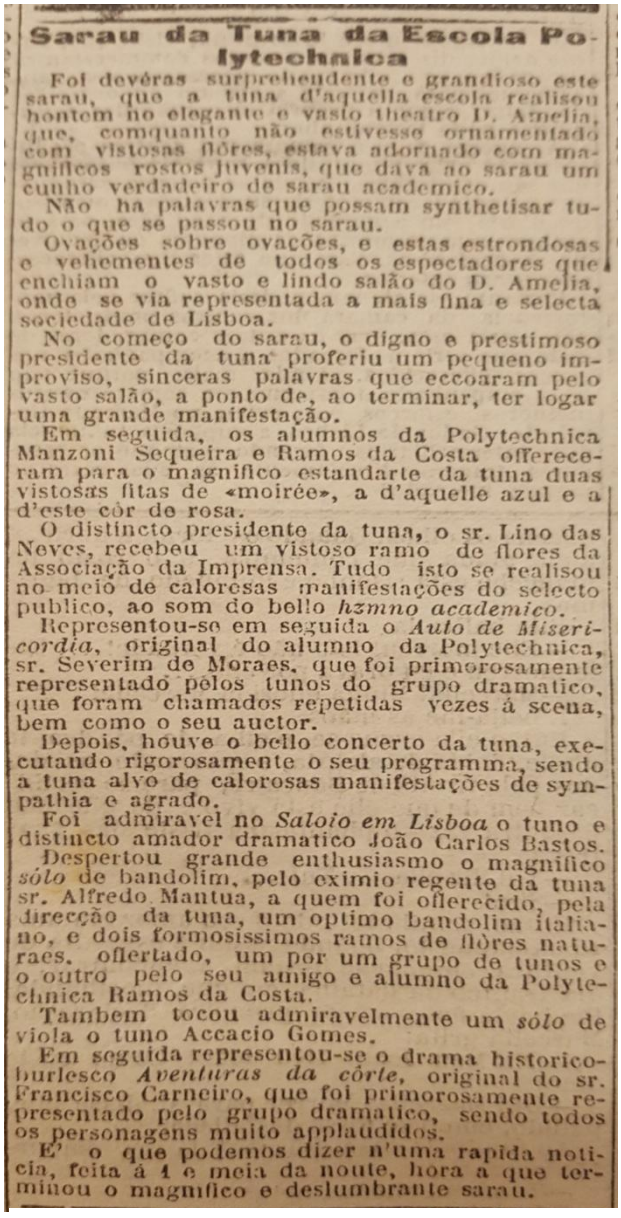
Todos os papeis do sexo masculino e fragil que constituirão a originalidade das peças são desempenhados exclusivamente por alumnos da Escola Polytechnica.

Eis o programma:

1.ª parte — 1.º Apresentação da Tuna pelo seu presidente, sr. Lino das Neves. 2.º Hymno Academico. 3.º A 1.ª representação da farça *Auto de Misericordia*, original do alumno da Polytechnica sr. Severino de Moraes.

2.º parte — 1.º Concerto pela Tuna; *a) Faico*, ordinario, J. Lapetti; *b) Pastoral*, Raul Ferraz; *c) Carmen (pot-pourri)*, Bizet; *d) Ao luar*, valsa, Alfredo Mantua: *e) Banda das trompetas*, Torregrossa; *f) Grupo de guitarristas.* 2.º O monologo *Saloio em Lisboa*, pelo tuno João Carlos Bastos. 3.º *Solos de Bandolim* pelo distincto bandolinista e eximio regente da Tuna sr. Alfredo Mantua.

(**O Século**, N.º 7253, de 12 de Março de 1902, p. 4)



Sarau da Tuna da Escola Polytechnica

Foi deveras surprehendente e grandioso este sarau, que a tuna d'aquella escola realisou hontem no elegante e vasto theatro D. Amelia, que, comquanto não estivesse ornamentado com vistosas flôres, estava adornado com magnificos rostos juvenis, que dava ao sarau um cunho verdadeiro de sarau academico.

Não ha palavras que possam synthetisar tudo o que se passou no sarau.

Ovações sobre ovações, e estas estrondosas e vehementes de todos os espectadores que enchiam o vasto e lindo salão do D. Amelia, onde se via representada a mais fina e selecta sociedade de Lisboa.

No começo do sarau, o digno e prestimoso presidente da tuna proferiu um pequeno improviso, sinceras palavras que eccoaram pelo vasto salão, a ponto de, ao terminar, ter logar uma grande manifestação.

Em seguida, os alumnos da Polytechnica Manzoni Sequeira e Ramos da Costa offereceram para o magnifico estandarte da tuna duas vistosas fitas de «moirée», a d'aquelle azul e a d'este côr de rosa.

O distincto presidente da tuna, o sr. Lino das Neves, recebeu um vistoso ramo de flores da Associação da Imprensa. Tudo isto se realisou no meio de calorosas manifestações do selecto publico, ao som do bello *hzmno academico*.

Representou-se em seguida o *Auto de Misericordia*, original do alumno da Polytechnica, sr. Severim de Moraes, que foi primorosamente representado pelos tunos do grupo dramatico, que foram chamados repetidas vezes á scena, bem como o seu auctor.

Depois, houve o bello concerto da tuna, executando rigorosamente o seu programma, sendo a tuna alvo de calorosas manifestações de sympathia e agrado.

Foi admiravel no *Saloio em Lisboa* o tuno e distincto amador dramatico João Carlos Bastos.

Despertou grande enthusiasmo o magnifico *sólo* de bandolim, pelo eximio regente da tuna sr. Alfredo Mantua, a quem foi offerecido, pela direcção da tuna, um optimo bandolim italiano, e dois formosissimos ramos de flôres naturaes, offertado, um por um grupo de tunos e o outro pelo seu amigo e alumno da Polytechnica Ramos da Costa.

Tambem tocou admiravelmente um *sólo* de viola o tuno Accacio Gomes.

Em seguida representou-se o drama historico-burlesco *Aventuras da côrte*, original do sr. Francisco Carneiro, que foi primorosamente representado pelo grupo dramatico, sendo todos os personagens muito applaudidos.

E' o que podemos dizer n'uma rapida noticia, feita á 1 e meia da noute, hora a que terminou o magnifico e deslumbrante sarau.

O Século, N.º 7254, de 13 de Março de 1902, p. 2)

[32] **O Século**, 22.º Ano, N.º 7253, de 12 de Março de 1902, p. 4, N.º 7254, de 13 de Março de 1902, p. 2 e N.º 7255, de 14 de Março de 1902, p. 4; **O Sarau, N.º Único Comemorativo da Tuna Académica da Escola Polytéchnica**, de 12 de Março de 1902, pp.1-8; **Diário Illustrado**, 31.º Ano, N.º 10423, de 12 de Março de 1902, p.1 e N.º 10424, de 13 de Março de 1902, p. 3; **Tempo**, 7.º Ano, N.º 1679, de 11 de Março de 1902, p. 2.

O *Theatro D. Amelia* (depois *Repúblic*a e, actualmente, *S. Luís*), em inícios do séc. XX, na Rua António Maria Cardoso (antiga Rua Tesouro Velho, até 1890).

(Fotos obtidas no blogue "Lisboa Antigamente")

THEATRO D. AMELIA

Realisa se hoje o beneficio de Luiz Mendes, camaroteiro d'este theatro, e representa-se «O Castello Historico».

A'manhã tambem espectaculo de beneficio, organisado pelos estudantes da Escola Polytechnica.

Na proxima quinta-feira definitivamente terá logar a ultima representação n'esta temporada da esplendida peça de Erckmann Chatrian «O amigo Fritz»; a venda dos bilhetes para esta récita começou já.

A' maneira que se approxima a noite de sexta feira, augmenta o enthusiasmo do publico, desejoso de assistir á grande «soirée festiva», que se realisa n'essa noite no D. Amelia, em homenagem a uma das maiores individualidades da scena portugueza, o actor Augusto Rosa, subindo á scena pela 1.ª vez, em «reprise», a encantadora peça «Sociedade onde a gente se aborrece», de Pailleron.

(**Diário Illustrado**, 31.º Ano, N.º 10424, de 13 de Março de 1902, p. 3)

D. Amelia—Realisa-se hoje o sarau promovido pela Tuna Academica da Eschola Polytechnica.

(**Diário Illustrado**, 31.º Ano, N.º 10423, de 12 de Março de 1902, p.1)

Sarau da Tuna da Escola Polytechnica

Na nossa noticia de hontem, feita apressadamente, em virtude do adiantado da hora, não pudemos citar os nomes dos tunos do grupo dramatico que mais se distinguiram na representação do *Auto de Misericordia* e das *Aventuras na côrte*.

De todos os personagens sobresahiram, sem duvida alguma, os tunos Alvaro de Carvalho, João Correia, João Carlos Bastos e Raul Pissarra, nos papeis de casta donzella, espectro do chumbo e estudantes bohemios do *Auto*. Nas *Aventuras na côrte* tornaram-se salientes os tunos A. Ressano Garcia, Teixeira Diniz, Carvalho Dias, J. Mello Vieira, Mello Abreu e João Carlos Bastos, nos papeis de D. Remolga (protagonista); Infanta, D. Emerenciana, D. Conegundes, D. Enguiço, Aza de Mosca e João Fernandes.

De todos os numeros que a tuna executou salientou-se o *pot-pourri* da opera *Carmen*, de Bizet, e a valsa *Ao luar*, original do insigne regente da tuna, sr. Alfredo Mantua, que arrancou do selecto auditorio enthusiasticas ovações, vendo-se tambem muitas damas de pé a applaudirem phreneticamente.

O magnifico estandarte, generosamente bordado pela sr.ª D. Maria J. dos Reis, é uma verdadeira obra prima, devendo estar ainda esta semana em exposição n'uma das melhores *vitrines* da rua do Ouro, estando tambem por essa occasião exposto o lindo bandolim italiano, com incrustações de prata e madreperola, offerecido pela tuna ao seu insigne regente.

E' anciosamente esperado o sarau da imprensa, em que esta tuna comparece, tocando alguns trechos musicaes, um d'elles original de um tuno e que causará verdadeira sensação.

(**O Século**, 22.º Ano, N.º 7253, de 12 de Março de 1902, p. 4)

Lisboa 12 de Março de 1902

O SARAU

NUMERO UNICO COMMEMORATIVO

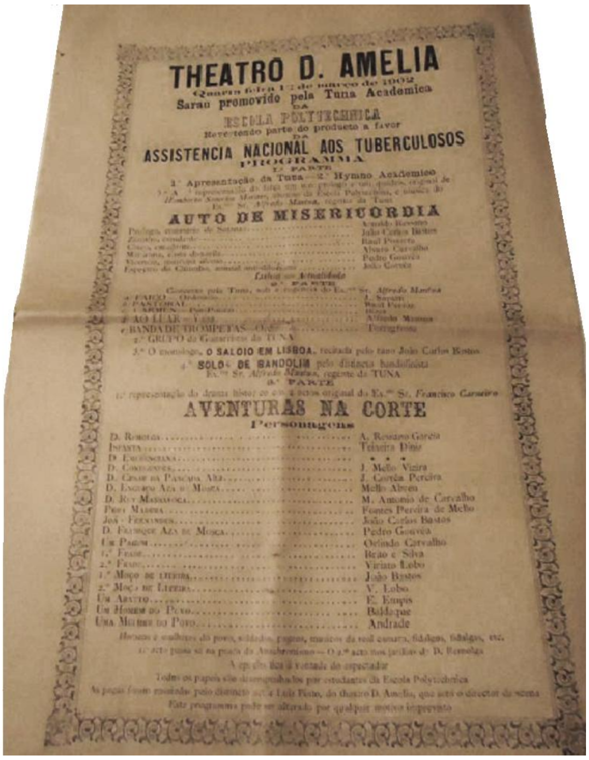
Publicado pela Tuna Academica da Escola Polytechnica

Os cabulas, varões assignalados,
Que d'esta nobre Escola lusitana,
Em chumbos collossaes crystallisados,
Navegam sobre as aguas da "fampana,"
Em provas e exames esforçados
Que amargam tristemente a vida humana
E entre os livros e folhas armearam
As cabulas terriveis que inventaram

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles que nos foram dilatando
O craneo com sciencias viciosas
E os miolos roendo e devastando
E aquelles que em sciencias palavrosas
Se vão da lei da vida libertando,
Cantando espalharei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Por LUIZ DE CAMÕES
H. S. M.

Fraternidade!


THEATRO D. AMELIA

Quarta feira 12 de março de 1902

Sarau promovido pela Tuna Academica da Escola Polytechnica

Revertendo parte do producto a favor da

ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS

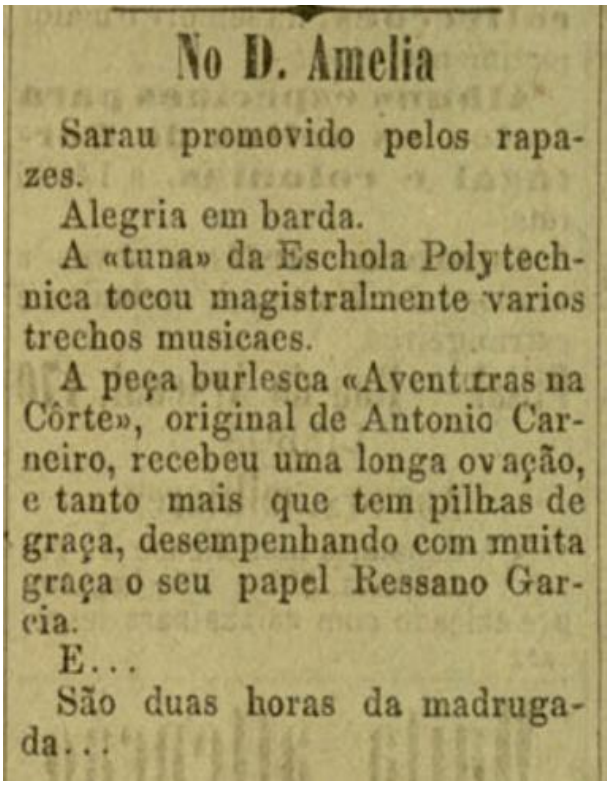
PROGRAMMA

AUTO DE MISERICORDIA

AVENTURAS NA CORTE

Personagens

Jornal **O Sarau**, N.º Único Comemorativo da Tuna Académica da Escola Polytéchnica, de 12 de Março de 1902 (p.1 e 8), impresso pela própria tuna para a ocasião.


No D. Amelia

Sarau promovido pelos rapazes.

Alegria em barda.

A «tuna» da Eschola Polytechnica tocou magistralmente varios trechos musicaes.

A peça burlesca «Aventuras na Côrte», original de Antonio Carneiro, recebeu uma longa ovação, e tanto mais que tem pilhas de graça, desempenhando com muita graça o seu papel Ressano Garcia.

E...

São duas horas da madrugada...

(**Diário Illustrado**, N.º 10424, 13 de Março 1902, p. 3)

O edifício do *Theatro* D. Amelia, em inícios do séc. XX (que depois seria o Teatro *Repúblic*a e, finalmente, Teatro *S. Luís*).

(Blogue "Restos de Coleção - Teatros de Lisboa (3)")

No sarau da Tuna do Liceu

No dia 17 de Março, a **TAEPL** marca presença no sarau promovido pela Tuna do Liceu de Lisboa, regida por Wenceslau Pinto, o qual tem lugar no Teatro D. Amélia. Não se conhece o repertório apresentado que não seja o facto de ter tocado o "Hino Académico" com a Tuna do Liceu[33].

A tuna do Lyceu

E' hoje, que mais uma vez teremos occasião de admirar este grupo de sympathicos estudantes, que capricham em dar festas, como se veem poucas.

Além da parte musical, que promette ser primorosa, pois que o seu regente, o sr. Wenceslau Pinto, se esmerou quanto possivel, sobe á scena, pela 1.ª vez, a rapaziada n'um acto, original do estudante do lyceu, José Urbano de Castro—*Uma gazeta*.

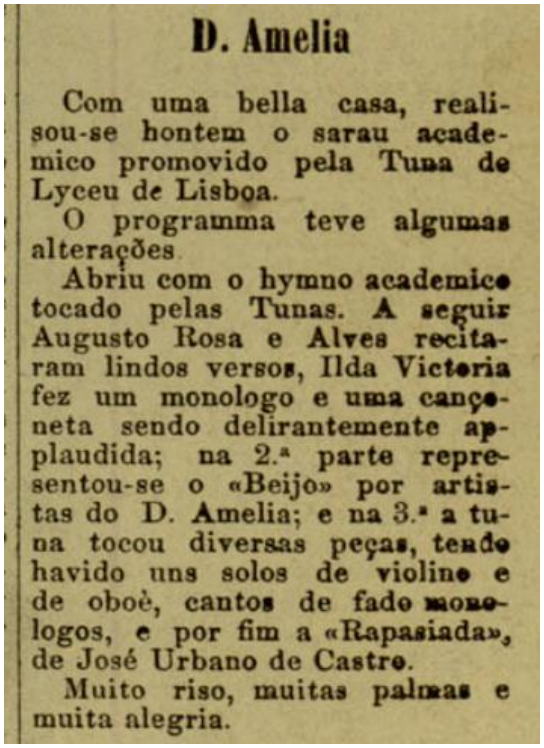
A Tuna da Polytechnica, tambem executará varios numeros de musica.

Augusto Rosa, Angela Pinto, Henrique Alves e Ilda Victoria, recitarão cançonetas e monologos.

Deve ser uma noite de alegria.

Os bilhetes acham-se á venda na Livraria Academica, calçada do Sacramento 16, ou no theatro D. Amelia.

(**Diário Illustrado**, 31.º Ano, N.º 10428, de 17 de Março de 1902, p. 1)



D. Amelia

Com uma bella casa, realisou-se hontem o sarau academico promovido pela Tuna de Lyceu de Lisboa.

O programma teve algumas alterações.

Abriu com o hymno academico tocado pelas Tunas. A seguir Augusto Rosa e Alves recitaram lindos versos, Ilda Victoria fez um monologo e uma cançoneta sendo delirantemente applaudida; na 2.ª parte representou-se o «Beijo» por artistas do D. Amelia; e na 3.ª a tuna tocou diversas peças, tendo havido uns solos de violino e de oboè, cantos de fado monologos, e por fim a «Rapasiada», de José Urbano de Castro.

Muito riso, muitas palmas e muita alegria.

(**Diário Illustrado**, 31.º Ano, N.º 10429, de 18 de Março de 1902, p. 4)

No sarau da Associação de Imprensa

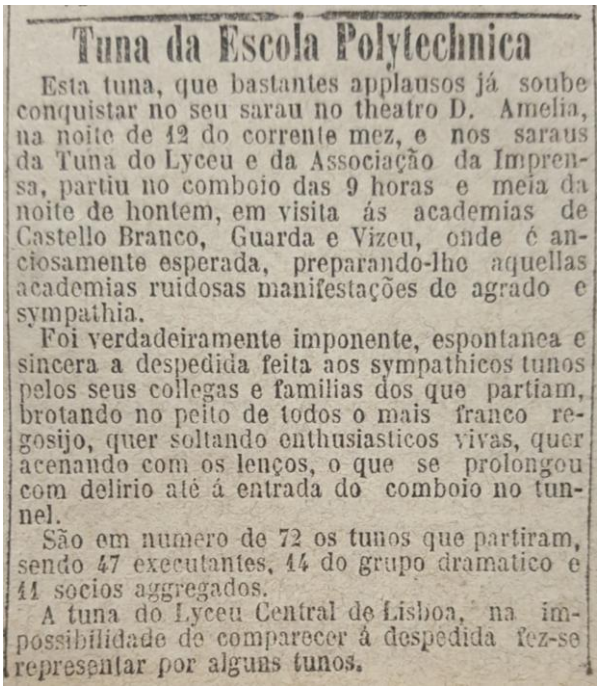
No dia seguinte (dia 18 e véspera da sua saída em digressão), marca presença no Sarau da Associação de Imprensa Portuguesa, realizado no Coliseu dos Recreios[34].

Digressão a Castelo Branco, Guarda e Viseu (20 a 26 de Março)

No dia 19 de Março a **TAEPL** ruma ao norte do país, para a sua primeira digressão, com o intuito de se apresentar em Castelo Branco, Guarda e Viseu[35]. Uma comitiva constituída por 72 tunos (47 executantes, 14 do Grupo Dramático e 11 sócios agregados)[36], um número bastante impressionante, tendo em conta a logística envolvida.

[33] **Diário Illustrado**, 31.º Ano, N.º 10428, de 17 de Março de 1902, p. 1 e N.º 10429, de 18 de Março de 1902, p. 4.
[34] **Alma Portuguesa**, N.º Comemorativo, Abril 1905, p. 2; **Diário Illustrado**, 31.º Ano, N.º 10430, de 19 de Março de 1902, p. 2 e **Vanguarda**, VII Ano (XII), N.º 1927, de 19 de Março de 1902, p. 3.
[35] Os periódicos viseenses parecem ser os primeiros a dar conta dessa notícias: **O Commercio de Vizeu**, XVI Ano, N.º 1634, de 19 de Março de 1902, p. 1 e **O Districto de Vizeu**, Ano XIII, N.º 1259, de 21 de Março de 1902, p. 3.
[36] **O Século,** 22.º Ano, N.º 7261, de 20 de Março de 1902, p. 3.

É interessante ler-se que, para além dos familiares e colegas que se foram despedir à estação, também a Tuna do Liceu se fez representar na despedida (mostrando que existia um ambiente de salutar camaradagem entre os grupos)[37].



Tuna da Escola Polytechnica

Esta tuna, que bastantes applausos já soube conquistar no seu sarau no theatro D. Amelia, na noite de 12 do corrente mez, e nos saraus da Tuna do Lyceu e da Associação da Imprensa, partiu no comboio das 9 horas e meia da noite de hontem, em visita ás academias de Castello Branco, Guarda e Vizeu, onde é anciosamente esperada, preparando-lhe aquellas academias ruidosas manifestações de agrado e sympathia.

Foi verdadeiramente imponente, espontanea e sincera a despedida feita aos sympathicos tunos pelos seus collegas e familias dos que partiam, brotando no peito de todos o mais franco regosijo, quer soltando enthusiasticos vivas, quer acenando com os lenços, o que se prolongou com delirio até á entrada do comboio no tunnel.

São em numero de 72 os tunos que partiram, sendo 47 executantes, 14 do grupo dramatico e 11 socios aggregados.

A tuna do Lyceu Central de Lisboa, na impossibilidade de comparecer á despedida fez-se representar por alguns tunos.

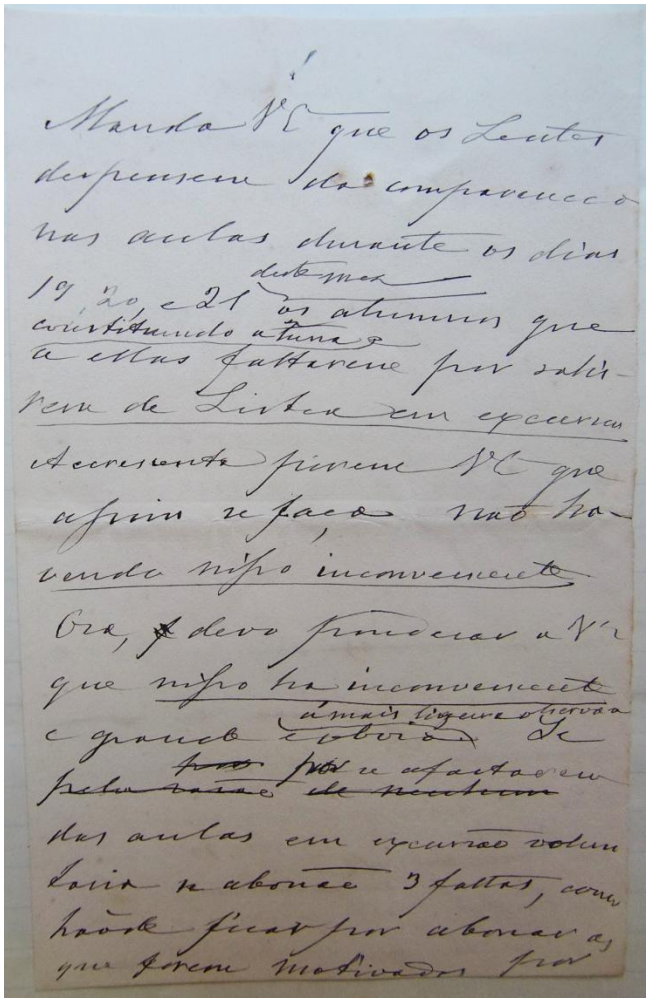
(**O Século**, N.º 7261, de 20 de Março de 1902, p. 3)

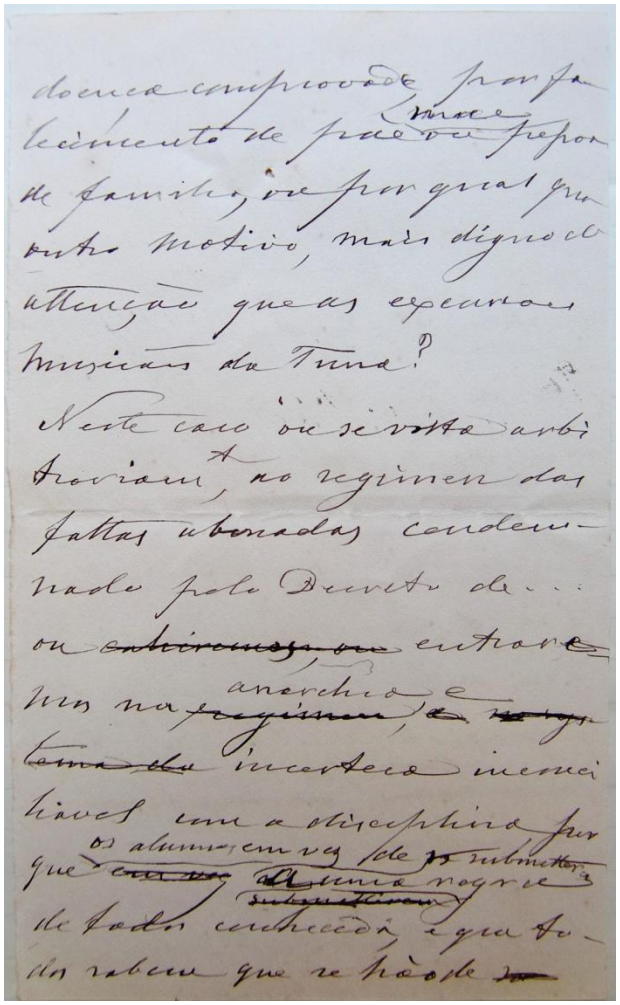
Estação do Rossio, em 1910.
(Blogue "Portugal Memória")

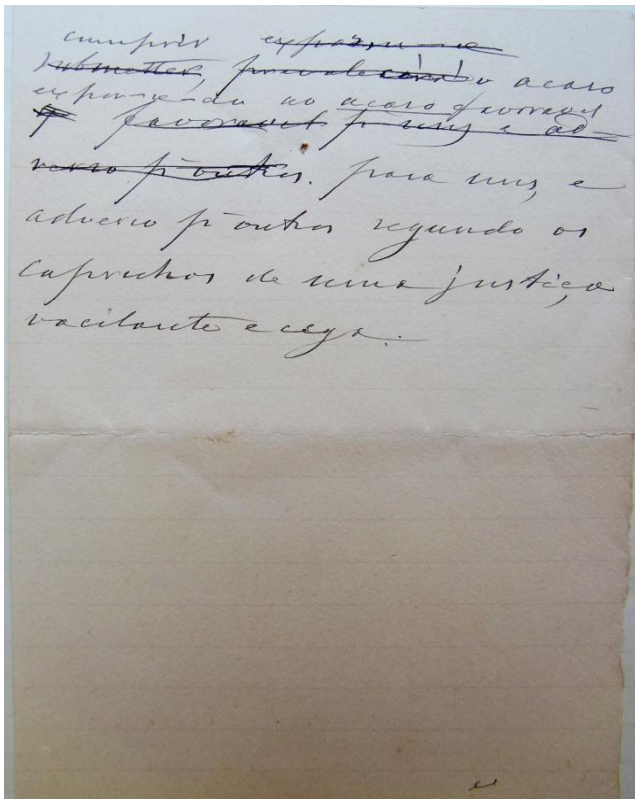
Para esse efeito, houve necessidade de dispensa de aulas, sendo que tivemos acesso a alguns documentos que registam precisamente as directivas administrtivas, como o pedido de dispensa aos lentes, por parte do diretor da escola (à época Dr. Luís d'Almeida e Albuquerque[38]), e as condições das mesmas.

Alguns documentos do Arquivo da antiga Escola Politécnica, consultados em 2010, essencialmente constituídos por correspondência (circulares manuscritas, ofícios) e pela revista "A Polytechnica", de 1937, entretanto adquirida e fazendo parte do acervo do autor.

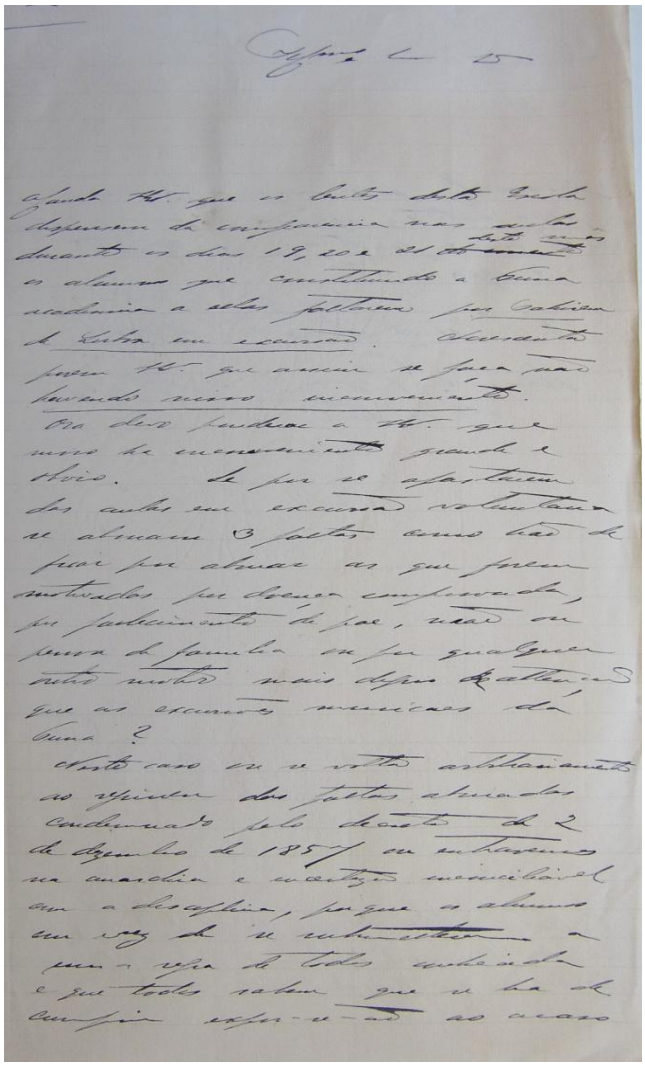
[37] *Idem*.
[38] Que seria nomeado Presidente Honorário da Tuna, em sessão solene de 02 de Fevereiro de 1905.

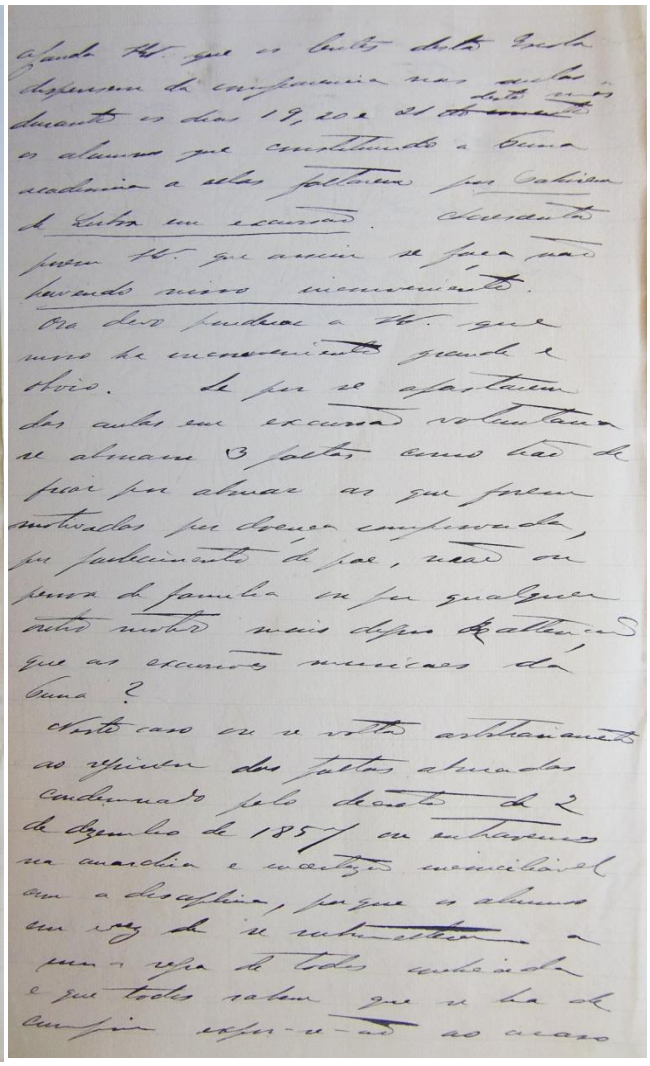


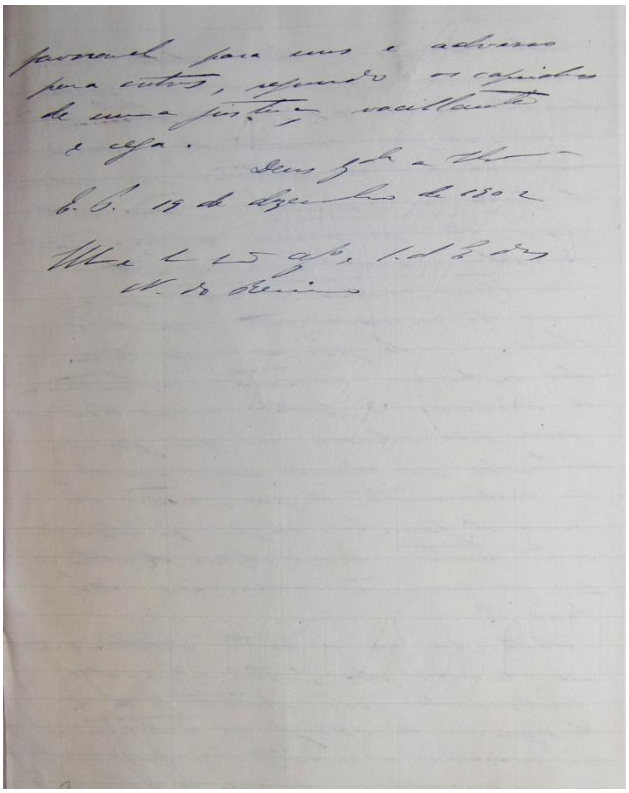




Circular manuscrita, sobre dispensa dos alunos da Tuna da Politécnica, 1902.
(Arquivo da antiga Escola Politécnica de Lisboa, 2010)







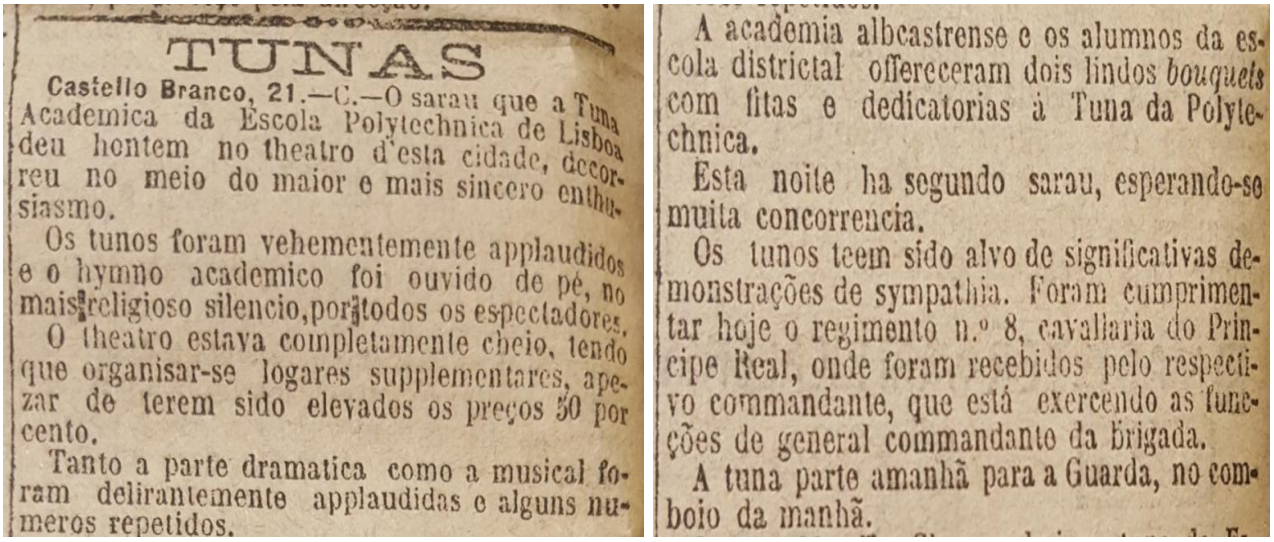
Neste documento manuscrito são definidas as condições de dispensa dos alunos para a sua digressão.
(Arquivo da antiga Escola Politécnica de Lisboa, 2010)

Em Castelo Branco

No dia 20 de Março, a **TAEPL** está em Castelo Branco, dando concerto no teatro da cidade que, face à enchente, precisou que se organizassem lugares adicionais, apesar do preço dos bilhetes terem sofrido um aumento de 50% face à previsível procura.

Nesse sarau, marcaram presença as mais distintas figuras locais, bem como a academia albicastrense, cujos alunos (da Escola Distrital), no fim, ofereceram um ramo de flores aos tunos.

No dia seguinte (21), os tunos foram recebidos na Câmara Municipal, no Regimento de Cavalaria 8 e *Club* da cidade, entre outras individualidades e locais que visitaram, dando, à noite, novo concerto no teatro[39].



TUNAS

Castello Branco, 21.—C.—O sarau que a Tuna Academica da Escola Polytechnica de Lisboa deu hontem no theatro d'esta cidade, decorreu no meio do maior e mais sincero enthusiasmo.

Os tunos foram vehementemente applaudidos e o hymno academico foi ouvido de pé, no mais religioso silencio, por todos os espectadores.

O theatro estava completamente cheio, tendo que organisar-se logares supplementares, apezar de terem sido elevados os preços 50 por cento.

Tanto a parte dramatica como a musical foram delirantemente applaudidas e alguns numeros repetidos.

A academia albcastrense e os alumnos da escola districtal offereceram dois lindos *bouquets* com fitas e dedicatorias à Tuna da Polytechnica.

Esta noite ha segundo sarau, esperando-se muita concorrencia.

Os tunos teem sido alvo de significativas demonstrações de sympathia. Foram cumprimentar hoje o regimento n.º 8, cavallaria do Principe Real, onde foram recebidos pelo respectivo commandante, que está exercendo as funcções de general commandante da brigada.

A tuna parte amanhã para a Guarda, no comboio da manhã.

(**O Século,** 22.º Ano, N.º 7264, de 23 de Março de 1902, p. 2.)

O Teatro de Castelo Branco.
(Blogue "Castelo Branco - O Albicastrense")

[39] **O Século**, 22.º Ano, N.º 7264, de 23 de Março de 1902, p. 2 e N.º 7269, de 29 de Março de 1902, p. 2.

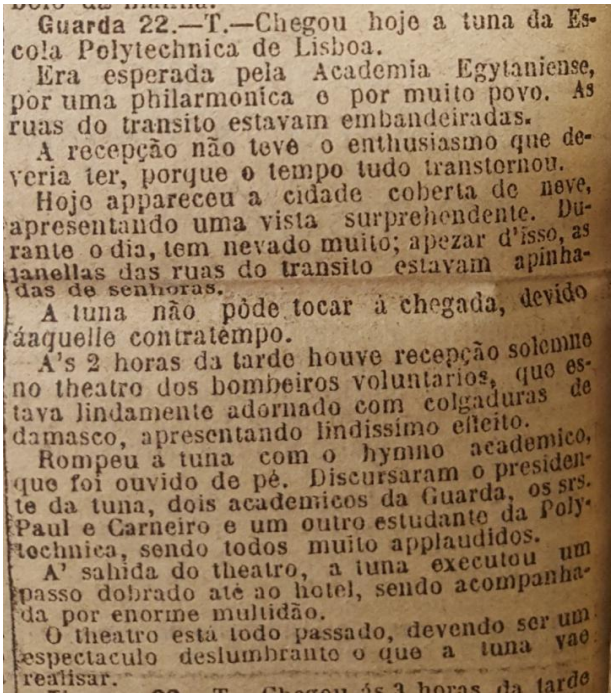
Na Guarda

No dia 22, rumaram para a Guarda, onde foram recebidos (sem o entusiasmo pretendido, dada as más condições climatéricas[40]) pelos estudantes locais e uma banda filarmónica, fazendo cortejo até ao centro, sob uma chuva de camélias que as damas da cidade lançavam das janelas.

Pelas 14h00, a **TAEPL** participa na recepção solene, realizada no Teatro dos Bombeiros, depois seguindo para o hotel.

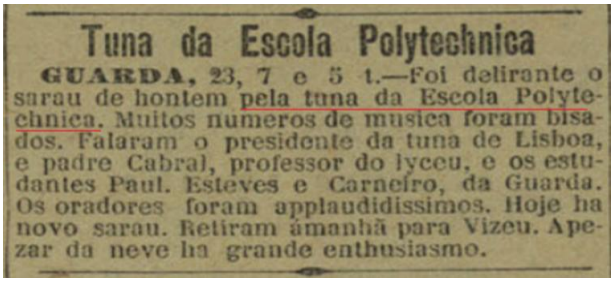
À noite, no referido teatro, a tuna deu concerto (com vários monólogos, discursos e trechos musicais), repetindo-o, a pedido de uma comissão de damas (pois não estava previsto), no dia seguinte (dia 23).

Durante a estadia, a tuna participa igualmente num baile organizado pelo *Club Egyptaniense* "...em que tomaram parte todos os tunos, vereadores da câmara, auctoridades e gentis damas, em trajos de gala"[41].



Guarda 22.—T.—Chegou hoje a tuna da Escola Polytechnica de Lisboa.
Era esperada pela Academia Egytaniense, por uma philarmonica e por muito povo. As ruas do transito estavam embandeiradas.
A recepção não teve o enthusiasmo que deveria ter, porque o tempo tudo transtornou.
Hoje appareceu a cidade coberta de neve, apresentando uma vista surprehendente. Durante o dia, tem nevado muito; apezar d'isso, as janellas das ruas do transito estavam apinhadas de senhoras.
A tuna não pôde tocar á chegada, devido áaquelle contratempo.
A's 2 horas da tarde houve recepção solemne no theatro dos bombeiros voluntarios, que estava lindamente adornado com colgaduras de damasco, apresentando lindissimo effeito.
Rompeu a tuna com o hymno academico, que foi ouvido de pé. Discursaram o presidente da tuna, dois academicos da Guarda, os srs. Paul e Carneiro e um outro estudante da Polytechnica, sendo todos muito applaudidos.
A' sahida do theatro, a tuna executou um passo dobrado até ao hotel, sendo acompanhada por enorme multidão.
O theatro está todo passado, devendo ser um espectaculo deslumbrante o que a tuna vae realisar.

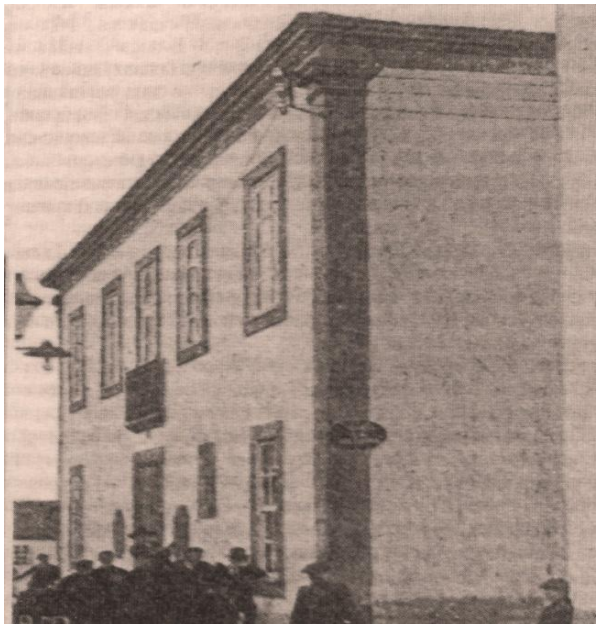
(**O Século,** N.º 7264, de 23 de Março de 1902, p. 2)



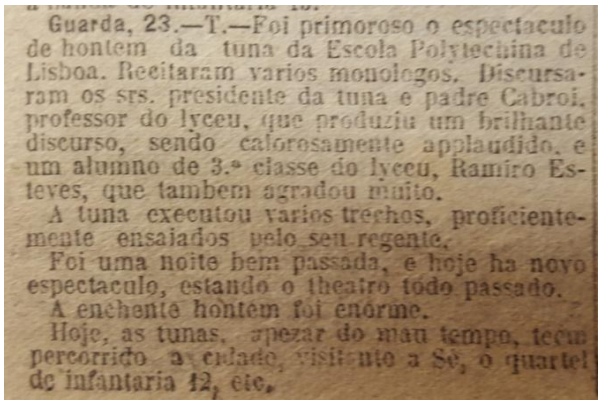
Tuna da Escola Polytechnica

GUARDA, 23, 7 e 5 t.—Foi delirante o sarau de hontem pela tuna da Escola Polytechnica. Muitos numeros de musica foram bisados. Falaram o presidente da tuna de Lisboa, e padre Cabral, professor do lyceu, e os estudantes Paul. Esteves e Carneiro, da Guarda. Os oradores foram applaudidissimos. Hoje ha novo sarau. Retiram ámanhã para Vizeu. Apezar da neve ha grande enthusiasmo.

(**Vanguarda**, VII Ano (XII), N.º 3885, de)24 de Março de 1902, p. 2)



O *Theatro* dos Bombeiros da Guarda, ca. 1900
(Publicação da página FB da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço)



Guarda, 23.—T.—Foi primoroso o espectaculo de hontem da tuna da Escola Polytechnica de Lisboa. Recitaram varios monologos. Discursaram os srs. presidente da tuna e padre Cabroi, professor do lyceu, que produziu um brilhante discurso, sendo calorosamente applaudido, e um alumno de 3.ª classe do lyceu, Ramiro Esteves, que tambem agradou muito.
A tuna executou varios trechos, proficientemente ensaiados pelo seu regente.
Foi uma noite bem passada, e hoje ha novo espectaculo, estando o theatro todo passado.
A enchente hontem foi enorme.
Hoje, as tunas, apezar do mau tempo, teem percorrido a cidade, visitando a Sé, o quartel de infantaria 12, etc.

(**O Século**, N.º 7265, de 24 de Março de 1902, p. 2)

[40] Os periódicos falam em forte nevão.
[41] **O Século**, 22.º Ano, N.º 7265, de 24 de Março de 1902, p. 2 e N.º 7269, de 29 de Março de 1902, p. 2; **A Vanguarda** (Lisboa), VII Ano (XII), N.º 3885, de 24 de Março de 1902, p. 2.

Em Viseu

No dia 24, após uma emotiva despedida (feita por milhares de pessoas, na estação da Guarda) a tuna ruma a Viseu, sendo recebida logo em Mangualde por uma comissão de alunos do Liceu de Viseu e pelos mangualdenses.

Diz-nos um periódico que:

> *"Em Mangualde, na passagem para Vizeu, teve a tuna uma recepção brilhantissima, a que os tunos correspondiam visivelmente commovidos.*
> *Os tunos foram esperados por uma philarmonica, á frente de muito povo, que lançava flores sobre os tunos à medida que iam chegando.*
> *A tuna, a muito rogo, tocou magistralmente varios trechos musicais, sendo, então, phreneticamente applaudida por todo o povo presente, que, enthusiasmado, levou em triumpho até ao limite da villa o presidente e o regente da tuna.Os rapazes aristocratas de Mangualde offereceram á tuna um rico bouquet de flòres artificiais, com fitas de seda azul e branca, franjadas a ouro."*[42]

Depois da breve paragem em Mangualde, chega à capital da Beira Alta onde era esperada pelos estudantes locais, a Tuna do Liceu de Viseu e milhares de pessoas.

> *"À sua entrada na cidade, era esperada pela academia, tuna do lyceu e milhares de pessoas, com uma charanga à frente. Deitaram-se muitos foguetes.*
> *Tiveram uma recepção solemne no palacio do Monte-Pio, falando alumnos do Lyceu e dos cursos superiores.*
> *O sarau, no Viriato esteve concorridissimo. Casa cheia.*
> *Os estudantes contam regressar hoje* [26] *a Lisboa no comboio da tarde, não dando outro espectaculo por causa da Semana Santa. Prepara-se-lhes uma despedida enthusiastica."*[43]

A **TAEPL** foi recebida com grande entusiasmo, narrando os periódicos viseenses que era esperada no Largo Alves Martins por muitas pessoas, onde também aguardavam os estudantes do liceu (com o seu estandarte) e os Bombeiros Voluntários (acompanhados da Filarmónica "Boa-União").

Chegada a tuna lisboeta, iniciou-se um cortejo rumo ao salão do Monte-Pio, no qual decorreu uma sessão solene, com discursos calorosos.

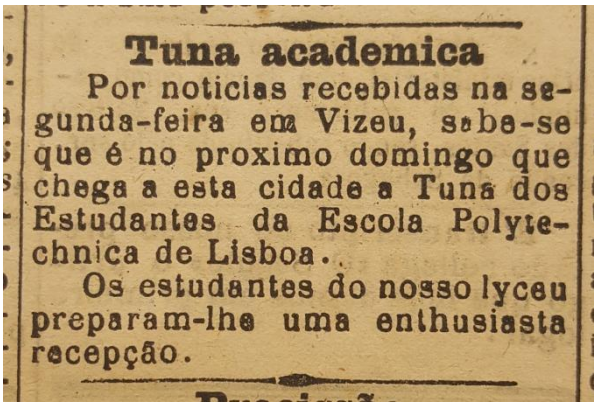
Pelas 22h00, no *Theatro Viriato* (completamente cheio), iniciou-se o sarau, que se prolongou até ás 2 horas da madrugada, e recebendo os tunos ramos de flores oferecidos pelos universitários naturais da cidade e por alunos do liceu local.

Narram os jornalistas beirões que a **TAEPL** acabou por não visitar os Paços do Concelho nem cumprimentar o Chefe do Districto ou o Administrador do Concelho, saindo de Viseu no dia 26, rumo a Lisboa[44].

Um pormenor curioso é sobre o estado de saúde de diversos tunos, sendo que, ao que parece, alguns acabaram por ficar algum tempo mais em Viseu:

> *"Os estudantes vinham muito moidos e constipados da longa jornada e intenso frio que apanharam na Guarda. Muitos, além de fortemente constipados, iam bastante roucos. Alguns ficaram e tencionam demorar-se alguns dias."*[45]

[42] **O Século**, 22.º Ano, N.º 7269, de 29 de Março de 1902, p. 2
[43] **O Século,** 22.º Ano, N.º 7268, de 27 de Março de 1902, p. 1.
[44] **O Commercio de Vizeu**, XVI Ano, N.º 1636, de 27 de Março de 1902, p. 3; **O Districto de Vizeu**, Ano XIII, N.º 1261, de 28 de Março de 1902, p. 2.
[45] **O Século**, 22.º Ano, N.º 7269, de 29 de Março de 1902, p. 2.

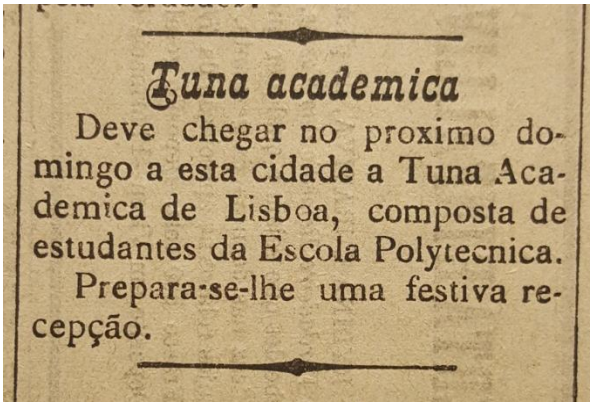


Tuna academica

Por noticias recebidas na segunda-feira em Vizeu, sabe-se que é no proximo domingo que chega a esta cidade a Tuna dos Estudantes da Escola Polytechnica de Lisboa..

Os estudantes do nosso lyceu preparam-lhe uma enthusiasta recepção.

(**O Commercio de Vizeu**, XVI Ano, N.º 1634, de 19 de Março de 1902, p. 1)

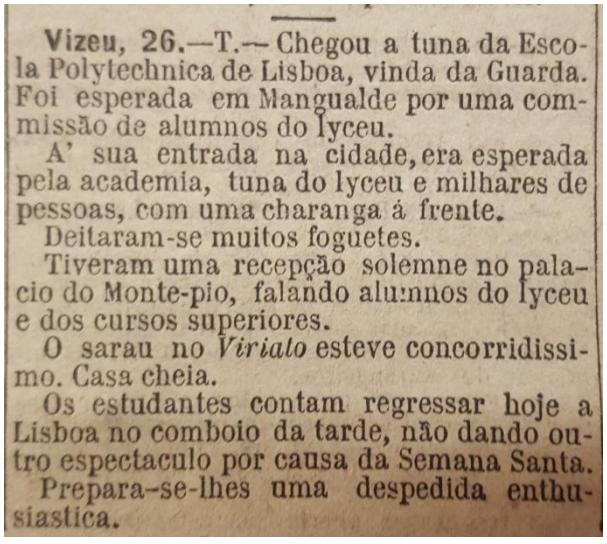


Tuna academica

Deve chegar no proximo domingo a esta cidade a Tuna Academica de Lisboa, composta de estudantes da Escola Polytecnica.

Prepara-se-lhe uma festiva recepção.

(**O Districto de Vizeu**, Ano XIII, N.º 1259, de 21 de Março de 1902, p. 3)



Vizeu, 26.—T.— Chegou a tuna da Escola Polytechnica de Lisboa, vinda da Guarda. Foi esperada em Mangualde por uma commissão de alumnos do lyceu.

A' sua entrada na cidade, era esperada pela academia, tuna do lyceu e milhares de pessoas, com uma charanga á frente.

Deitaram-se muitos foguetes.

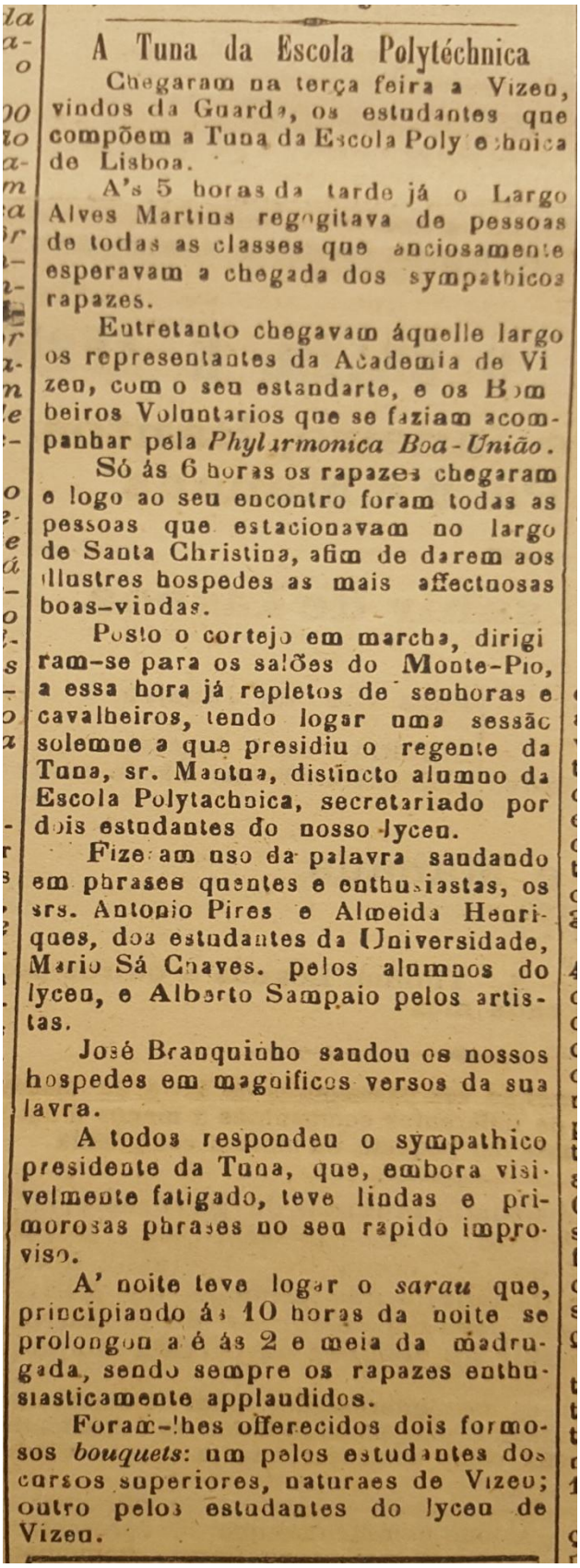
Tiveram uma recepção solemne no palacio do Monte-pio, falando alumnos do lyceu e dos cursos superiores.

O sarau no *Viriato* esteve concorridissimo. Casa cheia.

Os estudantes contam regressar hoje a Lisboa no comboio da tarde, não dando outro espectaculo por causa da Semana Santa.

Prepara-se-lhes uma despedida enthusiastica.

(**O Século**, N.º 7268, de 27 de Março de 1902, p. 1)



A Tuna da Escola Polytéchnica

Chegaram na terça feira a Vizeu, vindos da Guarda, os estudantes que compõem a Tuna da Escola Polytechnica de Lisboa.

A's 5 horas da tarde já o Largo Alves Martins regorgitava de pessoas de todas as classes que anciosamente esperavam a chegada dos sympathicos rapazes.

Entretanto chegavam áquelle largo os representantes da Academia de Vizeu, com o seu estandarte, e os Bombeiros Voluntarios que se faziam acompanhar pela *Philarmonica Boa-União*.

Só ás 6 horas os rapazes chegaram e logo ao seu encontro foram todas as pessoas que estacionavam no largo de Santa Christina, afim de darem aos illustres hospedes as mais affectuosas boas-vindas.

Posto o cortejo em marcha, dirigiram-se para os salões do Monte-Pio, a essa hora já repletos de senhoras e cavalheiros, tendo logar uma sessão solemne a que presidiu o regente da Tuna, sr. Mantua, distincto alumno da Escola Polytechnica, secretariado por dois estudantes do nosso lyceu.

Fizeram uso da palavra saudando em phrases quentes e enthusiastas, os srs. Antonio Pires e Almeida Henriques, dos estudantes da Universidade, Mario Sá Chaves, pelos alumnos do lyceu, e Alberto Sampaio pelos artistas.

José Branquinho saudou os nossos hospedes em magnificos versos da sua lavra.

A todos respondeu o sympathico presidente da Tuna, que, embora visivelmente fatigado, teve lindas e primorosas phrases no seu rapido improviso.

A' noite teve logar o *sarau* que, principiando ás 10 horas da noite se prolongou até ás 2 e meia da madrugada, sendo sempre os rapazes enthusiasticamente applaudidos.

Foram-lhes offerecidos dois formosos *bouquets*: um pelos estudantes dos cursos superiores, naturaes de Vizeu; outro pelos estudantes do lyceu de Vizeu.

(**O Commercio de Vizeu**, XVI Ano, N.º 1636, de 27 de Março de 1902, p. 3)

Os Tunos

Como dissémos, chegou na terça feira de tarde a esta cidade a *Tuna* da Escola Polytechnica de Lisboa.

A tarde de uma serenidade acariciadora e illuminada suavemente por um lindo sol doirado, fez com que o Largo de Santa Christina e a estrada de Mangualde, até ao pinhal da Via Sacra, se enchessem de gente, tendo assim os sympathicos academicos uma recepção festiva e bizarra.

Na sessão solemne, que se effectuou no Monte Pio, fizeram uso da palavra os srs Antonio Pires, em termos francamente revolucionarios e anti-jesuiticos; Almeida Henriques, enaltecendo a solidariedade academica; José Branquinho lendo vibrantes versos; o regente da *Tuna*, sr. Mantua, agradecendo a recepção e palavras vibrantes com que elle e os seus camaradas de Lisboa eram recebidos; Mario Sà Chaves, que lhe deu as boas vindas em nome dos estudantes do nosso lyceu; e Alberto Sampaio, que fallou em nome da classe operaria.

A' 10 horas da noite principiou o sarau no Theatro Viriato, terminando perto das 2 horas da madrugada, sempre no meio de grande enthusiasmo e applausos.

O theatro estava cheio.

Aos *tunos* foram offerecidos 2 lindos *bouquets*: um pelos estudantes vizienses dos cursos superiores e outro pelos estudantes do lyceu

×

Os academicos de Lisboa retiraram no comboio de quarta feira para a capital.

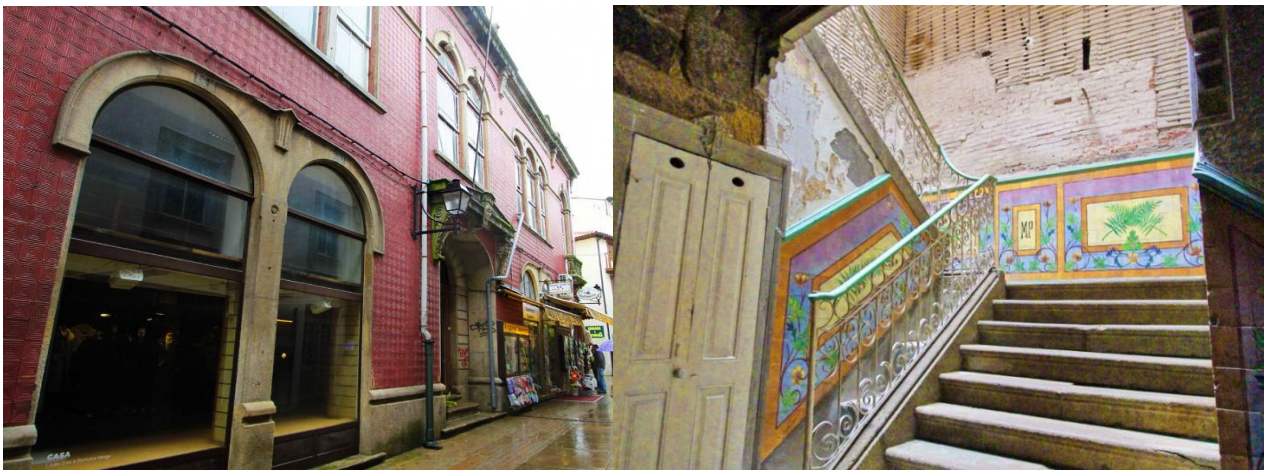
Não foram como tinham annunciado, aos Paços do Concelho; nem cumprimentaram o chefe do districto nem administrador do concelho.

(**O Districto de Vizeu**, Ano XIII, N.º 1261, de 28 de Março de 1902, p. 2)

Vizeu, 27.—C.—Como disse hontem em telegramma, seguiu para Lisboa a tuna academica da Polytechnica, depois de ter dado um sarau no theatro Viriato, que correu muito animado, terminando depois das duas horas da madrugada. Os estudantes vinham muito moidos e constipados da longa jornada e intenso frio que apanharam na Guarda.

Muitos, além de fortemente constipados, iam bastante roucos. Alguns ficaram e tencionam demorar-se alguns dias.

(**O Século**, 22.º Ano, N.º 7269, de 29 de Março de 1902, p. 2)



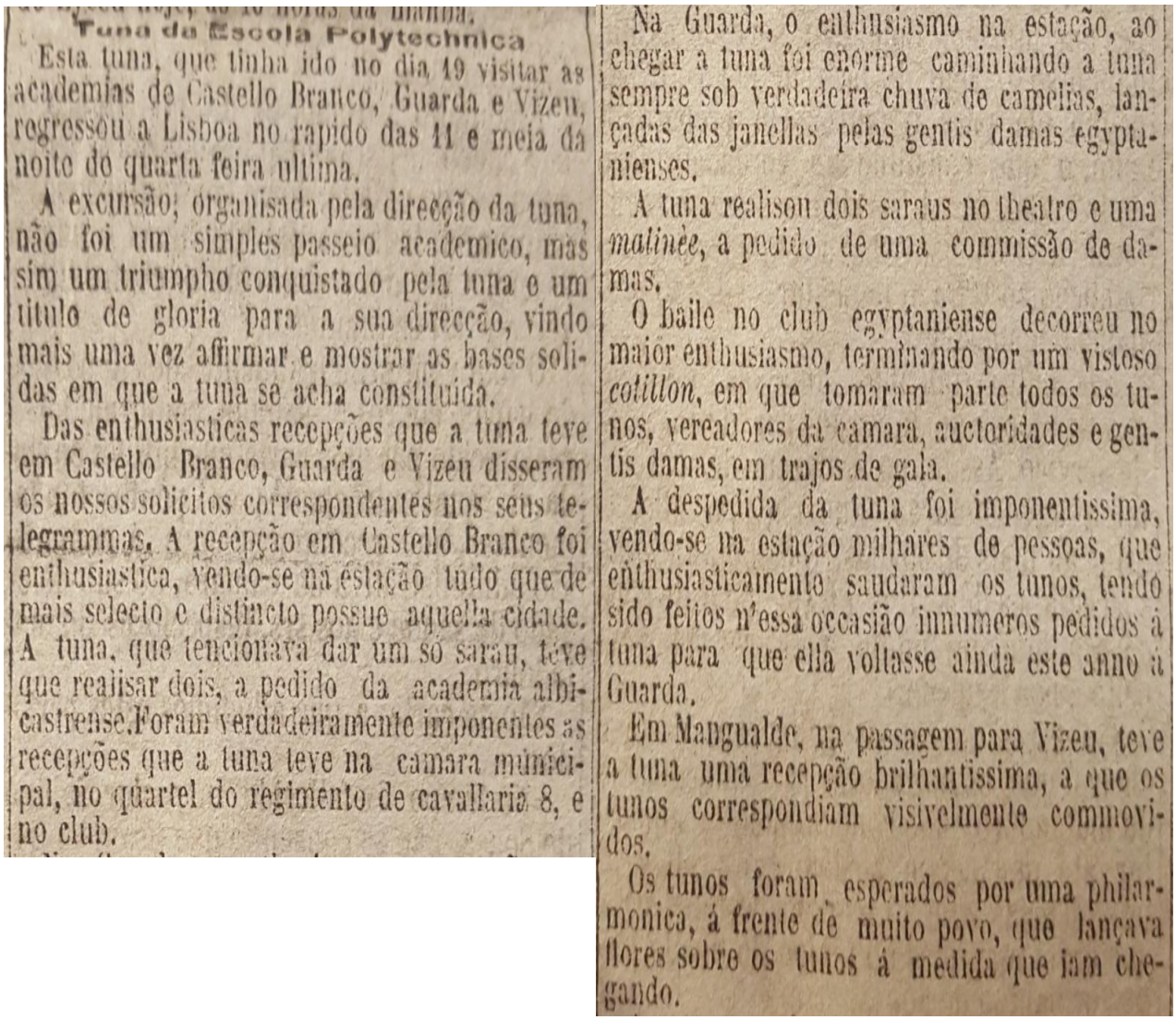
O antigo *Monte-Pio Viseense* que, depois, se tornou sede do Orfeão de Viseu.

O Teatro Viriato de Viseu, em foto antiga.
(Foto Germano)

A digressão saldou-se, pois, por um estrondoso sucesso, sendo os tunos recebidos em Lisboa, na Estação do Rossio, por muitos alunos da Escola Politécnica e, depois, dirigindo-se em cortejo para a sede onde se realizou uma sessão solene.

> *"Esta, apenas chegou, dirigiu-se à sua sede, onde a esperava uma surpreza que os seus collegas, que não tiveram a ventura de os acompanhar, lhes tinham reservado.*
> *A sede estava artistica e lindamente ornamentada com bandeira, verdura e flores, gentilmente cedidas pela Sociedade de Geographia e Camara Municipal. Após a chegada da tuna realisou-se uma sessão solemne, em que usaram da palavra os srs. Lino das Neves presidente da tuna; Severim de Moraes, Feio Quaresma, Manzoni Sequeira, Couto Nogueira, João Bastos, Alfredo Mantua, Ressano Garcia e Ramos da Costa.*

Em seguida, foi inaugurado um magnifico retrato do presidente da tuna, sr. Linos das Neves, primorosamente desenhado pelso srs. Vidal e Fonseca.
A tuna, n'essa occasião, tocou o hymno academico, sendo levantados innumeros vivas á tuna, ao seu presidente, etc.
Foi esta uma agradavel surpreza, que os seus collegas ausentes lhe proporcionaram e que bem alto attesta a fraternidade e a amisade que unem todos os alumnos da Polytechcnica.
Este passeio da tuna deixará indeleveis recordações, não só aos tunos como ás academias de Castello Branco, Guarda e Vizeu.
São de incontestavel valor as fitas de seda que as tres academias offereceram ao magnifico estandarte da tuna."[46]



Tuna da Escola Polytechnica

Esta tuna, que tinha ido no dia 19 visitar as academias de Castello Branco, Guarda e Vizeu, regressou a Lisboa no rapido das 11 e meia da noite de quarta feira ultima.

A excursão, organisada pela direcção da tuna, não foi um simples passeio academico, mas sim um triumpho conquistado pela tuna e um titulo de gloria para a sua direcção, vindo mais uma vez affirmar e mostrar as bases solidas em que a tuna se acha constituida.

Das enthusiasticas recepções que a tuna teve em Castello Branco, Guarda e Vizeu disseram os nossos solicitos correspondentes nos seus telegrammas. A recepção em Castello Branco foi enthusiastica, vendo-se na estação tudo que de mais selecto e distincto possue aquella cidade. A tuna, que tencionara dar um só sarau, teve que realisar dois, a pedido da academia albicastrense. Foram verdadeiramente imponentes as recepções que a tuna teve na camara municipal, no quartel do regimento de cavallaria 8, e no club.

Na Guarda, o enthusiasmo na estação, ao chegar a tuna foi enorme caminhando a tuna sempre sob verdadeira chuva de camelias, lançadas das janellas pelas gentis damas egyptanienses.

A tuna realisou dois saraus no theatro e uma *matinée*, a pedido de uma commissão de damas.

O baile no club egyptaniense decorreu no maior enthusiasmo, terminando por um vistoso *cotillon*, em que tomaram parte todos os tunos, vereadores da camara, auctoridades e gentis damas, em trajos de gala.

A despedida da tuna foi imponentissima, vendo-se na estação milhares de pessoas, que enthusiasticamente saudaram os tunos, tendo sido feitos n'essa occasião innumeros pedidos á tuna para que ella voltasse ainda este anno á Guarda.

Em Mangualde, na passagem para Vizeu, teve a tuna uma recepção brilhantissima, a que os tunos correspondiam visivelmente commovidos.

Os tunos foram esperados por uma philarmonica, á frente de muito povo, que lançava flores sobre os tunos á medida que iam chegando.

(**O Século**, 22.º Ano, N.º 7269, de 29 de Março de 1902, p. 2)

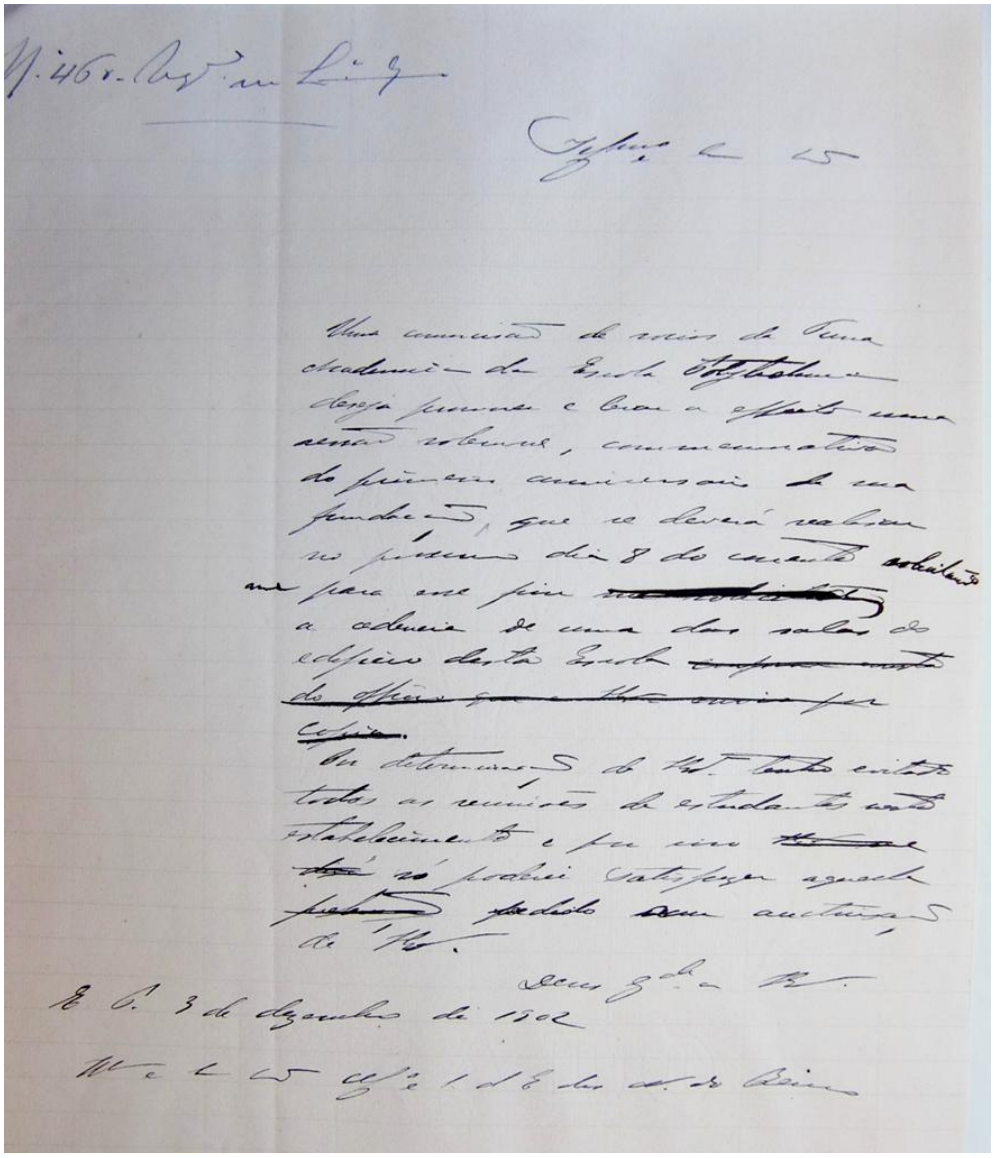
[46] **O Século**, 22.º Ano, N.º 7269, de 29 de Março de 1902, p. 2

Corpos Sociais

No mês seguinte, mais precisamente a 20 de Abril, ocorre a eleição dos corpos sociais da tuna, os quais ficaram assim compostos: *Raúl Pereira* (Presidente), *Jayme Pereira* (Secretário), *Apparício Palma* (Tesoureiro). Quanto à Direcção artística (dramática e musical), a mesma ficou composta por *João Bastos*, *Ressano Garcia*, *Hermano Neves*, *Mello Abreu*, *Tamagnini Barbosa* e *Fernando Cabral*; sendo regente *Alfredo Mântua*.

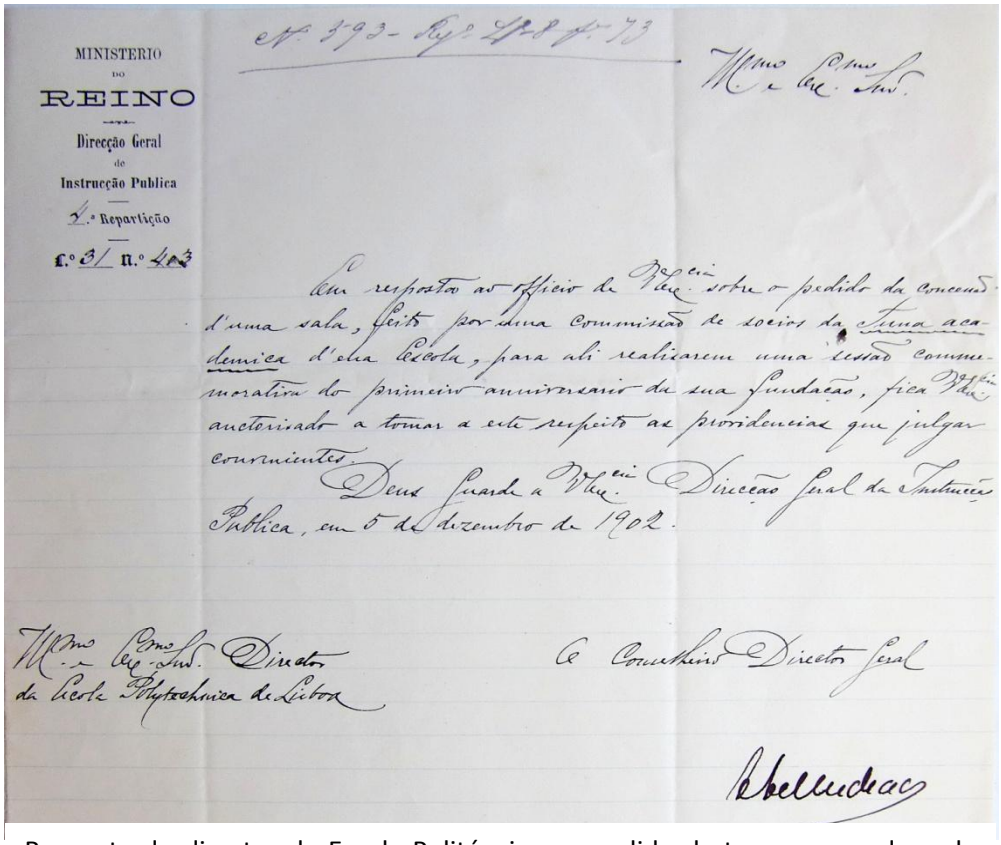
Sessão Solene do 1.º aniversário

Temos notícia de que a tuna pretende realizar uma sessão solene evocativa da sua fundação (8 de Dezembro), para tal dirigindo ao Director da Escola o devido pedido e convite e sabendo-se que foram destacados 2 guardas municipais para assegurar o bom decorrer dos festejos.



Nota interna sobre o desejo da Tuna da Politécnica celebrar o seu 1º aniversário, datada de 3 de Dezembro de 1902.

(Arquivo da antiga Escola Politécnica de Lisboa, 2010)



MINISTERIO DO REINO
Direcção Geral de Instrucção Publica
4.ª Repartição
L.º 31 N.º 403

Nº 593 - Reg.º L.º 8 f.º 73

Illmo e Exmo Snr.

Em resposta ao officio de V. Exc.ia sobre o pedido da concessão d'uma sala, feito por uma commissão de socios da Tuna academica d'essa Escola, para ali realizarem uma sessão commemorativa do primeiro anniversario da sua fundação, fica V. Exc.ia auctorisado a tomar a este respeito as providencias que julgar convenientes.

Deus guarde a V. Exc.ia Direcção Geral da Instrucção Publica, em 5 de dezembro de 1902.

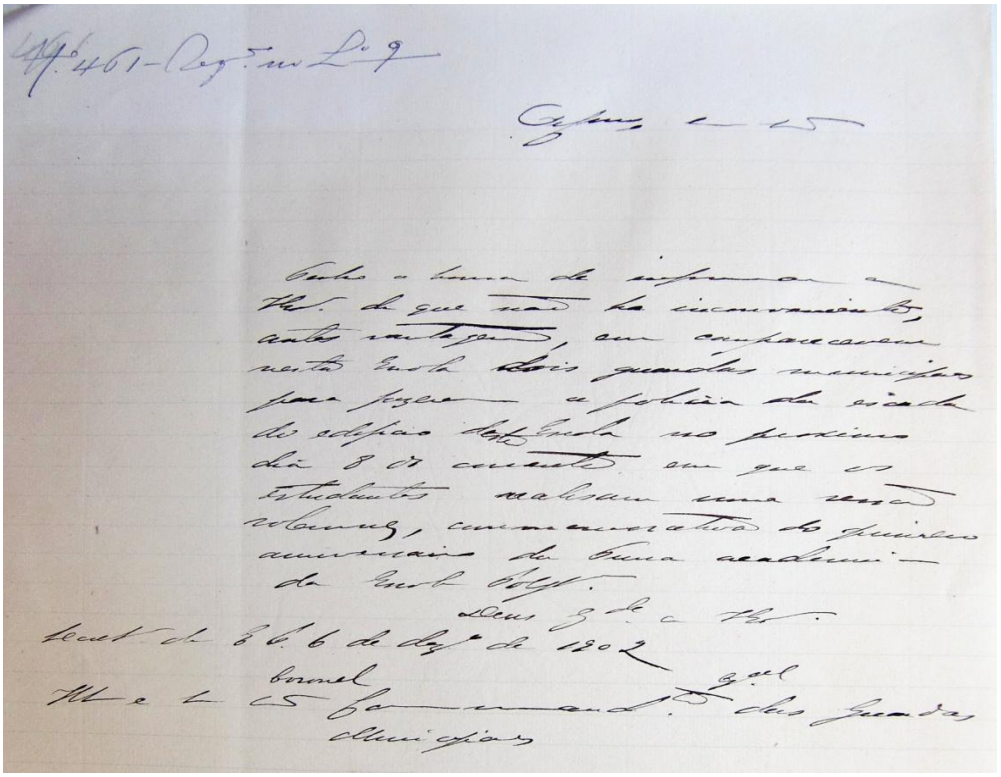
Illmo e Exmo Snr. Director da Escola Polytechnica de Lisboa

O Conselheiro Director Geral

Abelleira

Resposta do director da Escola Politécnica ao pedido da tuna para ceder sala para comemorar 1º aniversário, datada de 5 de Dezembro de1902

(Arquivo da antiga Escola Politécnica de Lisboa, 2010)



Nº 461 - Reg.º no L.º 9

Cumpra-se

Tenho a honra de informar a V. Exc.ª de que não ha inconveniente, antes vantagem, em comparecerem nesta Escola dois guardas municipaes para fazerem a policia da escada do edificio desta Escola no proximo dia 8 do corrente em que os estudantes realisam uma sessão solemne, commemorativa do primeiro anniversario da Tuna academica da Escola Polyt.

Deus g.de a V. Exc.ª

Secret. de E. C. 6 de dez.º de 1902

Coronel

Ill.mo e Ex.mo Snr. Commandante Gral das Guardas Municipaes

Informação sobre presença de 2 guardas municipais para cerimónia do 1º aniversário da Tuna da Politécnica, 6 Dezembro 1902

(Arquivo da antiga Escola Politécnica de Lisboa, 2010)

Em Évora (20 e 21 de Dezembro)

Chegados a Dezembro, os periódicos dizem-nos[47] que a **Tuna da Escola Politécnica** está em Évora (para dar 2 saraus), percorrendo, no dia 19, as ruas da cidade (junto com a Tuna Académica do Liceu de Évora) e com discursos à porta do Hotel Eborense (onde estavam hospedados os tunos lisboetas).

No dia 20, houve sarau, no teatro da cidade (*Theatro Garcia de Rezende*) e, no da seguinte (21), os tunos foram cumprimentar as autoridades civis, militares e eclesiásticas (sendo recebidos pelo arcebispo da cidade, bem como no Liceu e na Sociedade Eborense). Os tunos foram ainda visitados, no seu hotel, pela Tuna Joaquim António d'Aguiar, realizando-se, nessa noite, novo sarau.

Temos também uma informação curiosa que nos diz que, em Lisboa, vários estudantes da Escola Politécnica (num total de 148 -muitos deles membros da própria tuna que ficaram na capital) subscreveram um abaixo-assinado (com data de dia 20) onde declaram que nem a tuna nem qualquer agrupamento "por si eleito" representam, para efeito algum, nos seus actos, a opinião colectiva dos alunos da escola, sendo apenas atribuíveis individualmente aos proprios.

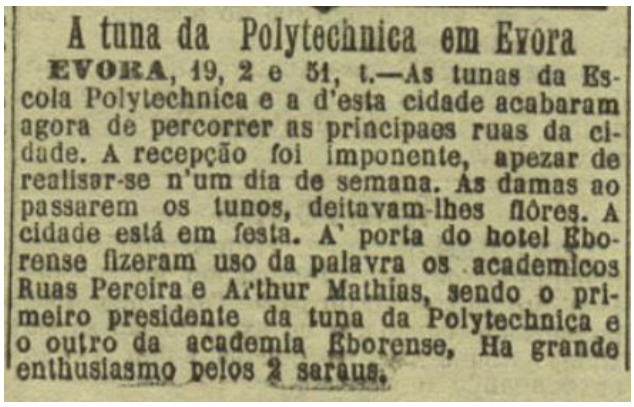
Tal deveu-se, ao que tudo indica[48], ao facto de ter sido pedido a El-Rei dispensa de faltas para os tunos, o que motivou forte contestação dos alunos republicanos, os quais chegaram a lançar boatos (que chegaram a Évora), que acusavam os tunos de não serem alunos sequer.

Seja como for, no dia 22 de Dezembro a tuna regressa a Lisboa, depois de ter sido muito aplaudida no concertos que deu.

O Teatro Garcia de Resende, em Évora, ca. 1900.
(Bilhete-Postal Ilustrado, *ca*. 1920)

[47] **Vanguarda,** VII Ano (XII), N.º 2202 (5055), de 20 de Dezembro de 1902, p. 2, N.º 2203 (50556), de 21 de Dezembro de 1902, p. 2, N.º 2204 (50557), de 22 de Dezembro de 1902, p. 3 e N.º 2205 (50558), de 23 de Dezembro de 1902, p. 2; **O Tempo**, 7.º Ano, N.º 1914, de 23 de Dezembro de 1902, p.2 (jornal que noticia, igualmente, a presença da Tuna do Liceu de Lisboa em Faro e a Tuna do Instituto Industrial de Lisboa em Torres Novas) e **Alma Portuguesa**, N.º Comemorativo, Abril 1905, p. 2.

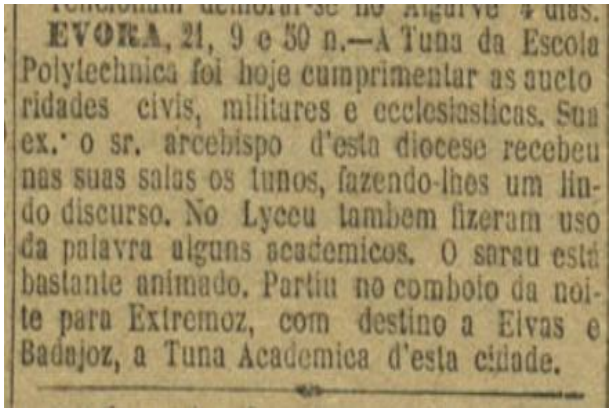
[48] Vd. Resenha histórica do jornal "O Académico", constante na Hermeroteca Digital de Lisboa [Em linha], com consulta de 5-8-2021.



A tuna da Polytechnica em Evora

EVORA, 19, 2 e 51, t.—As tunas da Escola Polytechnica e a d'esta cidade acabaram agora de percorrer as principaes ruas da cidade. A recepção foi imponente, apezar de realisar-se n'um dia de semana. As damas ao passarem os tunos, deitavam-lhes flôres. A cidade está em festa. A' porta do hotel Eborense fizeram uso da palavra os academicos Ruas Pereira e Arthur Mathias, sendo o primeiro presidente da tuna da Polytechnica e o outro da academia Eborense. Ha grande enthusiasmo pelos 2 saraus.

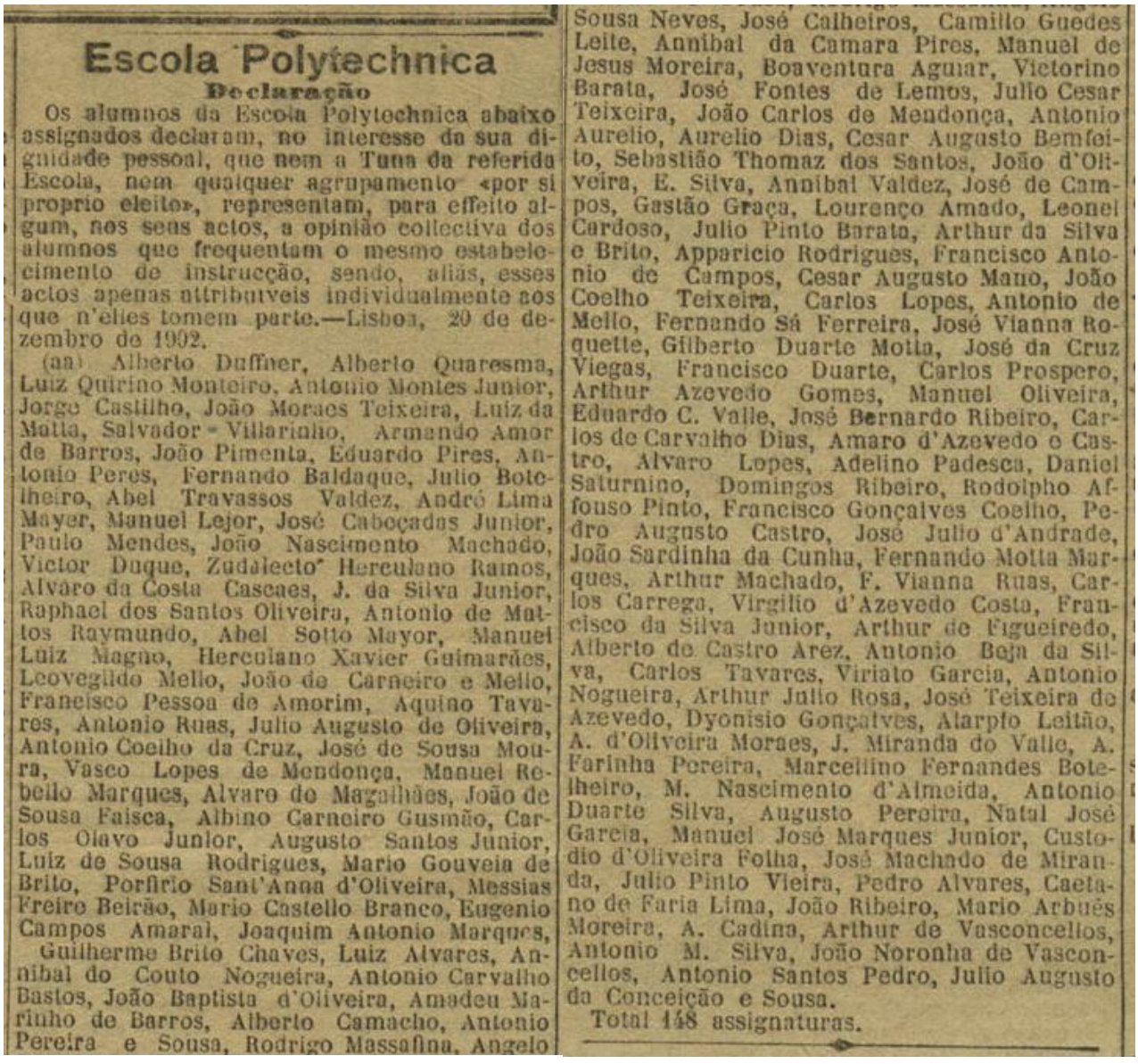
(**Vanguarda**, N.º 2202, de 20 de Dezembro de 1902, p. 2)



EVORA, 21, 9 e 30 n.—A Tuna da Escola Polytechnica foi hoje cumprimentar as auctoridades civis, militares e ecclesiasticas. Sua ex.ª o sr. arcebispo d'esta diocese recebeu nas suas salas os tunos, fazendo-lhes um lindo discurso. No Lyceu tambem fizeram uso da palavra alguns academicos. O sarau está bastante animado. Partiu no comboio da noite para Extremoz, com destino a Elvas e Badajoz, a Tuna Academica d'esta cidade.

Notícia da TAEPL em Évora e da digressão da TALE a Extremoz, Elvas e Badajoz.

(**Vanguarda**, N.º 2203, de 21 de Dezembro de 1902, p. 4)



Escola Polytechnica

Declaração

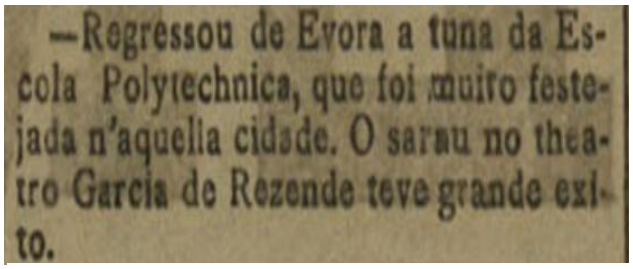
Os alumnos da Escola Polytechnica abaixo assignados declaram, no interesse da sua dignidade pessoal, que nem a Tuna da referida Escola, nem qualquer agrupamento «por si proprio eleito», representam, para effeito algum, nos seus actos, a opinião collectiva dos alumnos que frequentam o mesmo estabelecimento de instrucção, sendo, aliás, esses actos apenas attribuiveis individualmente aos que n'elles tomem parte.—Lisboa, 20 de dezembro de 1902.

(aa) Alberto Duffner, Alberto Quaresma, Luiz Quirino Monteiro, Antonio Montes Junior, Jorge Castilho, João Moraes Teixeira, Luiz da Matta, Salvador - Villarinho, Armando Amor de Barros, João Pimenta, Eduardo Pires, Antonio Peres, Fernando Baldaque, Julio Botelheiro, Abel Travassos Valdez, André Lima Mayer, Manuel Lejor, José Caboçadas Junior, Paulo Mendes, João Nascimento Machado, Victor Duque, Zudaiecto Herculano Ramos, Alvaro da Costa Cascaes, J. da Silva Junior, Raphael dos Santos Oliveira, Antonio de Mattos Raymundo, Abel Sotto Mayor, Manuel Luiz Magno, Herculano Xavier Guimarães, Leovegildo Mello, João de Carneiro e Mello, Francisco Pessoa de Amorim, Aquino Tavares, Antonio Ruas, Julio Augusto de Oliveira, Antonio Coelho da Cruz, José de Sousa Moura, Vasco Lopes de Mendonça, Manuel Rebello Marques, Alvaro de Magalhães, João de Sousa Faisca, Albino Carneiro Gusmão, Carlos Olavo Junior, Augusto Santos Junior, Luiz de Sousa Rodrigues, Mario Gouveia de Brito, Porfirio Sant'Anna d'Oliveira, Messias Freire Beirão, Mario Castello Branco, Eugenio Campos Amaral, Joaquim Antonio Marques, Guilherme Brito Chaves, Luiz Alvares, Annibal do Couto Nogueira, Antonio Carvalho Bastos, João Baptista d'Oliveira, Amadeu Marinho de Barros, Alberto Camacho, Antonio Pereira e Sousa, Rodrigo Massaflna, Angelo Sousa Neves, José Calheiros, Camillo Guedes Leite, Annibal da Camara Pires, Manuel de Jesus Moreira, Boaventura Aguiar, Victorino Barata, José Fontes de Lemos, Julio Cesar Teixeira, João Carlos de Mendonça, Antonio Aurelio, Aurelio Dias, Cesar Augusto Bemfeito, Sebastião Thomaz dos Santos, João d'Oliveira, E. Silva, Annibal Valdez, José de Campos, Gastão Graça, Lourenço Amado, Leonel Cardoso, Julio Pinto Barata, Arthur da Silva e Brito, Apparicio Rodrigues, Francisco Antonio de Campos, Cesar Augusto Mano, João Coelho Teixeira, Carlos Lopes, Antonio de Mello, Fernando Sá Ferreira, José Vianna Roquette, Gilberto Duarte Motta, José da Cruz Viegas, Francisco Duarte, Carlos Prospero, Arthur Azevedo Gomes, Manuel Oliveira, Eduardo C. Valle, José Bernardo Ribeiro, Carlos de Carvalho Dias, Amaro d'Azevedo e Castro, Alvaro Lopes, Adelino Padesca, Daniel Saturnino, Domingos Ribeiro, Rodolpho Affonso Pinto, Francisco Gonçalves Coelho, Pedro Augusto Castro, José Julio d'Andrade, João Sardinha da Cunha, Fernando Motta Marques, Arthur Machado, F. Vianna Ruas, Carlos Carrega, Virgilio d'Azevedo Costa, Francisco da Silva Junior, Arthur de Figueiredo, Alberto de Castro Arez, Antonio Beja da Silva, Carlos Tavares, Viriato Garcia, Antonio Nogueira, Arthur Julio Rosa, José Teixeira de Azevedo, Dyonisio Gonçalves, Alarpio Leitão, A. d'Oliveira Moraes, J. Miranda do Valle, A. Farinha Pereira, Marcellino Fernandes Botelheiro, M. Nascimento d'Almeida, Antonio Duarte Silva, Augusto Pereira, Natal José Garcia, Manuel José Marques Junior, Custodio d'Oliveira Folha, José Machado de Miranda, Julio Pinto Vieira, Pedro Alvares, Caetano de Faria Lima, João Ribeiro, Mario Arbués Moreira, A. Cadina, Arthur de Vasconcellos, Antonio M. Silva, João Noronha de Vasconcellos, Antonio Santos Pedro, Julio Augusto da Conceição e Sousa.

Total 148 assignaturas.

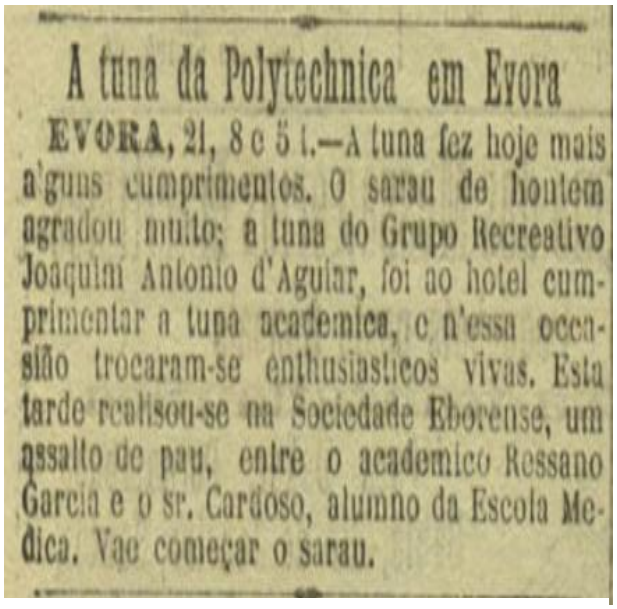
(**Vanguarda**, N.º 2203, de 21 de Dezembro de 1902, p. 2)

A Tuna Joaquim António Aguiar (Évora), *ca* 1902 (esq) e Tuna Académica do Liceu de Évora, em 1903 (dir).
(ZACARIAS, Adília; MENDES, Isilda - **Tuna Académica do Liceu de Évora, 100 Anos de histórias e tradições**. TALE, 2012, p. 73 e 82)



—Regressou de Evora a tuna da Escola Polytechnica, que foi muito festejada n'aquella cidade. O sarau no theatro Garcia de Rezende teve grande exito.

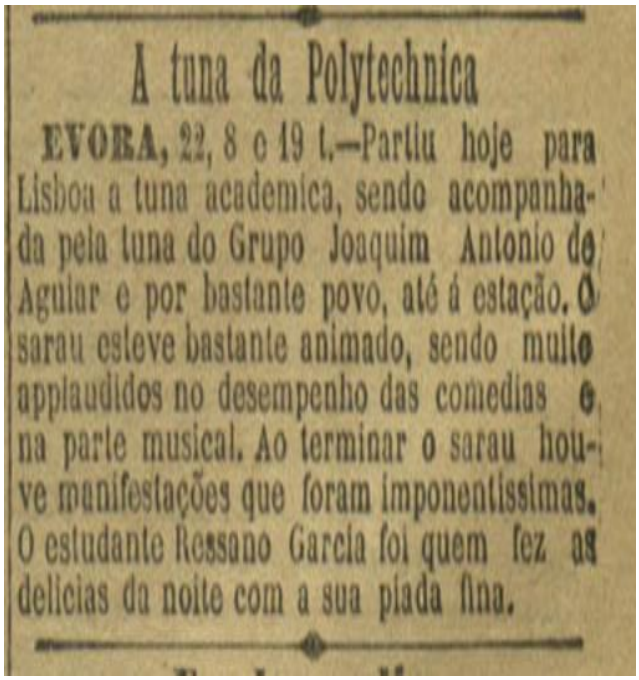
(**Tempo**, N.º 1914, de 23 de Dezembro de 1902, p. 2)



A tuna da Polytechnica em Evora

EVORA, 21, 8 e 5 t.—A tuna fez hoje mais alguns cumprimentos. O sarau de hontem agradou muito; a tuna do Grupo Recreativo Joaquim Antonio d'Aguiar, foi ao hotel cumprimentar a tuna academica, e n'essa occasião trocaram-se enthusiasticos vivas. Esta tarde realisou-se na Sociedade Eborense, um assalto de pau, entre o academico Rossano Garcia e o sr. Cardoso, alumno da Escola Medica. Vae começar o sarau.

(**Vanguarda**, N.º 2204, de 22 de Dezembro de 1902, p. 3)



A tuna da Polytechnica

EVORA, 22, 8 e 19 t.—Partiu hoje para Lisboa a tuna academica, sendo acompanhada pela tuna do Grupo Joaquim Antonio de Aguiar e por bastante povo, até á estação. O sarau esteve bastante animado, sendo muito applaudidos no desempenho das comedias e na parte musical. Ao terminar o sarau houve manifestações que foram imponentissimas. O estudante Rossano Garcia foi quem fez as delicias da noite com a sua piada fina.

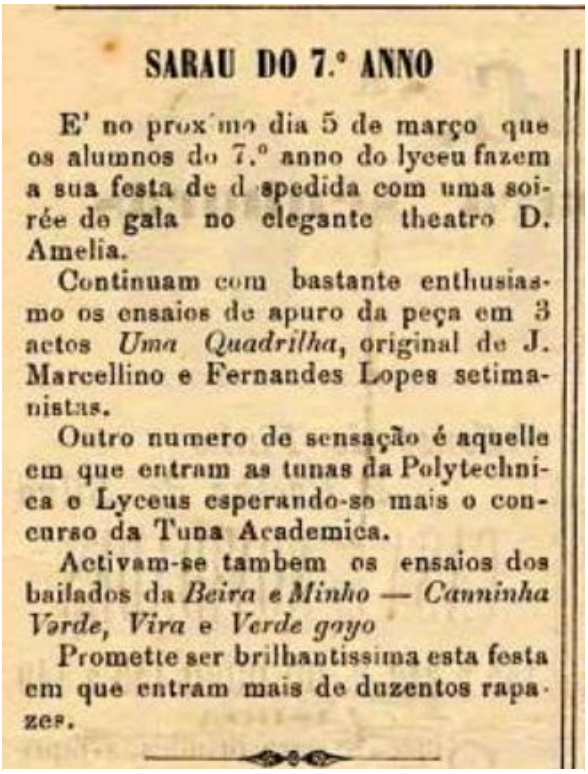
(**Vanguarda**, N.º 2205, de 23 de Dezembro de 1902, p. 2)

Sala do Teatro Garcia de Resende (Évora)

Ano de 1903

Sarau no Liceu de Lisboa

Em Março, dia 5, há, no Teatro D. Amélia, festa dos estudantes do 7.º ano do Liceu de Lisboa, em cujo espectáculo tomam parte a **TAEPL**, a Tuna do Liceu e a TAL[49].



SARAU DO 7.º ANNO

E' no proximo dia 5 de março que os alumnos do 7.º anno do lyceu fazem a sua festa de despedida com uma soirée de gala no elegante theatro D. Amelia.

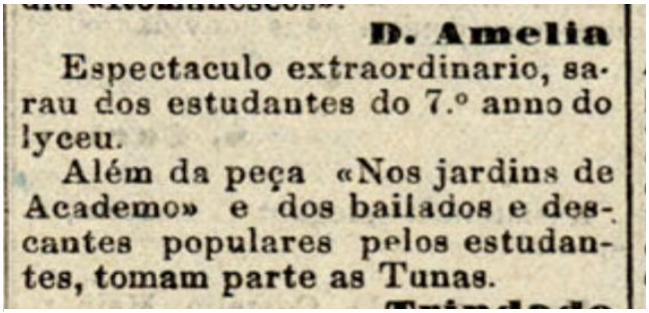
Continuam com bastante enthusiasmo os ensaios de apuro da peça em 3 actos *Uma Quadrilha*, original de J. Marcellino e Fernandes Lopes setimanistas.

Outro numero de sensação é aquelle em que entram as tunas da Polytechnica e Lyceus esperando-se mais o concurso da Tuna Academica.

Activam-se tambem os ensaios dos bailados da *Beira e Minho — Caninha Verde, Vira* e *Verde gayo*

Promette ser brilhantissima esta festa em que entram mais de duzentos rapazes.

(**Tempo**, N.º 1914, de 23 de Dezembro de 1902, p. 2)



D. Amelia

Espectaculo extraordinario, sarau dos estudantes do 7.º anno do lyceu.

Além da peça «Nos jardins de Academo» e dos bailados e descantes populares pelos estudantes, tomam parte as Tunas.

(**Diário Illustrado**, 32.º Ano, N.º 10778, de 05 de Março de 1903, p. 2.)

Theatros e circos

NOTICIAS E RECLAMOS

D. Amelia—Succedem-se os espectaculos de attração no D. Amelia; hoje é o sarau academico com o concurso das tunas. Amanhã reapparece a peça comica «Pouca Sorte» (La Carotte) e representa-se a «Ceia dos cardeaes» pelos artistas João Rosa, Eduardo Brazão e Augusto Rosa.

(**Vanguarda** N.º 2275, de 05 de Março de 1903, p. 3)

Jogos Florais

Encontrámos um desenho da **TAEPL**, inserida numa ampla gravura relativa aos jogos florais da Escola Politécnica[50].

Não temos mais dados sobre o assunto, mas recordemos que o Carnaval era profusamente celebrado pelos alunos daquela instituição (havendo, aliás, diversos clichés sobre essas festas carnavalescas)[51].

A curiosidade, neste caso, é que se trata, à data, do único desenho desta tuna que se encontrou e a sua primeira representação iconográfica.

[49] **Correio Nacional**, Ano XI, N.º 2997, de 05 de Março de 1903, p.3; **O Académico**, Ano II, N.º 7, de 01 de Março de 1903, p. 3; **Vanguarda** VIII (XIII) Ano, N.º 2275 (5128), de 05 de Março de 1903, p. 3. e **Diário Illustrado**, 32.º Ano, N.º 10778, de 05 de Março de 1903, p. 2.

[50] **Illustração Portugueza**, 1.º Ano, N.º 20, de 21 de Março de 1903, p. 316.

[51] Que se podem encontrar no Arquivo Municipal de Lisboa.

OS JOGOS FLORAES NA ESCOLA POLYTECHNICA, EM 13 DE MARÇO

Fizeram jogos floraes os alumnos da Polytechnica. Não lhes faltou nem a musa nem as flôres, nem mesmo uma rainha para a sua festa, uma rainha que foi eleita e teve um ephemero throno d'algumas horas. O auctor dos versos classificados em primeiro logar foi quem escolheu a soberana d'essa sessão, que, como na edade media, devia premiar os trovadores. A poesia que teve as honras de primeira chamava-se *O som d'um violino* e era do sr. Diogo Reis, que escolheu para rainha da festa a s.ª D. Alice Carrilho. Leram-se depois as outras peças premiadas intituladas *O ultimo amôr* original do estudante Hermano Neves e *Esperança* do sr. Luiz Monteiro, tendo os poetas escolhido para damas da rainha da festa as sr.as D. Leonor Tavares e D. Maria Mimoso.

Aquella festa, a que as longas capas davam um tom antigo, recorda um passado no qual a galanteria andava ao lado da bravura. O menestrel era por essa razão um cavalleiro, um arrnaceiro como Camões, como Bocage, que guardavam na alma a tradição emquanto nos cerebros lhes ardia o genio. Os jogos floraes não tiveram ainda assim grande voga em Portugal, terra de poetas por excellencia. O *omeiro*, com as suas barrigadas de doces e com os seus motes apaixonados, substituiu-os no emtanto com vantagem. Ficaram celebres os de Odivellas que geraram poetas, os de Santa Clara que deram tragedias.

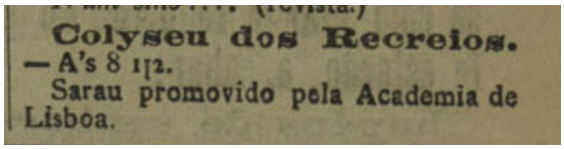
Na Provença, terra de luz como a nossa e como ella, terra de poetas, fizeram-se ha seculos os jogos floraes que mais nenhum paiz adoptou por muito tempo.

Deve dizer-se no emtanto que a festa da Polytechnica, n'este tempo de positivismo, tem o valor da recordação historica e sobretudo tem a bella qualidade de revelar vocações poeticas.

(**Illustração Portugueza**, 1.º Ano, N.º 20, de 21 de Março de 1903, p. 316.)

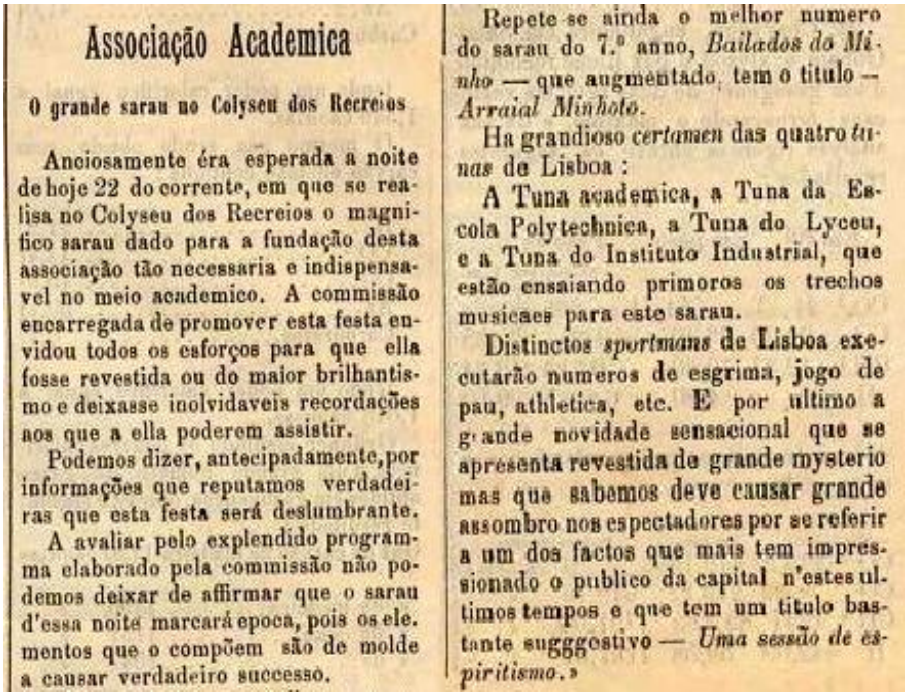
Sarau da Associação Académica de Lisboa

Depois, a 22 de Março, há um grande sarau, no Coliseu dos Recreios, organizado pela recentemente criada Associação Académica de Lisboa, e (cujas receitas são para sustento da mesma. No sarau (designado de "certamen") tomam parte 4 tunas da capital: A Tuna Académica de Lisboa (TAL), a Tuna do Lyceu, a Tuna do Instituto Industrial e a nossa a **Tuna da Escola Politécnica**[52].



Colyseu dos Recreios.
— A's 8 1[2.
Sarau promovido pela Academia de Lisboa.

(**Tempo**, N.º 1983, de 22 de Março de 1903, p. 3)



Associação Academica

O grande sarau no Colyseu dos Recreios

Anciosamente éra esperada a noite de hoje 22 do corrente, em que se realisa no Colyseu dos Recreios o magnifico sarau dado para a fundação desta associação tão necessaria e indispensavel no meio academico. A commissão encarregada de promover esta festa envidou todos os esforços para que ella fosse revestida ou do maior brilhantismo e deixasse inolvidaveis recordações aos que a ella poderem assistir.

Podemos dizer, antecipadamente, por informações que reputamos verdadeiras que esta festa será deslumbrante.

A avaliar pelo explendido programma elaborado pela commissão não podemos deixar de affirmar que o sarau d'essa noite marcará epoca, pois os elementos que o compõem são de molde a causar verdadeiro successo.

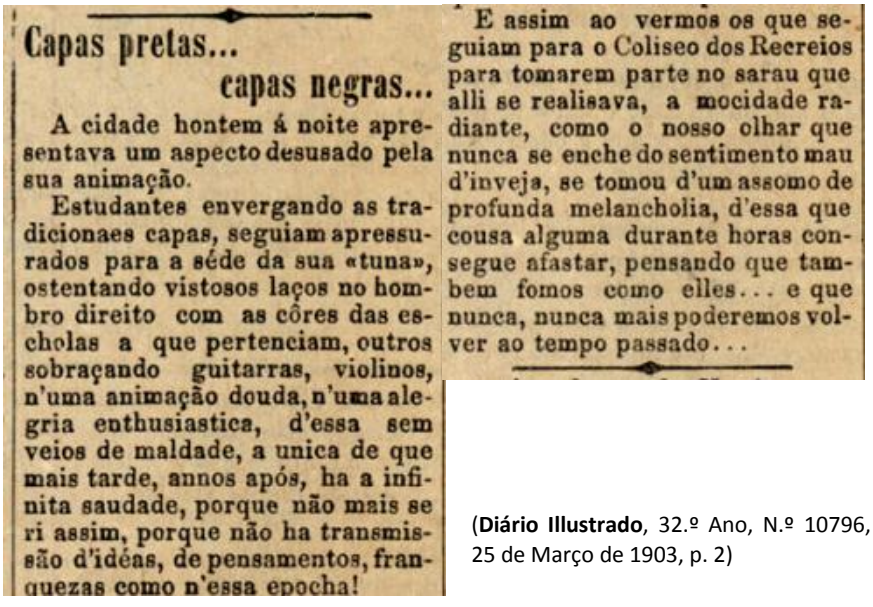
Repete-se ainda o melhor numero do sarau do 7.º anno, *Bailados do Minho* — que augmentado, tem o titulo — *Arraial Minhoto*.

Ha grandioso *certamen* das quatro *tunas* de Lisboa:

A Tuna academica, a Tuna da Escola Polytechnica, a Tuna do Lyceu, e a Tuna do Instituto Industrial, que estão ensaiando primorosos trechos musicaes para este sarau.

Distinctos *sportmans* de Lisboa executarão numeros de esgrima, jogo de pau, athletica, etc. E por ultimo a grande novidade sensacional que se apresenta revestida de grande mysterio mas que sabemos deve causar grande assombro nos espectadores por se referir a um dos factos que mais tem impressionado o publico da capital n'estes ultimos tempos e que tem um titulo bastante suggestivo — *Uma sessão de espiritismo*.»

(**O Académico**, Anno II, N.º8, de 22 de Março de 1903, p.1)



Capas pretas... capas negras...

A cidade hontem á noite apresentava um aspecto desusado pela sua animação.

Estudantes envergando as tradicionaes capas, seguiam apressurados para a séde da sua «tuna», ostentando vistosos laços no hombro direito com as côres das escholas a que pertenciam, outros sobraçando guitarras, violinos, n'uma animação douda, n'uma alegria enthusiastica, d'essa sem veios de maldade, a unica de que mais tarde, annos após, ha a infinita saudade, porque não mais se ri assim, porque não ha transmissão d'idéas, de pensamentos, franquezas como n'essa epocha!

E assim ao vermos os que seguiam para o Coliseo dos Recreios para tomarem parte no sarau que alli se realisava, a mocidade radiante, como o nosso olhar que nunca se enche do sentimento mau d'inveja, se tomou d'um assomo de profunda melancholia, d'essa que cousa alguma durante horas consegue afastar, pensando que tambem fomos como elles... e que nunca, nunca mais poderemos volver ao tempo passado...

(**Diário Illustrado**, 32.º Ano, N.º 10796, de 25 de Março de 1903, p. 2)

[52] **O Académico**, N.º 8, de 22 de Março de 1903, p.1; **Tempo**, 8.º Ano, N.º 1983, de 22 de Março de 1903, p. 3 e **Diário Illustrado**, 32.º Ano, N.º 10796, de 25 de Março de 1903, p. 2.

Digressão à Galiza (11 a 17 de Abril)

É anunciado num jornal espanhol, ainda em Março[53], que a *Tuna Académica de Lisboa* - que, na verdade é a **Tuna da Escola Politécnica** - marcará presença na Corunha, na Páscoa, nomeadamente em Santiago de Compostela (onde é esperada a sua chegada a 11 de Abril) e se noticia que o Reitor da Universidade até já mandou afixar anúncio, para informar (e mobilizar) os escolares.[54].

É pois, em Abril que tal digressão ocorre, sendo que a **TAEPL** (apresentada pelo periódico como *Tuna Académica Politécnica de Lisboa*), sob a direcção do maestro Alfredo Mântua, chega a Pontevedra no dia 11 de Abril, onde deverá dar dois concertos, no Teatro-Circo.

O programa a apresentar consta do "Hino Académico", "Hino Espanhol", "Hino Português", "Viva la Gracia (pasecalle de D. A. Moraes), "Pastoral" (Raúl Tenas), Rapsódia de cantos populares portugueses" (A. Mântua), "Faico" (pasacalle de J. Sapetti) e representação da obra "Dona Sebastiana"[55].

Quanto à prevista deslocação a Santiago de Compostela, esta, foi entretanto anulada[56], em razão dos graves incidentes ocorridos em Salamanca, onde uma contestação estudantil foi duramente reprimida a tiro pela Guardia Civil, a mando do governador, daí resultanto dois estudantes mortos e vários outros feridos, criando uma onda de solidariedade académica pela país vizinho (nomeadamente dos estudantes de Santiago)[57]:

> *"A tuna lisbonense de estudantes, não visitando Santiago e alterando o itinerário, passará de Vigo, onde está sendo bem recebida, á Corunha."*[58]
> *O périplo pelas várias localidades espanholas vai sendo noticiado nos periódicos e constitui um grande sucesso.*[59]

No dia 12, a tuna, composta por 50 pessoas, começa uma ronda de visitas sociais e oficias às autoridades, imprensa e sociedades de recreio, para além de assitir a uma corrida[60]

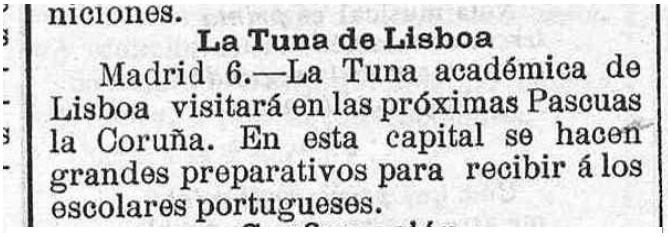
No dia 14, 15 e 16 de Abril está em Vigo, visitando a Escola das Indústrias e, à noite, apresentando-se no Teatro Rosalia, sendo muito ovacionada e fazendo grande sucesso[61], de tal modo que é enviado um telegrama pelo Director da Escola, Ramón Gasset, para a Escola Politécnica, a dar conta disso mesmo. Após o concerto de dia 15, a **TAEPL** foi acompanhada ao hotel pela Banda Municipal e por centenas de estudantes e anónimos, sendo-lhe ofertadas coroas de flores pelos estudantes e pela sociedade de recreio "El Liceo".

---

[53] **El Adelanto**, Ano XIX, N.º 5614, de 06 de Março de 1903, p.2.
[54] **El Noroeste**, Ano VIII, N.º 3033, de 02 de Abril de 1903, p.2 e **El Eco de Santiago**, Ano VIII, N.º 1481, de 07 de Abril de 1903, p.2.
[55] **El Noroeste**, Ano VIII, N.º 3042, de 12 de Abril de 1903, p.1
[56] **La Correspondencia de Valencia**, Ano XXVI, N.º 8760, de 12 de Abril de 1903, p. 3; **La Correspondencia de España**, Ano LIV, N.º 16501, de 12 de Abril de 1903, p.2, N.º 16502, de 13 de Abril de 1903, pp. 2-3 e N.º 16504, de 15 de Abril de 1903, p. 2.
[57] Os estudantes de medicina de várias faculdades espanholas reclamavam da extinção de cátedras de especialidade. A iniciais contestações já tinham sido punidas, segundo os códigos escolares, mas endureceram-se em diversas cidades (com repressões musculadas) e o ambiente agravou-se, quando os demais estudantes de outras faculdades se uniram ao colegas de medicina. A 2 de Abril de 1903, em Salamanca, uma altercação banal levou à prisão de alguns estudantes - o que motivou uma manifestação de indignação. Os ânimos exaltaram-se e a polícia atirou sobre os manifestantes, matando dois deles.
[58] **Correio Nacional**, Ano XI, N.º 3030, de 16 de Abril de 1903, p.2.
[59] **Correio Nacional**, Ano XI, N.º 3031, de 17 de Abril de 1903, p.2.
[60] **La Correspondencia de España**, Ano LIV, N.º 16502, de 13 de Abril de 1903, pp. 2-3, e **El Eco de Santiago**, Ano VIII N.ª 1485 de 14 de Abril de 1903, p. 1.
[61] **La Correspondencia de España**, Ano LIV, N.º 16504, de 15 de Abril de 1903, p. 2, e **La concordia** (Cáceres), Ano I, N.º 40, de 17 de Abril de 1903, p. 3.

No dia 16, depois de um grande banquete no Hotel Contiental, oferecido pelos portugueses, aos alunos e professores da Escola de Artes e Indústrias, bem como aos oficiais da guarnição militar; a **TAEPL** deu novo concerto (durante o qual se ouviram apelos à União Ibérica e defesa da democracia e república), estando previsto o regresso a Lisboa no dia seguinte[62].

O repertório apresentado em Vigo não é mencionado nos periódicos consultados, mas tudo leva a crer que fosse, *grosso modo*, o mesmo que o executado em Pontevedra.



niciones.

La Tuna de Lisboa

Madrid 6.—La Tuna académica de Lisboa visitará en las próximas Pascuas la Coruña. En esta capital se hacen grandes preparativos para recibir á los escolares portugueses.

(**El Adelanto**, Ano XIX, N.º 5614, de 06 de Março de 1903, p.2)

Después se leyó un besa la mano del Presidente de la sociedad *Centro Escolar*.

Anuncia que el próximo día once del corriente dará aquella sociedad un concierto en el teatro, con objeto de allegar recursos para dispensar un buen recibimiento á la Tuna Académica de Lisboa y, al mismo tiempo, poder atender á los gastos de instalación de la referida sociedad.

Acompañaban al besa la mano dos palcos principales, los números uno y dos, y la corporación acordó satisfacer por estos la cantidad de cien pesetas como donativo para los fines expuestos.

Se leyó un telegrama del Secretario de la Escuela Politécnica de Lisboa haciendo referencia á un oficio que el alcalde declara no se recibió en el municipio. Interesaba el joven escolar de Lisboa saber sí el pueblo recibirá con agrado, en las próximas Pascuas, la visita de la Tuna.

Se acordó contestar que sí y que la comisión de espectáculos proponga los obsequios que han de dispensarse á los estudiantes lisbonenses.

Dióse cuenta á la corporación de los contratos de arrendamiento realizados por la comisión de consumos para los vecinos de extrarradio.

Importan los contratos realizados

(**El Eco de Santiago**, Ano VIII, N.º 1481, de 07 de Abril de 1903, p.2)

De Santiago

(POR TELÉGRAFO)

La jura de la bandera.—Tuna portuguesa.—El Congreso médico.—Funerales por Sagasta.

SANTIAGO 1 (20 h.)

Se hacen preparativos para la ceremonia de la jura de la bandera, que se celebrará mañana.

En la plaza del Hospital se celebrará una misa que oirán las fuerzas de Zaragoza.

Se colocará un altar portátil en la escalinata de la Catedral.

Terminado el acto desfilarán las tropas por la Rúa del Villar.

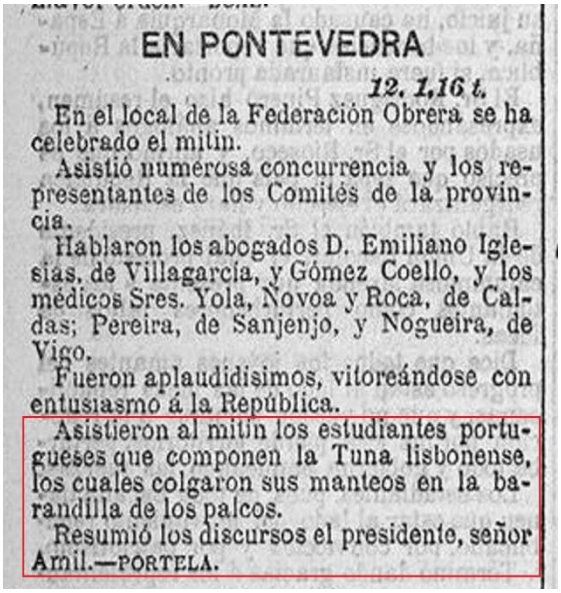
Se dará un rancho extraordinario á los soldados.

—El día 11 llegará á esta ciudad la Tuna académica de Lisboa.

El rector de la Universidad ha hecho fijar un anuncio comunicando la noticia.

—Pronto saldrá para Madrid una numerosa

(**El Noroeste**, N.º 3033, de 02 de Abril de 1903, p. 2)



EN PONTEVEDRA

12, 1, 16 t.

En el local de la Federación Obrera se ha celebrado el mitin.

Asistió numerosa concurrencia y los representantes de los Comités de la provincia.

Hablaron los abogados D. Emiliano Iglesias, de Villagarcía, y Gómez Coello, y los médicos Sres. Yola, Novoa y Roca, de Caldas; Pereira, de Sanjenjo, y Nogueira, de Vigo.

Fueron aplaudidísimos, vitoreándose con entusiasmo á la República.

Asistieron al mitin los estudiantes portugueses que componen la Tuna lisbonense, los cuales colgaron sus manteos en la barandilla de los palcos.

Resumió los discursos el presidente, señor Amil.—PORTELA.

(**La Correspondencia de España**, Ano LIV, N.º 16502, de 13 de Abril de 1903, p. 2)

[62] **El Imparcial**, Ano XXXVII, N.º 22943, de 17 de Abril de 1903, p. 1; **El Pueblo** (Valencia), Ano XI, N.º 3106, de 17 de Abril de 1903, p. 3; **Las Provincias** (Valencia), Ano XXXVIII N.º 13382, de 17 de Abril de 1903, p. 3 e **Heraldo de Madrid**, Ano XIV, N.º 4532, de 17 de Abril de 1903, p. 2.

LA TUNA PORTUGUESA

Ayer, sábado, debió de llegar á Pontevedra la Tuna Académica Politécnica de Lisboa, que se propone dar en aquella ciudad dos conciertos, uno en la noche de hoy y otro en la de mañana, el segundo de los cuales será en obsequio de los establecimientos benéficos de dicha población.

De la dirección de ambos conciertos está encargado el maestro Alfredo Mantua, y el programa para los mismos es el siguiente:

Primera parte.—Himno Académico; Himno español; Himno portugués; «¡Viva la gracia!» pasacalle de D. A. Moraes; «Pastoral», de Raul Tenas; Rapsodia de cantos populares portugueses, de A. Mantua; «Faico», pasacalle de J. Sapetti.

Segunda parte.—Representación del juguete en dos cuadros, del tuno Arnaldo Reisanno, denominado «Doña Sebastiana».

Los escolares lusitanos tenían el propósito de ir seguidamente á Santiago, pero ya no lo efectuarán, según se desprende del siguiente telegrama de nuestro corresponsal en Compostela:

SANTIAGO 11 (18 h.)

Ya no viene á esta ciudad la Tuna portuguesa, respetando el duelo de los estudiantes por los sucesos de Salamanca.

Regresó á Pontevedra la comisión que había venido á preparar el alojamiento de la Tuna.

Los portugueses no tenían la menor noticia de lo ocurrido en Salamanca, á consecuencia de la extremada censura que se ejerce en la prensa del vecino reino y por no haber recibido, además, el telegrama que les envió el rector de esta Universidad comunicándoles lo ocurrido y rogándoles que suspendiesen el viaje.

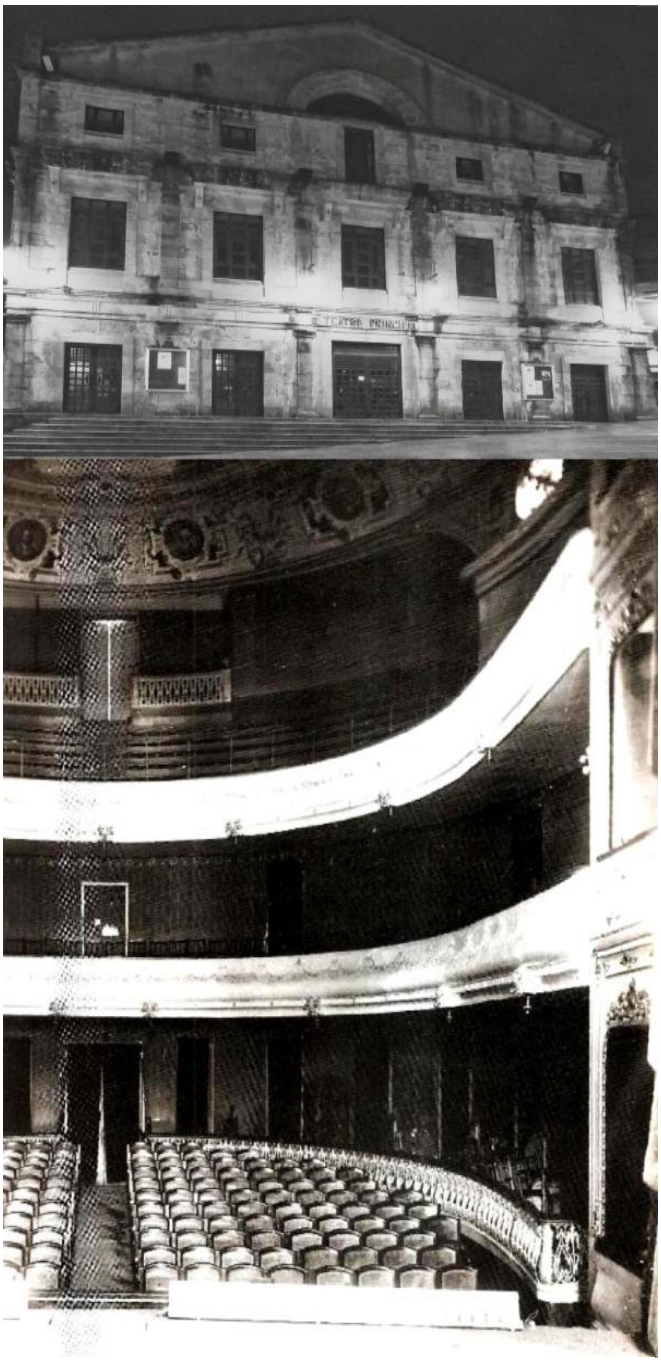
Los comisionados encargaron que se les representase en los funerales que se celebrarán el próximo día 20.

Por su parte los celebrarán ellos en Lisboa el día 23.

Los comisionados van muy complacidos de las exquisitas atenciones y deferencias de que fueron objeto.

EL CORRESPONSAL.

(**El Noroeste**, Ano VIII, N.º 3042, de 12 de Abril de 1903, p. 1)



Teatro Municipal de Pontevedra.

Mañana sale para Palencia.—COSPEDAL.

La Tuna portuguesa.

Pontevedra 12, 7 t.

La Tuna portuguesa ha saludado hoy á las autoridades, prensa y Sociedades de recreo. Cruzáronse patrióticos discursos, siendo vitoreados los estudiantes y seguidos por numeroso público.—PORTELA.

(**La Correspondencia de España**, Ano LIV, N.º 16502, de 13 de Abril de 1903, p. 3)

Ha llegado á Pontevedra la Tuna académica de la Escuela politécnica de Lisboa.

Se le dispensó un entusiasta recibimiento.

La agrupación escolar compónenla 50 individuos pertenecientes á lo más distinguido de la sociedad portuguesa.

(**El Eco de Santiago**, Ano VIII, N.º 1485, de 14 de Abril de 1903, p. 1)

LA TUNA PORTUGUESA

Salida de Pontevedra.

14, 6 t.

Ha salido hoy la Tuna Lisbonense que se dirige á Vigo.

Ha desistido de ir á Santiago por el luto de los escolares españoles á consecuencia de los últimos sucesos.

La estación estaba llena de gente.

Los estudiantes fueron aclamados por el pueblo.

Van muy satisfechos de las atenciones recibidas.

Desde diversos puntos de la ciudad se hicieron varias fotografías.—PORTELA.

En Vigo.

14, 9'30 n.

Ha llegado á esta ciudad la Tuna Lisbonense, formada por 50 estudiantes de la Politécnica de Lisboa.

Fueron recibidos en la estación por inmenso gentío y la banda municipal.

Los estudiantes portugueses dieron vivas á España y á Vigo, que fueron contestados con vivas á Portugal.

Los portugueses entraron en la ciudad ejecutando varias piezas de su repertorio, repitiéndose los vítores y aclamaciones.

En la Casa Consistorial se detuvieron para saludar al alcalde.

Este, desde el balcón, vitoreó á los escolares.

La Tuna dará mañana un concierto en el teatro.—MARTÍN.

(**La Correspondencia de España**, Ano LIV, N.º 16504, de 15 de Abril de 1903, p. 2.)

Teatro *Rosalía de Castro* (Vigo).

La tuna portugnesa

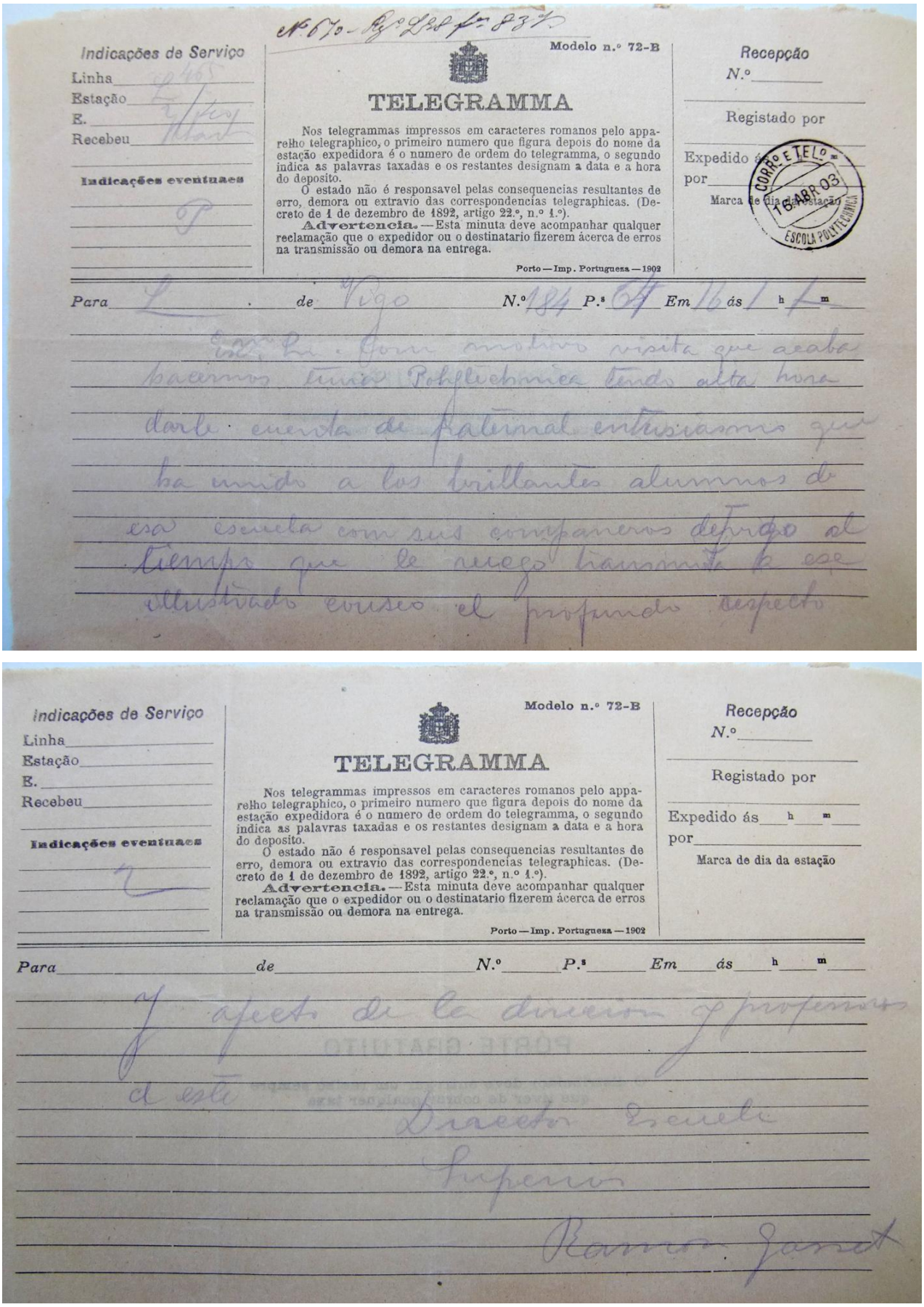
Vigo.—Es objeto de grandes simpatías la tuna de la Escuela Politécnica de Lisboa.

En el teatro «Rosalía Castro» dió un concierto, siendo ovacionada.

Diéronse vivas á España y Portugal.

Los estudiantes portugueses regresarán mañana á Lisboa.

(**La correspondencia de Valencia**, Ano XXVI, N.º 8764, de 16 de Abril de 1903, p. 3)



Indicações de Serviço
Linha
Estação
E.
Recebeu
Indicações eventuaes

Modelo n.º 72-B

TELEGRAMMA

Nos telegrammas impressos em caracteres romanos pelo apparelho telegraphico, o primeiro numero que figura depois do nome da estação expedidora é o numero de ordem do telegramma, o segundo indica as palavras taxadas e os restantes designam a data e a hora do deposito.

O estado não é responsavel pelas consequencias resultantes de erro, demora ou extravio das correspondencias telegraphicas. (Decreto de 1 de dezembro de 1892, artigo 22.º, n.º 1.º).

Advertencia.—Esta minuta deve acompanhar qualquer reclamação que o expedidor ou o destinatario fizerem ácerca de erros na transmissão ou demora na entrega.

Porto—Imp. Portugueza—1902

Recepção
N.º
Registado por
Expedido ás h m
por
Marca de dia da estação

CORREIO E TELEGRAPHO 16 ABR 03 ESCOLA POLYTECHNICA

Para de Vigo N.º 184 P.s Em 16 ás h m

Indicações de Serviço
Linha
Estação
E.
Recebeu
Indicações eventuaes

Modelo n.º 72-B

TELEGRAMMA

Nos telegrammas impressos em caracteres romanos pelo apparelho telegraphico, o primeiro numero que figura depois do nome da estação expedidora é o numero de ordem do telegramma, o segundo indica as palavras taxadas e os restantes designam a data e a hora do deposito.

O estado não é responsavel pelas consequencias resultantes de erro, demora ou extravio das correspondencias telegraphicas. (Decreto de 1 de dezembro de 1892, artigo 22.º, n.º 1.º).

Advertencia.—Esta minuta deve acompanhar qualquer reclamação que o expedidor ou o destinatario fizerem ácerca de erros na transmissão ou demora na entrega.

Porto—Imp. Portugueza—1902

Recepção
N.º
Registado por
Expedido ás h m
por
Marca de dia da estação

Para de N.º P.s Em ás h m

Telegrama enviado pelo Presidente da Escola de indústrias e Artes de Vigo à Escola Politécnica.
(Arquivo da antiga Escola Politénica de Lisboa, 2010)

Pontevedra.—La Estudiantina Portuguesa está siendo muy agasajada en todas las casas á que concurre.

Desde esta capital se dirigirán á Vigo, La Coruña y Santiago.

(**La Época**, Ano LIV, N.º 18983, de 16 de Abril de 1903, p. 4)

LOS ESTUDIANTES PORTUGUESES

POR TELEGRAFO

(DE NUESTRO CORRESPONSAL)

Vigo 16 (2 tarde)

La estudiantina lisbonense ha visitado la Escuela de Industrias.

Su director D. Ramón Gasset, los profesores y los alumnos han obsequiado á los forasteros, que se han mostrado en extremo satisfechos de las atenciones de que se les hace objeto.

Anoche se dió un gran concierto en el teatro Rosalía de Castro, al que asistieron las bandas municipal y del regimiento de Murcia.

La concurrencia fué tan escogida como numerosa, presentando la sala, de la que estaban todos los palcos engalanados con banderas portuguesas y españolas, un brillante aspecto.

El palco presidencial le ocupaba el alcalde y los directores de las escuelas superior, elemental y de industrias.

Después del concierto, que terminó á los acordes de la Marcha Real y del Himno de la Corte, el Sr. Gasset telegrafió al director de la escuela politécnica de Lisboa dando cuenta de la fraternidad de los estudiantes de Portugal y de Vigo y saludando al claustro en nombre de la Escuela de Industrias.

La banda municipal acompañó á los portugueses hasta el hotel, así como los alumnos de la Escuela de Industrias con antorchas.

En el trayecto se dieron calurosos vivas á España, á Portugal, á Lisboa, á Vigo y á la Unión ibérica.

Los alumnos de la Escuela de Industrias han regalado á los estudiantes lusitanos una corona de laurel y encina con bellotas de oro y lazo de los colores de España y Portugal.

La sociedad de recreo «El Liceo» envió ramos de flores á los estudiantes de Lisboa.

Estos darán hoy un concierto á beneficio de los Asilos.—*Barral.*

(**El Imparcial**, Ano XXXVII, N.º 22943, de 17 de Abril de 1903, p. 1)

Vigo.—Es objeto de grandes simpatías la tuna de la Escuela Politécnica de Lisboa. En el teatro, Rosalía Castro dió un concierto, siendo ovacionada. Diéronse vivas á España y Portugal. Los estudiantes portugueses regresarán mañana á Lisboa.

(**Las Provincias** - Valencia, Ano XXXVIII N.º 13382, de 17 de Abril de 1903, p. 3)

La tuna portuguesa

Vigo.—Es objeto de grandes simpatías la tuna de la Escuela Politécnica de Lisboa.

En el teatro «Rosalía Castro» dió un concierto, siendo ovacionada.

Diéronse vivas á España y Portugal.

Los estudiantes portugueses regresarán mañana á Lisboa.

(**El Pueblo** - Valencia, Ano XI, N.º 3106, de 17 de Abril de 1903, p. 3)

Noticias generales

VIGO

Ha llegado á Vigo una tuna formada por estudiantes portugueses, pertenecientes á la Escuela Politécnica de Lisboa, que se proponían visitar la ciudad de Santiago.

Han desistido, sin embargo, de su propósito, al enterarse de que aquella Universidad guarda luto por los tristes sucesos de Salamanca.

La entrada de los portugueses en Vigo despertó gran entusiasmo, habiéndoseles hecho un recibimiento cariñosísimo.

En la estación les esperaba la banda municipal y un gentío inmenso que dió vivas á Portugal, siendo contestados por los escolares con atronadores vivas á España.

En el Ayuntamiento, á donde se dirigieron desde la estación, les esperaban el alcalde y los concejales.

Vigo se ha vestido de día de fiesta para fraternizar con tan simpáticos huéspedes.

(**La concordia** - Cáceres, Ano I, N.º 40, de 17 de Abril de 1903, p. 3)

Vigo 17 (3,50 t.)

Ha salido para Lisboa la estudiantina portuguesa de la Escuela politécnica de dicha capital.

Los escolares de esta ciudad le han tributado una despedida cariñosa.

Anoche se celebró en el hotel Continental el banquete con que los portugueses obsequiaron á los profesores y alumnos de la Escuela de Artes é Industrias y á los oficiales de la guarnición.

Durante el banquete reino gran entusiasmo, repitiéndose sin cesar los hurras á España y á Portugal.

Después se celebró un concierto en el teatro, que estuvo concurridísimo.

Durante la fiesta se repitieron muchas notas en favor de la unión ibérica, predominando en los discursos que se pronunciaron algunas notas democráticas y republicanas.—*El corresponsal.*

(**Heraldo de Madrid**, Ano XIV, N.º 4532, de 17 de Abril de 1903, p. 2)

Corpos Sociais

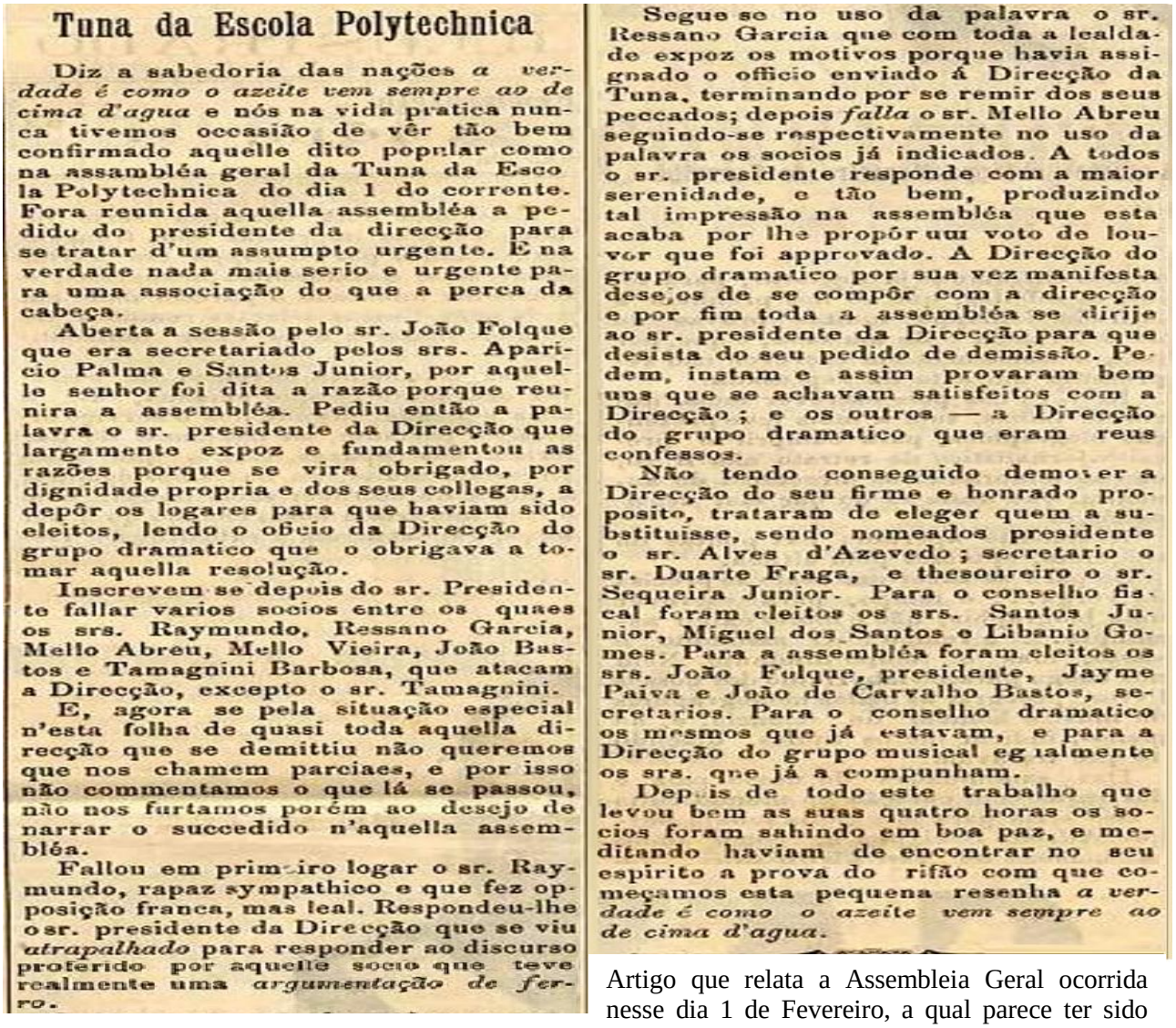
Direcção (eleita a 24 de Janeiro): *Cunha Bellem* (Presidente), *Gonçalves Pinto* (Secretário) e *Quartin Graça* (Tesoureiro).

Direcção artística (dramática e musical) composta por *João Bastos, Ressano Garcia, Hermano Neves, Mello Abreu, Tamagnini Barbosa* e *Fernando Cabral* (os mesmos do ano anterior).

A 1 de Fevreiro, são eleitos novos corpos sociais, com *Alves de Azevedo* (Presidente), *Duarte Fraga* (Secretário) e *João Sequeira Junior* (Tesoureiro). Pouco depois é reestruturada a direcção *com João Sequeira Junior* (Presidente), *Daniel Pinto da Silva* (Secretário) e *Duarte Fraga* (Tesoureiro).

A Direcção artística manteve-se a mesma e, na Mesa da Assembleia Geral, preside *João Folque*, secretariado por *Jayme Paula* e *João de Carvalho*.

A 16 de Novembro é eleita uma nova direcção, formada por *Severino Moraes* (Presidente), *Quirino Monteiro*[63] (Secretário) e *Florentino Martins* (Tesoureiro).



Tuna da Escola Polytechnica

Diz a sabedoria das nações *a verdade é como o azeite vem sempre ao de cima d'agua* e nós na vida pratica nunca tivemos occasião de vêr tão bem confirmado aquelle dito popular como na assambléa geral da Tuna da Escola Polytechnica do dia 1 do corrente. Fora reunida aquella assembléa a pedido do presidente da direcção para se tratar d'um assumpto urgente. E na verdade nada mais serio e urgente para uma associação do que a perca da cabeça.

Aberta a sessão pelo sr. João Folque que era secretariado pelos srs. Aparicio Palma e Santos Junior, por aquelle senhor foi dita a razão porque reunira a assembléa. Pediu então a palavra o sr. presidente da Direcção que largamente expoz e fundamentou as razões porque se vira obrigado, por dignidade propria e dos seus collegas, a depôr os logares para que haviam sido eleitos, lendo o officio da Direcção do grupo dramatico que o obrigava a tomar aquella resolução.

Inscrevem se depois do sr. Presidente fallar varios socios entre os quaes os srs. Raymundo, Ressano Garcia, Mello Abreu, Mello Vieira, João Bastos e Tamagnini Barbosa, que atacam a Direcção, excepto o sr. Tamagnini.

E, agora se pela situação especial n'esta folha de quasi toda aquella direcção que se demittiu não queremos que nos chamem parciaes, e por isso não commentamos o que lá se passou, não nos furtamos porém ao desejo de narrar o succedido n'aquella assembléa.

Fallou em primeiro logar o sr. Raymundo, rapaz sympathico e que fez opposição franca, mas leal. Respondeu-lhe o sr. presidente da Direcção que se viu *atrapalhado* para responder ao discurso proferido por aquelle socio que teve realmente uma *argumentação de ferro*.

Segue se no uso da palavra o sr. Ressano Garcia que com toda a lealdade expoz os motivos porque havia assignado o officio enviado á Direcção da Tuna, terminando por se remir dos seus peccados; depois *falla* o sr. Mello Abreu seguindo-se respectivamente no uso da palavra os socios já indicados. A todos o sr. presidente responde com a maior serenidade, e tão bem, produzindo tal impressão na assembléa que esta acaba por lhe propôr um voto de louvor que foi approvado. A Direcção do grupo dramatico por sua vez manifesta desejos de se compôr com a direcção e por fim toda a assembléa se dirije ao sr. presidente da Direcção para que desista do seu pedido de demissão. Pedem, instam e assim provaram bem uns que se achavam satisfeitos com a Direcção; e os outros — a Direcção do grupo dramatico que eram reus confessos.

Não tendo conseguido demover a Direcção do seu firme e honrado proposito, trataram de eleger quem a substituisse, sendo nomeados presidente o sr. Alves d'Azevedo; secretario o sr. Duarte Fraga, e thesoureiro o sr. Sequeira Junior. Para o conselho fiscal foram eleitos os srs. Santos Junior, Miguel dos Santos e Libanio Gomes. Para a assembléa foram eleitos os srs. João Folque, presidente, Jayme Paiva e João de Carvalho Bastos, secretarios. Para o conselho dramatico os mesmos que já estavam, e para a Direcção do grupo musical egualmente os srs. que já a compunham.

Depois de todo este trabalho que levou bem as suas quatro horas os socios foram sahindo em boa paz, e meditando haviam de encontrar no seu espirito a prova do rifão com que começamos esta pequena resenha *a verdade é como o azeite vem sempre ao de cima d'agua*.

Artigo que relata a Assembleia Geral ocorrida nesse dia 1 de Fevereiro, a qual parece ter sido algo tumultuosa.

(**O Académico**, N.º6, de 04 de Fevereiro de 1903, p.2)

[63] Provavelmente, **Luíz Quirino Monteiro**, colaborador do jornal "O Académico", mas sobre o qual nada encontrámos até à data.

Ano de 1904

O ano de 1904 inicia-se com uma sessão solene, na sede da **Tuna da Escola Politécnica**, em honra do seu presidente, Arthur Lino Neves, constando da cerimónia o descerrar de uma foto do mesmo[64].

Tratando-se de um evento privado, os periódicos generalistas não mencionam tal sessão, nem conseguimos documentação adicional sobre o evento.

Recepção à Tuna Compostelana

Poderemos, portanto, dizer que a actividade da **TAEPL**, no ano de 1904, começa em Fevereiro, com a chegada da Tuna Compostelana (composta por 48 elementos) à estação do Rossio de Lisboa (depois de ter estado em Coimbra), no dia 22, sendo recebida por centenas de estudantes (fala-se em 600 - multidão na qual se destacam os estandartes da **TAEPL** e da Tuna do Liceu) e visitando a Câmara Municipal e Governo Civil.

No dia seguinte (dia 23), depois de ter visitado a Escola Industrial, a Escola Politécnica, a Escola do Exército, a Escola Médica e diversos jornais, a Tuna Compostelana dá concerto, nesse noite, no Coliseu dos Recreios[65].

A presença da Tuna Compostelana motivou a publicação, em jornal, de alguns avisos, de modo a notificar os tunos portugueses para marcarem presença nos actos oficiais (já que não existiam os meios de comunicação que hoje conhecemos):

> *"A direcção da Tuna Académica da Escola Polytechnica pede aos seus associados a fineza de comparecerem, às 3 da tarde de hoje, na sede da mesma, para d'ali seguirem para a "gare" do Rocio, onde aguardarão os academicos compostellanos que de Coimbra chegam no rapido das 4 horas da tarde."*[66]

ou

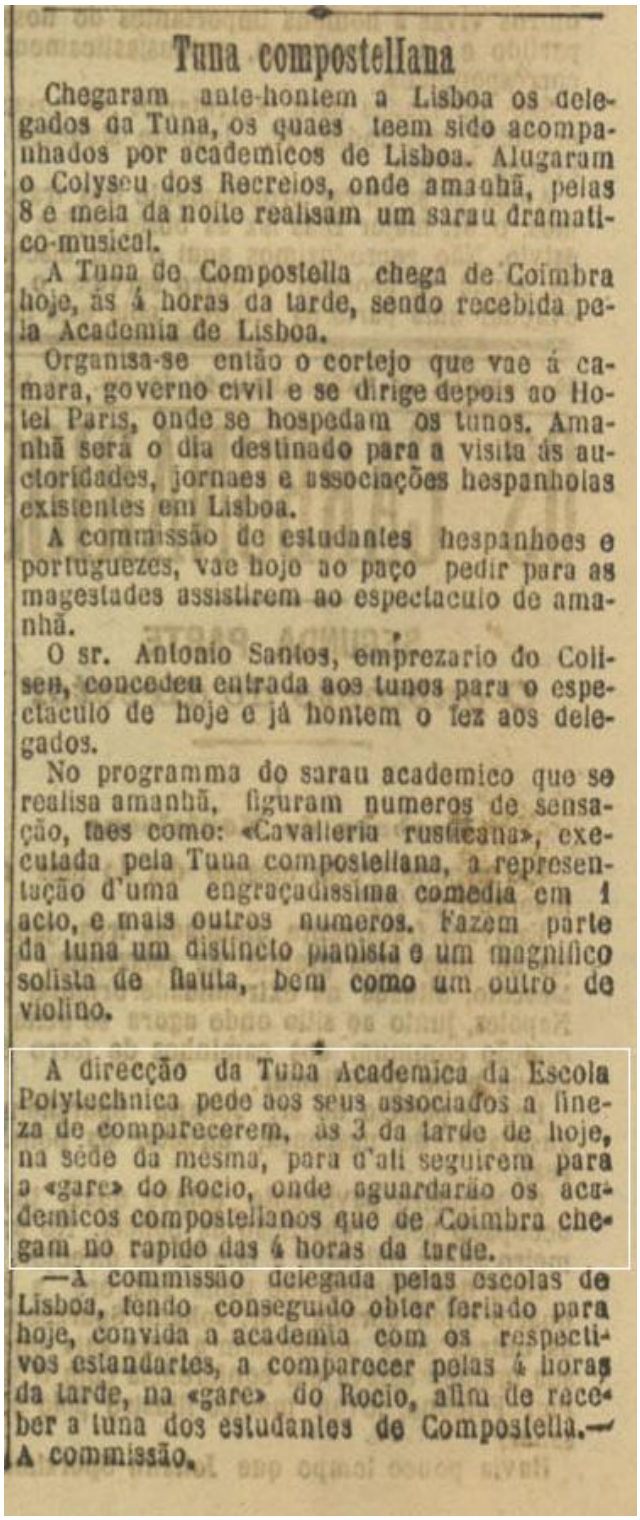
> *"Tuna da Escola Politécnica – Pede-se aos sócios executantes desta tuna o obséquio de comparecerem, pelas 11 horas da manhã, na sua sede, a fim de seguirem para a sessão solene que se realiza ao meio-dia na aula de Cálculo da escola Politécnica.*
> *— Traje: capa e batina."*[67]

Nem a **Tuna da Escola Politécnica** nem a Tuna do Liceu tomaram parte no concerto, o qual foi inteiramente assegurado pelos espanhóis.

A Tuna Compostelana retirou-se de Lisboa no dia 24, rumo a Braga e, daí, para Espanha.

---

[64] **Alma Portuguesa**, N.º Comemorativo, Abril de 1905, p. 3.
[65] **Correio Nacional**, Ano XII, N.º 3283, de 22 de Fevereiro de 1904, p.3 e N.º 3284, de 23 de Fevereiro de 1904, pp.2-3; **Diário de Notícias**, 40.º Ano, N.º 13737, de 23 de Fevereiro de 1904, p. 2. e N.º 13738, de 24 de Fevereiro de 1904, p. 3; **O Século**, 24.º Ano, N.º 7962, de 25 de Fevereiro de 1904, p. 1.e **Illustração Portugueza**, 1.º Ano, N.º 17, de 29 de Fevereiro de 1904, pp. 264-65 e p. 272.
[66] **Vanguarda**, IX Ano (XVI), N.º 2626 (5479), de 22 de Fevereiro de 1904, p. 2.
[67] **DN** (idem).



Tuna compostellana

Chegaram ante-hontem a Lisboa os delegados da Tuna, os quaes teem sido acompanhados por academicos de Lisboa. Alugaram o Colyseu dos Recreios, onde amanhã, pelas 8 e meia da noite realisam um sarau dramatico-musical.

A Tuna de Compostella chega de Coimbra hoje, ás 4 horas da tarde, sendo recebida pela Academia de Lisboa.

Organisa-se então o cortejo que vae á camara, governo civil e se dirige depois ao Hotel Paris, onde se hospedam os tunos. Amanhã será o dia destinado para a visita ás auctoridades, jornaes e associações hespanholas existentes em Lisboa.

A commissão de estudantes hespanhoes e portuguezes, vae hoje ao paço pedir para as magestades assistirem ao espectaculo de amanhã.

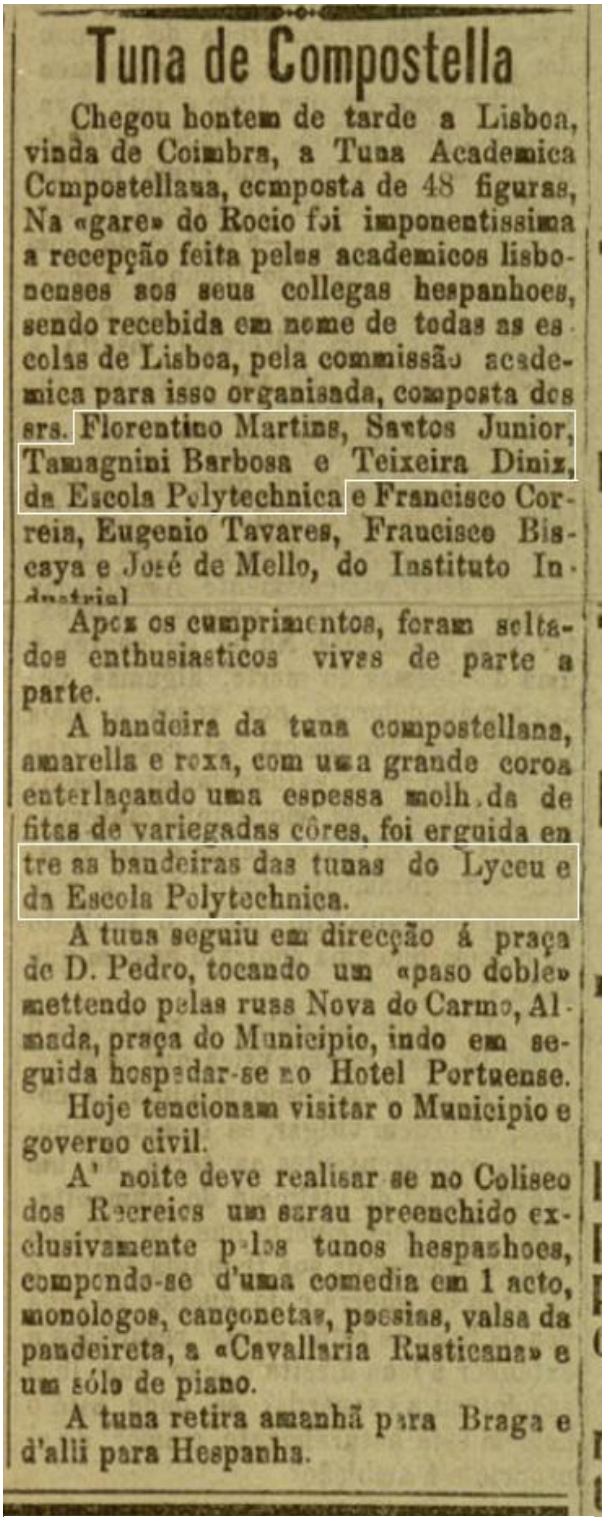
O sr. Antonio Santos, emprezario do Coliseu, concedeu entrada aos tunos para o espectaculo de hoje e já hontem o fez aos delegados.

No programma do sarau academico que se realisa amanhã, figuram numeros de sensação, taes como: «Cavalleria rusticana», executada pela Tuna compostellana, a representação d'uma engraçadissima comedia em 1 acto, e mais outros numeros. Fazem parte da tuna um distincto pianista e um magnifico solista de flauta, bem como um outro de violino.

A direcção da Tuna Academica da Escola Polytechnica pede aos seus associados a fineza de comparecerem, ás 3 da tarde de hoje, na séde da mesma, para d'ali seguirem para a «gare» do Rocio, onde aguardarão os academicos compostellanos que de Coimbra chegam no rapido das 4 horas da tarde.

—A commissão delegada pelas escolas de Lisboa, tendo conseguido obter feriado para hoje, convida a academia com os respectivos estandartes, a comparecer pelas 4 horas da tarde, na «gare» do Rocio, afim de receber a tuna dos estudantes de Compostella.—A commissão.

(**Vanguarda**, N.º 2626, de 22 de Fevereiro de 1904, p. 2)



Tuna de Compostella

Chegou hontem de tarde a Lisboa, vinda de Coimbra, a Tuna Academica Compostellana, composta de 48 figuras. Na «gare» do Rocio foi imponentissima a recepção feita pelos academicos lisbonenses aos seus collegas hespanhoes, sendo recebida em nome de todas as escolas de Lisboa, pela commissão academica para isso organisada, composta dos srs. Florentino Martins, Santos Junior, Tamagnini Barbosa e Teixeira Diniz, da Escola Polytechnica e Francisco Correia, Eugenio Tavares, Francisco Biscaya e José de Mello, do Instituto Industrial.

Apoz os cumprimentos, foram soltados enthusiasticos vivas de parte a parte.

A bandeira da tuna compostellana, amarella e roxa, com uma grande coroa enterlaçando uma espessa molh da de fitas de variegadas côres, foi erguida entre as bandeiras das tunas do Lyceu e da Escola Polytechnica.

A tuna seguiu em direcção á praça de D. Pedro, tocando um «paso doble» mettendo pelas russ Nova do Carmo, Almada, praça do Municipio, indo em seguida hospedar-se no Hotel Portuense.

Hoje tencionam visitar o Municipio e governo civil.

A' noite deve realisar-se no Coliseo dos Recreios um sarau preenchido exclusivamente pelos tunos hespanhoes, compondo-se d'uma comedia em 1 acto, monologos, cançonetas, poesias, valsa da pandeireta, a «Cavalleria Rusticana» e um sólo de piano.

A tuna retira amanhã para Braga e d'alli para Hespanha.

(**Diário Illustrado**, 33.º Ano, N.º 11129, de 23 de Fevereiro de 1904, p. 2)

Tuna academica de Compostella

As visitas de hontem

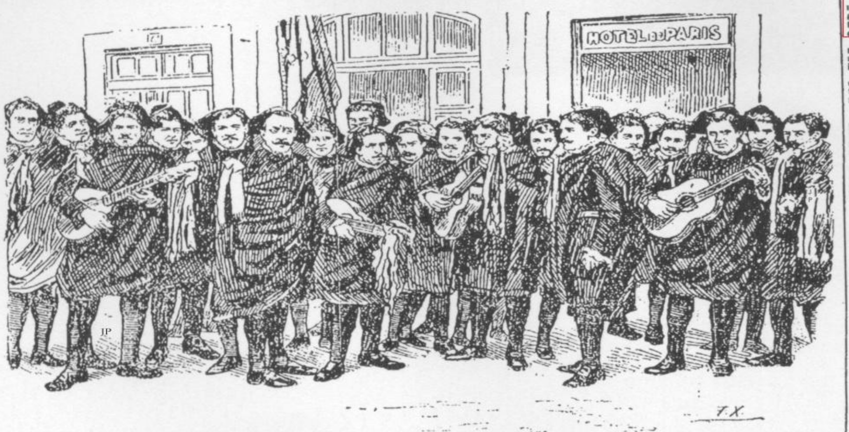
Os estudantes da Universidade de S. Thiago de Compostella, actualmente entre nós, visitaram hontem, conforme noticiámos, as escolas do Exercito e Medica e a camara municipal.

As outras visitas annunciadas e que eram á Escola Polytechnica, ao Instituto Industrial, ao sr. consul de Hespanha e ao sr. governador civil, não se poderam effectuar devido á falta de tempo e á fadiga dos estudantes hespanhoes, pois que ha perto de quinze dias se acham em Portugal, tendo sido numerosas as visitas por elles feitas nas localidades percorridas.

Hontem, depois do meio dia, começaram convergindo para o Hotel Paris, situado no largo do Corpo Santo, os estudantes hespanhoes hospedados no Hotel de France e no Hotel Commercial, organisando-se depois o cortejo que, composto da tuna hespanhola, da commissão nomeada pela academia de Lisboa e dos estudantes das diversas escolas da capital, ia visitar as escolas Medica, do Exercito e a camara municipal.

A' uma hora da tarde poz-se a tuna em marcha em direcção á Escola do Exercito, percorrendo o seguinte itinerario:

Rua do Arsenal, largo do Municipio, ruas dos Capellistas e do Ouro, Rocio, Avenida, ruas das Pretas, Telhal e do Santo Antonio dos Capuchos, Campo de Sant'Anna e Escola do Exercito.



Os estudantes preparando-se para marcha!

A animação que se notava por parte dos estudantes portuguezes que acompanhavam os tunos era bastante significativa, soltando-se calorosos vivas ás duas nações, ás academias hespanhola e portugueza, á tuna de S. Thiago de Compostella e á fraternidade academica, vivas estes correspondidos com o juvenil enthusiasmo dos nossos academicos.

Pelas ruas que a tuna percorreu, o povo descubria-se á passagem do bello estandarte compostellano, saudando tambem com vivas e palmas os sympathicos estudantes hespanhoes, que commovidamente agradeciam tão carinhosas provas de estima por parte do nosso povo.

A tuna, executando o «passe-calle Fatal» dava a nota alegre e vibrante do enthusiasmo de que os tunos iam possuidos.

A' uma hora e meia da tarde dava a tuna entrada

Na Escola do Exercito

Ao portão da escola foram os estudantes hespanhoes recebidos pelo sr. tenente-coronel de artilharia Jayme Leitão de Castro, 2.º commandante da escola.

Em seguida todos os membros da tuna e a commissão da academia de Lisboa se dirigiram para a sala do conselho, onde depozeram o seu estandarte.

O sr. tenente-coronel Castro congratulou-se por tão amavel gentileza, agradecendo-lhes a visita e pedindo-lhes que visitassem algumas das aulas e dependencias da escola. Ao mesmo tempo sua ex. declarou que a maioria dos alumnos os não poderiam acompanhar na sua visita, em consequencia de se encontrarem nas aulas e não poderem abandonar os trabalhos escolares, por a isso se opporem os regulamentos.

Na sala do conselho estiveram vendo os retratos de todos os commandantes da escola, passando depois á aula de telegraphia, onde observaram os apparelhos expostos.

Em seguida visitaram a sala da bibliotheca, examinando detidamente alguns trabalhos sobre monumentos architectonicos de Hespanha, elogiando umas soberbas gravuras sobre os monumentos de Toledo e de Oviedo.

N'esta sala aguardavam os estudantes hespanhoes os srs. capitães Adriano Beça, Magalhães, major Guerreiro, tenentes Horacio Ferreira e Moxia e capitão da administração militar sr. Albuquerque.

Depois de trocados os respectivos cumprimentos visitaram as aulas de topographia e de geodesia; de engenharia e de balistica e tactica applicada. N'esta aula examinaram tambem curiosamente uma espingarda Kropatcheck e uma carabina Mannlicher.

Depois da visita a esta aula seguiram para os museus de fortificação, geologia e sala de esgrima passando depois ás cavallariças, onde se demoraram a observar alguns magnificos exemplares da raça cavallar.

A cazerna das praças de cavallaria, addida á escola, foi tambem visitada e bastante elogiada pelos «tunos».

O parque de artilheria e o picadeiro egualmente foram visitados, dirigindo-se todos depois para o edificio onde se acham installados os quartos dos alumnos.

A visita n'este edificio começou por um dos quartos dos alumnos do 1.º pavimento, a sala de visitas, onde se detiveram durante alguns momentos deante dos retratos de el-rei D. Carlos, rainha D. Amelia e do sr. ministro da guerra, conselheiro Pimentel Pinto.

Dirigiram-se depois para o refeitorio, salas de bilhar e de leitura, dispensas, cosinha e arrecadação do armamento, elogiando a boa ordem e a disposição de tudo e o irreprehensivel aceio que por toda a escola se nota.

Depois de alguns momentos no gabinete do director do rancho dos alumnos, o sr. capitão Albuquerque, dirigiram-se novamente os tunos para a parte da escola occupada pelas aulas, percorrendo as aulas de architectura e construcções civis, e de engenheria (machinas), e por fim o gabinete do commandante da escola, o sr. general Montalvão.

Os estudantes hespanhoes sr. Alvaro Novoa, Gomez de Araujo, Rolland e Mengotti, em nome dos seus collegas agradeceram ao sr. general Montalvão, e ao sr. tenente-coronel Castro a maneira affavel como foram recebidos, e ainda a este senhor a amabilidade que teve para com todos os membros da tuna, acompanhando-os durante a visita e explicando-lhes minuciosamente tudo quanto viram.

Quando se retiravam, os estudantes hespanhoes pediram ao sr. tenente-coronel Castro a sua valiosa intervenção junto do sr. general Montalvão, para que fosse concedida aos alumnos da escola a dispensa do recolher, afim de assistirem ao sarau do Colyseu, e bem assim feriado para hoje.

O sr. tenente-coronel Castro, depois de conferenciar com o sr. general Montalvão, declarou aos estudantes hespanhoes que sua ex.ª concedia a dispensa do recolher aos alumnos da escola; quanto ao feriado não o podia conceder, em rasão do anno lectivo ir já bastante adeantado, e os feriados extraordinarios terem sido já bastantes este anno.

A visita, que durou uma hora, deixou todos os tunos agradavelmente impressionados retirando-se os alumnos pelas duas horas e meia em direcção á Escola Medica, onde chegaram dez minutos depois de terem sahido da Escola do Exercito.

Na Escola Medica

Junto do necroterio, por uma porta que dá accesso á Escola Medica, foi a tuna de S. Thiago de Compostella, recebida pelos estudantes da Escola, que romperam em enthusiasticos vivas aos hespanhoes, ouvindo-se tambem uma prolongada salva de palmas.

A tuna dirigiu-se para o edificio da escola, tendo minuciosamente alguns dos estudantes que frequentam a faculdade de medicina de S. Thiago de Compostella, visitado o necroterio detendo-se durante alguns minutos deante de um cadaver collocado sobre uma das mesas da sala das autopsias.

Na sala dos actos da escola, onde a tuna foi recebida, viam-se todos os estudantes da Escola Medica, que á chegada dos tunos romperam em calorosos vivas, dando uma prolongada salva de palmas.

O quintanista de medicina sr. Arthur Lopes Branco, assumindo a presidencia da meza, convidou para secretarios os srs. Raphael Alvarez Novoa, da tuna Compostellana e Simões Ferreira, do 5.º anno da Escola Medica.

O sr. Lopes Branco, com o mais vibrante enthusiasmo e palavras calorosas, deu as boas vindas aos estudantes hespanhoes, dizendo que aquella visita estreitava os laços de amizade que unem as academias dos dois paizes.

Referindo-se á magnifica recepção que o povo portuguez dispensou ao joven monarcha hespanhol, diz que essa recepção profundamente calára na alma d'esse monarcha, tendo a prova da amizade de Portugal para com a nação visinha, irmã pela raça e quasi pela lingua.

Ainda estão bem enraizadas no espirito do nosso povo, diz o sr. Branco, as provas de sympathia dispensadas pelo nosso monarcha a Affonso XIII, que do braço dado estreitaram uma alliança digna dos povos que ella representa.

A Hespanha, continua o orador, que na relação dos seus politicos, emeritos regista Castellar, Py y Margal, Canalejas, Salmeron, e Portugal que conta outros politicos, não menos eminentes, como José Estevão, devem-se egualar como nações irmãs e amigas.

Proseguindo na sua brilhante oração, o orador tem phrases conceituosas e brilhantes para a Hespanha, dizendo que esta nação tem os mesmos rios, as mesmas montanhas e as mesmas infelicidades que Portugal, sendo ambas bem dignas de melhor sorte, pois que a adversidade nos ultimos tempos bastante as tem perseguido.

Termina o orador por erguer um «hurrah» á Hespanha, que foi calorosamente correspondido por todos os academicos que enchiam a vasta sala.

Seguiu-se o sr. Luiz Cebola, quartanista de medicina, que com palavras eloquentes e enthusiasticas saudou os seus collegas de S. Thiago de Compostella, referindo-se aos eminentes estadistas que a Hespanha tem tido, terminando por saudar os estudantes hespanhoes que commungam no mesmo ideal do amor, de sciencia e de paz.

As palavras deste orador foram tambem coroadas de palmas, seguindo-se no uso da palavra o sr. Julio Martins, tambem quartanista de medicina.

Este senhor, referiu-se a alguns dos mais importantes feitos das duas nações, especialisando os praticados pelos intrepidos navegadores que ousadamente conseguiram arvorar as bandeiras dos seus respectivos paizes, em continentes desconhecidos.

Respondeu a todos estes discursos o estudante hespanhol sr. Raphael Alvarez Novoa, lamentando que os seus presidente e vice-presidente não podessem estar ali a seu lado, devido a doença, que os impossibilitou de acompanhar a tuna na sua excursão.

Declara que esta visita tinha de se fazer, apesar da doença daquelles senhores, pois que as academias de Coimbra e de Lisboa ha pouco visitaram S. Thiago de Compostella, e a retribuição impunha-se, apesar de todas as contrariedades, vencendo essas contrariedades, vieram cumprimentar e agradecer a visita los estudantes portuguezes.

Diz não ser orador, mas agradece em nome de todos os seus condiscipulos a carinhosa recepção que fizeram a tuna os estudantes da Escola Medica.

Egual agradecimento faz tambem em nome dos restantes estudantes de S. Thiago de Compostella que lhes pediram para ser o interprete desse agradecimento.

Ao terminar, o sr. Branco abraçou o sr. Raphael Novoa, em nome dos estudantes dos dois paizes.

As palmas e os vivas, novamente resoaram na sala, entregando nessa occasião o empregado da escola Manuel Lopes, um pequeno «bouquet» de violetas, tendo pendentes as fitas nacionaes hespanholas e um pequeno cartão onde se lia o seguinte:

«Aos srs. academicos de S. Thiago de Compostella—Offerecem os empregados menores da Escola Medica de Lisboa—23 de fevereiro de 1904».

Terminada a sessão, seguiram os tunos pela cerca até ao portão do hospital, onde os estudantes da Escola Medica lhe fizeram uma nova manifestação, levantando se novos vivas a Portugal e á Hespanha, ás duas academias, etc., etc.

A tuna seguiu pela rua do Arco da Graça, Calçada do Garcia, Rocio, ruas Augusta, dos Retrozeiros, de S. Julião, até á

Camara municipal

Onde foram apresentar os seus cumprimentos á vereação. O sr. conselheiro Antonio de Azevedo, recebera conforme hontem noticiámos, um officio do sr. reitor da Universidade de S. Thiago, em que lhe pedia toda a sua protecção para os «tunos».

A «tuna» foi recebida nas salas das sessões pelos srs. conselheiro Antonio de Azevedo, presidente da camara, pelos vereadores os srs. conselheiro Carvalho Pessoa, Sabino de Sousa e José Bello, guarda-mór Picotas Falcão, engenheiro Avellar e director da fazenda municipal, sr. Gomes da Silva.

Depois da tuna executar o hymno da Carta o sr. conselheiro Antonio de Azevedo, em nome do municipio de Lisboa, proferiu o seguinte discurso:

«A camara municipal de Lisboa, a que tenho a honra de presidir, interpretando os sentimentos da população desta capital, acolhe com muito prazer e sympathia e com o mais fervoroso applauso a visita dos illustres academicos da Universidade de S. Thiago de Compostella.

Sempre a nação portugueza se associou á nação hespanhola nos seus regosijos nos dias felizes, e ás suas maguas nos dias infaustos, o que demonstra a profunda estima que consagra á nação sua irmã.

Decorrido é pouco tempo depois que esta capital teve a insigne honra da visita do joven monarcha hespanhol.

Por toda a peninsula resoaram os echos das acclamações festivas de que foi alvo. Se o facto por um lado prova que o joven monarcha captou subitamente a sympathia e respeito d'esta capital, demonstra tambem que entre os dois povos não ha fronteiras moraes, como as não ha physicas que difficultem ou impeçam que as duas nações se apertem as mãos com affectuosa cordealidade.

Saudo, pois, os academicos de Compostella, e faço votos para que a fraternisação calorosa da mocidade das escolas portuguezas e hespanholas seja o inicio d'uma alliança ideal dos dois povos peninsulares do dominio da sciencia, da litteratura e da arte, que concorra para o engrandecimento e lustre das duas nações e para as conquistas da civilisação.

Se Portugal e Hespanha não occupam hoje o logar proeminente que tiveram em seculos passados, ha muito que confiar ainda na vitalidade e originalidade dos dois povos, e por isso confiemos todos patrioticamente nas nossas forças e sigamos a luminosa estrada do progresso moral e intellectual.

O estudante de medicina de S. Thiago, sr. Jesus Gomez Araujo, começando, elogiou os altos feitos de Portugal, declarando que a missão da Tuna era trazer a Portugal a saudação sincera do povo hespanhol, e principalmente do povo gallego, que nutre profundo affecto pelos portuguezes.

A Galliza, diz o orador, tem mais amor a Portugal que á propria Hespanha, mas ha um povo que nutre ainda mais amor a Portugal, é S. Thiago de Compostella.

Referindo-se ás recentes visitas dos reis de Hespanha e da Inglaterra, lembra como será poderosa uma alliança formada pelas tres nações Portugal, Hespanha e Inglaterra.

Se ha duas nações amigas como Hespanha e Portugal, continua o sr. Araujo, porque não hão de as tres nações formar a triplice alliança tão honrosa para Portugal como para a Hespanha?

Pede, por fim, desculpa de não poderem ter vindo á hora determinada pelo sr. presidente da camara em consequencia de se terem demorado bastante tempo nas duas escolas que visitaram, inhibindo-os por esse facto de comparecer á uma hora e meia.

Para terminar, ergue um viva a Portugal, respondendo lhe o sr. conselheiro Antonio de Azevedo com um viva á Hespanha.

A Tuna novamente executa o hymno da Carta, erguendo-se n'essa occasião vivas ás duas nações, á cidade de Lisboa, etc.

Terminada a recepção, eram quatro horas da tarde, foram os estudantes hespanhoes acompanhados até ao vestibulo do edificio pela vereação com o seu digno presidente á frente, e pelo guarda-mór sr. Picotas Falcão, e pelo pessoal da camara que assistia á recepção.

Como a maior parte dos estudantes se sentissem fatigados desistiu-se da visita á Escola Polytechnica e ao Instituto Industrial, ficando resolvido que essa visita se effectuasse hoje.

Para esse fim foram delegados ás respectivas escolas transmittir essa resolução.

Os estudantes dirigiram-se depois para os hoteis onde se encontram hospedados.

A visita aos jornaes

Alguns estudantes hespanhoes, acompanhados da commissão da Academia de Lisboa visitaram as redacções dos jornaes da capital, apresentando-lhes os seus cumprimentos em nome da tuna.

O nosso jornal foi visitado pelo sr. D. Benjamin Sanchez Moure, estudante de direito da universidade de S. Thiago, que veiu acompanhado pelos srs. Mario Teixeira Diniz, da Escola Polytechnica, e Almeida Serra, do Lyceu de Lisboa.

Na Escola Polytechnica e no Instituto Industrial

Na Escola Polytechnica aguardavam, desde a uma hora da tarde, a chegada da tuna de S. Thiago, os corpos gerentes da tuna da Escola e quasi todos os alumnos que frequentam aquelle estabelecimento de ensino.

Estava-lhe preparada uma magnifica recepção, mas, ás 4 horas da tarde, recebeu-se o aviso de que a tuna só hoje, ao meio dia e meia hora, realisará essa visita.

No Instituto Industrial tambem eram os estudantes hespanhoes esperados desde a uma hora da tarde, ficando a visita transferida para hoje, ao meio dia.

As visitas d'hoje

A tuna visitará hoje, lolo meio dia, o Instituto Industrial e, pelo meio dia e meia hora para a 1 hora da tarde, a Escola Polytechnica, onde assistirá a uma sessão solemne promovida pelos alumnos.

De manhã, pelas dez horas, os estudantes de medicina irão visitar a Escola Medica, o hospital de S. José, o necroterio e o novo edificio destinado á escola, que se está construindo no campo de Sant'Anna.

O sarau do Colyseu

A vasta sala do Colyseu dos Recreios encheu-se hontem quasi por completo, vendo-se a geral repleta, a plateia, quasi todos os camarotes e galeria.

Estas festas da academia e que demonstram os laços de estreita amisade entre a juventude dos dois paizes, são quasi sempre cheias do mais vivo enthusiasmo e alegria, e na de hontem, no Colyseu, mais uma vez esse enthusiasmo e essa alegria se manifestou largamente e demonstrando o que acima dizemos.

Pouco depois das 8 horas e meia da noite apresentou-se no palco a tuna compostellana, que foi saudada com uma prolongada salva de palmas, executando em seguida os hymnos nacionaes portuguez e hespanhol, que foram ouvidos de pé e muito applaudidos.

O numeroso grupo de estudantes, entre os quaes ha artistas de muito merecimento, tocou depois, primorosamente, o passe-calle «Escennas Andaluzas», a valsa «Pilarcita» e o preludio da «Cavallaria Rusticana», sendo calorosamente applaudidos todos os trechos, ouvindo-se vivas enthusiasticos á Hespanha e Portugal.

O tuno sr. Narciso Trepademo recitou depois o monologo «En la Carcel» sendo tambem muito apreciado e fechando assim a primeira parte do sarau.

O primeiro numero da segunda parte foi executado pelo tuno sr. Biajo, que tocou por fórma notavel, na correcção ao piano, o «Concerto de Herz», sendo calorosamente applaudido e voltando ao piano fez-se ainda ouvir em uma delicada phantasia sobre trechos nacionaes hespanhoes.

O tuno sr. Soto veiu depois recitar um gracioso monologo com o titulo de «Lições de Civilidade», sendo muito apreciado pela graça e naturalidade que imprimiu á sua recitação.

Depois da orchestra ter tocado alguns trechos musicaes e entre elles a «Maxixe», que foi muito applaudida, seguiu-se a representação da comedia em 1 acto «Hora Fatal», desempenhada pelos tunos srs. Soto, Sisto, Garcia, Linares, Borrego e Romero. E' um approposito escolar, um exame comico de muita graça e que foi muito apreciado.

Fechou o espectaculo a tuna, executando uma inspirada valsa, acompanhada a pandeiretas, a «Serenata», do sr. Soto; o «Bolero», de Ocon e um delicado «passe-calle», do director da tuna.

O publico irrompeu então em enthusiasticos vivas, executando a tuna o hymno nacional portuguez, que foi ouvido de pé, correspondendo a orchestra com o hymno do reino visinho.

Os vivas succederam-se enthusiasticos e um dos nossos hospedes dirigiu então algumas palavras de agradecimento; em nome da tuna academica de Santiago de Compostella, sendo levado em triumpho pelos estudantes de Lisboa, que subiram nesse momento ao palco.

Foi, emfim, uma festa deliciosa, alegre e cheia de enthusiasmo.

Notas

A's 10 horas e meia da manhã, uma commissão de quatro estudantes hespanhoes e dois portuguezes, foram ao lyceu de S. Domingos, afim do sr. vice-reitor dr. Arsenio de Mascarenhas, conceder feriado aos alumnos d'aquelle lyceu.

O sr. dr. Arsenio de Mascarenhas respondeu que não podia conceder feriado, pois que essas attribuições competiam ao sr. dr. Clemente Pinto, reitor do lyceu do Carmo.

A commissão dirigiu-se para o lyceu do Carmo, fallando ali com o sr. dr. Clemente Pinto, que prometteu não conceder feriado, mas abonar as faltas que os alumnos dessem.

—O sr. Alvarez Novoa, da tuna de S. Thiago, recebeu hontem, do paço das Necessidades, a seguinte carta:

«Ill.mo e ex.mo sr.—Accusando a recepção do officio de v. ex.ª, de 22 do corrente, que acabo de receber, cumpre-me informar que os desejos realmente tão sympathicos e amaveis, para sua magestade a rainha, da Tuna Academica Compostellana, devem, segundo a praxe estabelecida n'esta côrte, ser transmittidos a sua magestade por intermedio do ministro de Hespanha. Está, pois, fóra das minhas attribuições, como veador, e com bastante pesar meu, ser o interprete, junto de sua magestade a rainha, de desejos de tão sympathica collectividade.—Deus guarde v. ex.ª—Ill.mo e ex.mo sr. Alvarez Novoa —D. Vasco da Camara».

Em vista d'esta carta, dirigiu-se uma commissão ao sr. D. Luiz Polo de Barnabé, ministro de Hespanha, pedindo-lhe para que solicitasse de suas magestades a sua comparencia no sarau de hontem.

—Os estudantes da Academia de Bellas Artes fizeram «parede», por motivo de não terem tido feriado.

—No Instituto de Agronomia e Veterinaria não foi ante-hontem recebido o officio do ministerio das obras publicas, participando o feriado, funccionando por isso todas as classes.

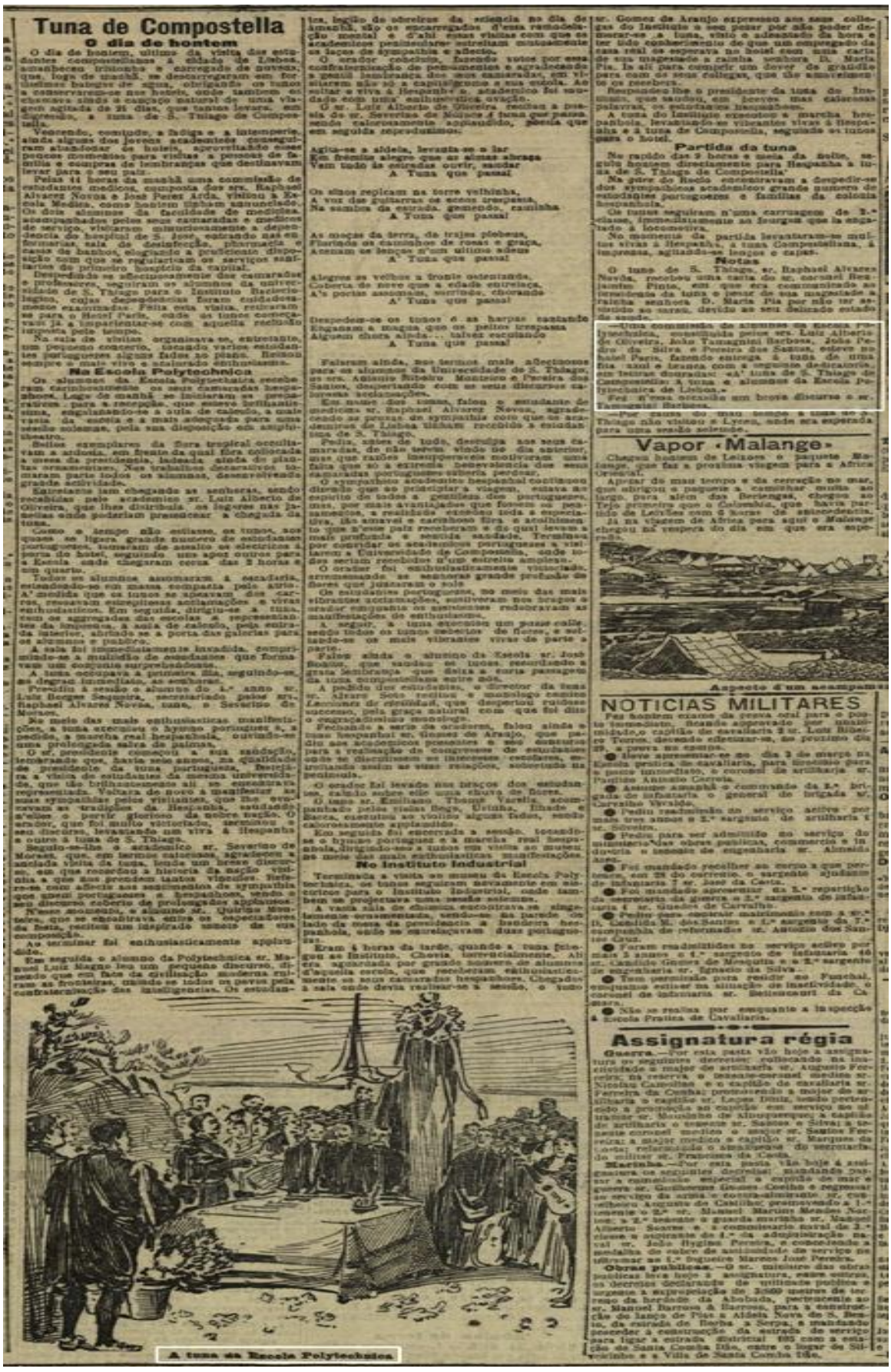
—A tuna parte hoje á noite para Hespanha.

Tuna da Escola Polytechnica

Pede-se aos socios executantes d'esta tuna o

A Tuna em marcha

(**Diário de Notícias**, 40.º Ano, N.º 13738, de 24 de Fevereiro de 1904, p. 3)



Tuna de Compostella

O dia de hontem

O dia de hontem, ultimo da visita dos estudantes compostellanos á cidade de Lisboa, amanheceu tristonho e carregado de nuvens, que, logo de manhã, se desencadearam em torrentes de agua, obrigando os tunos a conservarem-se nos hoteis, onde tambem os chuveiros sinda a canção natural de uma viagem agitada de 24 horas, que tanto horror, em digressão, a tuna de S. Thiago de Compostella.

Vencendo, comtudo, a fadiga e a intemperie, ainda alguns dos jovens academicos conseguiram atasalhar os hoteis, aproveitando esses poucos momentos para visitas a pessoas de familia e compras de lembranças que destinavam levar para o seu paiz.

Pelas 11 horas da manhã uma commissão de estudantes medicos, composta dos srs. Raphael Alvarez Novaes e José Perez Arda, visitou a Escola Medica, como hontem tinham annunciado. Os dois alumnos da faculdade de medicina, acompanhados pelos seus camaradas e medicos de serviço, visitaram minuciosamente o deposito cadaverico do hospital de S. José, examinando nas enfermarias, sala de desinfecção, pharmacia e casas de banhos, exigindo a proficiente disposição com que se regularisam os serviços sanitarios do primeiro hospitalio da capital.

Despedindo-se affectuosamente dos camaradas e professores, seguiram os alumnos da universidade de S. Thiago para o Instituto Bacteriologico, cujas despedidas foram cuidadosamente examinadas. Feita esta visita, retiraram-se para o Hotel Paris, onde os tunos começavam já a impacientar-se com aquella reclusão imposta pelo tempo.

Na sala de visitas organisara-se, entretanto, um pequeno concerto, tocando varios estudantes portuguezes alguns fados de Coimbra sempre a mais vivo e aplaudido enthusiasmo.

Na Escola Polytechnica

Os alumnos da Escola Polytechnica recebe ram carinhosamente os seus camaradas hontem pelas dez horas. Logo de manhã se iniciaram os preparativos para a recepção, que esteve brilhantissima, agalanando-se a sala de calor, a mais bella sala da escola e a mais adequada para uma sessão solemne, pela sua disposição em amphitheatro.

Bellos exemplares da flora tropical occultavam a ardosia, em frente da qual fôra collocada a mesa da presidencia, ladeada aliás de plantas ornamentaes. Nos trabalhos decorativos tomaram parte todos os alumnos, desenvolvendo grande actividade.

Sabiamente iam chegando as senhoras, sendo recebidas pelo academico sr. Luiz Alberto de Oliveira, que lhes distribuia os logares nas janellas onde poderiam presenciar a chegada da tuna.

Como o tempo não estivesse os tunos, aos quaes se ligara grande numero de estudantes portuguezes, tomaram de assalto as electricas á porta do hotel, seguindo uns apoz outros para a Escola onde chegaram cerca das 2 horas e um quarto.

Todos os alumnos assomaram á escadaria, estendendo-se em massa compacta pelo atrio. A' medida que os tunos se apeavam dos carros, reservam enthusiasticas acclamações e vivas enthusiasticos. Em seguida, dirigiu-se a tuna, tendo as aggregadas das escolas a representação da Universidade, á sala de calculo, pela escada interior, abrindo-se a porta das galerias para os alumnos e publico.

A sala foi immediatamente invadida, comprimindo-se a multidão de estudantes que formavam um conjuncto surprehendente.

A tuna occupava a primeira fila, seguindo-se os degraus immediatos, as senhoras.

Presidia á sessão o alumno do 4.º anno sr. Luiz Borges Segueira, secretariado pelos srs. Raphael Alvares Novaes, tuna, e Severino de Moraes.

No meio das mais enthusiasticas manifestações, a tuna executou o hymno portuguez e, a pedido, a marcha real hespanhola, ouvindo-se uma prolongada salva de palmas.

O sr. presidente cumprio a sua missão, lembrando que, ha 10 annos, na qualidade de presidente da tuna portugueza, percorra a vinha de estudantes da formosa universidade, que tão brilhantemente ali se encontrava representada. Voltava de novo a manifestar as suas sympathias pelos visitantes, que lhe proporcionam as tradições da Hespanha, saudando-a'elles o porir glorioso da nobre nação. O orador, que foi muito victoriado, terminou o seu discurso, levantando um viva á Hespanha e outro á tuna de S. Thiago.

Seguio-se-lhe o academico sr. Severino de Moraes, que, em termos calorosos, agradeceu a amavel visita da tuna, tendo um breve discurso em que recordou a historia da nação visinha e que nos prendem tantas vinculos. Referiu-se com affecto aos sentimentos de sympathia que ahi prodigalisaram a Coimbra, terminando o seu discurso saberto de prolongadas applausos.

N'esse momento, o alumno sr. Quirino Monteiro, que se encontrava entre os espectadores da festa, recitou um inspirado soneto de sua composição.

Ao terminar foi enthusiasticamente applaudido.

Em seguida o alumno da Polytechnica sr. Manoel Luiz Magno leu um pequeno discurso, dizendo que em fóra da civilisação moderna cairam as fronteiras, unindo-se todos os povos pela confraternisação das intelligencias. Os estudantes, legião de obreiros da sciencia no dia de amanhã, são os encarregados d'esta remodelação mental e d'ahi esses visitas com que os academicos peninsulares estreitam mutuamente os laços de sympathia e affecto.

O orador concluiu, fazendo votos por essa confraternisação de pensamentos e agradecendo a gentil lembrança dos seus camaradas, em visitarem não só a capital mas a sua escola. Ao soltar o viva á Hespanha o academico foi vaidado com uma enthusiastica ovação.

O sr. Luiz Alberto de Oliveira recitou a poesia do sr. Severino de Moraes á tuna que passa sendo calorosamente applaudido, poesia que em seguida reproduzimos.

Agita-se a aldeia, levanta-se o lar
Em frémito alegre que ao ar almas abraça
Vem todo ás estradas ouvir, saudar
A Tuna que passa!

Os olhos replicam na torre velhinha,
A voz das guitarras os ecos trespassa,
Na samba da estrada, gemedor, ranhiha
A Tuna que passa!

As moças da terra, de trajes plebeus,
Florindo os caminhos de rosas e graça,
Acenam os beijos n'um ultimo adeus
A' Tuna que passa!

Alegres os velhos a fronte estendando,
Coberta de neve que a edade entrelaça,
A's portas assomam, sorrindo, chorando
A' Tuna que passa!

Despedem-se os tunos e as harpas cantando
Enganam a magua que os peitos trespassa
Alguem chora ainda... talvez escutando
A Tuna que passa!

Falaram ainda, nos termos mais affectuosos para os alumnos da Universidade de S. Thiago, os srs. Antonio Ribeiro Monteiro e Freitas dos Santos, despertando com os seus discursos calorosas acclamações.

Em nome dos tunos, falou o estudante de medicina sr. Raphael Alvarez Novaes, agradecendo as provas de sympathia com que os academicos de Lisboa tinham recebido a estudantina de S. Thiago.

Pelas mãos de todo, desculpa aos seus camaradas, de não terem vindo no dia anterior, mas que razões inesperadas motivaram uma falta que só a extrema benevolencia dos seus camaradas portuguezes saberá perdoar.

O sympathico academico hespanhol continuou dizendo que ao principiar a viagem, estava ao espirito de todos a recepção dos portuguezes, mas que mais avantajadas que fossem as suas esperanças, a realidade excedeu toda a especulativa, lhe amavel e carinhoso fôra o acolhimento que o esperava para receberam e do qual levam a mais profunda e sentida saudade. Terminou por cumprir os academicos portuguezes a visitarem a Universidade de Compostella, onde todos serão recebidos n'um estreito abraço de irmãos.

O orador foi enthusiasticamente victoriado, arremessando as senhoras grande profusão de flores que juncaram o solo.

Os estudantes portuguezes, no meio das mais vibrantes acclamações, ensaiaram uns brados e orador enthusiasta os estrondosos redobraram as manifestações de enthusiasmo.

Em seguida, a tuna executou um passo calle, sendo todos os tunos cobertos de flores, e saltando-se os mais vibrantes vivas de parte a parte.

Falou ainda o alumno da Escola sr. José Bonifacio, que saudou os tunos recordando a grata lembrança que deixa a sua passagem da tuna compostellana entre nós.

A pedido dos estudantes, o director da tuna sr. Alvaro Soto recitou o monologo cumico *Lecciones de sociedad*, que despertou risadas sonoras, pela graça natural com que foi dito o engraçadissimo monologo.

Fechando a serie de oradores, falou ainda o tuna hespanhol sr. Gomez de Araujo, que pediu aos academicos presentes o seu commentario para a realisação do congresso de estudantes onde se discutirem os interesses escolares, manifestando assim as suas relações, sobretudo na peninsula.

O orador foi levado nos braços dos estudantes, caindo sobre elle uma chuva de flores.

O tuno sr. Emiliano Thaqui Varella, acompanhado pelos tunos Bergo, Ustinha, Pinado e Beca, executou ao violão algumas fados, sendo calorosamente applaudido.

Em seguida foi encerrada a sessão, tocando-se o hymno portuguez e a marcha real hespanhola, dirigindo-se a tunos em visita ao museu, onde mais das mais enthusiasticas manifestações.

No Instituto Industrial

Terminada a visita ao museu da Escola Polytechnica, os tunos seguiram novamente em carros para o Instituto Industrial, onde tambem se projectava uma sessão solemne.

A tuna ahi de chegar encontrava-se singularmente concorrida, vendo-se na parede, por detrás da mesa da presidencia a bandeira hespanhola, onde se agrupavam duas portuguezas.

Eram 4 horas da tarde, quando a tuna fôra gou ao Instituto, Chovia torrencialmente. Ali era aguardada por grande numero de alumnos d'aquella escola, que recebeam enthusiasticamente os seus camaradas hespanhoes. Chegados á sala onde devia realisar-se a sessão, o tuno sr. Gomez de Araujo expressou aos seus collegas do Instituto o seu pesar por não poder demorar-se a tuna, visto o adiantado da hora e ter sido commettimento de que um empregado da casa real os esperava no hotel com uma carta de sua magestade a rainha senhora D. Maria Pia, lá ali para cumprir um dever de gratidão para com os seus collegas, que de amavelmente os recebera.

Respondeu-lhe o presidente da tuna do Instituto, que lamentava, em breves mas calorosas palavras, os motivos tão imperiosos.

A tuna do Instituto executou a marcha hespanhola, levantando-se vibrantes vivas á Hespanha e á tuna de Compostella, seguindo os tunos para o hotel.

Partida da tuna

Ás rapido das 2 horas e meia da noite, seguiu hontem directamente para Hespanha a tuna de S. Thiago de Compostella.

Na gare do Rocio encontravam-se despedir-se dos sympathicos estudantes grande numero de estudantes portuguezes e familias da colonia hespanhola.

Os tunos seguiram n'uma carruagem de 1.ª classe, immediatamente ao lougar que lá engatado á locomotiva.

No mesmo comboio partiu levantaram-se muitos vivas á Hespanha, á tuna Compostellana, á imprensa, agitando-se lenços e capas.

Notas

O tuno de S. Thiago, sr. Raphael Alvares Novaes, recebeu uma carta do sr. coronel Benjamim Pinto, em que era communicado ao presidente da tuna o pesar de sua magestade a rainha senhora D. Maria Pia por não ter assistido ao sarau, devido ao seu delicado estado de saude.

—Uma commissão de alumnos da escola Politechnica, composta pelos srs. Luiz Alberto de Oliveira, João Tamagnini Barbosa, João Pedro da Silva e Pereira dos Santos, esteve no Hotel Paris, fazendo entrega á tuna de uma folha de musica com a seguinte dedicatoria, em letras douradas: «A' tuna de S. Thiago de Compostella a tuna e alumnos da Escola Politechnica de Lisboa.»

A fez o 1.º uma curta mas bem sentida allocução e o sr. Tamagnini Barbosa.

—Por causa do mau tempo a tuna de S. Thiago não visitou o Lyceu, onde era esperada para uma sessão solemne.

Vapor «Malange»

Chegou hontem de Loanda o paquete Malange, que faz a proxima viagem para a Africa Occidental.

Apesar do mau tempo e da cerração no mar, que obrigou a paquete a caminhar muito ao largo, para além das Berlengas, chegou ao Tejo hontem pouco o Colombia, que havia partido de Loanda com 6 horas de antecedencia.

Já na viagem de Africa para aqui o Malange chegou na vespera do dia em que era esperado.

Aspecto d'um acampamento

NOTICIAS MILITARES

Foi hontem exame da prova oral para o posto de tenente, tendo sido approvado com distincção o capitão de infantaria 2 sr. Luiz Rodrigo Torres, devendo submetter-se, do proximo dia 29, a prova no campo.

● Deve apresentar-se no dia 3 de março na Escola pratica de cavallaria, para frequencia geral e parte immediato, o coronel de artilharia sr. Paulino Antonio Correia.

● Assume amanhã o commando da 2.ª brigada de infantaria o general de brigada sr. Carvalho Viradio.

● Pediu rescisão do serviço activo por mais tres annos o 2.º sargento de artilharia 1 sr. Silveira.

● Pedio para ser admittido ao serviço do ministerio das obras publicas, commercio e industria o tenente de engenharia sr. Almeida Lopes.

● Foi mandado recolher ao corpo a que pertence, em 28 do corrente, o sargento ajudante de infantaria sr. José da Costa.

● Foi mandado apresentar na 1.ª repartição da secretaria da guerra o 2.º sargento de infantaria 4 sr. Eduardo de Carvalho.

● Pedio para contrahir casamento com a sr.ª D. Candida M. dos Santos o 1.º sargento da 7.ª companhia de reformados sr. Antonio dos Santos Cruz.

● Foram readmittidos no serviço activo por mais 3 annos o 1.º sargento de infantaria 16 sr. Candido Gomes de Mesquita e o 2.º sargento de engenharia sr. Ignacio da Silva.

● Foram nomeados para residir no Funchal, emquanto estiver na situação de inactividade, o coronel de infantaria sr. Belmonte da Camara.

● Não se realisa por emquanto a inspecção á Escola Pratica de Cavallaria.

Assignatura régia

Guerra.—Por esta pasta vão hoje a assignatura os seguintes decretos: collocando na inactividade o major de artilharia sr. Augusto Ferreira Borges, o tenente-coronel de infantaria sr. Nicolau Carolino e o capitão de cavallaria sr. Ferreira da Cunha; promovendo a major do arma o capitão sr. Lopes Dinis, sendo posto em effectividade de serviço no mesmo logar; o capitão sr. Monteiro de Albuquerque; a capitão de artilharia o tenente sr. Santos e Silva; a tenente coronel medico o major sr. Santos Ferreira; a major medico o capitão sr. Marques da Costa; reformando o amanuense do ministerio sr. Francisco da Costa.

Marinha.—Por esta pasta vão hoje a assignatura os seguintes decretos: mandando passar a commandante especial o capitão de mar e guerra sr. Guilherme Gomes Coelho e regressar ao serviço de supra-numerario, sr. contra-almirante, sr. conselheiro Augusto de Castilho; promovendo a 1.º tenente o 2.º sr. Manuel Martins Mendes Nogueira; a 2.º tenente o guarda marinha sr. Manuel Alberto Soares e a commissario naval de 2.ª classe o aspirante de 1.º da administração naval sr. João Hygino Pereira, e concedendo a medalha de ouro de assiduidade de serviço militar ao 2.º sargento sr. Marcos José Pereira.

Obras publicas.—O sr. ministro das obras publicas leva hoje á assignatura, entre outros, os decretos declarando de utilidade publica a expropriação dos terrenos que ha mister para o caminho de ferro da Beira Alta, pertencentes ao sr. Manuel Barroso de Barros, para a construcção do lanço de Pias a Aldeia Nova de S. Bento, do ramal de Beja, e mandando proceder á construcção da estrada de serviço para ligar a estrada districtal 105 com a estação de Santa Comba Dão, entre o logar do Sobreirinho e a Villa de Santa Comba Dão.

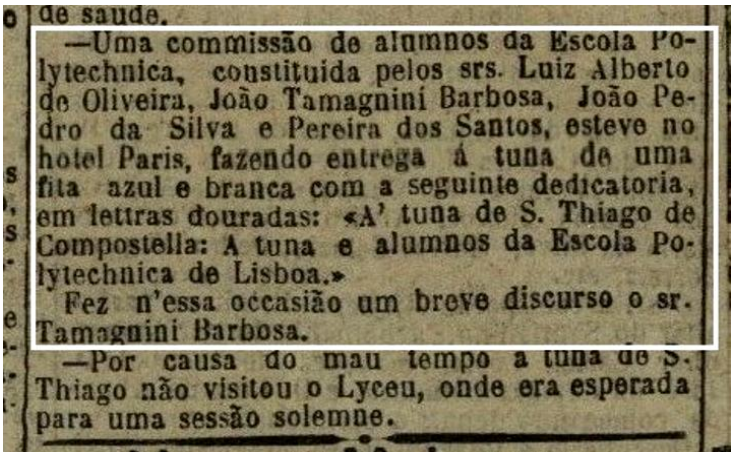
A tuna da Escola Polytechnica

A visita da Tuna Compostelana, com gravura da **Tuna da Escola Politécnica** - alusiva à sessão solene que ocorreu na dita instituição de ensino.

(**O Século**, 24.º Ano, N.º 7962, de 25 de Fevereiro de 1904, p. 1)

O FINAL DA SESSÃO DA TUNA DE S. THIAGO DE COMPOSTELLA NA ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA

A Tuna Compostelana na Escola Politécnica de Lisboa, 1904.
(**Illustração Portugueza**, 1.º Ano, N.º 17, de 29 de Fevereiro de 1904, p. 272)

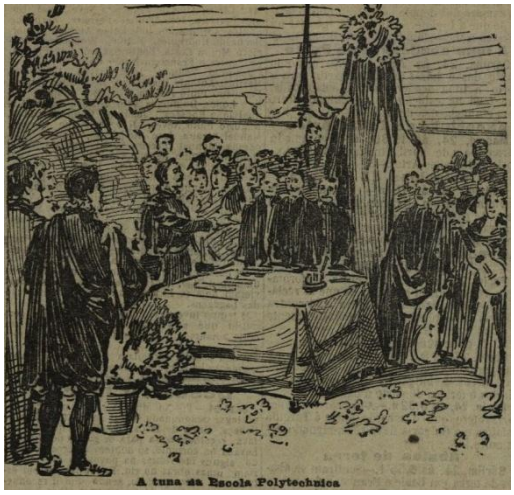


de saude.

—Uma commissão de alumnos da Escola Polytechnica, constituida pelos srs. Luiz Alberto de Oliveira, João Tamagnini Barbosa, João Pedro da Silva e Pereira dos Santos, esteve no hotel Paris, fazendo entrega á tuna de uma fita azul e branca com a seguinte dedicatoria, em lettras douradas: «A' tuna de S. Thiago de Compostella: A tuna e alumnos da Escola Polytechnica de Lisboa.»

Fez n'essa occasião um breve discurso o sr. Tamagnini Barbosa.

—Por causa do mau tempo a tuna de S. Thiago não visitou o Lyceu, onde era esperada para uma sessão solemne.



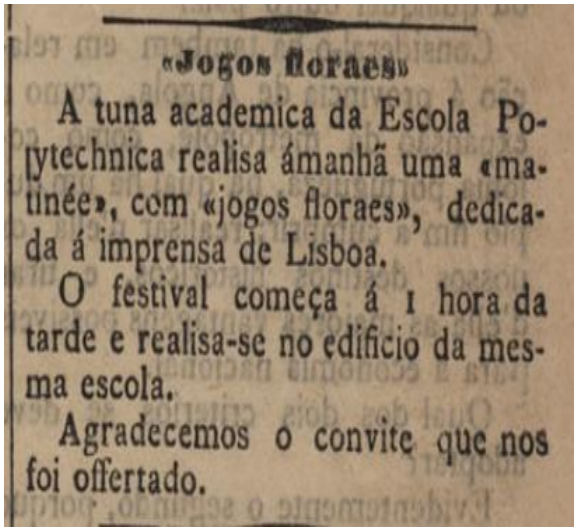
A tuna da Escola Polytechnica

A Tuna da Escola Politécnica retratada em desenho, 1904.
(**O Século**, 24.º Ano, N.º 7962, de 25 de Fevereiro de 1904, p. 1)

A Tuna Compostelana em Lisboa, 1904.
(**Illustração Portugueza**, N.º 17, de 29 de Fevereiro de 1904, pp.264-265)

Jogos Florais

Em Março (dia 13), a **Tuna da Escola Politécnica** realisa uma *matinée*, no edifício da escola, com jogos florais[68] dedicados à imprensa de Lisboa[69].



«Jogos floraes»

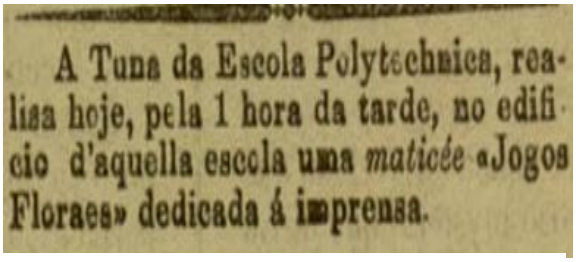
A tuna academica da Escola Polytechnica realisa ámanhã uma «matinée», com «jogos floraes», dedicada á imprensa de Lisboa.

O festival começa á 1 hora da tarde e realisa-se no edificio da mesma escola.

Agradecemos o convite que nos foi offertado.

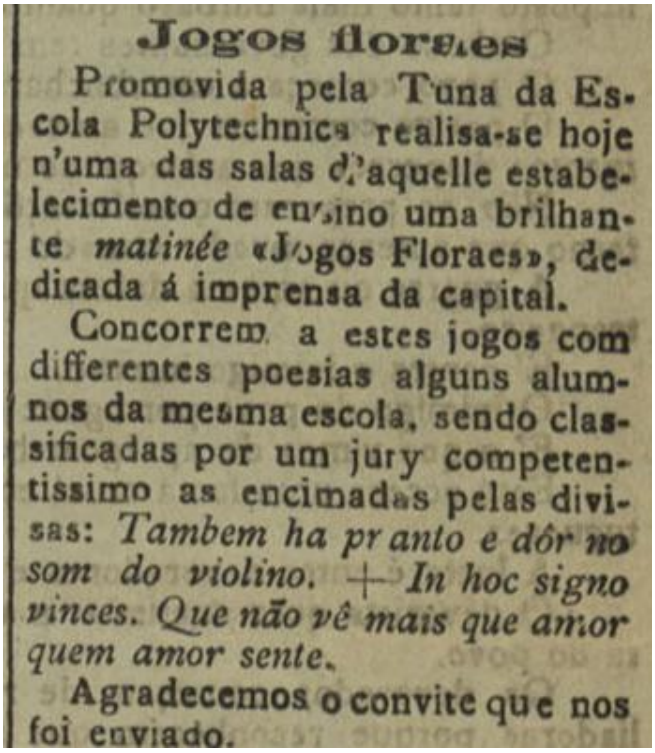
(**Correio Nacional**, Ano XII, N.º 3300, de 12 de Março de 1904, p. 2)

A Escola Politécnica
(Foto do autor, 2010)



A Tuna da Escola Polytechnica, realisa hoje, pela 1 hora da tarde, no edificio d'aquella escola uma *matinée* «Jogos Floraes» dedicada á imprensa.

(**Diário Illustrado**, N.º 11148, 13 de Março 1904, p. 1)



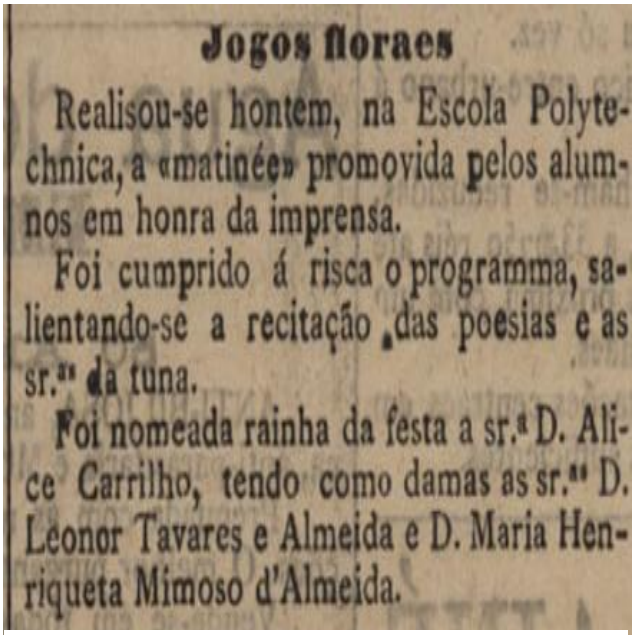
Jogos floraes

Promovida pela Tuna da Escola Polytechnica realisa-se hoje n'uma das salas d'aquelle estabelecimento de ensino uma brilhante *matinée* «Jogos Floraes», dedicada á imprensa da capital.

Concorrem a estes jogos com differentes poesias alguns alumnos da mesma escola, sendo classificadas por um jury competentissimo as encimadas pelas divisas: *Tambem ha pranto e dôr no som do violino.* + *In hoc signo vinces. Que não vê mais que amor quem amor sente.*

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

(**Tempo**, 9.º Ano, N.º 2272, de 13 de Março e 1904, p. 2)



Jogos floraes

Realisou-se hontem, na Escola Polytechnica, a «matinée» promovida pelos alumnos em honra da imprensa.

Foi cumprido á risca o programma, salientando-se a recitação das poesias e as sr.as da tuna.

Foi nomeada rainha da festa a sr.ª D. Alice Carrilho, tendo como damas as sr.as D. Leonor Tavares e Almeida e D. Maria Henriqueta Mimoso d'Almeida.

(**Correio Nacional**,N.º 3301, de 14 de Março 1904, p. 3)

[68] Esse jogos florais constituem já uma festa anual na Escola Politécnica.

[69] **Correio Nacional**, Ano XII, N.º 3300, de 12 de Março de 1904, p. 2 e N.º 3301, de 14 de Março e 1904, p. 3; **Diário Illustrado**, 33.º Ano, N.º 11148, de 13 de Março e 1904, p. 1 e **Tempo**, 9.º Ano, N.º 2272, de 13 de Março e 1904, p. 2.

Sarau anual no Teatro D. Maria

Do sarau que a TAEPL organizou no Teatro D. Maria, no dia 21 de Março[70], se sabe que, após os ensaios da véspera e ante-véspera, a tuna iniciou o espectáculo pelas 20h30, apresentando um programa dividido em 3 partes.

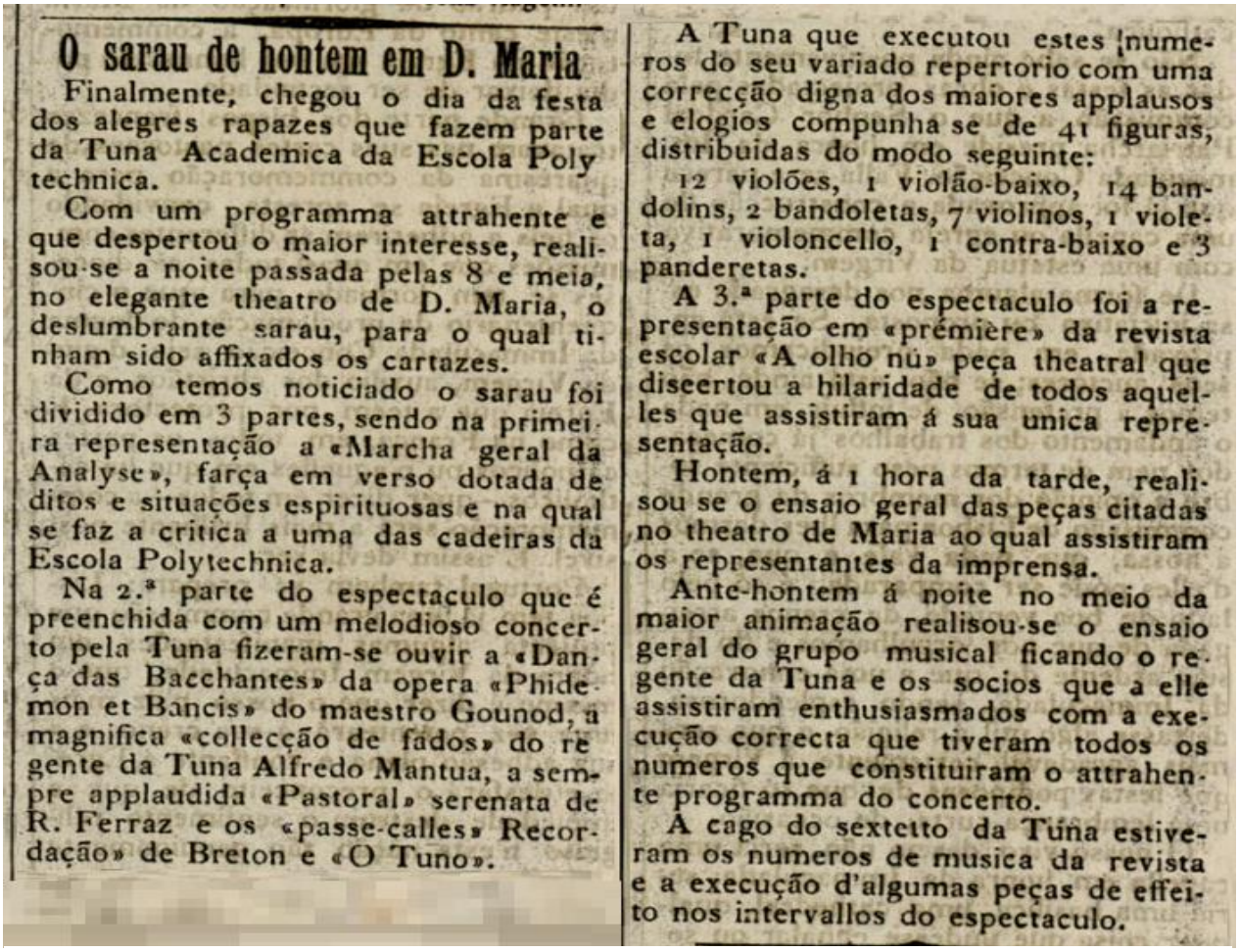
Na 1.ª parte apresentou-se a farsa em verso "Marcha d'Analyse".

Na 2.ª houve concerto, com os temas "Dança das Bacchantes" (da ópera "Philemon et Baucis" de Gounod), "Collecção de Fados" (Alfredo Mântua), "Pastoral (serenata de Raúl Ferraz) e os *pasacalles* "Recordação" (de Breton) e "O Tuno" (autor não divulgado).

Finalmente, a 3.ª parte foi preenchida com a estreia da revista escolar "A olho Nu", uma peça jocosa que foi muito bem recebida pelo público.

É interessante que o periódico refira a constituição instrumental da tuna:

> *"A Tuna que executou estes numeros do seu variado repertorio com uma correcção digna dos maiores applausos e elogios compunha-se de 41 figuras, distribuidas do modo seguinte:*
>
> ***12 violões, 1 violão-baixo, 14 bandolins, 2 bandoletas, 7 violinos, 1 violeta, 1 violoncello, 1 contra-baixo e 3 pandeiretas**"*



O sarau de hontem em D. Maria

Finalmente, chegou o dia da festa dos alegres rapazes que fazem parte da Tuna Academica da Escola Polytechnica.

Com um programma attrahente e que despertou o maior interesse, realisou-se a noite passada pelas 8 e meia, no elegante theatro de D. Maria, o deslumbrante sarau, para o qual tinham sido affixados os cartazes.

Como temos noticiado o sarau foi dividido em 3 partes, sendo na primeira representação a «Marcha geral da Analyse», farça em verso dotada de ditos e situações espirituosas e na qual se faz a critica a uma das cadeiras da Escola Polytechnica.

Na 2.ª parte do espectaculo que é preenchida com um melodioso concerto pela Tuna fizeram-se ouvir a «Dança das Bacchantes» da opera «Phidemon et Bancis» do maestro Gounod, a magnifica «collecção de fados» do regente da Tuna Alfredo Mantua, a sempre applaudida «Pastoral» serenata de R. Ferraz e os «passe-calles» Recordação» de Breton e «O Tuno».

A Tuna que executou estes numeros do seu variado repertorio com uma correcção digna dos maiores applausos e elogios compunha se de 41 figuras, distribuidas do modo seguinte:

12 violões, 1 violão-baixo, 14 bandolins, 2 bandoletas, 7 violinos, 1 violeta, 1 violoncello, 1 contra-baixo e 3 panderetas.

A 3.ª parte do espectaculo foi a representação em «prémière» da revista escolar «A olho nú» peça theatral que diseertou a hilaridade de todos aquelles que assistiram á sua unica representação.

Hontem, á 1 hora da tarde, realisou se o ensaio geral das peças citadas no theatro de Maria ao qual assistiram os representantes da imprensa.

Ante-hontem á noite no meio da maior animação realisou-se o ensaio geral do grupo musical ficando o regente da Tuna e os socios que a elle assistiram enthusiasmados com a execução correcta que tiveram todos os numeros que constituiram o attrahente programma do concerto.

A cago do sexteto da Tuna estiveram os numeros de musica da revista e a execução d'algumas peças de effeito nos intervallos do espectaculo.

(**A Nação**, Ano LVII, N.º 14012, de 22 de Março de 1904, p. 2)

[70] **A Nação**, Ano LVII, N.º 14012, de 22 de Março de 1904, p. 2; **O Grande Elias**, Ano II, N.º 26, de 24 de Março de 1904, p. 2 e **Alma Portuguesa**, N.º Comemorativo, Abril 1905, p. 2.

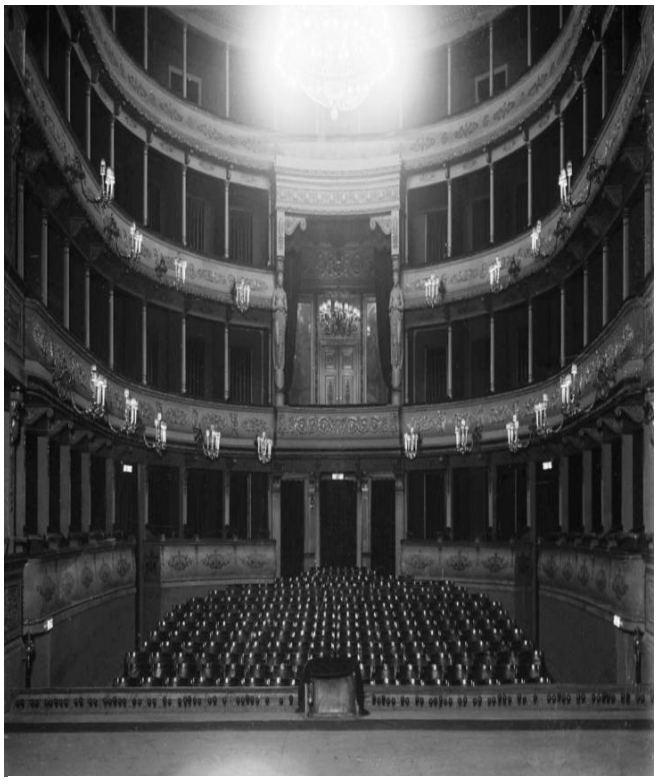
Theatro de D. Maria II

Promovida pela Tuna academica da Escola Polytechnica, realisou-se na segunda feira ultima uma recita em que se representou a farça em um acto **A marcha de analyse,** em verso, original do sr. Severino de Moraes e a revista de acontecimentos academicos, original d'este mesmo cavalheiro e do sr. Quirino Monteiro, intitulada **A olho nú.**

O espectaculo decorreu todo com grande enthusiasmo e animação, produzindo franca gargalhada o entrecho das peças, que são recheiadas de bons ditos e onde ha *couplets* realmente engraçados.

Auctores e interpretes foram muito applaudidos, assim como a tuna que, sob a regencia do considerado maestro sr. Alfredo Mantua, executou alguns numeros com muito brilho e perfeita afinação, destacando-se porém a collecção de fados do sr. Mantua, que são realmente de uma soberba inspiração e que foram magistralmente executados.

(**O Grande Elias**, N.º 26, de 24 de Março de 1904, p. 2)



Sala principal do Teatro Nacional D. Maria II.
(Blogue "Restos de Colecção")

Fachada do Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, ca. 1900.
(Espólio de Eduardo Portugal in a.f. CML)

A Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa, em 1904
(BNP Pi-2847-p_t0 -Cliché de Paulo Emilio Gomes)

Em Setúbal (2 de Abril)

No dia 2 de Abril, pelo vapor que sai do Terreiro do Paço (e, depois, de combóio), a **TAEPL** viaja até Setúbal, para ali se dar em concerto, no teatro daquela cidade.

Chegados ao destino, e depois de recebidos efusivamente (com presença dos alunos do liceu e centenas de pessoas), os tunos percorrem as ruas, num cortejo à luz de luminárias ("marche aux flambeaux"[71]), acompanhados de grande multidão. Visitaram o administrador do Concelho (José Manuel Correia), a sede da Associação de Empregados de Comércio, a Câmara Municipal (recebidos pelos vereadores Henrique Pereira e José Maria da Rosa Albino), o quartel da Infantaria N.º 11, *Clube Tiro-tauro*, entre outros, antes de se instalarem nos hotéis *Esperança* e *Sado*.

Nessa noite, pelas 20h00, no Teatro D. Amélia[72], deram concerto, com o repertório constituído por monólogos, poesias, o "Hino Académico", a peça "Que Trez" (paródia à peça "A Ceia dos Cardeais") e a farsa "Marcha Geral d'Analyse".

Apesar de parecer que a tuna não executou peças instrumentais, para além do "Hino Académico", convém recordar que a peça e a farsa referidas comportavam diversos números musicais, com cantores a solo ou em coro, além de temas instrumentais.

No dia seguinte, andaram de carruagem, em passeio pelos arredores da cidade, antes de, finalmente, sairem do hotel com destino a Lisboa, acompanhados até à estação num grande cortejo, onde os populares (nomeadamente as damas), para se despedirem, acenavam com lenços.[73]

O Teatro D. Amélia (Setúbal), mais tarde designado de Teatro Avenida e, finalmente, por Teatro Luisa Todi.

(Fotos retiradas do *site* "New in Setúba" e blogue "Restos de Coleção ")

[71] Designação francesa para marcha à luz de archotes e cuja corruptela linguística transformaria em "Marcha ao fulambó", expressão popularizada no tema de José Galhardo e Raúl Portela *Olh'ó Balão* ("Toca o fungagá, toca o sol e o dó, vamos lá, nesta *marcha ao fulambó*") do filme de 1933, "A Canção de Lisboa".

[72] Mais tarde designado de "Avenida" e, finalmente, "Luisa Todi".

[73] **O Século**, 24.º Ano, N.º 7999, de 03 de Abril de 1904, p. 3 e N.º 8000, de 04 de Abril de 1904, p. 4.

Tuna da Escola Polytechnica

No vapor que sae do Terreiro do Paço para a linha ferrea do Sul e Sueste, partiu hontem ás 9 horas da manhã, com destino a Setubal, a Tuna da Escola Polytechnica, que, conforme temos noticiado, vae dar um concerto no theatro d'aquella cidade.

A' partida assistiram alguns estudantes das diversas escolas da capital.

Setubal, 2.—T.—Antes de irem para o theatro os estudantes percorreram as ruas da cidade, em *marche aux flambeaux*, acompanhados por muito povo, que constantemente os victoriava, soltando-se muitos vivas que eram delirantemente correspondidos.

O enthusiasmo em toda a cidade é indescriptivel.

Setubal, 2.—C.—Como noticiamos, chegou hoje no comboio das 10 e 44 da manhã a Tuna da Escola Polytechnica de Lisboa, que aqui veiu dar um sarau dramatico-musical, que se effectuou pelas 8 horas da noite, n'um theatro d'esta cidade, onde representaram, além de alguns monologos e poesias, a peça *Que trez.....* parodia á *Ceia dos Cardeaes*, expressamente escripta para esta excursão pelo tuno Arnaldo Fortée Rebello; e a farça em verso *Marcha geral d'analyse*, original do tuno Severim de Moraes.

Na estação do caminho de ferro eram aguardados por grande numero de pessoas, entre as quaes muitos estudantes do lyceu d'esta cidade que, ao entrar o comboio na gare, soltaram enthusiasticos vivas á Escola Polytechnica, á Tuna, fraternidade academica, etc., vivas que com o mesmo enthusiasmo foram correspondidos pelos estudantes de Lisboa, saudando os seus collegas d'esta cidade de Setubal, subindo ao ar, ao mesmo tempo, grande numero de foguetes.

Saidos os estudantes da estação no meio do maior e mais vivo enthusiasmo, foi-lhes feita nova recepção pelo povo que, em grande numero, ali os aguardava.

Postos em marcha, os estudantes de Lisboa com o seu estandarte, seguindo na vanguarda os seus collegas de Setubal, percorreram as ruas de S. João, Nova da Conceição, Esteiras, Luiz de Camões, Praça de Bocage e Avenida Todi, sendo em todo o percurso muito acclamados, especialmente pelas damas que enchiam as janellas.

Os estudantes de Lisboa foram cumprimentar na sua residencia o sr. José Manuel Correia, administrador d'este concelho, sendo por s. ex.ª convidados a subir, ao que elles accederam, tocando o hymno e levantando vivas á auctoridade administrativa.

Em seguida foram á séde da Associação de classe dos Empregadot de Commercio de Setubal, onde tambem entraram a convite da direcção d'aquella collectividade, tocando na sala das sessões o hymno da Academia, que foi muito applaudido.

O sr. Joaquim Brandão, um dos membros da Associação dos Empregados do Commercio, fez um pequeno mas primoroso discurso de boas vindas e de agradecimento, pela deferencia dos estudantes de Lisboa para com esta collectividade.

Respondeu-lhe o estudante sr. João Tamagnini de Sousa Barbosa, em nome dos seus collegas, agradecendo.

Foram depois á camara municipal, onde os aguardavam os vereadores srs. Henrique Pereira e José Maria da Rosa Albino, entrando na sala nobre onde, em nome do municipio, o primeiro dos vereadores agradeceu a visita, repetindo-se novos vivas.

Em seguida foram ao quartel de infantaria 11 e a casa do sr. José Maria da Rosa Albino, onde se conservaram algum tempo, dirigindo-se depois aos hoteis Esperança e Sado.

Os visitantes retiram amanhã, no comboio que sae de Setubal ás 3 e 10 da tarde.

Alguns estudantes, com quem falámos, disseram-nos estar muito bem impressionados pela maneira affavel como foram recebidos pela hospitaleira cidade de Setubal.

(**O Século,** 24.º Ano, N.º 7999, de 03 de Abril de 1904, p. 3)

Tuna da Escola Polytechnica

Esta applaudida tuna, que foi a Setubal dar um espectaculo, conforme noticiámos, chegou hontem no vapor das 5 horas da tarde á estação do Terreiro do Paço.

Os estudantes que a compõem mostram-se deveras satisfeitos pela fórma bizarra por que foram recebidos n'aquella hospitaleira cidade.

Desde a chegada da Tuna até á sua partida, a academia e o povo de Setubal não se cançaram de obsequiar os jovines rapazes, correspondendo estes a tão amaveis deferencias e affirmando o seu reconhecimento pela voz do presidente da tuna, sr. João Tamagnini de Sousa Barbosa, nas allocuções que este proferiu na camara e nas sociedades de recreio que foram visitadas.

A tuna acha-se por tudo isto muito grata, especialmente aos srs. José Albino, Augusto e Fernando Mattos, que muito se esforçaram para que a recepção, a partida e o espectaculo tivessem a maior imponencia e a maior animação.

Entre as visitas officiaes, merecem especial menção a que os tunos fizeram ao regimento de infantaria 11, onde, em nome da corporação dos officiaes, que estava toda presente, usou da palavra o sr. coronel commandante, dando as boas vindas á tuna; á Associação dos Empregados do Commercio de Setubal, ao Club Tiro-tauro, etc.

Particularmente, a Tuna foi recebida em casa do sr. José Albino, onde lhe foi offerecido um delicado copo d'agua havendo n'essa occasião brindes enthusiasticos, e ficando os «tunos» penhorados com a gentileza d'este cavalheiro e de sua familia.

De noite, conforme estava annunciado, houve espectaculo no theatro D. Amelia, onde se reuniu a «elite» de Setubal e onde se passaram horas de enthusiasmo, alegria e franca gargalhada, provocada pelas situações comicas das peças, que tanto agradaram.

O programma do espectaculo foi o seguinte:

Hymno Academico, recitação da poesia *Saudação* e representação da parodia á *Ceia dos Cardeaes*, intitulada *Que tres.....*

Esta peça agradou immenso, não só pela *verve* que encerra, mas tambem porque o desempenho foi correcto.

Na 2.ª parte o presidente sr. J. Tamagnini Barbosa apresentou a tuna, falando tambem em seguida o tuno José Bonito, seguindo-se depois o concerto em que foram bisados alguns numeros.

No final d'esta parte, a tuna foi presenteada com duas lindas fitas, sendo uma dos alumnos do lyceu e outra do Club Tiro-tauro.

Na 3.ª parte do espectaculo representou-se a *Marcha Geral da Analyse*, que muito agradou.

Em seguida ao sarau foi offerecida uma ceia a alguns socios da tuna no Club Tiro-tauro, a qual terminou depois das 5 horas da madrugada.

Hontem, depois do almoço, a que assistiram á convite os srs. José Albino, Fernando e Augusto Mattos e João Folque, os tunos andaram visitando de carruagem os arredores da cidade, ficando encantados com esta visita.

A's 3 horas da tarde sahiu a tuna em trens do hotel Esperança para a estação, havendo vivas enthusiasticos da parte dos rapazes, a que correspondiam as senhoras que assistiam ao desfilar do cortejo, acenando com os lenços n'um adeus de despedida affectuoso e que deveras penhorou os estudantes de Lisboa.

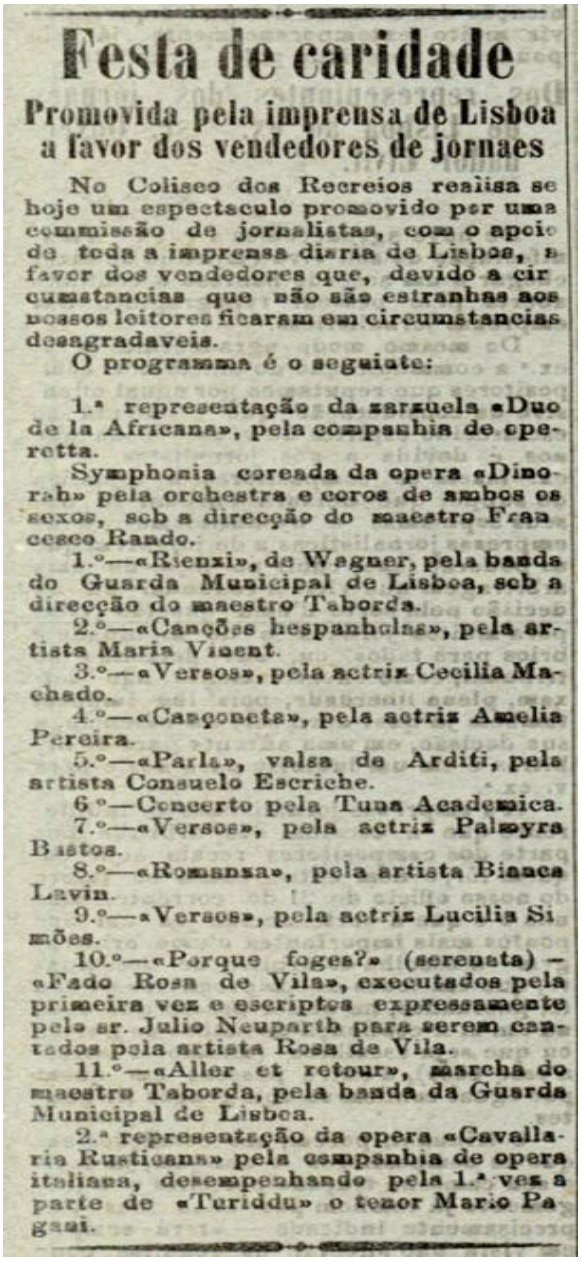
A' sua chegada a Lisboa aguardavam-nos os seus collegas e familias.

(**O Século,** 24.º Ano, N.º 8000, de 04 de Abril de 1904, p. 4)

Festa de caridade da Imprensa de Lisboa

Em Abril (dia 26), a **TAEPL** participa no sarau promovido pela imprensa de Lisboa, em benefício dos vendedores de jornais, realizado no Coliseu dos Recreios[74].

O sarau contou com o contributo do empresário António Santos e de vários empresários das demais casas de espectáculos da cidade (que fecharam portas nessa noite, para não prejudicar o evento), bem como com a companhia "Giovannini", a orquestra do teatro, a Banda da Guarda Municipal, diversas artistas e actrizes (entre as quais se destaca Palmira Bastos[75]) e, claro, a **Tuna da Escola Politécnica**, que executou 3 números (desconhecendo-se quais).



Festa de caridade

Promovida pela imprensa de Lisboa a favor dos vendedores de jornaes

No Coliseo dos Recreios realisa se hoje um espectaculo promovido por uma commissão de jornalistas, com o apoio de toda a imprensa diaria de Lisboa, a favor dos vendedores que, devido a circumstancias que não são estranhas aos nossos leitores ficaram em circumstancias desagradaveis.

O programma é o seguinte:

1.ª representação da zarzuela «Duo de la Africana», pela companhia de operetta.

Symphonia coreada da opera «Dinorah» pela orchestra e coros de ambos os sexos, sob a direcção do maestro Francesco Rando.

1.º—«Rienzi», de Wagner, pela banda do Guarda Municipal de Lisboa, sob a direcção do maestro Taborda.

2.º—«Canções hespanholas», pela artista Maria Vinent.

3.º—«Versos», pela actriz Cecilia Machado.

4.º—«Canconeta», pela actriz Amelia Pereira.

5.º—«Paris», valsa de Arditi, pela artista Consuelo Escriche.

6.º—Concerto pela Tuna Academica.

7.º—«Versos», pela actriz Palmyra Bastos.

8.º—«Romanza», pela artista Bianca Lavin.

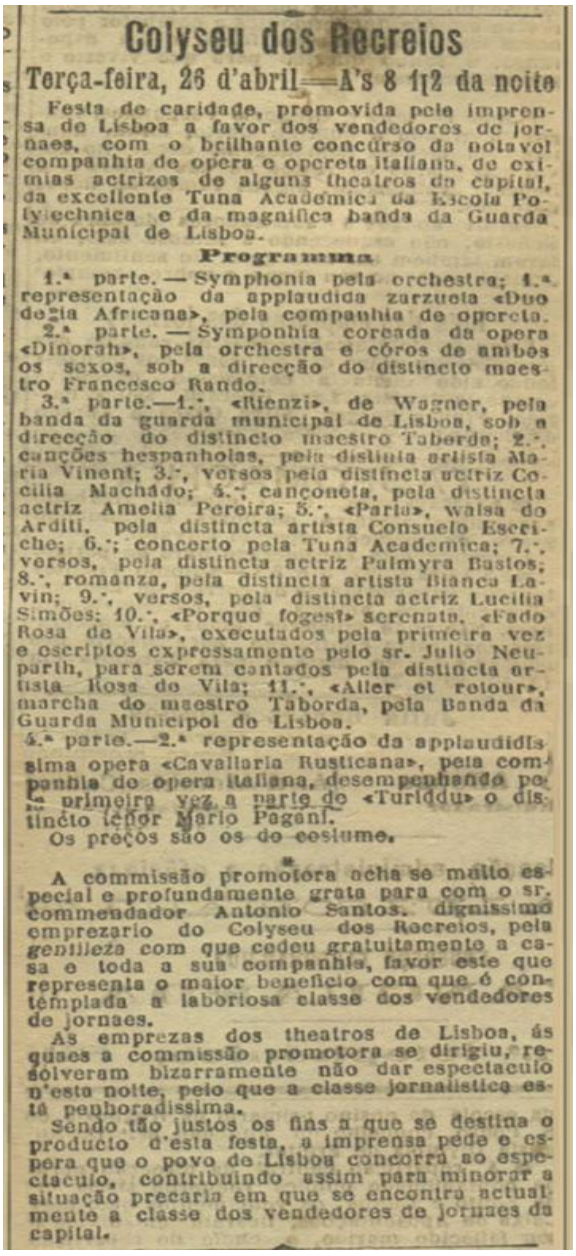
9.º—«Versos», pela actriz Lucilia Simões.

10.º—«Porque foges?» (serenata) — «Fado Rosa de Vila», executados pela primeira vez e escriptos expressamente pelo sr. Julio Neuparth para serem cantados pela artista Rosa de Vila.

11.º—«Aller et retour», marcha do maestro Taborda, pela banda da Guarda Municipal de Lisboa.

2.ª representação da opera «Cavalleria Rusticana» pela companhia de opera italiana, desempenhando pela 1.ª vez a parte de «Turiddu» o tenor Mario Pagani.

(**Diário Illustrado**, N.º 1184, 26 de Abril de 1904, p. 2)



Colyseu dos Recreios

Terça-feira, 26 d'abril—A's 8 1|2 da noite

Festa de caridade, promovida pela imprensa de Lisboa a favor dos vendedores de jornaes, com o brilhante concurso da notavel companhia de opera e opereta italiana, de eximias actrizes de alguns theatros da capital, da excellente Tuna Academica da Escola Polytechnica e da magnifica banda da Guarda Municipal de Lisboa.

Programma

1.ª parte. — Symphonia pela orchestra; 1.ª representação da applaudida zarzuela «Duo de la Africana», pela companhia de opereta.

2.ª parte. — Symphonia coreada da opera «Dinorah», pela orchestra e côros de ambos os sexos, sob a direcção do distincto maestro Francesco Rando.

3.ª parte.—1.º, «Rienzi», de Wagner, pela banda da guarda municipal de Lisboa, sob a direcção do distincto maestro Taborda; 2.º, canções hespanholas, pela distincta artista Maria Vinent; 3.º, versos pela distincta actriz Cecilia Machado; 4.º, canconeta, pela distincta actriz Amelia Pereira; 5.º, «Paris», valsa de Arditi, pela distincta artista Consuelo Escriche; 6.º, concerto pela Tuna Academica; 7.º, versos, pela distincta actriz Palmyra Bastos; 8.º, romanza, pela distincta artista Bianca Lavin; 9.º, versos, pela distincta actriz Lucilia Simões; 10.º, «Porque fogesi» serenata, «Fado Rosa de Vila», executados pela primeira vez e escriptos expressamente pelo sr. Julio Neuparth, para serem cantados pela distincta artista Rosa de Vila; 11.º, «Aller et retour», marcha do maestro Taborda, pela Banda da Guarda Municipal de Lisboa.

4.ª parte.—2.ª representação da applaudidissima opera «Cavalleria Rusticana», pela companhia de opera italiana, desempenhando pela primeira vez a parte de «Turiddu» o distincto tenor Mario Pagani.

Os preços são os do costume.

A commissão promotora acha se muito especial e profundamente grata para com o sr. commendador Antonio Santos, dignissimo emprezario do Colyseu dos Recreios, pela *gentileza* com que cedeu gratuitamente a casa e toda a sua companhia, favor este que representa o maior beneficio com que é contemplada a laboriosa classe dos vendedores de jornaes.

Ás emprezas dos theatros de Lisboa, ás quaes a commissão promotora se dirigiu, resolveram bizarramente não dar espectaculo n'esta noite, pelo que a classe jornalistica está penhoradissima.

Sendo tão justos os fins a que se destina o producto d'esta festa, a imprensa pede e espera que o povo de Lisboa concorra ao espectaculo, contribuindo assim para minorar a situação precaria em que se encontra actualmente a classe dos vendedores de jornaes da capital.

(**Vanguarda**,N.º 2683, de 26 de Abril de 1904, p. 1)

[74] **Correio Nacional**, Ano XII, N.º 3328, de 26 de Abril de 1904, p.1 e N.º 3329, de 27 de Abril de 1904, p.2; **Diário Illustrado**, 33.º Ano, N.º 1184, de 26 de Abril de 1904, p. 2 e **Vanguarda** IX Ano (XVI), N.º 2683 (5535), de 26 de Abril de 1904, p. 1.

[75] Uma das mais destacadas actrizes portuguesas, com 75 anos de carreira.

O festival d'esta noite

Promovida pela imprensa de Lisboa realisa-se esta noite, no Coliseu dos Recreios, a festa a favor dos vendedores de jornaes, a sympathica e modestissima classe que mais soffreu com a questão typographica.

O habil emprezario sr. commendador Antonio Santos, gentil e generosamente poz á disposição dos jornalistas todos os elementos precisos para o festival e que de si dependiam, como sejam a excellente companhia Giovannini, o pessoal de serviço, etc., etc.

Por seu turno, os emprezarios das outras casas de espectaculo, accedendo louvavelmente ao pedido da imprensa, deixam de abrir esta noite as suas portas, a fim de não prejudicarem a concorrencia aos Recreios.

O sarau está organisado com excepcionaes condições de constituir uma festa de primeira ordem, como se póde verificar pelo programma que publicamos.

A' hora a que estivemos no Coliseu era extraordinaria a affluencia de publico a adquirir bilhetes, estando a plateia quasi toda reservada. E' certo, pois, que a enchente será colossal.

O programma é o seguinte:

1.ª parte — Symphonia pela orchestra; 1.ª representação da zarzuela *Duo de la Africana*, pela companhia de opera italiana.

2.ª parte — Symphonia coreada da opera *Dinorah*, pela orchestra e córos de ambos os sexos, sob a direcção do maestro Francesco Rando.

3.ª parte — 1.º «Rienzi», de Wagner, pela banda da guarda municipal de Lisboa, sob a direcção do maestro Taborda; 2.º, «Canções hespanholas», pela distincta artista Maria Vinent; 3.º, «Versos», pela distincta actriz Cecilia Machado; 4.º, «Cançoneta», pela distincta actriz Amelia Pereira; 5.º, «Parla», walsa de Arditi, pela distincta artista Consuelo Escriche; 6.º, «Concerto», pela Tuna Academica da Escola Polytechnica; 7.º, «Versos», pela distincta actriz Palmyra Bastos; 8.º, «Romanza», pela distincta actriz Blanca Lavin; 9.º, «Versos», pela distincta actriz Lucilia Simões; 10.º, «Porque foges?», serenata—«Fado Rosa de Vila», executados pela primeira vez e escriptos expressamente pelo sr. Julio Neuparth para serem cantados pela distincta artista Rosa de Vila; 11.º, «Aller et retour», marcha do maestro Taborda, pela banda da guarda municipal de Lisboa.

4.ª parte — 2.ª representação da opera *Cavalleria Rusticana*, pela companhia de opera italiana, desempenhando pela 1.ª vez a parte de «Turiddu» o tenor Mario Pagani.

(**Correio Nacional**, N.º 3328, 26 de Abril de 1904, p. 1)

A festa dos vendedores de jornaes

O commendador Antonio Santos

Dando hoje o mais resumidamente possivel, attenta a falta de espaço, a noticia do que foi a brilhantissima festa realisada hontem no Coliseu dos Recreios, nós temos o summo prazer de n'este ensejo mais uma vez prestarmos homenagem ao maior benemerito da noite d'hontem, noite em que se praticou uma sympathica obra de caridade, em que foi collaborador melhor o sr. commendador Antonio Santos, activo, honesto e arrojado emprezario d'aquella casa de espectaculos, que ainda uma vez deixou o seu nome ligado a um feito que o nobilita.

Não vamos agora recordar o serviço grande que ha prestado ao nosso publico nos ultimos annos, facultando-lhe uma successiva educação musical por preços extremamente economicos e convidando-o assim a assistir a representações que offerecem perigos muito menores de que a d'outros theatros.

Hoje apenas lembraremos o facto, assaz conhecido, de que o commendador Antonio Santos se encontra sempre disposto a offerecer sua poderosa protecção aos que soffrem os horrores da miseria.

Muita vez assim tem praticado, assim o praticou hontem ainda, recebendo do publico, que enchia a vastissima sala, applausos carinhosos e gratos quando appareceu no palco ao lado d'um garotito sobre quem estendia a mão protectora.

Nós rendemos-lhe tambem hoje aqui a homenagem mais sincera, mais enthusiastica.

*

O sarau começou de facto á hora annunciada, 8 e meia da noite, encontrando-se já n'esse instante a sala completamente cheia.

Cá fóra os ultimos bilhetes eram disputados a preços altissimos das mãos dos contractadores.

Foi brilhante por egual a execução do programma, onde foram supprimidos dois numeros por motivos inesperados.

Cantou a companhia Giovannini a zarzuela *Duo de la Africana* e a opera de Mascagni *Cavalleria Rusticana*; bem ambas, sobresahindo na primeira Angelina e Rosalia Ilardi, e na segunda Rosa de Vila e Mario Pagani.

Recitaram versos Palmyra Bastos e Cecilia Machado.

Cantaram romanzas, canções e fados Consuelo Escriche, Rosa de Vila, Bianca Lavin e Maria Vinent.

A tuna academica da Escola Polytechnica executou sem a minima hesitação tres numeros, e a banda da Guarda Municipal fez-se ouvir na *ouverture* do Rienzi, de Wagner, e no *Aller et Retour*, marcha do maestro Taborda, bisada merecidamente, porque é deveras bem feita e foi superiormente executada.

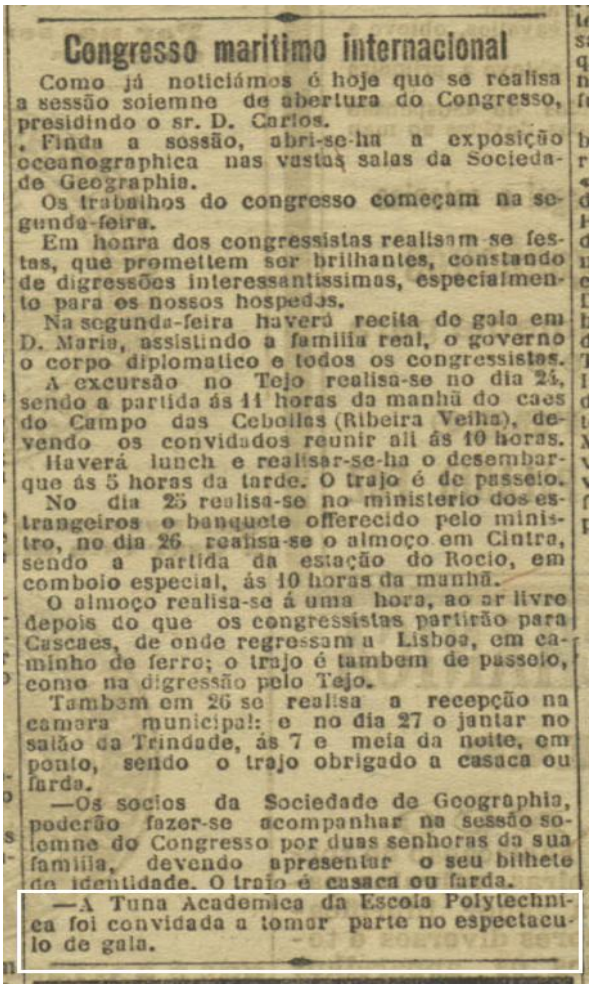
Muita palma, muito enthusiasmo, muitas flôres e agora ámanhã ou depois muita alegria nas almas dos garotitos dos jornaes, a quem será dada a sua parte da receita do sarau, que deve ter sido esplendida.

(**Correio Nacional**, N.º 3329, 27 de Abril de 1904, p. 2)

Sarau do Congresso Marítimo Internacional

A 23 de Maio, a **Tuna da Escola Politécnica**, sob direcção de Alfredo Mântua, apresenta-se no Teatro D. Maria II, para festa de gala organizada pelo governo português, em homenagem os congressistas estrangeiros que visitaram a capital, por ocasião do Congresso Marítimo Internacional[76].

Desconhece-se, à data, o repertório que a tuna executou nesse evento.



Congresso marítimo internacional

Como já noticiámos é hoje que se realisa a sessão solemne de abertura do Congresso, presidindo o sr. D. Carlos.

Finda a sessão, abri-se-ha a exposição oceanographica nas vastas salas da Sociedade Geographia.

Os trabalhos do congresso começam na segunda-feira.

Em honra dos congressistas realisam-se festas, que promettem ser brilhantes, constando de digressões interessantissimas, especialmente para os nossos hospedes.

Na segunda-feira haverá recita de gala em D. Maria, assistindo a familia real, o governo o corpo diplomatico e todos os congressistas.

A excursão no Tejo realisa-se no dia 24, sendo a partida ás 11 horas da manhã do caes do Campo das Cebollas (Ribeira Velha), devendo os convidados reunir ali ás 10 horas.

Haverá lunch e realisar-se-ha o desembarque ás 5 horas da tarde. O trajo é de passeio.

No dia 25 realisa-se no ministerio dos estrangeiros o banquete offerecido pelo ministro, no dia 26 realisa-se o almoço em Cintra, sendo a partida da estação do Rocio, em comboio especial, ás 10 horas da manhã.

O almoço realisa-se á uma hora, ao ar livre depois do que os congressistas partirão para Cascaes, de onde regressam a Lisboa, em caminho de ferro; o trajo é tambem de passeio, como na digressão pelo Tejo.

Tambem em 26 se realisa a recepção na camara municipal: e no dia 27 o jantar no salão da Trindade, ás 7 e meia da noite, em ponto, sendo o trajo obrigado a casaca ou farda.

—Os socios da Sociedade de Geographia, poderão fazer-se acompanhar na sessão solemne do Congresso por duas senhoras da sua familia, devendo apresentar o seu bilhete de identidade. O trajo é casaca ou farda.

—A Tuna Academica da Escola Polytechnica foi convidada a tomar parte no espectaculo de gala.

(**Vanguarda**, N.º 2709), de 22 de Maio de 1904, p. 3)

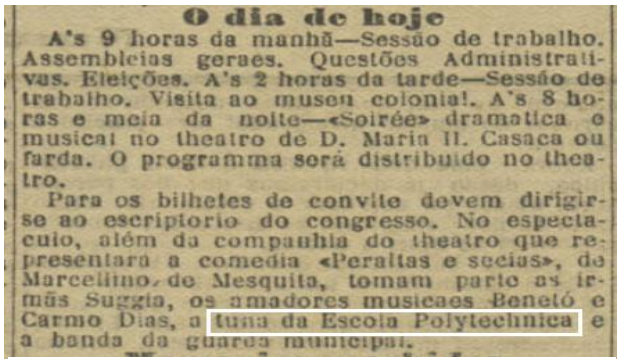
congressistas visitar o museu colonial.

Recita de gala

A' noite realisou-se no theatro normal a recita de gala, em honra dos congressistas. O theatro estava ornamentado. Representou-se a linda comedia de Marcellino Mesquita—«Peraltas e Secias». No intervallo do 2.º para o 3.º acto, as irmãs Suggia e Carmo Dias, eximios artistas, executaram um bello programma, merecendo estrepitosos applausos. Fechou o espectaculo a Tuna da Escola Polytechnica.

Recepção na camara

(**Vanguarda,** N.º 2711, de 24 de Maio de 1904, p. 2)



O dia de hoje

A's 9 horas da manhã—Sessão de trabalho. Assembleias geraes. Questões Administrativas. Eleições. A's 2 horas da tarde—Sessão de trabalho. Visita ao museu colonial. A's 8 horas e meia da noite—«Soirée» dramatica e musical no theatro de D. Maria II. Casaca ou farda. O programma será distribuido no theatro.

Para os bilhetes de convite devem dirigir-se ao escriptorio do congresso. No espectaculo, além da companhia do theatro que representará a comedia «Peraltas e secias», de Marcellino de Mesquita, tomam parte as irmãs Suggia, os amadores musicaes Benetó e Carmo Dias, a tuna da Escola Polytechnica e a banda da guarda municipal.

(**Vanguarda,** IX Ano (XIV), N.º 2710 (5562), de 23 de Maio de 1904, p. 2)

SESSÃO REAL DE INAUGURAÇÃO DO CONGRESSO MARITIMO INTERNACIONAL

Sessão de abertura do Congresso.

(**Occidente**, N.º 915, de 30 de Maio de 1904, p. 118)

Em homenagem aos congressistas extrangeiros que ha pouco nos visitaram, offereceu-lhes o governo uma festa de gala no theatro de D. Maria em 23 do corrente.

Alem da representação da espirituosa comedia de Marcellino Mesquita, *Peraltas e Secias*, executou-se todo um programma de obras musicaes, excellentemente interpretadas por D. Guilhermina Suggia (violoncello), D. Virginia Suggia (piano), Francisco Benetó (violino), Carmo Dias (guitarra), tomando ainda parte a optima tuna da Escola Polytechnica sob a direcção intelligente e cuidadosa de Alfredo Mantua.

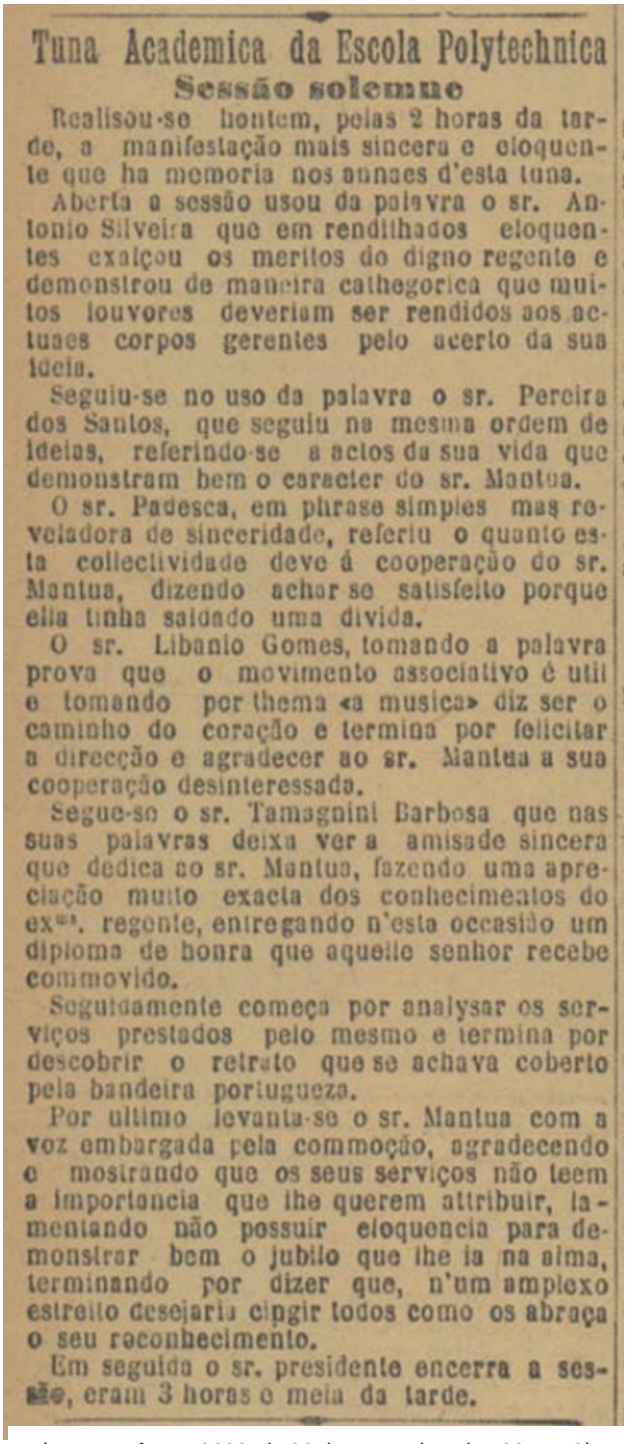
E como se houvesse receio de que tanta e tão boa musica parecesse aos nossos distinctos hospedes mesquinha offerenda, ainda tivemos, *aux intervalles*, o sexteto do theatro na propria sala de espectaculo e a banda dos marinheiros no atrio.

(**A Arte Musical**, Ano VI, N.º 130, de 31 Maio, 1904, pp. 143-144)

[76] **A Arte Musical**, Ano VI, N.º 130, de 31 Maio, 1904, p.144 e **Correio Nacional**, Ano XII, N.º 3350, de 23 de Maio de 1904, p.2.

Sessão Solene em honra de A. Mântua

No dia 27 Novembro, nas instaçãoes da Escola Politécnica, tem lugar uma sessão solene, em honra de Alfredo Mântua, durante a qual foi inaugurado o retrato do insígne maestro, entre discursos eloquentes e emocionados[77].



Tuna Academica da Escola Polytechnica

Sessão solemne

Realisou-se hontem, pelas 2 horas da tarde, a manifestação mais sincera e eloquente que ha memoria nos annaes d'esta tuna.

Aberta a sessão usou da palavra o sr. Antonio Silveira que em rendilhados eloquentes exaiçou os meritos do digno regente e demonstrou de maneira cathegorica que muitos louvores deveriam ser rendidos aos actuaes corpos gerentes pelo acerto da sua ideia.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Pereira dos Santos, que seguiu na mesma ordem de ideias, referindo-se a actos da sua vida que demonstram bem o caracter do sr. Mantua.

O sr. Padesca, em phrase simples mas reveladora de sinceridade, referiu o quanto esta collectividade deve á cooperação do sr. Mantua, dizendo achar-se satisfeito porque ella tinha saldado uma divida.

O sr. Libanio Gomes, tomando a palavra prova que o movimento associativo é util e tomando por thema «a musica» diz ser o caminho do coração e termina por felicitar a direcção e agradecer ao sr. Mantua a sua cooperação desinteressada.

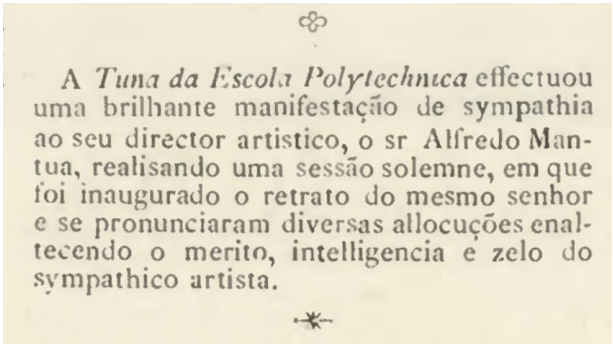
Segue-se o sr. Tamagnini Barbosa que nas suas palavras deixa ver a amisade sincera que dedica ao sr. Mantua, fazendo uma apreciação muito exacta dos conhecimentos do ex.mo regente, entregando n'esta occasião um diploma de honra que aquelle senhor recebe commovido.

Seguidamente começa por analysar os serviços prestados pelo mesmo e termina por descobrir o retrato que se achava coberto pela bandeira portugueza.

Por ultimo levanta-se o sr. Mantua com a voz embargada pela commoção, agradecendo e mostrando que os seus serviços não teem a importancia que lhe querem attribuir, lamentando não possuir eloquencia para demonstrar bem o jubilo que lhe ia na alma, terminando por dizer que, n'um amplexo estreito desejaria cingir todos como os abraça o seu reconhecimento.

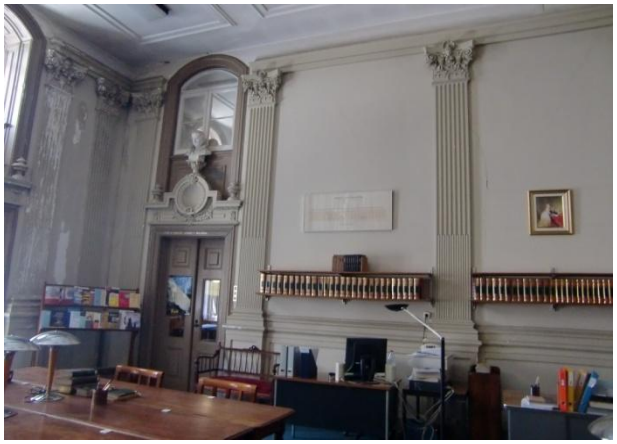
Em seguida o sr. presidente encerra a sessão, eram 3 horas e meia da tarde.

(**Vanguarda**,N.º 2899, de 28 de Novembro de 1904, p. 2)



A *Tuna da Escola Polytechnica* effectuou uma brilhante manifestação de sympathia ao seu director artistico, o sr Alfredo Mantua, realisando uma sessão solemne, em que foi inaugurado o retrato do mesmo senhor e se pronunciaram diversas allocuções enaltecendo o merito, intelligencia e zelo do sympathico artista.

(**A Arte Musical**, Ano VI, N.º 143, de 15 de Dezembro de 1904, pp. 295-296)



Instalações da antiga Escola Politécnica de Lisboa.

(Foto do autor, 2010)

A Escola Politécnica de Lisboa.

(Foto do autor, 2010)

[77] **Vanguarda**, IX Ano (XVI), N.º 2899, de 28 de Novembro de 1904, p. 2 e **A Arte Musical**, Ano VI, N.º 143, de 15 de Dezembro de 1904, pp. 295-296.

Corpos Sociais

Direcção (eleita a 9 de Março): *João Tamagnini Barbosa* (Presidente), *José Santos Júnior* (Secretário) e *Florentino Martins* (Tesoureiro).

Alfredo Mântua continua regente da tuna, mas ignoramos a composição dos seus restantes órgãos sociais.

A 12 de Outubro a Direcção sofre mudanças, ficando composta por *João Tamagnini Barbosa* (Presidente), *Adelino Padesca* (Secretário) e *José Santos Junior* (Tesoureiro).

Nota: Não conseguimos dados da Assembleia Geral nem do Conselho Fiscal ou Grupo Dramático, sabendo-se apenas que o maestro continua a ser o mesmo.

A Tuna da Escola Poltécnica de Lisboa em 1904.
(**A Polythécnica**, N.º Único, comemorativo do Centenário da Escola Politécnica, de 11 de Janeiro de)1937, p. 35)

Outros

Temos igualmente referência[78] de, no dia 8 de Dezembro, ter sido realizada uma sessão solene do 3.º aniversário da tuna, nas instalações da Escola Politécnica, com jogos florais e concerto.

Apesar de exaustivas pesquisas, não encontrámos, à data, menção disso noutros periódicos nem em outros documentos pesquisados.

[78] **Alma Portuguesa**, N.º Comemorativo, Abril 1905, p. 3.

Ano de 1905

Festa na Politécnica (Jogos Florais)

No dia 2 de Fevereiro, têm lugar os jogos florais da Escola Politécnica, promovidos pela tuna em honra do seu Presidente Honorário (Luis d'Almeida e Albuquerque), a qual apresentou diversas peças musicais, além de peças a solo e a recitação de poesias[79].

Alguma imprensa refere que este evento serviu para assinalar o 5.º aniversário da tuna, o que constitui um lapso, já que a nossa **TAEPL** foi fundada em finais de 1901, pelo que com 4 anos de existência. O que sucede é que, embora a data de fundação seja celebrada em Dezembro, a festa oficial ocorre no sarau do ano seguinte (em Março/Abril).

O programa consistiu numa sessão solene, preenchida de discursos, poesias (jogos florais) e números de música (com temas a solo[80] ou pelo sexteto[81] de Alfredo Mântua). Quanto à Tuna, sabe-se que executou o "Hino Académico", o *pizzicato* "Arlequinade", e o *pasacall*e "Depois da Festa".

No âmbito dessa festa, temos publicação de foto da **Tuna da Escola Politécnica**, na revista *Illustração Portugueza*[82], e notícia do concerto que deu:

> *"Em 2 do corrente mez deu a Tuna Académica da Escola Polytechnica uma brilhante matinée, que consistiu na execução de diversas peças musicaes e recitação de poesias (jogos florais).*
> *A festa decorreu animadissima, como em geral todas aquellas em que o elemento academico põe a nota da sua mocidade e da inalteravel alegria."*[83]

Jogos floraes

Hoje, pela 1 da tarde, na Eschola Polytechnica para festejar o 5.º anniversario da «Tuna» da Eschola Academica ha alli uma festa á maneira dos antigos jogos floraes, em honra do director d'esse estabelecimento o sr. Luiz de Almeida e Albuquerque.

A sala do calculo está ornamentada com muito gosto, vendo-se alli habilmente dispostas bandeiras; verdura e flôres, erguendo-se á direita da mesa presidencial um throno forrado de damasco cardinal, mobilado com cadeiras estofadas, destinado ás Rainhas da festa. Estas, como se sabe, serão eleitas de entre as damas assistentes pelos tres poetas mais inspirados, isto é, aquelles que lograrem alcançar os premios.

Ao fundo da sala, ao centro a mesa destinada ao presidente, que será o lente da physica sr. Almeida Lima, secretariado por dois estudantes.

A festa começa pela escolha das Rainhas que serão collocadas no throno de honra. Em seguida serão recitadas as poesias premiadas e depois proferidos os discursos pelos estudantes srs. Tamagnini Barbosa, em nome da «Tuna» e Soares Branco pelos alumnos da Eschola, e pelo presidente, em nome dos lentes.

Logo que forem eleitas as Rainhas da festa o sextetto da «Tuna» tocará o hymno de saudação e em seguida outro hymno composto pelo sr. Alfredo Mantua.

O concerto obedece ao seguinte programma:

«Arlequiniade (pizzicato) e «Depois da festa» (passa-calle).

O sextetto executará uma selecção de «Tosca» e a «Sérénade Badine».

Ao solo far-se-hão ouvir:

Ao piano, o estudante Antonio Costa Pereira; á viola, o estudante Viegas; e ao bandolim, o sr. Mantua.

(**Diário Illustrado**, 34.º Ano, N.º 11465, de 02 de Fevereiro de 1905, p. 3)

---

[79] **Diário Illustrado**, 34.º Ano, N.º 11465, de 02 de Fevereiro de 1905, p. 3 e N.º 11466, de 03 de Fevereiro de 1905, p. 3; **A Arte Musical**, Ano VII, N.º 147, de 15 de Fevreiro de 1905, p. 34) e **Alma Portuguesa**, N.º 1 de 19 de Fevereiro 1905, pp. 4-5, N.º 2, de 26 de Fevereiro, 1905, p. 8.

[80] Números ao piano, à viola e ao bandolim.

[81] Não temos como afiançar que o sexteto, fundado em 1902, é inteiramente constituído por elementos da tuna, daí que não o tenhamos, até agora, tratado como parte essencial.

[82] **Illustração Portugueza**, 1.º Ano, N.º 66, de 06 de Fevereiro de 1905, p. 220.

[83] **A Arte Musical**, Ano VII, N.º 147, de 15 Fevereiro de 1905, p. 34.

Jogos floraes

Decorreu muito enthusiastica a festa promovida pela «Tuna» da Escola Polytechnica, commemorando o 5.º anniversario da sua fundação e em homenagem ao director d'aquella eschola sr. dr. Luiz de Almeida e Albuquerque.

A vasta sala onde se realisou a festa achava-se artisticamente adornada com bandeiras, plantas, arbustos e flores, vendo-se ao fundo a mesa presidencial, á esquerda d'esta o throno, com docel vermelho, ladeado de plantas, destinado ás rainhas da festa, e á esquerda um cavallete com o retrato do sr. dr. Luiz de Almeida e Albuquerque. A sala litteralmente repleta de senhoras apresentava um aspecto brilhantissimo.

A' 1 1[2 começou a festa pela sessão solemne, que foi presidida pelo sr. dr. Pina Vidal, tendo como secretarios os srs. conselheiro Moraes d'Almeida e o dr. Gusmão. Aberta a sessão, o sr. Tamagnini Barbosa fez um calorose discurso repassado de phrases eloquentissimas, elogiando o sr. dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, sendo no final muito applaudido.

Falaram depois os srs.: Sousa Barbosa, como presidente da «Tuna», e Soares Branco, pelo corpo docente da eschola.

Em seguida o sr. Tamagnini Barbosa convidou a menina Alda de Albuquerque a descerrar o retrato de seu avô, echoando n'essa occasião, na sala, successivas salvas de palmas, levantando se enthusiasticas vivas áquelle senhor, e a Tuna executou o hymno academico.

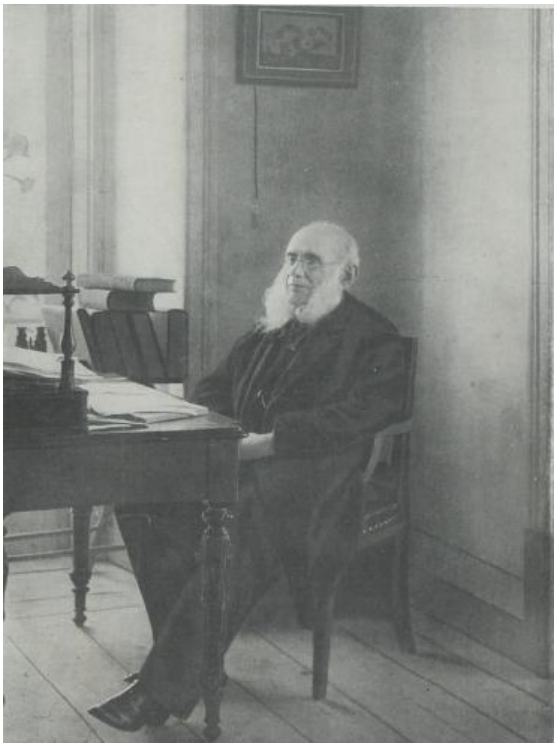
Procedendo-se aos jogos floraes, e á proclamação da rainha da festa e das que constituirão a sua côrte, recahiram nas sr.as D. Maria da Conceição Costa, rainha, e D. Clotilde Salles Cardoso e D. Elisa d'Almeida. Conduzidas ao throno onde tomaram assento, nova prolongada salva de palmas se ouviu na sala, acompanhada de vivas, executando a «Tuna» o hymno de saudação.

Seguidamente o alumno sr. Bento Caeiro recitou a poesia «Peregrinos» entregando-lhe, no final, a rainha um «bouquet» de flores, 1.º poeta classificado; o sr. Bento Viegas executou, á viola, a gavotte «Bacchante», e o sextetto a «Sérénade Badine».

A segunda parte do programma constou: da phantasia dramatica da «Tocas», pelo sextetto, recitação da poesia «A mulher», por Diogo Reis, que foi classificado 2.º poeta, recebendo da 1.ª dama da corte um «bouquet» de flores; marche «Bohème», solo de piano pelo sr. Antonio Costa Pereira; recitação da poesia «Amor angelo», pelo sr. José Ribeiro Torres, classificado 3.º poeta, que recebeu da 3.ª dama um «bouquet» de flores; solo de bandolim pelo sr. Alfredo Mantua e concerto pela tuna.

A festa terminou ás 4 e meia da tarde, no meio de delirantes applausos e deixando gratas recordações a quantos a ella assistiram.

(**Diário Illustrado**, 34.º Ano, N.º 11466, de 03 de Fevereiro de 1905, p. 3)



Luis d'Almeida e Albuquerque, Presidente Honorário da TAEPL.

(Garcia, Arnaldo Cardoso Ressano - **Escola Politécnica de Lisboa: 10ª cadeira e os seus professores**. Faculdade de Ciências de Lisboa, 1937, p. 26)

Em 2 do corrente mez deu a *Tuna Academica* da Escola Polytechnica uma brilhante *matinée*, que consistiu na execução de diversas peças musicaes e recitação de poesias (jogos floraes).

A festa decorreu animadissima, como em geral todas aquellas em que o elemento academico põe a nota da sua mocidade e da sua inalteravel alegria.

Além de varias peças da *Tuna* e do *Sexteto*, todas sob a direcção do intelligente compositor e bandolinista Alfredo Mantua, tocaram os srs. Bento Viegas, Antonio Costa Pereira e o proprio Mantua varias composições de viola, piano e bandolim, que foram muito apreciadas.

Os tres poetas laureados, srs. Bento Caeiro, Diogo Reis e José Torres foram tambem longamente victoriados, como de justiça.

(**A Arte Musical**, Ano VII, N.º 147, de 15 Fevereiro, 1905, p. 34)

Primeiro plano, sentados no chão a contar da esquerda para a direita:—Francisco Castello Branco, Antonio Silveira (presidente da assembleia geral), Bento Viegas, Jorge dos Anjos, José Carrilho, Jaymo Casqueiro, Antonio Costa Pereira.

Segundo plano:—Sanches Coelho, Benard Guedes, Oscar Graça, Oliveira Duarte, Adelino Padesca (secretario da direcção), Tamagnini Barbosa (presidente da direcção), Alfredo Mantua (regente da Tuna), Santos Junior (thesoureiro), Aurelio Silva, E. Ribeiro, Vianna da Motta, Diogo Freire, Ramos de la Feria (vogal do conselho fiscal).

Terceiro plano:—Carlos Villamariz, Adolpho Netto, João Bastos (presidente do grupo dramatico), Elysio Lobo, Antonio Prudente, Fortes Rebello, Bento Caeiro, Lobo Antunes.

Quarto plano:—Luiz Leal, Manito Torres (secretario da assembleia geral), Ribeiro d'Almeida, Tavares Blanco, Mello Saraiva, João Patroni (porta-estandarte), Pereira Ribeiro, José Barreto, Luiz Pamplona, Fernando Cabral (presidente do conselho fiscal e sub-regente da Tuna), Tiburcio Ferreira, Mario Barbosa.

A TUNA DA ESCOLA POLYTECHNICA

A RAINHA DA FESTA COM AS SUAS DAMAS E OS POETAS PREMIADOS
SR.as D. CLOTILDE IVENS DE SALLES, D. MARIA DA CONCEIÇÃO COSTA (A RAINHA DA FESTA), D. ELISA D'ALMEIDA
SRS. BENTO CAEIRO, DIOGO REIS, RIBEIRO TORRES

A COMMISSÃO PROMOTORA DOS JOGOS FLORAES
SRS. SANTOS JUNIOR, TAMAGNINI BABOSA, MELLO VIEIRA, ADELINO PADESCA

Os jogos floraes constituem já uma festa annual da Escola Polytechnica. Elege-se sempre uma commissão, á qual são enviadas as composições poeticas que devem ser recitadas e premiadas na sessão solemne. O illustre poeta Julio Dantas foi este anno quem classificou essas poesias, cabendo o primeiro premio ao sr. Bento Caeiro, o segundo ao sr. Diogo Reis e o terceiro ao sr. Ribeiro Torres que escolheram a rainha da festa e as suas damas. A rainha da festa, a quem o poeta classificado em primeiro logar deu o throno ephemero mas cubiçado como todos os thronos, foi a sr.ª D. Maria da Conceição Costa e as suas damas as sr.as D. Clotilde Ivens de Salles Cardoso e D. Elisa d'Almeida. As gentis senhoras entregaram as flôres dos premios aos poetas que gentilmente lh'as offereceram com o seu reconhecimento por se dignarem acceitar os logares de honra nos encantador s jogos floraes todos de enthusiasmo, de galanteria e de jovialidade que a tuna da Escola abrilhantou tocando magistralmente diversas composições.

OS JOGOS FLORAES NA ESCOLA POLYTECHNICA EM 2 DE FEVEREIRO

A RAINHA DA FESTA COM AS SUAS DAMAS E OS POETAS PREMIADOS
SR.as D. CLOTILDE IVENS DE SALLES, D. MARIA DA CONCEIÇÃO COSTA (A RAINHA DA FESTA), D. ELISA D'ALMEIDA
SRS. BENTO CAEIRO, DIOGO REIS, RIBEIRO TORRES

A COMMISSÃO PROMOTORA DOS JOGOS FLORAES
SRS. SANTOS JUNIOR, TAMAGNINI BABOSA, MELLO VIEIRA, ADELINO PADESCA

Os jogos floraes constituem já uma festa annual da Escola Polytechnica. Elege-se sempre uma commissão, á qual são enviadas as composições poeticas que devem ser recitadas e premiadas na sessão solemne. O illustre poeta Julio Dantas foi este anno quem classificou essas poesias, cabendo o primeiro premio ao sr. Bento Caeiro, o segundo ao sr. Diogo Reis e o terceiro ao sr. Ribeiro Torres que escolheram a rainha da festa e as suas damas. A rainha da festa, a quem o poeta classificado em primeiro logar deu o throno ephemero mas cubiçado como todos os thronos, foi a sr.ª D. Maria da Conceição Costa e as suas damas as sr.as D. Clotilde Ivens de Salles Cardoso e D. Elisa d'Almeida. As gentis senhoras entregaram as flôres dos premios aos poetas que gentilmente lh'as offereceram com o seu reconhecimento por se dignarem acceitar os logares de honra nos encantador s jogos floraes todos de enthusiasmo, de galanteria e de jovialidade que a tuna da Escola abrilhantou tocando magistralmente diversas composições.

OS JOGOS FLORAES NA ESCOLA POLYTECHNICA EM 2 DE FEVEREIRO

(**Illustração Portugueza**, 1.º Ano, Nº 66, de 06 de Fevereiro de 1905, p. 220)

Primeiro plano, sentados no chão a contar da esquerda para a direita:—Francisco Castello Branco, Antonio Silveira (presidente da assembleia geral), Bento Viegas, Jorge dos Anjos, José Carrilho, Jayme Casqueiro, Antonio Costa Pereira.

Segundo plano: —Sanches Coelho, Benard Guedes, Oscar Graça, Oliveira Duarte, Adelino Padesca (secretario da direcção), Tamagnini Barbosa (presidente da direcção), Alfredo Mantua (regente da Tuna), Santos Junior (thesoureiro), Aurelio Silva, E. Ribeiro, Vianna da Motta, Diogo Freire, Ramon de la Feria (vogal do conselho fiscal).

Terceiro plano:—Carlos Villamariz, Adolpho Netto, João Bastos (presidente do grupo dramatico), Elysio Lobo, Antonio P.udente, Fortée Rebello, Bento Caeiro, Lobo Antunes.

Quarto plano:—Luiz Leal, Manito Torres (secretario da assembleia geral), Ribeiro d'Almeida, Tavares Blanco, Mello Saraiva, João Patroni (porta-estandarte), Pereira Ribeiro, José Barreto, Luiz Pamplona, Fernando Cabral (presidente do conselho fiscal e sub-regente da Tuna), Tiburcio Ferreira, Mario Barbosa.

A TUNA DA ESCOLA POLYTECHNICA

(**Illustração Portugueza**, 1.º Ano, Nº 66, de 06 de Fevereiro de 1905, p. 220)

A Festa da Tuna Academica da Escola Polytechnica

Jogos floraes

No dia 2 do corrente realisou-se na sala de Calculo da Escola Polytechnica a *matinée* annual promovida pela Tuna Academica d'este estabelecimento d'instrucção em honra do seu Ex.mo Presidente Honorario o Ill.mo Sr. Dr. Luis d'Almeida e Albuquerque, dignissimo director da mesma Escola.

Como todas as festas levadas a effeito por esta sympathica aggremiação, a *matinée* do dia 2 deixou inolvidaveis recordações a todos os que, como nós, tiveram a felicidade de a ella poderem assistir.

Decorreu sempre este festival no meio do maior enthusiasmo, confraternisando professores e alumnos, recordando aquelles a alegria dos tempos que não voltam, e animando estes tão encantadora festa com os seus ditos espirituosos e com a satisfação propria da mocidade sempre despreoccupada.

Esquecidos por momentos da ardua tarefa a que uns e outros se entregam durante um anno no meio de difficuldades e trabalhos, postas de parte as convenções que os separam, lentes e alumnos, todos se encontravam ali para o mesmo fim commungando na mesma idéa: prestar homenagem ao seu querido Director o Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Luis d'Almeida e Albuquerque.

O aspecto da sala

A ornamentação da sala, singela mas elegante, dava-lhe um realce surprehendente, vendo se as paredes revestidas de festões de flôres e bandeiras dispostas artisticamente.

As bancadas destinadas ás senhoras achavam-se garridamente enfeitadas com serpentinas de verdura e flôres.

No espaço reservado para os Ex.mos Lentes e suas familias via-se armado á direita um largo docel forrado de velludo *grenat* onde tres preciosas cadeiras de espaldar dispostas em semi-circulo eram reservadas para as damas escolhidas pelos poetas classificados.

A' esquerda da sala e sobre um cavallete foi collocado um retrato em platina do Ex.mo Presidente honorario da Tuna ricamente emoldurado e guarnecido lateral e inferiormente de flôres e verdura vendo-se na parte superior, assente sobre velludo *grenat* o monograma do Dr. Luis d'Almeida e Albuquerque.

Ao centro e no plano inferior da sala via-se uma mesa coberta com um panno de damasco a qual era reservada para a presidencia da sessão solemne e á esquerda d'esta achava-se collocada uma outra mesa onde tomavam logar os oradores inscriptos.

Os trabalhos da ornamentação encetados ás 2 horas da tarde do dia 1, prolongaram-se até ás 9 horas da manhã seguinte, trabalhando activamente os socios José Carrilho de Carvalho, Adolpho Netto, Raul Luis d'Oliveira, Arthur Pinheiro Coelho e Alberto Vianna Coelho, os quaes foram auxiliados por alguns empregados menores da Escola e superiormente dirigidos pelo presidente do grupo dramatico da Tuna o sr. João Carlos Bastos.

Ao meio dia em ponto procedeu-se á abertura dos portões da entrada principal da Escola e começou a entrada dos convidados fazendo-se esta por meio de bilhetes que eram recebidos por continuos e porteiros postados junto ás portas.

Em poucos momentos o vasto amphitheatro ficou repleto de formosos rostos destacando-se então o brilhantismo da sala não só pela variedade de côres dos trajos femininos, mas tambem porque a ornamentação produzia um aspecto surprehendente.

Essa sala que nos dias ordinarios se nos apresenta triste e severa ficou transformada como que por encanto n'um verdadeiro jardim onde entre a verdura e flôres que a engrinaldavam sobresaia a formosura das damas que n'uma agitação de curiosidade procuravam adevinhar quaes seriam as escolhidas para a côrte d'honra dos *Jogos floraes*, preferencia difficil de se fazer entre tão encantadora e selecta assembléa.

Pela 1 hora da tarde, hora annunciada para a abertura da sessão, deram entrada os lentes da Escola os Ex.mos Srs. Conselheiro Adriano Augusto de Pina Vidal, Conselheiro Carlos Augusto Moraes d'Almeida, Dr. Joaquim de Vasconcellos Gusmão, capitão João d'Almeida Lima, Dr. Antonio dos Santos Lucas, Dr. Ruy Telles Palhinha, Innocencio Camacho Rodrigues, Fernando de Vasconcellos, Ismael dos Santos Andréa e Joaquim Pereira Machado, secretario da Escola, alguns dos quaes eram acompanhados por suas ex.mas familias.

Alguns convidados mais iam chegando no numero dos quaes os representantes dos mais importantes jornaes de Lisboa e á 1 hora e um quarto entrou no atrio da Escola executando um bonito *passecalle* a Tuna que, desde a sua séde, na rua da Atalaya 171, foi acompanhada por grande numero de estudantes e populares, sendo aguardada pelos seus collegas que a receberam com grandes manifestações de enthusiasmo, trocando-se abraços e saudações.

Em seguida dirigiu-se para o Jardim Botanico, onde foram tirados grupos pelos photographos da *Illustração Portuguêsa* e do *Brasil-Portugal*, encaminhando-se pouco depois todos os Tunos para a sala de Calculo, sendo á sua entrada acclamados delirantemente pela numerosa assistencia, trocando-se vivas e attingindo tal manifestação o auge do enthusiasmo.

A sessão solemne

A' 1 hora e meia o sr. João Tamagnini de Sousa Barbosa, como presidente da Tuna e da commissão organisadora da *matinée* e tendo proximo de si os restantes membros da commissão os Srs. José Augusto de Mello Vieira, José Nunes dos Santos Junior e Adelino Padesca, declarou aberta a sessão e convidou para assumir a presidencia o sr. conselheiro Pina Vidal o que S. Ex.a gostosamente accedeu, escolhendo para secretarios os srs. conselheiro Moraes d'Almeida e Dr. Vasconcellos Gusmão.

O sr. conselheiro Pina Vidal usando da palavra agradeceu a honra que lhe foi dispensada, tendo palavras de verdadeiro elogio para com os promotores da festa.

Referiu-se á transformação da sala em que se estava effectuando a festa a qual, destoando por completo dos dias d'aula, se apresentava, no momento em que S. Ex.a estava fallando, com um aspecto agradavel, não faltando a alegria propria da mocidade, de que com saudades se lembrou, e a graça inherente ás damas gentilissimas que por completo enchiam as bancadas.

Accrescentou que a manifestação promovida em honra do digno director da Escola Polytechnica achara echo em todos os corações dos professores e refere-se ás brilhantes qualidades de espirito e de coração do Sr. Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque, guia dedicado e valiosissimo de muitas gerações de estudantes.

Terminou declarando ser deveras sympathica a manifestação que os alumnos da Polytechnica promoveram em honra do seu querido director, inaugurando o seu retrato, e bem quanto o Sr. Dr. Almeida e Albuquerque é estimado pelos estudantes que frequentam a escola.

Uma prolongada salva de palmas coroou o discurso do sr. conselheiro Pina Vidal, seguindo-se no uso da palavra o presidente da Tuna sr. J. Tamagnini Barbosa, que diz vir a mesma Tuna festejar o 4.º anniversario da sua fundação, com uma sessão em honra do seu presidente honorario o Sr. Director da Escola Polytechnica, que todos os estudantes veneram e admiram pelas suas raras qualidades e pela sua elevada intelligencia.

Lembra os conselhos recebidos de S. Ex.a já em vesperas das excursões annuaes que a Tuna realisa, já nas proximidades das diversões que tem promovido e dirigindo-se aos seus collegas incita-os a que acatem sempre com o mais profundo e sincero respeito as ordens recebidas do seu muito digno Presidente Honorario.

O nome do Ex.mo Sr. Dr. Luis d'Almeida e Albuquerque, diz o orador, está invariavelmente ligado ás paginas da historia gloriosa da Tuna Academica da Escola Polytechnica e em cada um dos associados encontrará S. Ex.a a par de um discipulo obediente, um admirador do seu talento quer como professor cuja classe tão nobremente tem honrado, quer como cultor da Sciencia no numero dos quaes figura como um dos mais respeitados.

E' grande a satisfação que sente não só porque se solemnisa a entrada da associação a que preside no 4.º anno da sua existencia, mas tambem e muito principalmente porque se faz a justa consagração do seu querido mestre o Sr. Dr. Luis d'Almeida e Albuquerque procedendo-se á inauguração do seu retrato, modesta e insignificante lembrança de todos os seus consocios.

Termina declarando que se o valor material do acto é infinitamente pequeno em relação á amisade e consideração que os socios da Tuna dedicam ao seu estimado Presidente Honorario, muito significa o intuito porque synthetisa o sentir de todos e se o retrato a cuja inauguração se irá proceder não possue riqueza intrinseca, concretisa todavia a mais profunda, sentida e justa das homenagens.

Ao findar o seu discurso, succederam-se os vivas sendo indescriptivel o enthusiasmo de que se apossou toda a assistencia.

Carlos Soares Branco, alumno do 2.º anno da Escola e delegado por todos os seus collegas, segue-se-lhe no uso da palavra.

Agradece a escolha feita pelos seus collegas e declara á assembléa que os dotes de eloquencia que por certo ornariam outro qualquer orador são substituidos pela sinceridade com que vae fallar.

Diz o illustre academico que a divisa que bem alto escrevemos nos nossos pendões quando nos votamos, esperançosos, na senda bemdicta do trabalho e do estudo é: preparar no presente a felicidade do futuro.

Inexperientes e inhabeis, porém, todos os nossos esforços se tornariam inuteis, se para guiar esses primeiros passos não se tivesse creado como proveitosa alliança do educando a missão do educador.

Analysa a missão do estudante e do professor e deduz claramente que essa mocidade que vem agrupar-se nas escolas, em busca da luz que lhe desvendará mundos extranhos onde o seu pensar se perde, deve ter sempre latente, uma gratidão inapagavel para com os seus educadores.

Esse sentimento attingirá, porém, o gráu d'uma veneração quando ella vê um seu professor que embranqueceu ensinando, que soube pelo prestigio do talento conquistar em todos um respeito que não pesa, mas que se torna agradavel e expressivo quando esse respeitavel ancião soube crear a idéa de que é a justiça a sua norma, a sua consciencia o unico guia que escuta por grandes que sejam as difficuldades que as circumstancias lhe façam surgir. Taes são os predicados illustres que o orador vem enaltecer na pessoa do Ex.mo Director o Sr. Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque.

O Sr. Soares Branco lembrando que milhares de pessoas recordam, saudosas, o tempo em que vinham ouvil-o, sempre claro e cheio de erudição, finda o seu bem elaborado discurso fazendo votos para que tambem depois da actual geração muitas outras venham admirar e respeitar a pessoa do seu estimado director, caracter impolluto, austero e bondoso.

Carlos Soares Branco foi muito cumprimentado pelo seu discurso cheio de vida e de calor.

O Sr. Conselheiro Pina Vidal fallando novamente agradece em nome do Ex.mo Director da Escola, que se acha ausente por incommodo de saude, a homenagem que lhe acaba de ser prestada, homenagem que honra tambem todo o professorado da Polytechnica e tendo sido convidado pela commissão para descerrar o retrato do Sr. Dr. Albuquerque, pede licença para declinar essa honra na menina Alda Albuquerque, neta do Venerando director, que amavelmente accedeu ao pedido do Sr. Conselheiro Pina Vidal.

O enthusiasmo dos estudantes é então extraordinario. Ouvem-se vivas e applausos phreneticos emquanto o octominio da Tuna executa um hymno, original do sr. Alfredo Mantua, regente da Tuna e dedicado ao festejado, o qual foi ouvido de pé por todos os assistentes.

(Continua)

Revista Lisbonense

No 1.º de março apparecerá o 10.º numero d'esta interessante revista dirigida pelos intelligentes litteratos, Ellydio Perfeito, Antonio de Carvalho e Pedro Fazenda, collaborado pelos nossos mais reputados escriptores.

Emfim uma revista de interesse e decerto produzirá sensação entre a gente portuguesa.

(**Alma Portuguesa**, N.º 1 de 19 de Fevereiro 1905, pp. 4-5)

A Festa da Tuna Academica da Escola Polytechnica

(Continuado do n.º 1)

Eram 3 horas da tarde foi declarada encerrada a sessão dando-se começo aos

Jogos floraes

Terminada a sessão solemne são retiradas as mesas da presidencia e dos oradores, não sem grande difficuldade, porque a agglomeração de convidados impedia qualquer movimento dentro da sala, servindo, porém, o facto de pretexto para ditos alegres dos alumnos militares e paisanos que trepados em bancos ou encarrapitados nas janellas, ao fundo da sala, do lado da rua da Escola, ou por detraz da porta por onde entraram os lentes, procuravam ver bem a scena a que se ia dar começo e que deveria ser interessante.

A Tuna collocada no plano inferior da sala executou sob a regencia do seu maestro, o Ex.mo Sr. Alfredo Mantua, o Hymno Academico que foi ouvido de pé pela numerosa assistencia, emquanto os membros da commissão faziam a distribuição do programma da *matinée* e que a seguir publicamos:

1.ª PARTE

1.º — *Hymno Academico.*
2.º — Proclamação dos nomes dos poetas classificados, escolha da dama que deverá presidir aos *Jogos floraes* e das que deverão constituir a sua côrte d'honra.
3.º — *Hymno marcha de saudação* á Rainha e damas da côrte executado pelo sextetto da Tuna.
4.º — Recitação da poesia *Peregrinos* e offerta d'um bouquet de flôres pela Rainha da festa a *Bento Caeiro*, poeta 1.º classificado.
5.º — *Bacchante* (gavotte para viola), pelo tuno Bento Viegas.
6.º — *Serenade badine*, pelo sextetto.

2.ª PARTE

1.º — Phantasia dramatica da *Tosca*, pelo sextetto.
2.º — Recitação da poesia *A mulher* e offerta dum bouquet de flôres pela 1.ª dama da côrte a *Diogo C. Reis*, poeta 2.º classificado.
3.º — *Marche Boheme* (para piano), pelo tuno Antonio Costa Pereira.
4.º — Recitação da poesia *Amór singelo* e offerta dum *bouquet* de flôres pela 2.ª dama da côrte a José Ribeiro Torres, poeta 3.º classificado.
5.º — *Solo de bandolim* pelo Ex.mo Sr. Alfredo Mantua, regente da Tuna.
6.º — Concerto pela Tuna:
a) Arlequinade (pizzicato).
b) Depois da festa (passo dobrado).
c) Hymno Academico.

Terminada a execução do Hymno Academico que foi saudado com phreneticos applausos e vivas fez o Sr. J. Tamaguim Barboza a apresentação dos tres poetas classificados, segundo a opinião do illustre poeta e dramaturgo Sr. Julio Dantas, que para esse fim havia sido convidado e que eram os Srs. Bento Caeiro, Diogo C. Reis e José Ribeiro Torres os quaes escolheram para formar a côrte de honra nos *jogos floraes* as Ex.mas Sr.as D. Maria da Conceição Costa, D. Othilia Ivens de Salles C rdoso e D. Elisa d'Almeida.

O octominio da Tuna executou então o hymno de saudação á rainha da festa e ás damas da sua côrte, expressamente escripto pelo incansavel regente da Tuna, findo o qual o Sr. Bento Caeiro recitou a sua poesia *Peregrinos*.

Finda a recitação, a rainha da festa entregou ao poeta um lindo ramo de rosas violettas e avenca offerta da commissão da festa e que o Sr. Caeiro, por seu turno offereceu á Sr.ª D. Maria Costa.

Seguiu-se pelo tuno Bento Viegas a execução d'uma gavotte, composição sua, intitulada *Bacchante* e que foi bastante applaudida fechando a 1.ª parte da matinée com a *Serenade Badine* pelo sextetto que produziu tambem bello effeito.

A 2.ª parte da matinée começou por uma phantasia da *Tosca* de Puccini, pelo octominio, sendo sem duvida um dos melhores numeros do programma.

Diogo Reis recitou em seguida a poesia *A mulher* entregando-lhe a S.ª D. Othilia Cardoso um bouquet de flores o qual foi gentilmente devolvido á offerente pelo 2.º poeta classificado.

Depois foi ouvida a *Marche Boheme* ao piano pelo tuno Antonio Costa Pereira que se revelou um executante distincto pelo que foi bastante applaudido.

O Sr. José Torres, terceiro poeta classificado, recitou então a poesia *Amôr Singelo*, descrevendo os amôres d'uma linda moleirinha, e recebeu da Sr.ª D. Elisa d'Almeida um bouquet que como os seus collegas, devolveu reconhecido.

A matinée terminou com um magnifico concerto pela Tuna sob a habil direcção do seu estimado regente o Ex.mo Sr. Alfredo Mantua. A certeza nos accordes, a harmonia do conjuncto e o sentimento na execução fizeram com que esta Tuna, na opinião dos mais habalisados criticos musicaes, continue occupando o logar que honrosamente tem disputado durante a sua já longa existencia e que lhe foi conferido unanimemente por occasião do primeiro sarau que se realizou em Lisboa.

Eram 4 horas e meia da tarde quando a Tuna descendo a escadaria principal da Escola no meio dos mais estrondosos vivas e das mais enthusiasticas manifestações e sendo precedido pelo seu rico estandarte completamente revestido de valiosas fitas e corôas de louros, se retirou para a sua séde acompanhado de numeroso povo sendo delirantemente acclamado durante o trajecto.

(**Alma Portuguesa**, N.º 2, de 26 de Fevereiro, 1905, p. 8)

268 II ANNO—ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—27 de fevereiro de 1905

A COMMISSÃO PROMOTORA DOS FESTEJOS

«UMA DAMA DA RAINHA»

«A RAINHA DA FESTA»

«OUTRA DAMA DA RAINHA»

A FESTA DOS ALUMNOS DO LYCEU DE S. DOMINGOS—A TUNA DO LYCEU

Os rapazes do Lyceu parodiaram os jogos floraes da Escola Polytechnica. Foi uma festa de espirito, esfusiante de graça e de jovialidade. Tudo se passara em segredo e o publico, quando se dispoz a assistir ao espectaculo, julgou em verdade que ia vêr damas eleitas rainhas pelos votos, que ia assistir a uma festa de seriedade e galanteria; no fim riu a perder e não deixou de rejubilar diante do que se lhe deparou. Fizeram uma parodia na rigorosa accepção da palavra; não faltaram os rapazes vestidos de damas e a capricho representando a rainha e as suas alas, nem os poetas pandegos de aros comicos imitando os que a serio fizeram os seus versos para os jogos floraes da Polytechnica. Os proprios versos eram parodia aos dos collegas da outra festividade; sem vez de *Peregrinos, Quero Vinho*. Os rapazes sem vez de *Amor Singelo*, o *Namoro de Janella*, em vez de *Amor Singelo*, o *Namoro de janella*, em vez de *Peregrinos, Quero Vinho*. Os rapazes carrunjaram exaggeros de donairo, as pseudo damas de egual modo procediam e no meio de tudo isto a Tuna tocava trechos tambem de parodia a outros da Tuna da Polytechnica, como a *Pastorinha*, *echarge* á *Pastoral*. No fim os alumnos da Escola que assistiram á festa protestaram, levantou-se balburdia, mas não houve a lamentar coisas de maior gravidade, porque o publico apartou, ainda á gargalhada, os rapazes que se desafiavam depois d'essa espirituosa festa de alegria, toda de graça e de piada.

A FESTA DOS ALUMNOS DO LYCEU DE S. DOMINGOS—A TUNA DO LYCEU

Os rapazes do Lyceu parodiaram os jogos floraes da Escola Polytechnica. Foi uma festa de espirito, esfusiante de graça e de jovialidade. Tudo se passara em segredo e o publico, quando se dispoz a assistir ao espectaculo, julgou em verdade que ia vêr damas eleitas rainhas pelos votos, que ia assistir a uma festa de seriedade e galanteria; no fim riu a perder e não deixou de rejubilar diante do que se lhe deparou. Fizeram uma parodia na rigorosa accepção da palavra; não faltaram os rapazes vestidos de damas e a capricho representando a rainha e as suas alas, nem os poetas pandegos de aros comicos imitando os que a serio fizeram os seus versos para os jogos floraes da Polytechnica. Os proprios versos eram parodia aos dos collegas da outra festividade; sem vez de *Amor Singelo*, o *Namoro de Janella*, em vez de *Peregrinos, Quero Vinho*. Os rapazes carrunjaram exaggeros de donairo, as pseudo damas de egual modo procediam e no meio de tudo isto a Tuna tocava trechos tambem de parodia a outros da Tuna da Polytechnica, como a *Pastorinha*, *echarge* á *Pastoral*. No fim os alumnos da Escola que assistiram á festa protestaram, levantou-se balburdia, mas não houve a lamentar coisas de maior gravidade, porque o publico apartou, ainda á gargalhada, os rapazes que se desafiavam depois d'essa espirituosa festa de alegria, toda de graça e de piada.

Também os alunos do Liceu de São Domingos e sua tuna decidiram realizar jogos florais, parodiando os realizados pela Tuna da Escola Politécnica.

(**Illustração Portugueza**, 1.º Ano, Nº 69, de 27 de Fevereiro de 1905, p. 268)

Na visita das Tunas de Valência e Córdova

No dia 12 de Março, chega a Lisboa (vinda do Porto) a Tuna Valenciana (constituída por 27 tunos de Medicina e Direito)[84], recebida por grande multidão e pela **TAEPL**. A Tuna chega à capital poucos dias depois de também ter chegado (no dia 9[85]) a Tuna Cordovesa (do Real Centro Filarmónico Eduardo Lucena)[86], chegando ambas a actuar juntas no Real Gymnasio Club[87].

Desfilando pelas ruas da cidade, sempre acompanhada de muitos estudantes e população, fazem uma paragem na sede da **TAEPL** (na Rua da Atalaya, 171), onde é oferecido um *copo d'água* aos tunos espanhóis, seguindo-se uns quantos discursos e um penhorado agradecimento do presidente da Tuna Valenciana, Joseph Senis, dirigindo-se à multidão que estava na rua, a partir de uma varanda da sede da **TAEPL**.

Depois de continuar o cortejo por várias ruas lisboetas, o dia termina no *Hotel Suisso* (outros periódicos referem o *Hotel Portuense*), sabendo-se que os espanhóis trazem presentes para a Raínha D. Amélia (que marcará presença no concerto) e para várias autoridades/personalidade portuguesas que pretendem visitar.

O dia seguinte (dia 13) é reservado a visitas sociais, sabendo-se que visitaram o *Conde de la Viñaza* e que foram recebido na Câmara Municipal[88]

Na noite de dia 14, houve, portanto, grande concerto no Coliseu dos Recreios, com a participação da Tuna Valenciana, da **Tuna da Escola Politécnica** e da TAL[89]. O sarau foi descrito como imponente e como sendo um daqueles onde se exibiu os melhores trechos musicais, sendo consideradas as 3 tunas como "inigualáveis"[90].

«Tuna» de Valencia

Chega 2.ª feira ás 3,45 da tarde indo hospedar-se no Hotel Portuense, na praça do Municipio.

Dará um sarau no Coliseo no dia seguinte com o concurso da «Tuna» Academica da Eschola Polytechnica e tencionam convidar Suas Majestades a assistir ao espectaculo.

Trazem, pintadas pelos artistas valencianos, umas paletas para offerecerem a Suas Majestades, para o que já solicitaram por meio do seu ministro uma audiencia.

O numero dos tunos é de 27.

Ao chegar serão recebidos pela «Tuna» da Polytechnica que lhes offerecerá um copo d'agua.

Veem de Madrid, Salamanca, Porto e Coimbra.

(**Diário Illustrado**, 34.º Ano, N.º 11502, de 12 de Março de 1905, p. 2)

(**Alma Portuguesa**, N.º 4, de 14 de Março, 1905, p. 1)

[84] **Diário Illustrado**, 34.º Ano, N.º 11502, de 12 de Março de 1905, p. 2.
[85] **Diario de Cordoba**, Ano LVI, N.º 16489 de 10 de Março de 1905, p. 3.
[86] Vd. SILVA, Jean-Pierre - Tuna/Estudantina - Real Centro Filarmónico Cordobés Eduardo Lucena, 1905. Blogue **Além Tunas**. Artigo de 24 de Junho de 2017.
[87] **Tiro e Sport**, Ano XI, N.º 3030, de 31 de Março de 1905, p. 8.
[88] **Vanguarda**, X Ano (XV), N.º 3002, de 13 de Março de 1905, p. 2; **Las Provincias** (Valencia), Ano XL, N.º 14078, de 15 de Março de 1905, p. 3 e **El Imparcial**, Ano XXXIX, N.º 13637, de 15 de Março de 1905, p. 4.
[89] **Jornal das Senhoras**, Ano I, n.º 17, de 20 de Março de 1905, p. 5; **Diário Illustrado**, 34.º Ano, N.º 11504, de 14 de Março de 1905, p. 2 e **Alma Portuguesa,** N.º 4, de 14 de Março, 1905, pp. 1-3.
[90] **O Figueiroense**, Ano 8.º. N.º 394, de 25 Março de 1905, p. 1 e **A Arte Musical**, Ano VII, N.º 149, de 15 Março de 1905, p. 65.

Tuna Valenciana

A sua chegada a Lisboa—Manifestações

Chegou hontem no *tramway* de Villa Franca, n.º 1428, das 7,47, a Tuna Valenciana.

A's 7 horas da tarde era enorme a agglomeração de gente que, impaciente, se acotovelava aguardando a chegada dos tunos. O enthusiasmo era grande, ao qual davam a nota agradavel os rapazes da academia que, irrequietos, iam principiando a manifestação com os vivas. Os minutos passavam e o presidente da Tuna Academica que pela primeira vez sahia hontem a tocar em publico, combinava com o presidente da Tuna Valenciana, sr. D. Joseph Senis, a manifestação a fazer e o itinerario a seguir.

São 7 e 45 e entra na *gare* uma commissão de estudantes da Polytechnica, com o estandarte conduzido pelo academico Santos, e os outros membros da commissão ss srs. Vianna da Motta, Jorge dos Anjos, Adelino Padesco, Elysio Lobo, Benard Guedes, Varella e Oliveira Duarte.

Ouve-se o silvo da locomotiva; é o comboio que chega; o enthusiasmo é indescriptivel, as palmas são ininterruptas, as pandeiretas vibram e os vivas a Portugal, á Hespanha, á Federação Iberica, á tuna Valenciana soltam-se expontaneamente.

Ha uns minutos de silencio, trocam-se os estandartes, sendo o da escola Polytechnica confiado ao tuno hespanhol D. Felix Maria Julle e o da tuna Valenciana conduzido pelo estudante Santos. Cortejo em marcha, indo á frente os 3 estudantes, a seguir os tunos valencianos, fechando o cortejo a tuna academica, tocando um *pasa calle* e seguida de muitos estudantes e povo. Sahem pela porta do pavimento superior da estação do Rocio, dirigindo-se pela calçada do Carmo, Rocio, rua do Carmo, Garrett, S. Roque, travessa d'Agua de Flôr e rua da Atalaya, séde da tuna da Polytechnica que offerecia um *copo d'agua* aos seus collegas hespanhoes, continuando os vivas em todo o trajecto.

Entram, e o presidente dos tunos hespanhoes agradece de uma varanda, em nome dos tunos, a manifestação de que estes eram alvo, por parte da academia e população de Lisboa. Ecoam novas palmas e dirigem-se todos á sala nobre da tuna, onde os excursionistas são recebidos enthusiasticamente. Tem a palavra o presidente da tuna da Polytechnica, dr. Evaristo, que profere as seguinte palavras:

Companheiros: Vindos de Coimbra e do Porto, onde outros collegas vos abraçaram como nós o fazemos hoje. Eu, o mais humilde dos estudantes de Lisboa, devo confessar que os estudantes hespanhoes não são só estudantes, são nossos irmãos, e oxalá levem tão gratas recordações de Portugal como as que elle trouxe de Sevilha, de Madrid e Valladolid.

Falou depois D. Joseph Senis, que disse: as provas de consideração e estima que elle e seus companheiros estão recebendo, são signal evidente da confraternidade academica e como presidente da tuna brinda pelos estudantes portuguezes, por Portugal e pela Federação Iberica.

José Saragga: Desejava que os companheiros hespanhoes se demorassem por muito tempo em Portugal, por quanto se sente bem entre elles e com a sua amisade. Ainda tem presentes as attenções que recebeu da academia de diversas terras da nação irmã, quando a ellas foi em digressão. Brinda, pois, pela Federação Iberica e pelas prosperidades da Hespanha.

D. Joseph Nunes: Sente-se admiravelmente, satisfeito, por encontrar nos estudantes portuguezes amisade sincera. Deve-se aspirar não á união escolar, mas á união universal dos estudantes de todas as nações, devendo-se pôr de parte as difficuldades de idiomas e inclusivamente adoptar-se uma lingua puramente escolar, porquanto, juntos, muito podem fazer. Falta-lhe saudar tambem o factor principal que leva a luz a todos os pontos. Brinda, pois, pela imprensa, pelas prosperidades de Portugal e pela Federação Iberica.

Segue-se o nosso collega do «Mundo» Augusto José Vieira, que agradece ao distincto orador a saudação feita á imprensa e como de ha largos annos está de mãos dadas com a Hespanha, brinda pelas prosperidades de esse paiz.

Alferes Monteiro: Os companheiros hespanhoes estão fatigados; portanto, vae ser breve; permittam-lhe, porém, que brinde pela academia hespanhola e n'este brinde vae todo o seu enthusiasmo, toda a sua alma, brindando tambem pela Federação Iberica.

O sr. D. Melchor Vigner Ramon sauda os estudantes portuguezes e diz que, das manifestações recebidas conservará «grato recuerdo». Sauda tambem a imprensa, factor indispensavel na approximação dos povos. Brinda, pois, pela imprensa, estudantes portuguezes e Federação Iberica.

O sr. Guilhermino Carrilho, nosso collega de redacção, diz não possuir dotes intellectuaes sufficientes para reunir elementos que podessem tornar grandiosa a saudação que envia á Tuna Valenciana. Exulta-lhe a alma de enthusiasmo, assistindo áquella manifestação da mocidade, os homens do futuro, de futuros ideaes. A imprensa sempre esteve ao lado dos estudantes porque n'elles se encontram sentimentos nobres, e a manifestação que os estudantes portuguezes estão fazendo aos seus collegas hespanhoes — deixem-me dizer-lhes—é bem sincera porque e portugueza! Brinda, pois, pela estudantina valenciana e prosperidades de Hespanha.

José Bastos: Já recebemos os collegas hespanhoes amorosamente, e as saudações que se succedem provam o desejo de os reter. Porém, elle, orador, conhece que os collegas valencianos estão fatigados. Precisam descançar, pois que ámanhã, (que é hoje), melhor que discursos, lhes cahirão sobre as cabeças milhares de flôres lançadas pelas damas portuguezas. Podem, pois, os collegas ir *acostarse* e que tenham sonhos côr de rosa.

Encerra-se a sessão, sahem todos e á frente os estandartes desfraldados ao vento, dirigem-se pela travessa da Agua de Flôr, largo de S. Roque, Trindade, largo das Duas Egrejas, Alecrim, Arsenal, largo do Municipio, Capellistas, Ouro, Rocio, Bitesga, rua dos Fanqueiros, em direcção ao hotel Suisso, onde os tunos se hospedaram, continuando no trajecto os vivas.

Finda a manifestação, alguns estudantes sobem, trocando-se impressões, e no hotel ouvem-se ao piano os accordes de uma *malagueña*. Olé!

Notas

A Tuna Valenciana traz como presidente o sr. D. Joseph Senis; secretario, D. Joseph Chamon, e thesoureiro D. Pedro Puchol. Acompanham a tuna os estudantes de todas as faculdades, encontrando-se entre elles, o nosso collega de *El Progresso*, de Jativa (Valencia), D. Felix Maria Julle, a quem cumprimentamos.

—Trazem os tunos *paletas* para offerecerem á sr.ª D. Amelia, a quem conhecem ha 2 annos de Cadiz, e ás auctoridades e pessoas de consideração, contendo as *paletas* os escudos de Hespanha e Portugal, abertos em talha, trabalho executado por D. Ricardo Llacer e D. Vicente Puchol, irmão do thesoureiro da tuna, D. Pedro Puchol, os mesmos que pintaram a bandeira da tuna.

—As *paletas*, antes de entregues, devem estar expostas na ourivesaria Leitão.

—Para que a manifestação revestisse maior brilho, accordou-se em que os tunos descessem em Braço de Prata, desembarcando no Rocio, em vez de irem a Santa Apolonia.

—Ao seu encontro a Braço de Prata, foram os srs. Tamagnini Barbosa e o secretario e vice-secretarios da Tuna Valenciana.

—O dia de hoje é destinado a cumprimentos, realisando-se ámanhã o sarau no Coliseu dos Recreios, conforme hontem annunciámos.

(**Vanguarda**, X Ano (XV), N.º 3002, de 13 de Março de 1905, p. 2)

Coliseo dos Recreios

Hoje realisa-se o extraordinario sarau academico em que tomam parte a tuna valenciana, a tuna academica da Escola Polytechnica e a tuna academica de Lisboa, sendo todo o programma executado pelos estudantes hespanhoes e portuguezes.

(**Diário Illustrado**, 34.º Ano, N.º 11504, de 14 de Março de 1905, p. 2)

Visitaram Lisboa duas estudantinas hespanholas, a Tuna de Cordova e a Tuna Valenciana; esta ultima deu um magnifico sarau no Colyseu, em que foi acompanhada pelas nossas tunas da Escola Polytechnica e Academica. Todas as partes do sarau foram applaudidissimas, sendo uma d'ellas constituida por um solo de bandolim, primorosamente executado, por Alfredo Mantua, o talentoso e estimadissimo regente da Tuna da Polytechnica.

(**Jornal das Senhoras**, Anno I, N.º 17, de 20 de Março de 1905, p.7)

Tuna/Estudiantina do Real Centro Filarmónico Cordobés Eduardo Lucena

(**A Arte Musical**, Ano VII, N.º 148, de 28 de Fevereiro de 1905, p.2)

Hontem, 14, estreiou-se no Colyseu dos Recreios a *Tuna de Valencia*, composta de estudantes de medicina e de direito, collaborando tambem no sarau a Tuna da Escola Polytechnica e a Tuna Academica.

Veem do Porto e Coimbra, onde foram muito ovacionados.

(**A Arte Musical**, Ano VII, N.º 149, de 15 Março de 1905, p. 65)

TUNA VALENCIANA

Como é sabido, esteve na semana preterita em Lisboa a Tuna Valenciana de Medicina e Direito, da Academia de Valencia, que vieram visitar os seus collegas portuguezes.

Foi a nota alegre da semana, na nossa capital, que acolheu os jovens estudantes hespanhoes generosa e sinceramente, pelo que foram com uma gratissima recordação, porque em toda a parte, e em todos encontraram boa vontade e gentileza.

O fim da sua visita aos seus collegas portuguezes, das academias de Porto, Coimbra e Lisboa, foi justo, grande e sublime—o estreitar os laços de amisade e sympathia entre os academicos dos paizes irmãos, os dirigentes e os homens de sciencia de ámanhã.

Foi imponente o sarau que na noite de 14 teve logar no Colyseu dos Recreios pela tuna Valenciana, Academica de Lisboa e a da Escola Polytechnica, foi uma ruidosa festa e um dos saraus em que se tem exhibido os melhores trechos de musica, sendo as tres tunas inignalaveis, inexcediveis na sua primorosa execução.

A Academica foi regida pelo eximio tocador de oboé e maestro, Wenceslau Pinto.

A tuna da Escola Polytechnica, sabe-se bem qual o seu valor, bem demonstrado nas suas de recitas todos os annos.

A «*Alma Portugueza*», orgão da Academia, publicou no dia 14 um supplemento, solemnisando a visita dos estudantes hespanhoes, com collaboração de academicos dos dois paizes. D'elle transcrevemos o artigo:

Saudação

À nobre Tuna Academica de Valencia, na sua visita a Lisboa.

Salvé, collegas da Hespanha Irmã!!!

Bemvindos sejaes companheiros!!

Que generosa e grande ideia a vossa.

Estreitar os laços de amisade e sympathia que hoje nos unem e nos devem ligar para sempre é o maior titulo de gloria que podeis ambicionar.

A vossa visita a Portugal representa para nós um tributo de homenagem tão sublimemente levantado, que o não podemos deixar passar sem reparo.

É a nós, á mocidade das Escolas, que nos compete apertar a fraternidade intellectual que nos deve unir para sempre.

A intellectualidade, todos o sabem, não escolhe barreiras, não busca limites, é universal, e vós, collegas da Hespanha amiga, visitando-nos, não fazeis mais do que affirmal-a.

A vossa excursão a Portugal, não é sómente a visita, despida de ideal duma Tuna de rapazes, não, tem em mira um fim mais nobre, mais generoso, mais alevantado.

Não vindes como os troveiros antigos, uma canção nos labios, dedilhando theorbas douradas, numa lucta esforçada e heroica de paladinos que se batem ao acaso por uma Omphale sonhada, por uns olhos negros que sorriem.

Trazeis sim a gentilesa immensa da Hespanha, que tão dignamente representaes, aventurando-vos solemnemente certos quasi de que encontrarieis entre nós uma acolhida de Irmãos.

Vós vindes, collegas queridos, luctar por um fim altruista e generoso, pela fundação da União Escolar Universal, uma ambição sublime, estreitando-nos como irmãos n'um grande abraço intellectual.

Que esta nobre ideia perdure nos vossos espiritos que por ella lucteis sempre denodadamente.

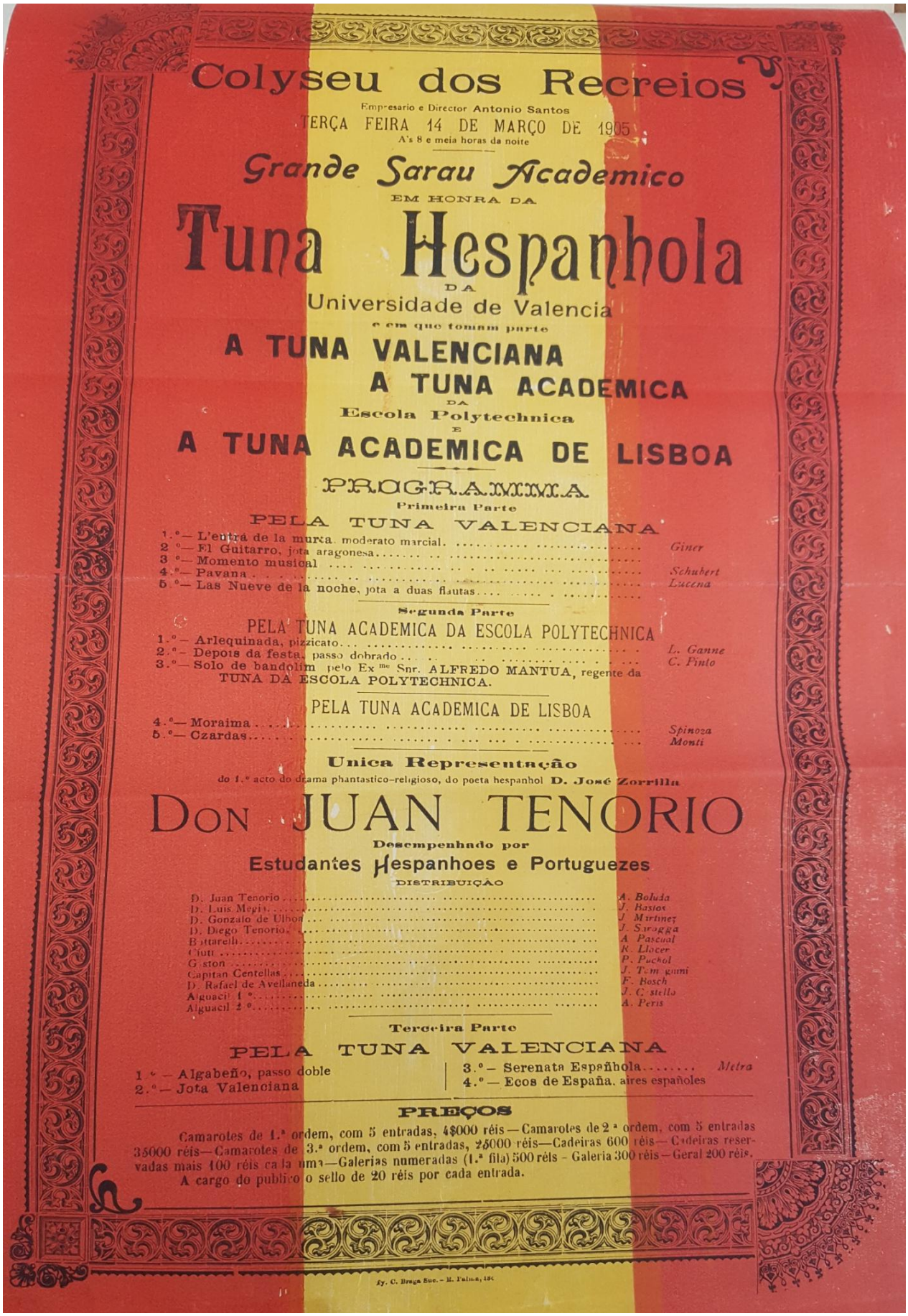
Salvé, collegas da Hespanha Irmã!!!

Bemvindes sejaes!!!

(**O Figueiroense**, Ano 8.º. N.º 394, de 25 Março de 1905, p. 1)

Na revista *Illustração Portuguesa* de 1907, a Tuna Valenciana com a legenda "Aspectos do Carnaval [de Lisboa] de 1905".

(**Illustração Portugueza**, Nº 51, de 11 Fevereiro de 1907, p.191)



Colyseu dos Recreios

Empresario e Director Antonio Santos

TERÇA FEIRA 14 DE MARÇO DE 1905

A's 8 e meia horas da noite

Grande Sarau Academico

EM HONRA DA

Tuna Hespanhola

DA

Universidade de Valencia

e em que tomam parte

A TUNA VALENCIANA

A TUNA ACADEMICA

DA

Escola Polytechnica

E

A TUNA ACADEMICA DE LISBOA

PROGRAMMA

Primeira Parte

PELA TUNA VALENCIANA

1.º— L'entrá de la murta, moderato marcial. ..... *Giner*
2.º— El Guitarro, jota aragonesa..... .....
3.º— Momento musical ..... *Schubert*
4.º— Pavana ..... *Lucena*
5.º— Las Nueve de la noche, jota a duas flautas.....

Segunda Parte

PELA TUNA ACADEMICA DA ESCOLA POLYTECHNICA

1.º— Arlequinada, pizzicato..... *L. Ganne*
2.º— Depois da festa, passo dobrado..... *C. Pinto*
3.º— Solo de bandolim pelo Ex.mo Snr. ALFREDO MANTUA, regente da TUNA DA ESCOLA POLYTECHNICA.

PELA TUNA ACADEMICA DE LISBOA

4.º— Moraima..... *Spinoza*
5.º— Czardas..... *Monti*

Unica Representação

do 1.º acto do drama phantastico-religioso, do poeta hespanhol **D. José Zorrilla**

DON JUAN TENORIO

Desempenhado por

Estudantes Hespanhoes e Portuguezes

DISTRIBUIÇÃO

D. Juan Tenorio.....	*A. Boluda*
D. Luis Mejia.....	*J. Basios*
D. Gonzalo de Ulhoa.....	*J. Martinez*
D. Diego Tenorio.....	*J. Saragga*
Bottarelli.....	*A. Pascual*
Ciutti.....	*R. Llacer*
Gaston.....	*P. Puchol*
Capitan Centellas.....	*J. Tomagumi*
D. Rafael de Avellaneda.....	*F. Bosch*
Alguacil 1.º.....	*J. Castello*
Alguacil 2.º.....	*A. Peris*

Terceira Parte

PELA TUNA VALENCIANA

1.º— Algabeño, passo doble
2.º— Jota Valenciana
3.º— Serenata Espanhola..... *Metra*
4.º— Ecos de España, aires españoles

PREÇOS

Camarotes de 1.ª ordem, com 5 entradas, 4$000 réis — Camarotes de 2.ª ordem, com 5 entradas 3$000 réis — Camarotes de 3.ª ordem, com 5 entradas, 2$000 réis — Cadeiras 600 réis — Cadeiras reservadas mais 100 réis cada uma — Galerias numeradas (1.ª fila) 500 réis - Galeria 300 réis — Geral 200 réis.

A cargo do publico o sello de 20 réis por cada entrada.

Typ. C. Brega Suc. – R. Palma, 186

Programa do Sarau no Coliseu dos Recreios (14 de Março de 1905).
(**BNP**-Lamberti, Vol..3)

La Estudiantina Valenciana de Medicina y Derecho

Saudação

A' nobre Tuna Academ'ca de Valencia, na sua visita a Lisboa.

Salvé, collegas da Hespanha Irmã!!!

Bemvindos sejaes companheiros!!

Que generosa e grande ideia a vossa.

Estreitar os laços de amisade e svmpathia que hoje nos unem e nos devem ligar para sempre é o maior titulo de gloria que podieis ambicionar.

A vossa visita a Portugal representa para nós um tributo de homenagem tão sublimemente levantado, que o não podemos deixar passar sem reparo.

E' a nós, á mocidade das Escolas, que nos compete apertar a fraternidade intellectual que nos deve unir para sempre.

A intellectualidade, todos o sabem, não escolhe barreiras, não busca limites, é universal, e vós, collegas da Hespanha amiga, visitando-nos, não fazeis mais do que affirmal-a.

A vossa excursão a Portugal, não é sómente a visita, despida de ideal duma Tuna de rapazes, não, tem em mira um fim mais nobre, mais generoso, mais alevantado.

Não vindes como os troveiros antigos, uma canção nos labios, dedilhando theorbas douradas, numa lucta esforçada e heroica de paladinos que se batem ao acaso por uma Omphale sonhada, por uns olhos negros que sorriem.

Trazeis sim a gentilesa immensa da Hespanha, que tão dignamente representaes, aventurando-vos solemnemente certos quasi de que encontrarieis entre nós uma acolhida de Irmãos.

Vós vindes, collegas queridos, luctar por um fim altruista e generoso, pela fundação da União Escolar Universal, uma ambição sublime, estreitando-nos como irmãos n'um grande abraço intellectual.

Que esta nobre ideia perdure nos vossos espiritos e que por ella lucteis sempre denodadamente.

Salvé, collegas da Hespanha Irmã!!!

Bemvindos sejaes!!!

J. S.

PROGRAMMA

DO

Sarau do Colyseu dos Recreios na noite de 14 de Março de 1905

1.ª PARTE

Pela Tuna Valenciana:

1.º — *L'entra de la Murta* (moderato marcial — Ginez).
2.º — *El guitarro* (jota aragoneza).
3.º — *Momento musical* (Schubert).
4.º — *Pavana* (Lucena).
5.º — *Las nueve de la noche* (jota a dos flautas).

2.ª PARTE

Pela Tuna Academica da Escola Polytechnica:

1.º — *Arlequinade* (piziccato). . . Ganne.
2.º — *Depois da festa* (passo dobrado)... Pinto.
3.º — Sólo de bandolim pelo ex.mo sr. Alfredo Mantua, regente da Tuna Academica da Escola Polytechnica.
4.º — Representação do 1.º acto do drama de D. José Zorrilla, intitulado *Don Juan Tenorio*

PERSONAGENS

D. Juan Tenorio—A. Boluda.
D. Luiz Megia—F. M. Tulbe.
D. Gonzallo de Ulboa—J. M. Porres.
D. Diego Tenorio—J. Saragga.
Buttarelli (hostelero)—A. Pascual.
Gaston (page de D. Luiz)—R. Mariu.
Ciuti (page de D. Juan) — R. Llacer.
Capitan Centellas—J. Bastos.
D. Rafael de Avellaneda—J. Tamagnini.
Alguacil 1.ero — J. M. Castello.
Alguacil 2.do — A. Peris.
Apontador — P. Puchol.

5.º — Pela Tuna Academica de Lisboa.

a) Morayma — Apinoza — Monti —Czardas.

3.ª PARTE

Pela Tuna Valenciana:

1.º—*Algabeño* (paso-doble).
2.º — *Jota Valenciana.*
3.º—*Serenata española* (Vals).
4.º—*Ecos de España* (pot-purri de aires españoles).

Fraternidad escolar

La inteligencia une á los escolares todos, franceses, italianos, portugueses, españoles. Nuestra obra común es una obra de paz, de amor y de altruismo. Es la obra del tiempo presente, la de la ciencia para la felicidad y engrandecimento de la humanid toda. Somos la juventud actual, los representantes de las generaciones futuras, los que hemos de legar la mision del progreso para la redencion. Unamonos, pués, para la consecucion del hermoso problema social de paz y de justicia, los intelectuales

(**Alma Portuguesa**, N.º 4, de 14 de Março, 1905, p. 2)

de todos los paises bajo el manto del trabajo en apretado abrazo que a todos nos colbije para la prosperidad moral y material humana.

Hermoso ideal, de idealismos generosos y nobilisimos. Código de paz universal humana, Asambléa, Consejo de fraternidad y de amor internacional. Igualdad entre todos los pueblos.

Escolares, amemos á la Humanidad. Amando á la Humanidad toda aprenderemos amar á nuestra patria. Amando á nuestra patria aprenderemos amar á nuestra familia.

Lisboa, 13 Marzo 1905.

MELCHOR VIGUER RAMÓN.

(De la Facultad de Derecho de la Universidad de Valencia).

En Lisboa

Despues de 18 dias de fatigosa excursion, llegamos ya á esta Capital punto de mira de ilusion, sitio principal de nuestra *tournée* escolar instructiva. En las estaciones immediatas estrechamos un fraternal abrazo com varias comisiones de estudiantes representantes de todas las academias Lisbonenses. Al llegar á esta estacion encontramos un cuadro de vida de color y entusiasmo. Miles de estudiantes, la gran masa intelectual de Lisboa, nos recibe con los brazos abiertos y nos da la bienvenida. Y los gritos de viva Portugal y España, viva la union escolar iberica, viva la patria de Camoens y Cervantes y la fraternidad academica universal, nuestros corazones sienten vivisima emocion y nuestras almas se unem como por un tierno y poderoso abrazo. Estas manifestaciones de alegria, de simpatia y entusiasmo. sacuden nuestra fatiga, quitan el cansancio y como elixires misteriosos nos infunden energias y alientan para continuar nuestra empresa de fraternidad escolar. Lisboa, Portugal, gran pueblo que en un momento dado y al primer aviso se mueve, agita y recibe á sus hermanos con sinceridad y ternura, dando muestras de cultura, de progreso y de union. Dicho pais no duerme, no esta inerte, alberga en su seno un centro de guerra, energias y de ilustracion que indudablemente le colocaron en las cumbres del progreso Europeo. Agradecemos en el alma la hospitalidad y el cariño que nos dispensan los estudiantes y Lisboa entera, gracias, gracias, gracias.

JOSÉ FONTANA.

(De la Facultad de Derecho de la Universidad de Valencia).

Hespanha e Portugal

O mesmo sol os cobre e o mesmo azul do ceo
Se extende sobre os dois como um celeste veo,
Descendo para o mar no Oriente e no Occidente
Como se fosse o ceo, dos dois unicamente.
E quando em Portugal se alteia a branca lua,
Lá na Hespanha tambem sobre os montes fluctua.
Os rios que a chorar, percorrem Portugal,
Vão indo pela Hespanha em soluçar egual,
Risonhos na alegria e no amor esmoleres,
São lindos, são eguaes, os olhos das mulheres.
Olhos que valem mais que todo um paraizo,
Mulheres que dão vida ao dar-nos um sorriso.
A andorinha que foge ao negro temporal,
Ao mesmo tempo chega a Hespanha e a Portugal.
São grandes na victoria e dignos nos revezes
Os nobres hespanhoes e os bravos portuguêses.
Cruzavam suas naus nos mares mais ignotos
Onde iam descobrir os logares remotos;
Unidos muita vez cantaram a victoria
E polvilharam d'oiro as paginas da Historia.
Dum povo só de heroes, no mundo sem egual,
E' que descendem hoje, Hespanha e Portugal,
Países onde vive a Desventura e a Dôr,
E onde nascem a par Bravura com Amôr.
Irmãs pela bravura, irmãs p'la sua raça,
Unidas sempre estão, no riso e na desgraça,
Essas duas nações que teem por heroes
Valentes que dão gloria a lusos e a hespanhoes.

Saudação

Bemvindos sejaes vós, que vindes-nos trazer
Da patria amiga e irmã sorrisos d'alegria,
Como vagas de luz e ondas de prazer,
Como hymnos d'amor ao despontar o dia!

Bemvindos sejaes vós, que vindes receber
O fulgurante sol da nossa sympathia,
Que gira tumultuosa e invade o nosso ser,
E finda num abraço e os corações allia!

Bemvinda pois a Tuna! E a alma do estudante
A alma irmã da vossa envolta em commoção,
Que faz sorrir sonhando e attrahe num só instante:

Vem receber-vos hoje e ungir-vos d'affeição,
Fazendo dum sorriso um viva delirante,
E duma phrase leda a nossa saudação!

DIOGO DO CARMO REIS.

(**Alma Portuguesa**, N.º 4, de 14 de Março, 1905, p. 2)

A Tuna Valenciana de Medicina e Direito

Já lá vão, terras de Hespanha dentro, os nossos colegas de Valencia.

Dedilhando a *guitarra* triste, trinando uma canção chorosa, os olhos num enlevo de luz, na aventura de sempre, rapida, meridional.

Um beijo d'aqui, um riso dacolá, abraços dados numa precipitação, e assim se forma o feixe de recordações que leva sempre o estudante das terras onde vae.

Mas da gentil visita que nos fez a magnifica Tuna Valenciana levou mais, certamente, a recordação gratissima de um acolhimento carinhoso e sincero.

O seu trato todo gentilesa e *bon humour*, colheu entre a rapaziada portuguesa amigos leaes e verdadeiros.

Por toda a parte encontraram a boa vontade e a galhardia obsequiando-os.

O fim que os trouxe a visitar-nos, na verdade, era nobre e justo, era grande, quasi sublime, e as ideias generosas encontram sempre na gente portuguesa uma devotada dedicação.

Por isso a rapaziada acudiu em massa saudando-os á sua chegada e os acompanhou sempre nas visitas ás sédes das tunas academicas, ás redacções das principaes gazetas e nas visitas officiaes á Camara Municipal de Lisboa, onde tão distinctamente os recebeu o nobre espirito do Ex.mo Sr. Conselheiro Antonio d'Azevedo Castello Branco, e aos illustres ministro e consul de Hespanha, e á Sociedade de Geographia, Liga Naval, Real Gymnasio, Turf-Club e Club Tauromachico.

Na séde da nossa redacção foi-lhes offerecido um delicado lunch, trocando-se varios brindes, falando o nosso Director, que agradeceu a amabilidade da visita e da ideia que trouxe a Portugal os academicos de Valencia, dizendo:

Compañeros — En nombre del *Alma Portuguesa*, del periodico organo de la Academia del Paiz, yo les saludo a Vds. Es un encanto y un subido honor para mi recebiros en esta sala.

Nuestro periodico que hasta ahora defendió los interesses de nuestra Academia, toma de hoy en adelante, com vuestra visita, más un gostoso encargo, más un deber sagrado, será tambien el defensor de los vuestros.

Hermanos, si los estudiantes que hoy nos encuentramos aqui reunidos representan la alma portuguesa, la juventud que mañana dirigirá el Pais, vosotros, juventud de las escuelas del Pais nuestro hermano, representais la alma española, la sangre viva y caliente, el temperamiento scintillante y fuerte que nos animaran a progredir con vuestro provechoso ejemplo y incitamiento.

¿ Porque no hundir en una sola nuestras almas, si son eguales los ideales que tenemos de Justicia y de Trabajo ?

Compañeros: és a nosotros, los dirigientes mañana de nuestros Paises, que toca el estrechar los lazos de amistad que nos deben unir.

Vuestra generosa idea de Union Intellectual Universal, la applaudimos nosotros muy gostosamiente y por ella lucharemos siempre.

(**Alma Portuguesa**, N.º 5, de 19 de Março, 1905, p. 2)

Y como es por la Prensa que nosotros pregonamos nuestros ideales y los hacemos llegar á los oidos del Pueblo, propongo yo que el *Alma Portuguesa*, organo de nuestra Academia, y a partyr de hoy tanbien de la vuestra, conte entre Vds. uno ó más corresponsales, que estrechen nuestras relaciones en un grande abrazo intellectual».

Respondeu o vice-presidente da Tuna Valenciana D. Melchior Viguer, nosso correspondente en Valencia, e discursaram mais os academicos Antonio Ribeiro Monteiro e D. José Bonet.

Tarde de alegria enthusiastica, cheia de mocidade e vida.

*

No sarau do Colyseu, as tres Tunas, a de Valencia, a Academica de Lisboa e a da Escola Polytechnica, foram inegualaveis, inexcediveis quasi, na execução primorosa dos seus escolhidos trechos.

A alegria forte da musica hespanhola punha na sala uma vibração de prazer tal, que nunca a poderemos esquecer.

As Tunas portuguezas, foram extraordinarias tocando.

A Academica, regida pelo eximio tocador de oboé, e já apreciado maestro, Wenceslau Pinto, veiu acordar-nos na memoria as festas antigas do Lyceu, quando o Lyceu tinha Tuna, e que a sala se levantava applaudindo delirantemente o regente e executantes.

A Tuna da Escola Polytechnica quem ha que não recorde as suas recitas de todos os annos ?

Musica de eleicção, que o seu distincto regente o sr. Mantua, o apreciado tocador de bandolim, faz sobresahir com uma instrumentação cuidada e artista.

No desempenho do 1.º acto do *D. Juan Tenorio*, que completava o espectaculo, fizeram maravilhas hespanhoes e portugueses.

Por final a festa terminou cedo, 12 e meia da noite, coisa rara em recitas academicas e, deixando uma recordação agradavel em todos que a ella assistiram.

A sala cheia por completo.

Toiletes vistosas, caras bonitas e a rapaziada academica, coisa rara, sem interromper o espectaculo.

Agora um agradecimento especial ao sympathico emprezario Antonio Santos, pela gentilesa com que a todos tratou, e em particular pela generosa consecção feita ao nosso jornal, obsequioso favor que não esqueceremos nunca.

*

Partiram quinta feira passada os nossos collegas hespanhoes.

A sua magnifica cortezia não a olvidaremos jámais, com o voto sincero de que o ideal que os trouxe a visitar-nos, venha a ser uma realidade.

Salvé, collegas da Hespanha, nossos Irmãos na grande Familia Academica de todo o mundo culto.

(**Alma Portuguesa**, N.º 5, de 19 de Março, 1905, p. 2)

Sarau anual no Teatro *Gymnasio*

No dia 18 de Abril a **TAEPL** leva a cabo o seu sarau anual, realizado no *Theatro Gymnasio*.

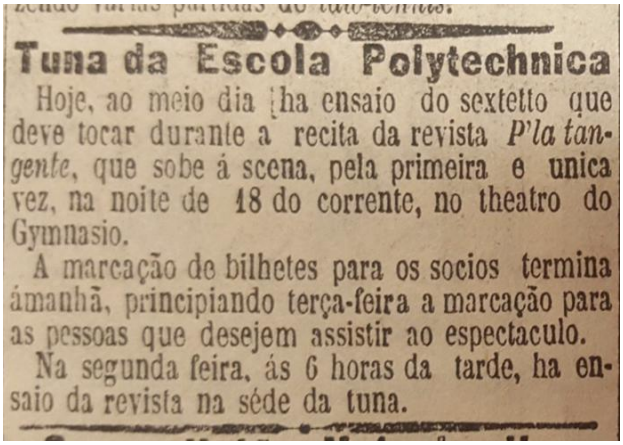
Após vários ensaios (de que a imprensa dá conta), sobe a palco a representação da comédia "Certamen de Heroes" (de Manitto Torres) e a revista *de costumes académicos e não académicos* "P'la Tangente (de João Bastos e Bento Mântua).

A parte do concerto é preenchida com os temas "Czardas" (V. Monty), "Sérénade" (valsa espanhola de O. Metra), "Arlequinade" (pizzicato de Ganne), "Collecção de Fados" (de A. Mântua), "Recordações" (de Bretón), "Depois da Festa" (de Celestino Pinto) e "Os Dois Viegas" (do tuno Bento Viegas).

Tuna Academica da Escola Polytechnica

Na séde d'esta Tuna realisar-se-ha hoje, ás 3 horas da tarde, um ensaio de apuro da peça *Certamen dos heroes*, e ás 7 e meia da noite haverá tambem ensaio geral da Tuna e do 1.º acto da revista de costumes academicos intitulada *P'la tangente*.

(**O Século**, 25.º Ano, N.º 8353, de 01 de Abril de 1905, p. 3)



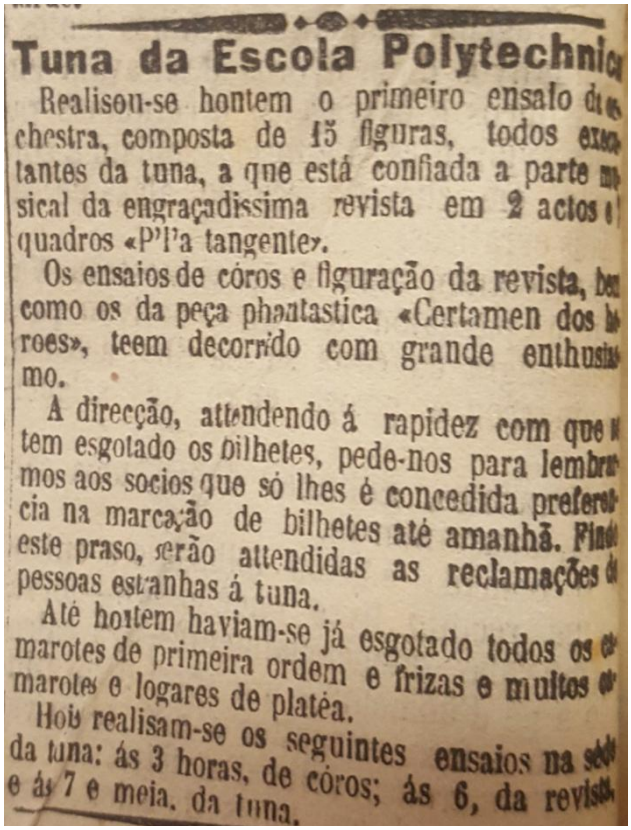
Tuna da Escola Polytechnica

Hoje, ao meio dia ha ensaio do sextetto que deve tocar durante a recita da revista *P'la tangente*, que sobe á scena, pela primeira e unica vez, na noite de 18 do corrente, no theatro do Gymnasio.

A marcação de bilhetes para os socios termina ámanhã, principiando terça-feira a marcação para as pessoas que desejem assistir ao espectaculo.

Na segunda feira, ás 6 horas da tarde, ha ensaio da revista na séde da tuna.

(**O Século**, 25.º Ano, N.º 8361, de 09 de Abril de 1905, p. 9)



Tuna da Escola Polytechnica

Realisou-se hontem o primeiro ensaio de orchestra, composta de 15 figuras, todos existentes da tuna, a que está confiada a parte musical da engraçadissima revista em 2 actos e 7 quadros «P'l'a tangente».

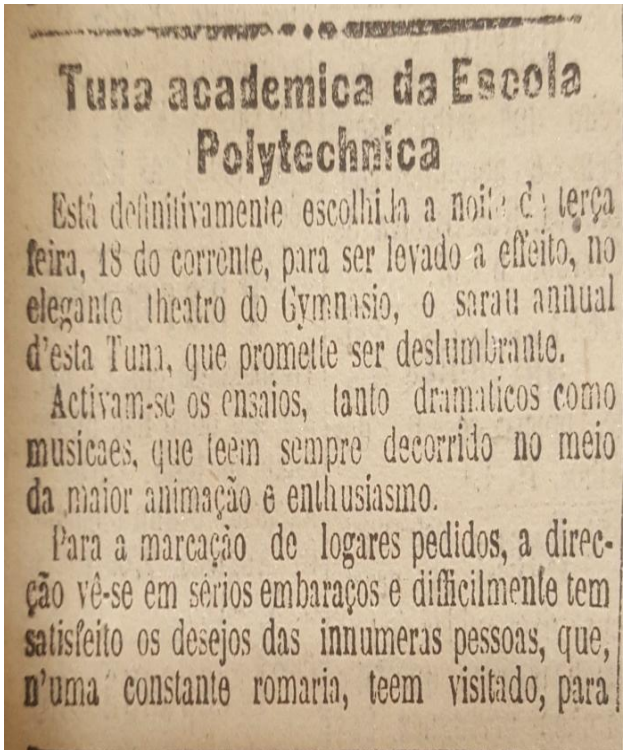
Os ensaios de côros e figuração da revista, bem como os da peça phantastica «Certamen dos heroes», teem decorrido com grande enthusiasmo.

A direcção, attendendo á rapidez com que se tem esgotado os bilhetes, pede-nos para lembrarmos aos socios que só lhes é concedida preferencia na marcação de bilhetes até amanhã. Findo este praso, serão attendidas as reclamações de pessoas estranhas á tuna.

Até hontem haviam-se já esgotado todos os camarotes de primeira ordem e frizas e muitos camarotes e logares de platéa.

Hoje realisam-se os seguintes ensaios na séde da tuna: ás 3 horas, de côros; ás 6, da revista e ás 7 e meia, da tuna.

(**O Século**, 25.º Ano, N.º 8362, de 10 de Abril de 1905, p. 4)



Tuna academica da Escola Polytechnica

Está definitivamente escolhida a noite de terça feira, 18 do corrente, para ser levado a effeito, no elegante theatro do Gymnasio, o sarau annual d'esta Tuna, que promette ser deslumbrante.

Activam-se os ensaios, tanto dramaticos como musicaes, que teem sempre decorrido no meio da maior animação e enthusiasmo.

Para a marcação de logares pedidos, a direcção vê-se em sérios embaraços e difficilmente tem satisfeito os desejos das innumeras pessoas, que, n'uma constante romaria, teem visitado, para

(**O Século**, 25.º Ano, N.º 8364, de 12 de Abril de 1905, p. 7)

Eschola Polytechnica

Programma do sarau da Tuna Academica, que se realisa hoje, no theatro do Gymnasio:

1.ª representação da comedia semi-historica em 1 acto «Certamen dos Heroes», original do «tuno» Manitto Torres.

Concerto pela Tuna, sob a regencia do sr. Alfredo Mantua, sendo executadas as seguintes peças de musica: «Czardas», de V. Monty; «Sérénade», valsa hespanhola de O. Metra; «Arlequinade», pizzicato de Louis Ganne; uma «Collecção de fados», de A Mantua; «Recordação», de Bretón; «Depois da festa», de Celestino Pinto; «Os dois Viegas», original do «tuno» Bento Viegas.

1.ª representação da revista de costumes academicos e não academicos, original de João Bastos e Bento Mantua, «P'la tangente», em 2 actos e 7 quadros.

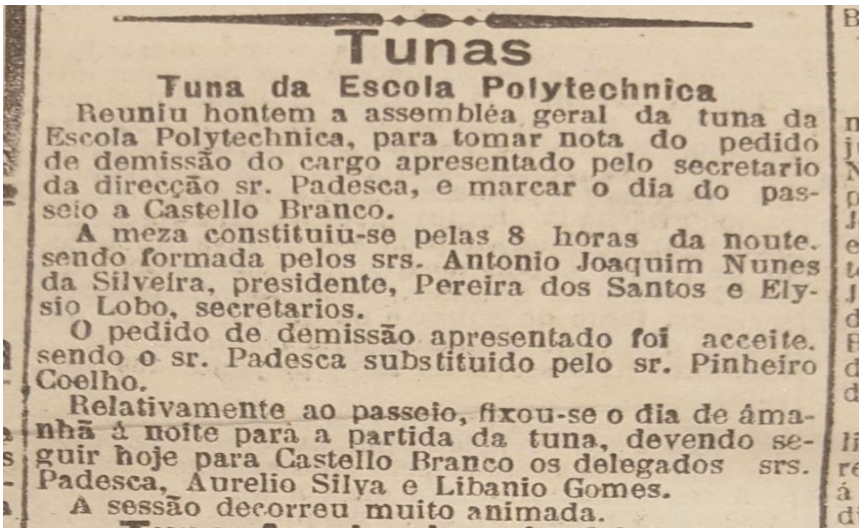
O desempenho é exclusivamente feito por socios da tuna. O guarda-roupa é cedido, em parte, pela distincta actriz Mercedes Blasco, em parte fornecido pelo guarda roupa Cruz. Cabelleiras de Villar.

(**Diário Illustrado**, N.º 11539, de 18 de Abril de 1905, p. 2)

Theatro Gymnasio na Rua Nova da Trindade, em inícios do séc. XX.
(Blogue "Restos de Colecção")

Fachada do *Teatro do Ginásio,* nos anos 1920, e sala principal após grandes obras, nos anos 1940.
(Blogue "Restos de Colecção")

A 19 de Abril, a **Tuna da Escola Politécnica** realiza uma Assembleia Geral que, para além de tratar do pedido de demissão de Secretário da Direcção, por parte de Adelino Padesca (logo substituído por Pinheiro Santos), fixa o dia da deslocação a Castelo Branco (marcado para 21), sendo escolhidos Adelino Padesca, Aurélio Gomes e Libânio Gomes como delegados responsáveis por tratar da logística, partindo, para tal, na véspera.[91]



Tunas

Tuna da Escola Polytechnica

Reuniu hontem a assembléa geral da tuna da Escola Polytechnica, para tomar nota do pedido de demissão do cargo apresentado pelo secretario da direcção sr. Padesca, e marcar o dia do passeio a Castello Branco.

A meza constituiu-se pelas 8 horas da noute. sendo formada pelos srs. Antonio Joaquim Nunes da Silveira, presidente, Pereira dos Santos e Elysio Lobo, secretarios.

O pedido de demissão apresentado foi acceite. sendo o sr. Padesca substituido pelo sr. Pinheiro Coelho.

Relativamente ao passeio, fixou-se o dia de ámanhã á noite para a partida da tuna, devendo seguir hoje para Castello Branco os delegados srs. Padesca, Aurelio Silva e Libanio Gomes.

A sessão decorreu muito animada.

(**O Século**, 25.º Ano, N.º 8372, de 20 de Abril de 1905, p. 3)

Digressão a Castelo Branco, Guarda e Viseu (21 a 29 de Abril)

A **TAEPL** enceta, pois, em Abril, uma nova digressão às cidades de Castelo Branco, Guarda e Viseu,, tal como sucedera em 1902

A comitiva sai de lisboa no dia 21, composta por 50 elementos.

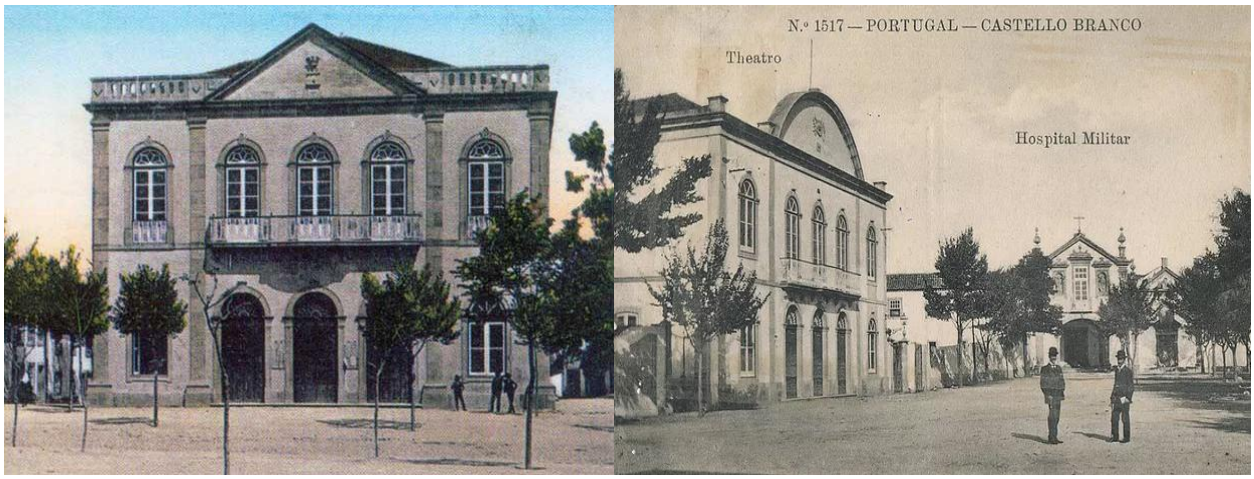
Em Castelo Branco

A tuna chega a Castelo Branco no dia 22, propondo-se ficar naquela cidade por 3 dias e dar duas récitas (apresentando a revista "P'la Tangente", bem como as peças "Certamen de Heroes" e "Que Trez" - paródia à "Ceia dos Cardeais").

Há notícia de um telegrama enviado pelos tunos às famílias, dizendo que estavam bem. a **TAEPL** é recebida no Casino da cidade e os 2 concertos são um sucesso[92].

Os dois concertos foram muito aplaudidos e marcados por efusivos discursos e oferta de presentes (flores[93]) por parte dos alunos do liceu local.

[91] **O Século**, 25.º Ano, N.º 8372, de 20 de Abril de 1905, p. 3.
[92] **O Século**, 25.º Ano, N.º 8373, de 22 de Abril de 1905, p. 3, N.º 8375, de 24 de Abril de 1905, p. 5 e N.º 8377, de 26 de Abril de 1905, p. 4.
[93] E, muito provavelmente - como era uso, de um fita legendada, para colocar no estandarte.



O antigo Teatro da Sé (esq.) que deu lugar, em inícios do séc. XX, ao novo teatro da cidade de Castelo branco (dir).

(Blogue "Castelo Branco - O Albicastrense" e *site* "Caravelas" -Núcleo de Estudos de história da Música Luso-Brasileira)

Castello Branco, 24.—C.—Como noticiámos em telegramma, chegou a esta cidade na manhã de sabbado ultimo a tuna da Escola Polytechnica, que aqui deu dois magnificos e attrahentes espectaculos.

Tanto a parte musical como a declamativa foram irreprehensivelmentedesempenhadas.recebendo a tuna as mais significativas provas de apreço e subida consideração.

Ao subir o panno, no primeiro espectaculo, fez a apresentação da tuna, e no impedimento do presidente da academia d'esta sociedade, sr. Raposo, o academico do 5.º anno sr. Manuel Ferreira Proença, proferindo um bem elaborado e eloquente discurso, que manifestamente demonstrou o quanto ha a espesar d'este intelligente academico, se proseguir na instrucção.

Durante o desempenho de varios numeros do programma do segundo espectaculo, foi a tuna da Escola Polytechnica delirantemente applaudida, indo ao palco entregar-lhe um lindo «bouquet» de flores naturaes a intelligente alumna do 2.º anno d'este lyceu, a menina Herminia Amador Rebello, que foi cumprimentada com uma significativa e prolongada salva de palmas.

Emfim, foram duas noites muito bem passadas, que ficarão gravadas eternamente nos albicastrenses, pela gentileza da visita da tuna, e n'esta pela fórma aliaz cordeal como foi recebida por todos os habitantes d'esta cidade.

A tuna partiu hoje de manhã, para a Guarda, onde dará dois espectaculos, seguindo d'ali para Vizeu.

E' de esperar que, em todo o seu percurso, seja alvo do maior enthusiasmo pois o seu reportorio é esplendido e executado com todo o primor. A tuna na visita que fez ao Casino de Castello Branco foi obsequiada com um copo d'agua.

—Fomos cumprimentados pelos srs. José Paulo da Camara e José Ignacio Pinto Rodrigues, collaboradores do novo jornal que se publica na capital, *Alma Portugueza*, orgão da classe academica.

Agradecemos tão grande gentilleza.

(**O Século**, N.º 8377, de 26 de Abril de 1905, p. 4)

Tuna da Escola Polytechnica

Castello Branco, 23.—T.—(A' redacção do *Seculo*).—Os estudantes que compõem a Tuna da Escola Polytechnica estão bem e desejam boas festas a suas familias e aos seus amigos.—O presidente da tuna.

(**O Século**, N.º 8375, de 24 de Abril de 1905, p. 5)

Tunas

Tuna da Escola Polytechnica

No comboio das nove horas e meia da manhã partiu hontem para Castello Branco a Tuna da Escola Polytechnica, composta de 50 executantes, a fim de dar duas recitas n'aquella cidade, onde se demorará dois dias, e seguindo d'ali para a Guarda, onde conta demorar-se tres dias. D'essa cidade seguirá para Vizeu, demorando-se tambem ali mais dois dias.

Os tunos seguiram na carruagem B 137, tendo o comboio partido atrazado 20 minutos.

A despedirem-se estiveram na *gare* do Rocio muitos alumnos das escolas de Lisboa e pessoas das familias dos excursionistas.

Os tunos representarão nas terras que visitam a revista *P'la tangente*, as peças *Certamen de Heroes*, *Marcha Geral d'Analyse* e *Que tres...* parodia á *Ceia dos cardeaes*.

Com a tuna seguia tambem o sr. José Paulo da Camara.

(**O Século**, N.º 8373, de 22 de Abril de 1905, p. 3)

Na Guarda

Saídos de Castelo Branco, chegam à Guarda (dia 24), onde são recebidos em festa.

Há cortejo pelas ruas da cidade e recepção oficial no Teatro dos Bombeiros. Nessa noite, a **TAEPL** dá o seu 1.º concerto.

No dia seguinte (25), para programa social de cumprimentos, os tunos são recebidos pelo Governador Civil, Regimento de Infantia N.º 12, Bispo da Diocese, Reitor do Liceu e edílio camarário. O dia termina com baile no *Clube Egytaniense* (promovido pela academia da cidade).

No último dia (dia 26), à noite, a **TAEPL** dá novo concerto, no Teatro dos Bombeiros, antes de rumar a Viseu, no dia a seguir[94].

TUNAS

Guarda, 25.—T.—Chegou a tuna da Escola Polytechnica de Lisboa.

Nas ruas do trajecto via-se muito povo e as janellas cheias de senhoras, lançando flôres sobre os tunos. Estes davam vivas ao povo e damas da Guarda, sendo muito correspondidos. A's 3 horas da tarde realisou-se a recepção da tuna no theatro dos bombeiros voluntarios, pela academia Egytaniense.

Falaram o presidente da tuna e o presidente da academia Egytaniense.

A tuna executou o hymno academico e varios *passes-calles* lindissimos, sendo muito applaudida.

A' noite houve espectaculo, executando a tuna variadissimo reportorio o *certamen dos heroes*, que agradou muito, agradando tambem o sextetto da tuna, que executou lindas peças, sendo muito applaudido.

Hoje a tuna fez cumprimentos ao governador civil, regimento de infantaria 12, bispo da diocese, reitor do lyceu, camara municipal, sendo sempre muito bem recebidos.

Pelas ruas do trajecto via-se muito povo.

A' noite ha baille no club Egytaniense, promovido pela academia d'esta cidade.

Espera-se grande concorrencia.

A'manhã ha espectaculo no theatro dos bombeiros voluntarios.

(**O Século**, 25.º Ano, N..º 8377, de 26 de Abril de 1905, p. 4)

O antigo *Theatro dos Bombeiros da Guarda* (situado entre Rua Agusto Gil e a Rua D. Dinis), edifício há muito devoluto (e que chegou a ser oficina de reparação automóvel) era a única sala de espectáculos da cidade em inícios do século XX.

(Fotos obtidas no FB da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço e no *Google maps*)

[94] **O Século**, 25.º Ano, N.º 8377, de 26 de Abril de 1905, p. 4. e N.º 8377, de 26 de Abril de 1905, p. 4.

Em Viseu

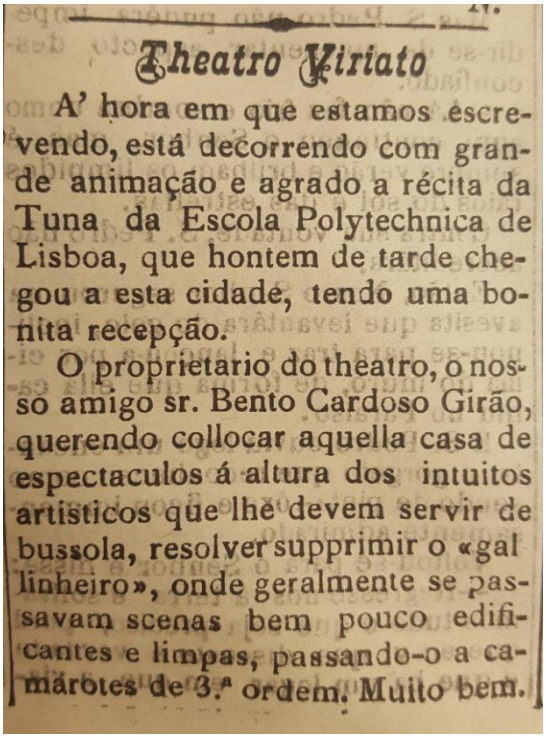
Segundo lemos na imprensa conultada[95], a **Tuna Académica da Escola Politécnica** chega a Viseu no dia 27 de Abril, sendo saudada por inúmera multidão, que a esperava na estrada de Mangualde, e por 3 bandas de música.

O cortejo seguiu para o largo Alves Martins (onde mais gente ali esperava) e, depois, para o Monte-Pio, onde houve lugar a sessão solene, com as boas vindas a serem dadas pelo Reitor do Liceu (Dr. Álvaro Soares de Mello) e os presidentes da Tuna e Academia viseenses, seguindo-se os discursos da praxe (João Tamagnini, pela **TAEPL**; Pereira Ramos, em nome dos estudantes do liceu; Mário Henriques da Silva e Luiz Carlos, por parte dos estudantes de Coimbra; Sousa Amorim e António Caessa, por parte dos operários revolucionários e o Dr. Jeronymo Sampaio, figura local).

À tarde, e depois de os tunos terem descansado no *Hotel Mabília*, houve "matinée" no Grémio (que terminou com baile) e, finalmente, à noite, o esperado sarau no Teatro Viriato (sabendo-se que foi interpretada a peça "P'la Tangente", mas desconhecendo-se os demais números apresentados).

No dia seguinte (28 de Abril), houve lugar a visitas oficiais e novo concerto.

Os tunos retiraram para Lisboa no dia 29 (embora alguns só no dia 30), chegando pelas 22h40 ao Rossio, onde foram recebidos entusiasticamente por alunos de várias escolas e pelo Presidente da Direcção, Mello Vieira. Os tunos vinham muito satisfeitos pela forma como, uma vez mais, foram bem recebidos nas cidades visitadas.



Theatro Viriato

A' hora em que estamos escrevendo, está decorrendo com grande animação e agrado a récita da Tuna da Escola Polytechnica de Lisboa, que hontem de tarde chegou a esta cidade, tendo uma bonita recepção.

O proprietario do theatro, o nosso amigo sr. Bento Cardoso Girão, querendo collocar aquella casa de espectaculos á altura dos intuitos artisticos que lhe devem servir de bussola, resolver supprimir o «gallinheiro», onde geralmente se passavam scenas bem pouco edificantes e limpas, passando-o a camarotes de 3.ª ordem. Muito bem.

(**O Districto de Vizeu**, Ano XVI, N.º 1582, de 28 de Abril de 1905, p. 1)

A Tuna Académica de Viseu, em 1912.
(**Illustração Portugueza**, Nº 355, de 09 de Dezembro dec1912, p. 753)

A Tuna da Escola Politécnica, em 1903.
(Desenho publicados em **Illustração Portugueza**, 1.º Ano, N.º 20, de 21 de Março de 1903, p. 316)

[95] **O Districto de Vizeu**, Ano XVI, N.º 1582, de 28 de Abril de 1905, p. 1, N.º 1583, de 02 de Maio de 1905, p. 1 e N.º 1588, de 02 de Maio de 1905, p.1; **O Commercio de Vizeu**, XIX Ano, N.º 1952, de 30 de Abril de 1905, p. 2; **A Beira**, Ano XVI, N.º 1583, de 02 de Maio de 1905, p.1 e **O Século**, 25.º Ano, N.º 8381, de 30 de Abril de 1905, p. 4.

Tuna de Lisboa

Teve uma brilhante recepção por parte dos estudantes e da cidade a tuna academica da Escola Polythechnica de Lisboa que aqui chegou, vinda de Castello Branco e Guarda, na quinta feira passada.

A sua entrada na cidade foi annunciada por salvas de morteiros a tres bandas de musica e grande numero de pessoas aguardavam os sympathicos rapazes no largo Alves Martins, onde o enthusiasmo foi até ao rubro.

A sua recepção official teve logar nos salões do Monte-Pio que se encontravam repletos de senhoras e de representantes de todas as classes sociaes.

Abriu a sessão o presidente da academia de Vizeu que propoz para presidir o digno e illustrado reitor do lyceu, sr. dr. Alvaro Soares de Mello, escolhendo este cavalheiro para secretarios os srs. Tamagnini Barbosa, presidente da Tuna, e João Ramos, presidente dos estudantes de Vizeu.

Fez depois uso da palavra o sr. presidente da sessão, que, como reitor do lyceu e representantes da camara municipal deu as boas vindas aos hospedes.

Agradeceu-lhe a seguir o presidente da Tuna, mostrando-se muito penhorado pela recepção que a elle e aos seus collegas foi feita.

Depois, e pela sua ordem fallaram os srs. João Ramos, por parte dos estudantes de Vizeu, Luiz Carlos e Mario Henriques da Silva por parte dos estudantes de Coimbra, Antonio Caessa e Sousa Amorim, por parte dos operarios desta cidade, e por ultimo o sr. dr. Jeronymo Sampaio que assim accedeu ao convite, que n'aquelle momento lhe foi dirigido pelo seu amigo e collega sr. dr. Alvaro de Mello.

E assim terminou a sessão, por entre as enthusiastas acclamações de entrada, dirigindo-se depois os sympaticos tunos para o Hotel Mabilia, aonde foram alojados.

No dia seguinte fizeram as visitas officiaes, sendo sempre gentilmente recebidos.

A's 2 horas da tarde de ante-hontem teve logar

No Gremio

uma elegante *mátinée*, larga e numeresamente concorrida, e na qual tomaram parte executando formosos trechos de musica, não só o distincto regente da tuna sr. Mantua e alguns academicos, mas tambem as sr.as D. Iva de Vasconcellos e D. Adozinda Paiva, que executaram no piano e a 4 mãos, um formoso trecho de musica a que deram todo o relevo e a sr. D. Mathilde Lebre, que mais uma vez se mostrou violinista de muito talento.

Fizeram-se tambem ouvir, cantando escolhidos trechos de musica as sr.as D. Laura Conceiro, D Gerarda Abranches. D. Clara Macedo o sr. João Conceiro, recebendo todos os maiores applausos.

Depois dançaram até quasi ás cinco horas da tarde.

A' noite

teve logar no theatro Viriato o sarau annunciado que decorreu brilhantemente, excedendo a mais lisongeira espectativa.

A parte musical correctissima. Pelo que respeita á representação da *Revista* basta dizer que obteve um completo successo.

Muito bem escripta e recheiada de finissimos ditos, obteve um completo successo de gargalhada, para o que muito contribuiu tambem as magnificas aptidões dos rapazes que a interpretaram.

A musica sobre ser d'um grande effeito era tambem muito bonita.

Emfim, foi uma noite optimamente passada e em que os rapazes tiveram saudações constantes e enthusiastas.

A partida

teve logar hontem, ficando ainda alguns que seguirão no comboio d'hoje

Muitas felicidades lhes desejamos.

—

A' amabilidade da visita com que honraram a redacção d'este jornal, confessamo-nos reconhecidissimos.

(**O Commercio de Vizeu**, XIX Ano, N.º 1952, de 30 de Abril de 1905, p. 2)

TUNA DE LISBOA

Como dissémos, chegou quinta-feira de tarde a esta cidade a tuna academica da Escola Polytechnica de Lisboa, vinda da Guarda.

Como a tarde estava linda, um sem numero de gente foi esperar os tunos pela estrada de Mangualde fóra, sendo elles saudados por 3 bandas de musicas e salvas de foguetes e morteiros.

Encaminhando-se para o Monte-Pio, foram alli recebidos em sessão de boas vindas a que presidio o sr. reitor do lyceu, secretariado pelos srs. presidente da tuna e da academia viziense.

O sr. reitor deu as boas vindas aos tunos n'uma substanciosa allocução, agradecendo o presidente da tuna, mostrando-se muito agradecido pela forma penhorante como foram recebidos.

Em seguida fizeram uso da palavra os srs. Pereira Ramos por parte dos estudantes do lyceu; Mario Henriques da Silva e Luiz Carlos, por parte dos estudantes de Coimbra; Antonio Caessa por parte dos operarios catholicos; Sousa Amorim por parte dos operarios revolucionarios; dr. Jeronymo Sampaio, a convite do sr. reitor e na qualidade de patriota cheio de desalento e de boas intenções.

Pelas duas horas da tarde de sexta-feira houve no Gremio uma interessante «matinée», em que se fizeram ouvir lindos trechos de musica; tomando parte, álem do regente da tuna sr. Mantua e d'alguns academicos as sr.as D. Iva de Vasconcellos, D. Adozinda Paiva, D. Clara Macedo, D. Mathilde Lebre e D. Gerarda Abranches.

A' noite teve logar no Viriato o sarau annunciado, que agradou immenso, tanto na parte musical, que foi soberba, como no desempenho da chistosissima revista *Pela tangente*.

Impossivel nos é descrevermos a somma de mocidade hilariante, de ditos d'espirito, d'observação rigorosa e justa, de «blague» que esmaltam esses dois actos, que podem pôr-se sem receio ao lado dos melhores do genero, mesmo dos firmados por os mais applaudidos nomes de factores de revistas.

Ouvimos que o amigo A. Campos gostou e colheu numerosos elementos elucidativos.

Que lhe preste e façam bom proveito.

(**O Districto de Vizeu**, Ano XVI, N.º 1583, de 02 de Maio de 1905, p. 1)

Grémio Viseense em inícios do séc. XX.
(Bilhete-Postal Ilustrado, circulado com selo de 1907 e produzido pela Confeitaria Santa Rita)

TUNA DE LISBOA

Como dissémos, chegou quinta-feira de tarde a esta cidade a tuna academica da Escola Polytechnica de Lisboa, vinda da Guarda.

Como a tarde estava linda, um sem numero de gente foi esperar os tunos pela estrada de Mangualde fóra, sendo elles saudados por 3 bandas de musicas e salvas de foguetes e morteiros.

Encaminhando-se para o Monte-Pio, foram alli recebidos em sessão de boas vindas a que presidio o sr. reitor do lyceu, secretariado pelos srs. presidente da tuna e da academia viziense.

O sr. reitor deu as boas vindas aos tunos n'uma substanciosa allocução, agradecendo o presidente da tuna, mostrando-se muito agradecido pela forma penhorante como foram recebidos.

Em seguida fizeram uso da palavra os srs. Pereira Ramos por parte dos estudantes do lyceu; Mario Henriques da Silva e Luiz Carlos, por parte dos estudantes de Coimbra; Antonio Caessa por parte dos operarios catholicos; Sousa Amorim por parte dos operarios revolucionarios; dr. Jeronymo Sampaio, a convite do sr. reitor e na qualidade de patriota cheio de desalento e de boas intenções.

Pelas duas horas da tarde de sexta-feira houve no Gremio uma interessante «matinée», em que se fizeram ouvir lindos trechos de musica; tomando parte, álem do regente da tuna sr. Mantua e d'alguns academicos as sr.as D. Iva de Vasconcellos, D. Adozinda Paiva, D. Clara Macedo, D. Mathilde Lebre e D. Gerarda Abranches.

A' noite teve logar no Viriato o sarau annunciado, que agradou immenso, tanto na parte musical, que foi soberba, como no desempenho da chistosissima revista *Pela tangente*.

Impossivel nos é descrevermos a somma de mocidade hilariante, de ditos d'espirito, d'observação rigorosa e justa, de «blague» que esmaltam esses dois actos, que podem pôr-se sem receio ao lado dos melhores do genero, mesmo dos firmados por os mais applaudidos nomes de factores de revistas.

Ouvimos que o amigo A. Campos gostou e colheu numerosos elementos elucidativos.

Que lhe preste e façam bom proveito.

×

O desempenho por parte dos principaes interpretes foi tambem digno de referencia.

O compadre Laureano é uma inegavel aptidão d'actor comico.

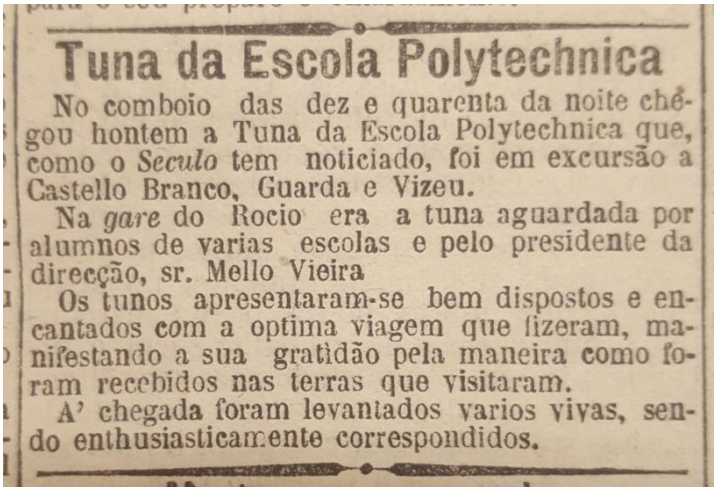
Por aquelle processo natural de sublinhar a phrase, de dialogar, de dizer o «couplet», tem outros feito rir gerações, guindando-se a artistas de real valor.

Ah rapazes, como vocês vieram dar 2 dias d'alegria a esta vetusta cidade e como nos fizeram rir, esse riso bom e forte que resulta da expansão sincera e inoffensiva da mocidade!

E como espectaculos assim seriam uma decisiva therapeutica para certas enfermidades filiadas no «mal de viver»!

Passavam, desfilavam, pelo palco, typos, girandolas de riso, «blagues», troças, mocidade emfim, esse supremo encanto, a graça suprema, a leviandade e... a arte; porque o espectaculo de sexta-feira teve scenas d'arte facil e esfusiante, de graça leve, ferindo á flor sem irritar, sem contendir—graça d'espiritos generosos e de mocidades sadias de corpo e alma.

(**A Beira,** Ano XVI, N.º 1583, de 02 de Maio de 1905, p.1)



Tuna da Escola Polytechnica

No comboio das dez e quarenta da noite chegou hontem a Tuna da Escola Polytechnica que, como o *Seculo* tem noticiado, foi em excursão a Castello Branco, Guarda e Vizeu.

Na *gare* do Rocio era a tuna aguardada por alumnos de varias escolas e pelo presidente da direcção, sr. Mello Vieira

Os tunos apresentaram-se bem dispostos e encantados com a optima viagem que fizeram, manifestando a sua gratidão pela maneira como foram recebidos nas terras que visitaram.

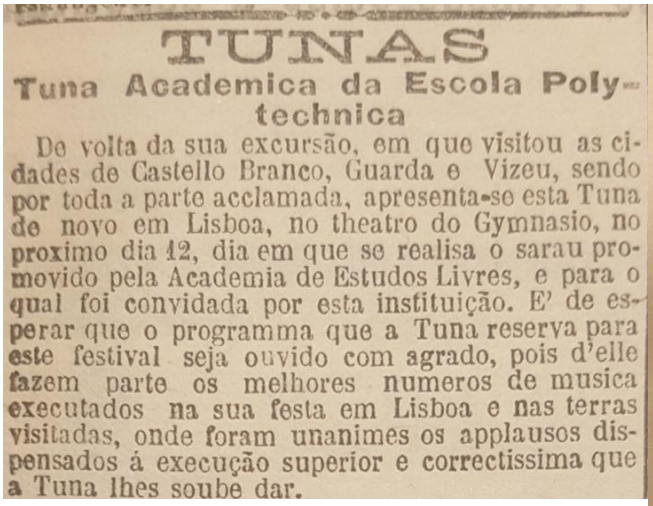
A' chegada foram levantados varios vivas, sendo enthusiasticamente correspondidos.

(**O Século**, 25.º Ano, N.º 8381, de 30 de Abril de 1905, p. 4)

Sarau da Academia de Estudos Livres

No dia 12 de Maio, a **TAEPL** participa no sarau, organizado no *Theatro Gymnasio* pela Academia de Estudos Livres.

A tuna leva a sua famosa revista "P'la Tangente" desconhecendo-se o resto do repertório[96].

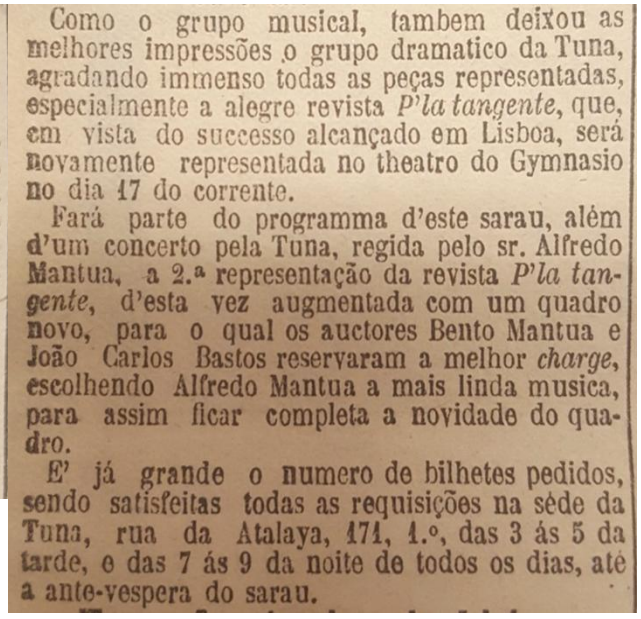


TUNAS

Tuna Academica da Escola Polytechnica

De volta da sua excursão, em que visitou as cidades de Castello Branco, Guarda e Vizeu, sendo por toda a parte acclamada, apresenta-se esta Tuna de novo em Lisboa, no theatro do Gymnasio, no proximo dia 12, dia em que se realisa o sarau promovido pela Academia de Estudos Livres, e para o qual foi convidada por esta instituição. E' de esperar que o programma que a Tuna reserva para este festival seja ouvido com agrado, pois d'elle fazem parte os melhores numeros de musica executados na sua festa em Lisboa e nas terras visitadas, onde foram unanimes os applausos dispensados á execução superior e correctissima que a Tuna lhes soube dar.

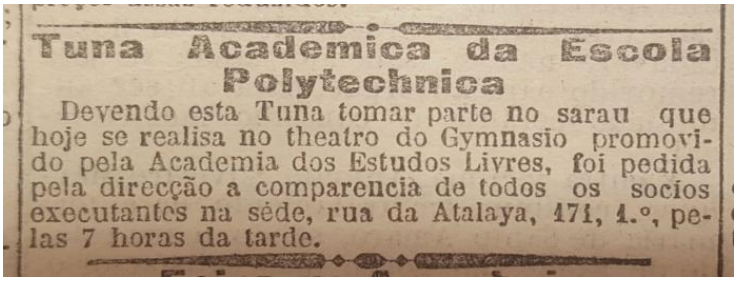
(**O Século**, 25.º Ano, N.º 8388, de 07 de Maio de 1905, p. 5)



Como o grupo musical, tambem deixou as melhores impressões o grupo dramatico da Tuna, agradando immenso todas as peças representadas, especialmente a alegre revista *P'la tangente*, que, em vista do successo alcançado em Lisboa, será novamente representada no theatro do Gymnasio no dia 17 do corrente.

Fará parte do programma d'este sarau, além d'um concerto pela Tuna, regida pelo sr. Alfredo Mantua, a 2.ª representação da revista *P'la tangente*, d'esta vez augmentada com um quadro novo, para o qual os auctores Bento Mantua e João Carlos Bastos reservaram a melhor *charge*, escolhendo Alfredo Mantua a mais linda musica, para assim ficar completa a novidade do quadro.

E' já grande o numero de bilhetes pedidos, sendo satisfeitas todas as requisições na séde da Tuna, rua da Atalaya, 171, 1.º, das 3 ás 5 da tarde, e das 7 ás 9 da noite de todos os dias, até a ante-vespera do sarau.



Tuna Academica da Escola Polytechnica

Devendo esta Tuna tomar parte no sarau que hoje se realisa no theatro do Gymnasio promovido pela Academia dos Estudos Livres, foi pedida pela direcção a comparencia de todos os socios executantes na séde, rua da Atalaya, 171, 1.º, pelas 7 horas da tarde.

(**O Século**, 25.º Ano, N.º 8393, de 12 de Maio de 1905, p. 6)

[96] **O Século**, 25.º Ano, N.º 8388, de 07 de Maio de 1905, p. 5 e N.º 8393, de 12 de Maio de 1905, p. 6.

Sarau no Teatro *Gymnasio*

No dia 18, no *Theatro Gymnasio*, tem lugar novo sarau da **TAEPL**, com um amplo programa que, *grosso modo*, será repetido dias depois, no evento organizado pelo jornal "Alma Portugueza".

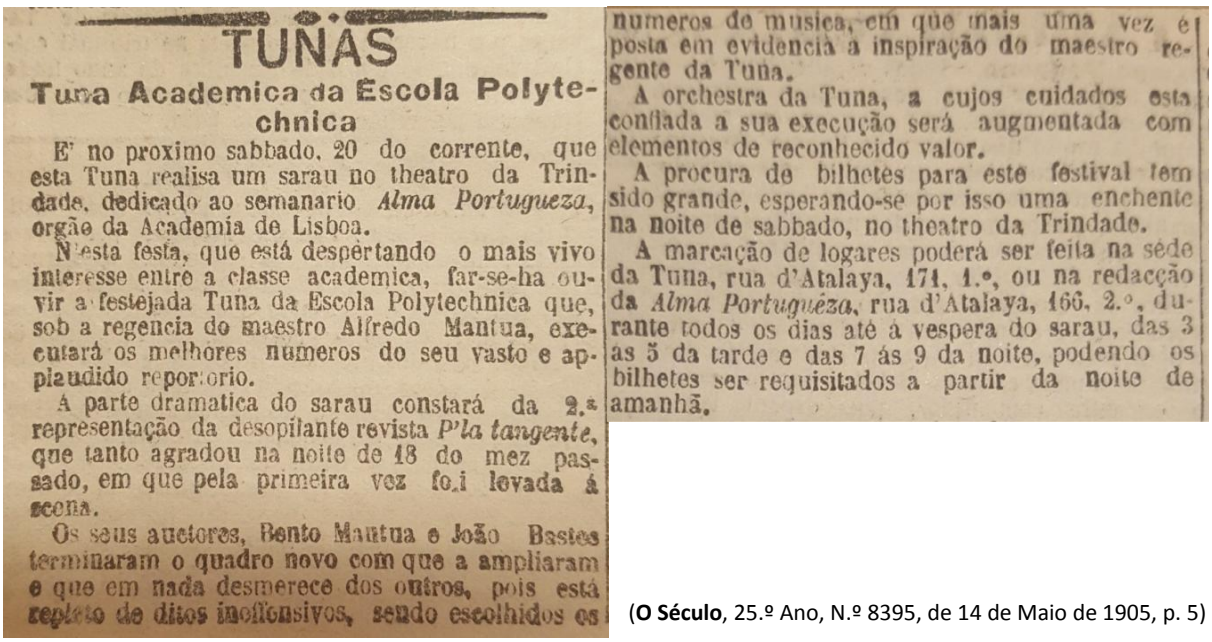
Nesse espectáculo, a tuna apresenta "Certamen de Heroes", executa "Hino Académico" (Medeiros), "Os Dois Viegas" (Bento Viegas), "Arlequinade" (Ganne), "Sérénade" (O Metra), "Collecção de Fados" (A. Mântua) e "Depois da Festa (Celestino Pinto), seguindo a revista "P'la Tangente" (que conta com nada menos que 22 números musicais).[97]

Sarau do semanário "Alma Portugueza"

Em 28 de Maio (embora inicialmente prevista para 20), a **Tuna da Escola Politécnica**, sob regência de Alfredo Mântua, realisa, no Teatro Trindade, um sarau em honra do semanário "Alma Portugueza", tocando vários temas do seu regente e, uma vez mais, levando à cena a "P'la Tangente".

Sabe-se que a orquestra da tuna foi reforçada para este concerto com elementos externos, com vista a um ambicioso programa, que mereceu, segundo a imprensa, frenéticos aplausos[98].

Sabemos que o referido periódico é próximo[99] da tuna (alguns elementos são sócios da mesma), razão pela qual, no seu número comemorativo, lhe dedica quase todas as páginas. Nas mesmas (que são uma das fontes mais ricas a que acedemos), encontramos a lista dos tunos fundadores, elenco das direcções, repertório, actuações e muitas outras informações sobre a história da **TAEPL**, acompanhadas de algumas fotografias das suas figuras mais relevantes até àquela data.



TUNAS

Tuna Academica da Escola Polytechnica

E' no proximo sabbado, 20 do corrente, que esta Tuna realisa um sarau no theatro da Trindade, dedicado ao semanario *Alma Portugueza*, orgão da Academia de Lisboa.

N'esta festa, que está despertando o mais vivo interesse entre a classe academica, far-se-ha ouvir a festejada Tuna da Escola Polytechnica que, sob a regencia do maestro Alfredo Mantua, executará os melhores numeros do seu vasto e applaudido reportorio.

A parte dramatica do sarau constará da 2.ª representação da desopilante revista *P'la tangente*, que tanto agradou na noite de 18 do mez passado, em que pela primeira vez foi levada á scena.

Os seus auctores, Bento Mantua e João Bastos terminaram o quadro novo com que a ampliaram e que em nada desmerece dos outros, pois está repleto de ditos inoffensivos, sendo escolhidos os numeros de musica, em que mais uma vez é posta em evidencia a inspiração do maestro regente da Tuna.

A orchestra da Tuna, a cujos cuidados esta confiada a sua execução será augmentada com elementos de reconhecido valor.

A procura de bilhetes para este festival tem sido grande, esperando-se por isso uma enchente na noite de sabbado, no theatro da Trindade.

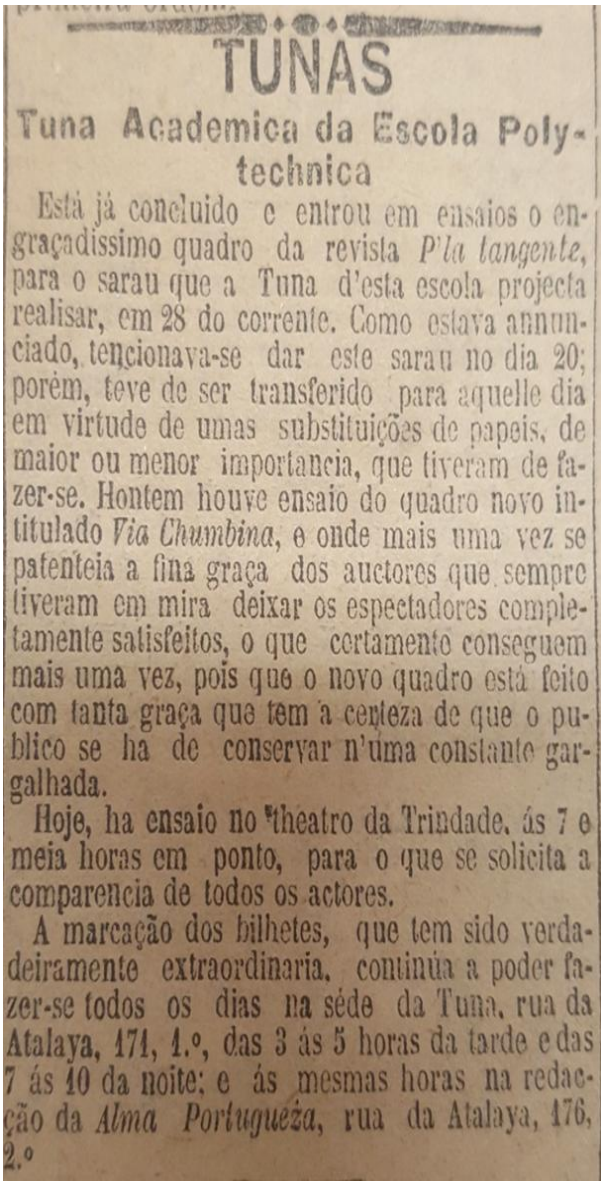
A marcação de logares poderá ser feita na sede da Tuna, rua d'Atalaya, 171, 1.º, ou na redacção da *Alma Portugueza*, rua d'Atalaya, 166, 2.º, durante todos os dias até a vespera do sarau, das 3 ás 5 da tarde e das 7 ás 9 da noite, podendo os bilhetes ser requisitados a partir da noite de amanhã.

(**O Século**, 25.º Ano, N.º 8395, de 14 de Maio de 1905, p. 5)

[97] **O Século**, 25.º Ano, N.º 8395, de 14 de Maio de 1905, p. 5, N.º 8401, de 20 de Maio de 1905, p. 3, N.º 8408, de 27 de Maio de 1905, p. 3 e N.º 8409, de 28 de Maio de 1905, p. 4; **Jornal das Senhoras**, Ano I, N.º 24, de 30 de Maio de 1905, p. 7; **Alma Portuguesa**, N.º 13, de 27 de Maio, 1905, pp. 4-5, 6 e 8.

[98] **Jornal das Senhoras**, Ano I, N.º 24, de 30 de Maio de 1905, p.7.

[99] Proximidade também física, já que a sede do periódico (Rua da Atalaya 166) fica na mesa rua, a poucos metros da sede da tuna (que está no n.º 171).



TUNAS

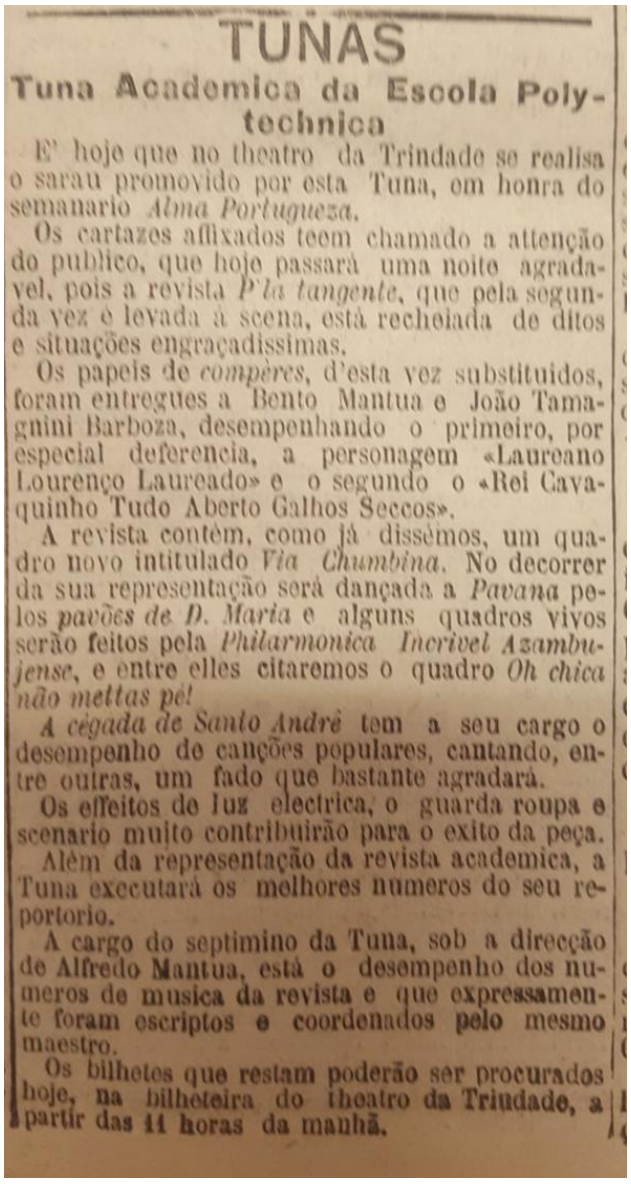
Tuna Academica da Escola Polytechnica

Está já concluido e entrou em ensaios o engraçadissimo quadro da revista *P'la tangente*, para o sarau que a Tuna d'esta escola projecta realisar, em 28 do corrente. Como estava annunciado, tencionava-se dar este sarau no dia 20; porém, teve de ser transferido para aquelle dia em virtude de umas substituições de papeis, de maior ou menor importancia, que tiveram de fazer-se. Hontem houve ensaio do quadro novo intitulado *Via Chumbina*, e onde mais uma vez se patenteia a fina graça dos auctores que sempre tiveram em mira deixar os espectadores completamente satisfeitos, o que certamente conseguem mais uma vez, pois que o novo quadro está feito com tanta graça que tem a certeza de que o publico se ha de conservar n'uma constante gargalhada.

Hoje, ha ensaio no theatro da Trindade, ás 7 e meia horas em ponto, para o que se solicita a comparencia de todos os actores.

A marcação dos bilhetes, que tem sido verdadeiramente extraordinaria, continúa a poder fazer-se todos os dias na séde da Tuna, rua da Atalaya, 171, 1.º, das 3 ás 5 horas da tarde e das 7 ás 10 da noite; e ás mesmas horas na redacção da *Alma Portugueza*, rua da Atalaya, 176, 2.º

(**O Século**, N.º 8401, de 20 de Maio de 1905, p. 3)



TUNAS

Tuna Academica da Escola Polytechnica

E' hoje que no theatro da Trindade se realisa o sarau promovido por esta Tuna, em honra do semanario *Alma Portugueza*.

Os cartazes affixados teem chamado a attenção do publico, que hoje passará uma noite agradavel, pois a revista *P'la tangente*, que pela segunda vez é levada á scena, está recheiada de ditos e situações engraçadissimas.

Os papeis de *compères*, d'esta vez substituidos, foram entregues a Bento Mantua e João Tamagnini Barboza, desempenhando o primeiro, por especial deferencia, a personagem «Laureano Lourenço Laureado» e o segundo o «Rei Cavaquinho Tudo Aberto Galhos Seccos».

A revista contém, como já dissemos, um quadro novo intitulado *Via Chumbina*. No decorrer da sua representação será dançada a *Pavana* pelos *pavões de D. Maria* e alguns quadros vivos serão feitos pela *Philarmonica Incrivel Azambujense*, e entre elles citaremos o quadro *Oh chica não mettas pé!*

A cegada de Santo André tem a seu cargo o desempenho de canções populares, cantando, entre outras, um fado que bastante agradará.

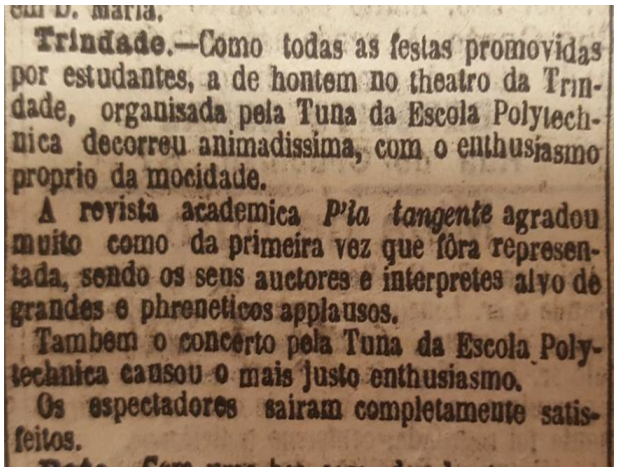
Os effeitos de luz electrica, o guarda roupa e scenario muito contribuirão para o exito da peça.

Além da representação da revista academica, a Tuna executará os melhores numeros do seu reportorio.

A cargo do septimino da Tuna, sob a direcção de Alfredo Mantua, está o desempenho dos numeros de musica da revista e que expressamente foram escriptos e coordenados pelo mesmo maestro.

Os bilhetes que restam poderão ser procurados hoje, na bilheteira do theatro da Trindade, a partir das 11 horas da manhã.

(**O Século**, N.º 8408, de 27 de Maio de 1905, p. 3)



em D. Maria.

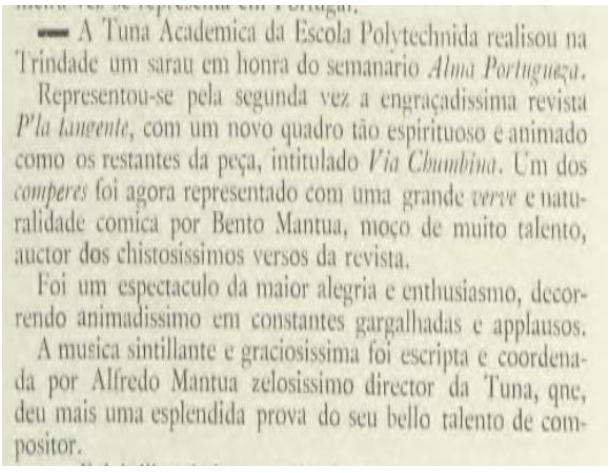
Trindade.—Como todas as festas promovidas por estudantes, a de hontem no theatro da Trindade, organisada pela Tuna da Escola Polytechnica decorreu animadissima, com o enthusiasmo proprio da mocidade.

A revista academica *P'la tangente* agradou muito como da primeira vez que fôra representada, sendo os seus auctores e interpretes alvo de grandes e phreneticos applausos.

Tambem o concerto pela Tuna da Escola Polytechnica causou o mais justo enthusiasmo.

Os espectadores sairam completamente satisfeitos.

(**O Século**, N.º 8409, de 28 de Maio de 1905, p. 4)



— A Tuna Academica da Escola Polytechnida realisou na Trindade um sarau em honra do semanario *Alma Portugueza*.

Representou-se pela segunda vez a engraçadissima revista *P'la tangente*, com um novo quadro tão espirituoso e animado como os restantes da peça, intitulado *Via Chumbina*. Um dos *comperes* foi agora representado com uma grande *verve* e naturalidade comica por Bento Mantua, moço de muito talento, auctor dos chistosissimos versos da revista.

Foi um espectaculo da maior alegria e enthusiasmo, decorrendo animadissimo em constantes gargalhadas e applausos.

A musica sintillante e graciosissima foi escripta e coordenada por Alfredo Mantua zelosissimo director da Tuna, que, deu mais uma esplendida prova do seu bello talento de compositor.

(**Jornal das Senhoras**, Anno I, N.º 24, de 30 de Maio de 1905, p.7)

Numero commemorativo da

ALMA PORTUGUESA

ORGÃO DA ACADEMIA

CORRESPONDENTES EM TODAS AS ESCOLAS DO PAIZ E UNIVERSIDADES ESTRANGEIRAS

Secretario: FELICIANO SANTOS

Annuncios (pagamento adeantado)

Recebem-se na séde da **ALMA PORTUGUESA** e nas agencias de annuncios.

Para inserção dos mesmos em mais de 4 numeros, contracto convencional.

Acceita-se a collaboração de toda a Academia. Não se restituem os autographos.

Editor: Thomaz Rodrigues Mathias

Director: JOSÉ SARAGGA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua da Atalaya, 166, 2.º

LISBOA

Administrador: VICTORINO COELHO

Assignaturas (pagamento adeantado)

1 anno (52 numeros)..... 1$000 réis
6 mezes (26 numeros)..... $500 réis
3 mezes (13 numeros)..... $250 réis

Para a provincia accresce o porte do correio. Dirigir os pedidos para a séde da **ALMA PORTUGUESA**.

Composição e impressão
Typ. do Annuario Commercial-*Calçada da Gloria, 5*

PARA O SARAU E EXCURSÃO DA

Tuna academica da Escola Polytechnica

EM ABRIL DE 1905

(**Alma Portuguesa**, N.º Comemorativo, Abril 1905, p. 1)

A Tuna da Polytechnica

Notas sobre o joelho

Em 8 de dezembro de 1901 por um grupo de estudantes da Escola Polytechnica e que eram João de Fontes Pereira de Mello, José dos Santos Junior, Raul Miranda, Antonio Manzoni Sequeira, João Basto Folque, Raul Pereira, Pedro Pissarra, João Tamagnini Barbosa, José Augusto de Mello Vieira,

ALFREDO MANTUA
auctor da musica do *P'la Tangente*
e regente da Tuna

Eduardo Alberto Pereira, Fernando Cabral, Alvaro Teixeira de Carvalho, Bartholomeu Pinto, Antonio de Brito e Silva, F. Franco do Carmo, J. Joaquim Ramos, Arthur Lino Neves, José Bonito, Ressano Garcia, Orlindo de Carvalho, Raul Pissarra, Hermano Neves, Eduardo Ramos da Costa, Jayme Silva, João Carlos Bastos, Abel Lofi, Julio Mantas, Miguel F. Santos, Ernesto Empis, Vasco Lopes de Mendonça, Augusto Pinto Bastos, Alberto de Mello Abreu, Humberto Severim de Moraes, Bellorminio d'Al-

JOSÉ MANITTO TORRES
auctor do *Certamen dos Heroes*

meida, Joel Vieira, Cyriaco Cunha, Alvaro Fortée Rebello, João Correia Pereira, Marçal Mendonça, Jayme Madeira Pinto, etc., secundando a ideia lançada por Apparicio de Lima Palma crearam a Tuna Academica da Escola Polytechnica de Lisboa Estes rapazes animados de boa vontade nomearam uma commissão installadora que tendo á frente Apparicio Palma e José Ramos escolheu para regente da futura Tuna o distincto maestro Alfredo Mantua que á vista de muito trabalho e grande força de energia, conseguiram que a 22 de dezembro a Tuna fosse á estação do Rocio, esperar os estudantes de Coimbra.

Para a historia da vida desta prestante collectividade, se por ventura ella um dia vier a ser prescripta, apresentamos alguns leves apontamentos.

JOÃO TAMAGNINI BARBOSA
Presidente da Tuna

I. — Festas em que a Tuna tem tomado parte.

Em 1901-1902. — A 12 de março 1.º sarau para apresentação da Tuna realisado em D. Amelia, 17 do mesmo mez em D. Maria no sarau da Tuna do Lyceu, a 18 do mesmo mez ainda no Colyseu dos Recreios por amavel convite da Associação d'Imprensa Portugueza, a 20 e 21 de março no theatro de Castello Branco, a 22, 23 e 24 no theatro da Guarda, a 25 no theatro Viriato, de Vizeu.

Em 1902-1903. — A 21 de dezembro

JOSÉ NUNES DOS SANTOS JUNIOR
Thesoureiro da Tuna

no theatro Garcia de Rézende em Evora, a 12 de fevereiro no Colyseu dos Recreios com a Tuna de Valladolid, a 18 de março no theatro de D. Maria 2.º sarau da Tuna, a 22 do mesmo mez no Colyseu dos Recreios para installação da Associação Academica, a 12 13 d'abril no Circo theatro de Pontevedra, a 14 e 15 no theatro Rosalia Castro em Vigo.

Em 1903-1904. — A 21 de março de 1904, 3.º sarau da Tuna no theatro D. Maria II, em 2 de abril no theatro D. Amelia de Setubal, a 26 do mesmo mez no Colyseu dos Recreios em beneficio dos vendedores de jornaes e por convite dos jornalistas de Lisboa, em 25 de maio em D. Maria na festa em honra dos membros do Congresso Internacional Maritimo.

Em 1904-1905. — A 14 de março no Colyseu dos Recreios em honra da Tuna Academica de Valencia.

II. — Peças que tem representado.

1901-1902. — «Aventuras na costa» peça historica de Francisco Carneiro, «Auto de Misericordia» peça de Severin de Moraes.

Em 1902-1903. — «Ditosos Olhos» peça de Alves de Azevedo e Hermano Neves, «Regenerados» comedia de Severim de Moraes, «D. Sebasticina» opereta de Ressano Garcia musica de Illydio Amado, «Othela» opereta de João Bastos e Hermano Neves musica de Alfredo Mantua;

JOÃO CARLOS BASTOS
Director do Grupo dramatico e auctor da revista *P'la Tangente*

1903-1904. — «A olho nú» revista de Severim de Moraes e Quirino Monteiro, musica original e coordenada por Alfredo Mantua, «Marcha Geral da Analyse» peça de Severim de Moraes, «Que trez» parodia de Arnaldo Fortée Rebello, peças estas todas expressamente feitas para a Tuna e approvadas em concurso.

III. — Musicas que tem sido ensaiadas.

1901-1902. — «Hymno Academico», «Marcha das trombetas», «Carmen», «Pastoral», «Ize Baldes Fleurs», «Falco», «Ao Luar», «Piziccato d'Ader».

BENTO MANTUA
auctor da revista *P'la Tangente*

1902 1903. — «Rhapsodia de Cantos Portuguezes», «Berger Watheau», «Arte Nova», «Turco», «Recordação», «Sonata de Grieg», «Collecção de Fados».

1903-1904. — «Philemon e Baccies», «Dança das Bachantes», «Nova Collecção de Fados», «Serenata de Lizst», «Recordação».

1904-1905. — «Czardas de Monti», «Alequinade», Serenata de O. Uetra», «Depois da festa», «Os dois Viegas», «Rhapsodia de Fados».

O sexteto da tuna tem ensaiado desde a sua fundação em 1902.

(**Alma Portuguesa**, N.º Comemorativo, Abril 1905, p. 2)

1902-1903. — «Czardas n.º 4», de Michaëlis, «Bailados da Gioconda», «Tosca», «Lamento di trovatore».

1903-1904. — A musica das operetas e mais «Intermezo da Cavallaria Rusticana», «Gavote Mathilde», «Duo de l'Africana», «Hymno de Saudação», de Alfredo Mantua.

1904-1905. — Musica da revista e mais a «Somnambula», a «Aida», o «Poete e Paysan», etc.

IV. — Festas commemorativas e sessões solemnes.

8 de Dezembro de 1903. — Sessão solemne e concerto festejando o 1.º anniversario da Tuna na Escola Polytechnica.

22 de Janeiro de 1904. — Sessão solemne em honra de Arthur Lino Neves e inauguração do seu retrato.

27 de Novembro de 1904. — Sessão solemne em honra de Alfredo Mantua, regente da tuna.

8 de Dezembro de 1904. — Jogos floraes e concerto na Escola Polytechnica, 2.º anniversario da tuna.

2 de Fevereiro de 1905. — Sessão solemne em honra do presidente honorario da tuna, o Dr. Luiz d'Almeida e Albuquerque, director da Escola Polytechnica, matinée, jogos floraes.

V. — Direcções.

A' testa dos negocios da tuna tem estado até á data presente:

Commissão organisadora composta dos academicos Ressano Garcia, Correia Pereira, Appariclo Palma e José Bonito que foram em 21 de Dezembro substituidos pela primeira Direcção composta de Lino das Neves, presidente, João de Fontes Pereira de Mello, director do Grupo Dramatico, João Correia Pereira, director do Grupo Musical, José Bonito, secretario e Appario Palma, thesoureiro, tendo em 2 de Fevereiro substituido o socio Bonito no cargo de secretario o estudante Humberto Severino de Moraes. A 20 d'Abril de 1902 esta direcção foi substituida pela composta dos academicos Raul Pereira, presidente, Jayme Pereira, secretario e Appariclo Palma, thesoureiro, sendo os grupos dramatico e musical dirigidos pelos conselhos compostos por João Bastos, Ressano Garcia, Hermano Neves, Mello Abreu, Tamagnini Barboza e Fernando Cabral. A 24 de Janeiro de 1903 esta direcção foi substituida por uma constituida pelos socios Cunha Bellem, presidente, Gonçalves Pinto, secretario e Quartin Graça thesoureiro, continuando os conselhos musical e dramatico com a mesma composição. A 1 de Fevereiro era esta direcção substituida por uma em que entravam Alves de Azevedo, presidente, Duarte Fraga, secretario e João Sequeira Junior, thesoureiro, soffrendo pouco depois uma transformação e ficando definitivamente constituida por João Sequeira Junior, presidente, Duarte Fraga, thesoureiro e Daniel Pinto da Silva, secretario, sendo os conselhos os mesmos que nas direcções transactas.

A 16 de Novembro uma direcção formada por Severino de Moraes, presidente, Quirino Monteiro, secretario e Florentino Martins, thesoureiro tomara conta dos negocios da tuna e a 9 de Março de 1904 João Tamagnini Barboza, presidente, Santos Junior, secretario e Florentino Martins eram eleitos para os substituir, finalmente a 12 de Outubro a actual direcção composta de João Tamagnini Barboza, presidente, Adelino Padesca, secretario e José Santos Junior, thesoureiro tomava o encargo de gerir a tuna.

VI. — Excursões realisadas.

1901-1902. — A Castello Branco, Guarda e Vizeu.

1902-1903. — A Evora, Pontevedra e Vigo.

1903-1904. — A Setubal.

E por aqui fica esperando poder continuar augmentando muito a lista.

Lenda das Tunas

O Jupiter Deus pae estava a meditar!
Pairava distrahido em roda o seu olhar!
E os deuses, seus irmãos, tremiam de pavor
De ver tão carrancudo o aspecto do Senhor!
Erguem-se de repente, o olhar relampejou,
E num tom retumbante, altivo trovejou:
— Calliope, vem cá! — Que lhe dirá o Rei?
Segredavam baixinho — Ás ordens que te dei?
— Senhor, ides ouvir! Anjo vos tocarão
A musica mais bella, ó Rei, desta mansão!
Não presta! Já estou farto! E' tudo d'assobio!
A musica do ceo já me cheira a bafio!
—Fadas do Paraiso, oh! Rei, vos tocarão,
Arias do seu paiz que vos encantarão!
—Não gosto, minha filha! E' já coisa sediça.
Não vale muito mais que um vintem d'hortaliça!
—Orchestras vos darei de gentis nenuphares
Que valem muito mais que tres Chevillardes.
—Valessem quatro mil! Nem assim os queria!
Nenhum delles possue o que eu quero: Alegria!
Nenhum! Não ha nenhum!—Senhor meu pae e Rei
O que agora pediste, eu só vol-o darei.
—Venus! Tu, meu amor! Dou-vos uma Fortuna
Se o fizeres! — Senhor! Meu Rei! Ouvi a Tuna!

.....

De longe, muito longe, os sons dos violinos
Vinham deliciar os ouvidos divinos!
Tinham meigo trinar os bellos bandolins
Que faziam inveja aos lindos seraphins!
E na triste guitarra os plangentes bemoes
Té faziam calar do ceo os rouxinoes.
Em extasi até, ao ouvir as rabecas,
Se punham lá no ceo dos deuses as carecas.

.....

E quando lá chegou o som das pandeiretas
Os deuses o seu manto alçaram p'ra jaquetas;
E ao som da petenera, ao som da malagueña
Aquillo desandou na dança mais extranha
Que dado contemplar foi aos racionaes
Pois por lá até houve alguns saltos mortaes!...

.....

O Deus Pae abysmado — a Venus perguntou
Com ar de folgazão, como de quem gostou:
— Mas que lhes deste tu, p'ra terem tal valor?
— Eu dei-lhes a Alegria, a Mocidade, o Amor.

Paulito.

Excursão da Tuna

A Tuna da Escola Polytechnica parte na proxima sexta feira, 21, para o norte, a visitar as cidades: Castello Branco, Guarda e Vizeu, onde se lhe estão preparando festivas e brilhantes recepções.

A tuna, além das peças que se representam hoje no Gymnasio leva mais a comedia: **Centessima parodia á Cela dos Cardeaes**, do tuno Arnaldo Fortée Rebello e a peça **Marcha geral da analyse** de Humberto Severino de Moraes.

O seu reportorio musical é tambem accrescentado com os seguintes numeros: o passo-doble **Recordação** de Breton, a **Pastoral** de Raul Ferraz, que tanto successo causou nos saraus em que foi executada, e uma rapsodia de **Cantos hespanhoes.**

E' digna de todo o applauso a direcção desta tuna pela maneira como se tem esmerado para que os saraus nas terras a que vão, tenham um brilho desusado em festas de tal ordem.

Nós assim o desejamos e... esperamos.

(**Alma Portuguesa**, N.º Comemorativo, Abril 1905, p. 3)

Programma

Theatro do Gymnasio

Lisboa, 18 de Abril de 1905

ÁS 8 E MEIA DA NOITE

Sarau promovido pela

Tuna Academica da Escola Polytechnica

1.ª REPRESENTAÇÃO

Do episodio semi-historico em 1 acto original de CARLOS MANITO TORRES

O CERTAMEN DOS HEROES

Personagens

«Conde Adalbricoques,» senhor feudal	Joaquim Flores
«Genaferrim,» mordomo	Santos
«D. Fuas,» o terrivel	João Tamagnini Barbosa
«Theobaldo», trovador	Augusto Carvalhaes
«Zacharias Empinometro,» cidadão portuguez	A. Costa Pereira
«Um deputado»	Alberto Coelho
«Um creado»	O. Franco
«Condessa Benevenuta,» esposa do senhor feudal	A. Vasconcellos
«Grimoalda,» sua filha	Joaquim Nunes da Silveira

POVO, CORTEZÃOS, ALABARDEIROS, PAGENS, ESCRAVOS, ETC.

Epoca duvidosa — *A acção passa-se num castello feudal*

CONCERTO PELA TUNA sob a regencia do maestro "Alfredo Mantua,,

PROGRAMMA

«Hymno Academico»	Medeiros	«Serenade,» valsa hespanhola	O. Metra
«Os dois Viegas» (passo-doble)	Bento Viegas	Collecção de fados	Alfredo Mantua
«Arlequinade,» pizzicato	L. Ganne	«Depois da Festa» (passo-doble)	Celestino Pinto

1. Representação da *Revista Academica* em 1 prologo, 2 actos e 7 quadros original de Bento Mantua e João Carlos Bastos com musica parte original e parte coordenada por Alfredo Mantua.

P'la tangente

Distribuição

Prologo... Manuel Magno ❀ Rei Cavaquinho... Joaquim Flores ❀ Laureano Lourenço Laureado... João Carlos Bastos

Principe Burromeu	A. N. Silveira	Ama mór	Santos	Uma ama	D. Simões
Relogio da Escola		Um pae		Arte de Montes	
O Urso		O vinho		3.º camponez	
Papel d'Agrado		D. Politiça da Cunha		O cabula	
Camponez		A Venia		Cadeira dobrada	
		Um visitante		1.º Camponez	
D. Folganças, ministro	Santos Lara	Estalajadeira	A. Vasconcellos	O Sr. Doutor	João Luiz de Moura
Um almoço		A Bruxa		Um estudante	
Um moço		Uma alumna		Um visitante	
				Uma ama	
Cochicho estalajadeiro	Horacio Saque	O Jogo	Aurelio Silva	Os festejos	Henrique Sepulveda
O zero		O Chumbo		Parte de doente	
2.ª ama		Jogos floraes da Escola		Um visitante	
		Uma ama		Uma cadeira	
Carnaval da Escola	A. F. Rebello	Camponeza		O prégo	Carlos Barcella
A Falta				Uma ama	
D. Saias da Cunha		Emissaria	Elysio Lobo	Uma camponeza	
Parte Vaga		2.º Camponez		Um visitante	
Um visitante		1.º estudante		Uma cadeira	
1.ª ama		Uma cadeira		D. carta d'empenho da cunha	Bellarmino d'Almeida
A musica		O feriado	Augusto Carvalho	Dispensa	
Cadeira dobrada		Um estudante			

Corpo de baille, sombras, tentações, cadeiras, visitantes, estudantes, povo, amas, camponezes e camponezas, etc., etc., e um barco.

Titulos dos quadros

1.º, Nas florestas virgens — 2.º, A caminho — 3.º, Na estalagem do cochicho — 4.º, Apotheose — 5.º, A Bruxa das Lettras — 6.º, No ex-collegio dos nobres — 7.º, Apotheose.

Numeros de musica

1, Côro das amas — 2, Tão grande vivorio (rei e côro) — 3, A laço (rei, principe e côro) — 4, Côro final *(mutação)* — 5, Dá-nos vinho (cochicho e côro) — 6, chuchulandia (Laureano) — 7, Canção popular (voz e côro) — 8, Sombras (côro) — 9, Vinde a mim (Bruxa) — 10, Valsa das tentações — 11, Papel d'Agrado — 12, As cadeiras da Escola (Côro) — 13, Tercetto das Senhoras Cunhas — 14, Duetto (Parte-Vaga e Parte de Doente) — 15, P'la tangente (Laureano e côro) — 16, O relogio da Escola — 17, O carnaval da Escola (fado) — 18, Os jogos floraes — 19, Tercetto (Falta, Venia e Dispensa) — 20, O urso — 21, Quartetto (Cabula, zero, chumbo e pac) — 22, Concertante final.

(**Alma Portuguesa**, N.º Comemorativo, Abril 1905, p. 4)

Tuna da Escola Polytechnica

A excurssão

No meio dos vivas enthusiasticos dos que se fôram despedir e das alegres saudações dss que partiam, embrenhou se no tunnel do Rocio o comboio que nos havia de levar a Castello Branco. Foi na sexta feira de paixão, dia de lucto e de choro, de trevas e de remorsos. Não batiam, comtudo, os estudantes nos peitos nem os clamores das suas devotadas orações chegavam, angustiosos, ao céo, e muitas velhotas, horrorisadas, se persignaram, decerto, ao vêr tanta heresia e pediram a Deus não lhes désse um tremendo e justo castigo, que a sua ira não deixasse perdoar. Pois ouviu lhes suas resas o Pae Clemente, que até mandou á doce lua que nos acompanhasse em nossa viagem para mostrar, Portugal em fóra, os lindos campos que de longe se vinham extendendo até ao Tejo, cuja margem percorriamos e as altas e sombrias montanhas em que o luar punha melancholicos tons de sobrenatural mysterio.

Brilhava pallida e tremulina sobre as aguas serenas do rio, que, mormurando baixinho, logo depois se enegrecia com as sombras das altas arvores e dos verdes arbustos que, docemente se inclinavam para elle. Foram-se, pouco a pouco, apagando os sons dolentes das guitarras e bandolins e as apaixonadas vozes dos trovadores. Entregavam-se os mais prosaicos nos braços de Morpheu, emquanto os mais poetas admiravam, penetrando os mysteriosos segredos da noite, a obra prodigiosa da Natureza, de quem Portugal, decerto, é filho preferido. Impávido e intemerato, deslisando por extensas campinas e largos vales, o comboio acompanhava em seus caprichos as aguas do lindo Tejo, atravessando por tuneis, e pontes ora altas montanhas cujos cumes se perdiam na escuridão, ora horrendos precipicios que embrenhavam nas insondaveis trevas das profundezas. E já no seu lento caminhar o dia arroxeava levemente os longinquos horisontes, misturando sua pallida claridade com a serena luz da lua, quando, como apotheose de fascinadora magica, á luz surprehendente da aurora com o sonhador luar, nos appareceram as portas de Rodam, gigantescos rochedos, que se erguem sobranceiros como se quizessem impedir ao Tejo que as suas aguas passassem entre elles.

E toda a noite os nossos olhos admiraram, extasiados, paysagens, como as não ha sonhadas.

Sómente, de quando em quando, uma paragem mais demorada nos mudava a poesia em prosa faminta e cheia de desejos. E o cerebro, em que se acotovelavam pensamentos todos de paz e amor, cedia o seu logar ao estomago esfomeado.

— Castello Branco, gritou a voz roufenha dum empregado da Companhia.

Apressadamente, capas ao hombro, malas na mão, saltamos em terra, ao mesmo tempo que o primeiro raio de sol batia no alto da Sé da cidade, como alegre mensageiro dos estudantes de Lisboa. Um friosinho cortante enregelava-nos os membros, entorpecidos por nove horas de somnolenta immobilidade. Alguns estudantes albicastrenses conduziram-nos aos hoteis, atravez a nobre cidade que ainda dormia o somno dos justos... e dos injustos.

Dois dias nos demorámos em Castello Branco, tendo recebido de todos os seus habitantes as maiores provas de deferencia e amabilidade. Nas visitas ao quartel de cavallaria 8, reitor do lyceu, governador civil, Casino, e ao sr. Santos Sal foi a tuna sempre magnificamente recebida, ouvindo palavras de applauso e estimulo que o presidente Tamagnini Barbosa agradeceu commovido.

A Tuna percorreu depois d'estas visitas as ruas da cidade, tocando um alegre *passa-calle* e soltando enthusiasticos vivas ao povo, ao exercito e ás formosissimas damas, que das janellas arremessavam sem interrupção lindas e perfumadas rosas, como ellas, acompanhadas de deliciosos e estonteantes sorrisos.

(Continúa.)

(**Alma Portuguesa**, N.º 11, de 14 de Maio, 1905, p. 3)

Um Sarau

Se projecta para o proximo sabbado 20 deste mez e que decerto despertará enorme enthusiasmo.

Este sarau, com elementos exclusivamente academicos, é dedicado pela Tuna Academica da Escola Polytechnica á *Alma Portuguesa*, honra que agradecemos penhoradamente reconhecidos.

Pela segunda e ultima vez se representará em Lisboa a revista de grande espectaculo, de costumes academicos, *P'la Tangente*, original de Bento Mantua e João Bastos, e que tão completo exito de gargalhada produziu quando representada pela 1.ª vez no theatro do Gymnasio.

P'la Tangente, que soffreu varias modificações, é augmentada com um novo quadro em que apparecem varias personagens hoje bastante em dia e uma figura alusiva representando a *Alma Portuguesa*.

O resto do espectaculo é prehenchido pela Tuna da Escola Polytechnica que executará varios numeros desconhecidos ainda em Lisboa e que serão executados pela Tuna sob a direcção do seu distincto regente Alfredo Mantua, tambem auctor da musica da revista *P'la Tangente* e que tão acclamado tem sido nos palcos de Lisboa e ultimamente na excursão que a Tuna effectuou.

Será mais uma gloriosa noite de festa a deixar gratas recordações em novos e velhos desejosos de diversões.

Os bilhetes para esta recita estão á venda na séde da Tuna na rua da Atalaya, 171, 1.º, das 2 ás 5 da tarde e das 7 ás 10 da noite e a eguaes horas na redacção deste jornal, na rua da Atalaya, 166, 2.º

(**Alma Portuguesa**, N.º 11, de 14 de Maio, 1905, p. 6)

Echos da Academia

A Tuna Academica da Escola Polytechnica foi convidada a tomar parte num sarau de beneficencia que em fins do corrente mês é levado a effeito no salão do Conservatorio, promovido por uma commisão de senhoras e cavalheiros da nossa primeira sociedade, presidida pela Ex.ma Sr.ª D. Emilia de Macedo Buytrage Stubbs da Silva (Warner).

(**Alma Portuguesa**, N.º 12, de 22 de Maio, 1905, p. 3)

Tuna da Escola Polytechnica

A excursão

(Continuação)

Dois dias nos demoramos em Castello Branco, tendo recebido de todos os seus habitantes as maiores deferencias e amabilidades. Nas visitas ao quartel de cavallaria 8, reitor do lyceu, governador civil, Casino e ao sr. Santos Sal foi o tuna sempre magnificamente recebida, ouvindo palavras de applauso e estimulo que o presidente Tamagnine Barbosa agradeceu commovido. A tuna percorreu depois d'estas visitas as ruas da cidade, tocando um alegre paşse-calle e soltando enthusiasticos vivas ao povo, ao exercito e ás formosissimas damas, que das janellas arremeçavam sem interrupção lindas e perfumadas rosas, como ellas, acompanhadas de deliciosos e estonteantes sorrisos. No dia seguinte foram os estudantes em visita ao celebre castello da cidade, hoje em ruinas, d'onde se estende a vista até muito longe, por lindos campos, emmoldurados ao fundo por gigantescas e magestosas montanhas, que punham uma sombra profunda e mysteriosa no longinquo horisonte.

Os dois saraus que a tuna deu em Castello Branco decorreram no meio do maior enthusiasmo e animação, tendo sido applaudidissimos, e com toda a justiça, todos os numeros.

A tuna executou todo o seu reportorio com a maxima correcção, sendo o seu regente, Alfredo Mantua, delirantemente acclamado pela numerosa assistencia, em que se contavam as mais distinctas familias albicastrenses. Especialmente os numeros «*Os dois Viegas*, *Arlequinade*, *Czardes* e a *collecção de fados* de Mantua, tiveram um exito collossal, resoando as palmas por muito tempo em toda a sala.

As duas peças «*P'la tangente*» de João Bastos e Bento Mantua, e o «*Certamen dos heroes*» de Marnitto Torres, provocaram a mais franca gargalhada e obtiveram um exito pouco vulgar em festas de tal ordem. João Bastos e Bento Mantua, tanto na revista, em que este ultimo desempenhou de improviso, permitta-se-me o termo, o seu papel, como na comedia, em que os dois, sem um unico ensaio, desempenharam os dois principaes papeis, houveram-se como actores consumados, arrancando phreneticos applausos do publico que riu a bom rir, dos ditos, engraçadissimos dos dois auctores do «*P'la tangente*».

Quem, porem, mais attrahiu os acariciadores olhares das mulheres... e dos homens (porque muita gente duvidou do sexo do collega), foi o tuno Fortée Rebello que em todos os papeis femininos que desempenhou, se portou com tal graça e tal donaire e se apresentou tão formoso (?) que os homens o applaudiam como se elle fosse mulher e as mulheres sentiam se attrahidas para o diabo... do homem. Foi, porem, no papel da *Falta*, no qual se apresentou ricamente vestido de hespanhola de manton, formosa e elegantissima toilette, reveladora de um extraordinario bom gosto, que foi obsequiosamente emprestada pela gentil e distinctissima actriz-cantora Mercedes Blasco, que, como todos sabem, possue riquissimas toilettes, que, sobresahem sempre pela magnificencia e elegancia, foi n'aquelle papel que Fortée canta juntamente com Santos Junior e Sepulveda, que elle conseguiu electrisar a multidão que o applaudiu delirantemente, fazendo-o repetir a canção. Compartilharam tambem em grande parte dos applausos os outros dois, isto é, as outras duas, pois foram duas hespanholas, caramba (que valiam por quatro! Silveira, Lara, Saque, Santos, Sepulveda e os restantes muito bem nos seus papeis, tendo sido todos muito applaudidos.

A outra peça teve tambem um grande successo; Silveira, Coelho, Tamagnini e Saque foram tambem applaudidissimos pelo correctissimo desempenho que deram aos seus papeis.

Alfredo Mantua foi enthusiasticamente acclamado como auctor da musica que é cheia de graça e muito adequada aos versos, não os forçando como muitas vezes temos visto. Alem d'isso, no solo de bandolim, instrumento em que é eximio, teve uma ovação indiscriptivel, pela maneira como deu execução á difficil peça que tocou.

E na segunda feira, 24, de manhãsinha, ainda o sol dormia o primeiro somno, entramos no comboio que nos devia conduzir a guarda. Ahi o Morpheu luctou heroicamente com a Natureza, vencendo por fim esta, por meio das altas montanhas e extensos valles, que se desenrolavam ante nós, que admiravamos, enthusiasmados, as tão lindas terras do nosso Portugal.

Ao meio dia chegamos á estação da Guarda, d'onde 4 diligencias nos conduziram, apertados como sardinhas em tigella até á cidade, á entrada da qual era a tuna esperada por immenso povo, duas philarmonicas e formosissimas damas, que, com as suas elegantes toilettes, combatiam em belleza e alegria, com o lindo ceo, muito azul e o sol, que brilhava em todo o seu explendor. No meio de delirantes vivas e brilhantes acclamações, pizando um tapete de flores, que outras mais lindas arremeçavam, dirigimo-nos para o hotel onde um bom almoço e um bom somno nos recompuzeram o corpo cançado de tanto trabalho. Decorreram aqui tambem animadissimos os saraus, nos quaes a tuna deu a costumada execução magistral aos numeros que tocou. As peças decorreram em meio de intensa alegria e enthusiastica animação rindo o publico a bom rir das engraçadissimas situações das duas comedias. Na terça-feira as damas offereceram no club um baile á tuna, na qual se dançou animadamente, até de madrugada, sahindo os estudantes agradavelmente impressionados com a amabilidade das gentis damas e sympathicos cavalheiros egytanienses; e quem sabe se algum não teria sahido... tocado! Quem o sabe! Ninguem, mas desconfia-se!

Da Guarda partimos para Vizeu. Viagem linda. em que se admiram talvez os pontos mais bellos do nosso paiz, sempre á beira do Mondego, que percorre sereno e manso, verdejantes campos, os mais bellos que se possam imaginar.

Em Mangualde todos nos apeamos. E, resignados, lá nos apertamos nas diligencias, onde haviamos de viajar durante cinco longas horas. Trinavam os fadinhos nas guitarras e as vozes sonhadoras dos trovadores, acompanhavam, somnolentas, as passadas vagarosas dos possantes machos, que puxavam, a custo, os pesados carros.

(**Alma Portuguesa**, N.º 12, de 22 de Maio, 1905, p. 6)

Já o sol bailava, magestoso e solemne, para as bandas do occidente, quando depois de uma longa viagem subindo escarpadas montanhas, caminhando ao longo de terriveis principicios, em que as arvores se apinhavam, misturando seus frondosos ramos, devisamos, n'uma curva da estrada, a vetusta e celebre cidade de Vizeu, de heroicas tradições.

A noite baixava, vagarosa e serena, sobre os lindos campos que rodeiam a cidade; os passarinhos, recolhiam, alegres, aos seus ninhos, acompanhando com seu trinar, os sons tristes e melancolicos das violas e violinos. Formando uma mancha negra, amontoava-se á entrada de Vizeu, o povo todo, que, á passagem dos estudantes de Lisboa, soltavam enthusiasticos vivas, correspondidos por estes vibrantemente.

(Continúa.)

O nosso Sarau

Na Trindade — O enthusiasmo da Tuna — Viae Chumbinae — A pavana — Que tres

Continuam com extraordinaria concorrencia os ensaios do *P'la Tangente* que pela segunda vez irá á scena no proximo sabbado 27, em recita de homenagem á *Alma Portugueza*, honra que sobremaneira agradecemos aos nossos queridos collegas da Tuna da Polytechnica.

Nessa noite a revista é ampliada com um novo quadro em que entra a *Alma Portugueza* cantando uma linda valsa coreada, original do nosso excellente amigo e incançavel maestro Alfredo Mantua.

Além disso é de soberba graça o trio do *Pardal*, *Tlim* e *Poeta*, tres originaes pandegos muito conhecidos e celebrados pela rapaziada academica.

Uma festa de trus, em summa.

Para nada faltar a contribuir para que esta grandiosa festa tenha um extraordinario luzimento até se ensaia uma deliciosa pavana, ensaiada a capricho por alguem que pésca daquillo.

Isto não falando na musica parte original, parte coordenada por Alfredo Mantua e que já quasi todos os estudantes tranteam baixinho, tão popular se vae ella tornando.

O theatro da Trindade vestirá galas nessa inolvidavel noite que será mais uma noite de gloria para Bento Mantua e João Bastos, apreciados e festejadissimos auctores do *P'la Tangente*.

Para finaes d'acto sabemos que se preparam umas surprezas de segurissimo effeito.

Os bilhetes para esta festa, que marcará uma pagina brilhante nos annaes da academia, acham-se á venda na séde da Tuna na Rua da Atalaya, 171, 1.º e na redacção deste jornal, das duas ás 5 da tarde e das 7 ás 10 da noite.

Nós cá estamos para attender promptamente a todos os pedidos que nos dirijam, caso na occasião ainda possam ser satisfeitos.

Cont. (**Alma Portuguesa**, N.º 12, de 22 de Maio, 1905, pp. 6-7)

Sarau de homenagem a Alfredo Mântua

Em Junho, a 17, a **TAEPL**, promove um concerto de homenagem ao seu maestro, Alfredo Mântua, no salão Conservatório de Lisboa[100], participando igualmente Wenceslau Pinto (como oboísta), regente da TAL[101].

Depois de amanhã, 17, ha no salão do Conservatorio um concerto em homenagem ao distincto artista Alfredo Mantua, regente da Tuna Academica da Escola Polytechnica.

O concerto é organisado por uma commissão, de que faz parte a direcção da referida tuna.

(**A Arte Musical**, Ano VII, N.º 155, de 15 Junho de 1905, p. 144)

Seguiu-se um concerto em homenagem a Alfredo Mantua, uma festa vibrante de enthusiasmo e de juvenil alegria, em que a mocidade academica, largamente representada na sala, se não cançou de manifestar ao simpathico director de uma das suas tunas e excellente professor de bandolim, que é Alfredo Mantua, quanto aprecia e respeita o seu talento.

Além de dirigir a *Tuna da Escola Polytechnica* em dois formosos trechos com que abriu o sarau (por signal que em hora bastante tardia — depois das 10), Alfredo Mantua apresentou-se com o seu quarteto a solo, evidenciando não sómente optimas qualidades de ensaiador, mas ainda uma rara virtuosidade no bandolim e uma potentissima sonoridade que não julgavamos se pudesse extrahir do seu instrumento predilecto.

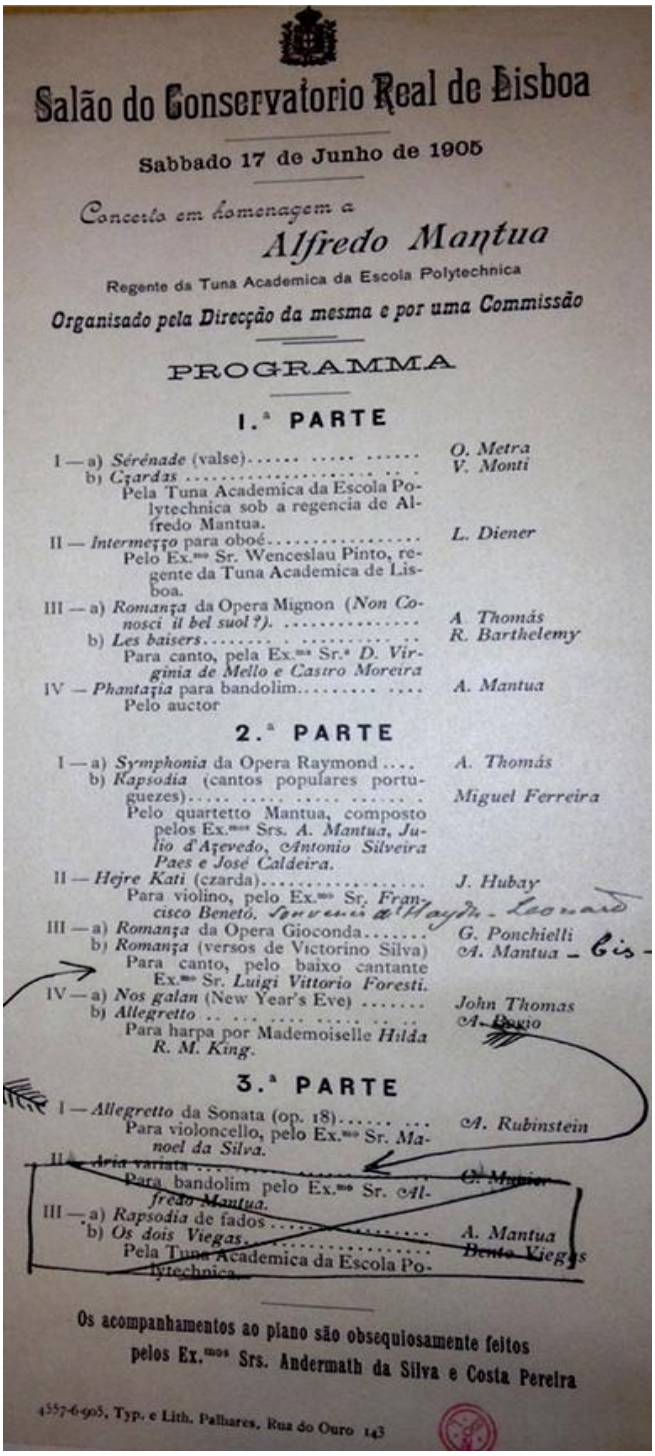
Um bravo pois, bem sincero, ao talentoso artista.

Alfredo Mantua teve, como valiosos collaboradores, solistas de incontestavel e comprovado merecimento: Wenceslau Pinto, no oboé, Francisco Benetó, no violino, D. Hilda King, na harpa, Manoel da Silva, no violoncello, D. Virginia Moreira e Luigi Foresti, como cantores, constituindo um nucleo de artistas mais que sufficiente para organisar um optimo programma.

Alfredo Mantua teve tambem occasião de apresentar-se como compositor — em uma fantasia para bandolim, por elle proprio executada, e em uma romanza, que o barytono Foresti se encarregou de interpretar e mereceu as honras de *bis*.

Pelo adiantado da hora, tiveram que supprimir-se os ultimos numeros do programma.

(**A Arte Musical**, Ano VII, N.º 156, de 30 de Junho de 1905, p. 156)



Salão do Conservatorio Real de Lisboa

Sabbado 17 de Junho de 1905

Concerto em homenagem a

Alfredo Mantua

Regente da Tuna Academica da Escola Polytechnica

Organisado pela Direcção da mesma e por uma Commissão

PROGRAMMA

1.ª PARTE

I — a) *Sérénade* (valse)..... *O. Metra*
b) *Czardas*..... *V. Monti*
Pela Tuna Academica da Escola Polytechnica sob a regencia de Alfredo Mantua.

II — *Intermezzo* para oboé..... *L. Diener*
Pelo Ex.mo Sr. Wenceslau Pinto, regente da Tuna Academica de Lisboa.

III — a) *Romança* da Opera Mignon (*Non Conosci il bel suol?*)..... *A. Thomás*
b) *Les baisers*..... *R. Barthelemy*
Para canto, pela Ex.ma Sr.ª *D. Virginia de Mello e Castro Moreira*

IV — *Phantazia* para bandolim..... *A. Mantua*
Pelo auctor

2.ª PARTE

I — a) *Symphonia* da Opera Raymond.... *A. Thomás*
b) *Rapsodia* (cantos populares portuguezes)..... *Miguel Ferreira*
Pelo quartetto Mantua, composto pelos Ex.mos Srs. *A. Mantua, Julio d'Azevedo, Antonio Silveira Paes e José Caldeira.*

II — *Hejre Kati* (czarda)..... *J. Hubay*
Para violino, pelo Ex.mo Sr. *Francisco Benetó.*

III — a) *Romança* da Opera Gioconda..... *G. Ponchielli*
b) *Romança* (versos de Victorino Silva) *A. Mantua*
Para canto, pelo baixo cantante Ex.mo Sr. *Luigi Vittorio Foresti.*

IV — a) *Nos galan* (New Year's Eve)..... *John Thomas*
b) *Allegretto*..... *A. Rubio*
Para harpa por Mademoiselle *Hilda R. M. King.*

3.ª PARTE

I — *Allegretto* da Sonata (op. 18)..... *A. Rubinstein*
Para violoncello, pelo Ex.mo Sr. *Manoel da Silva.*

II — *Aria variata*..... *O. Metra*
Para bandolim pelo Ex.mo Sr. *Alfredo Mantua.*

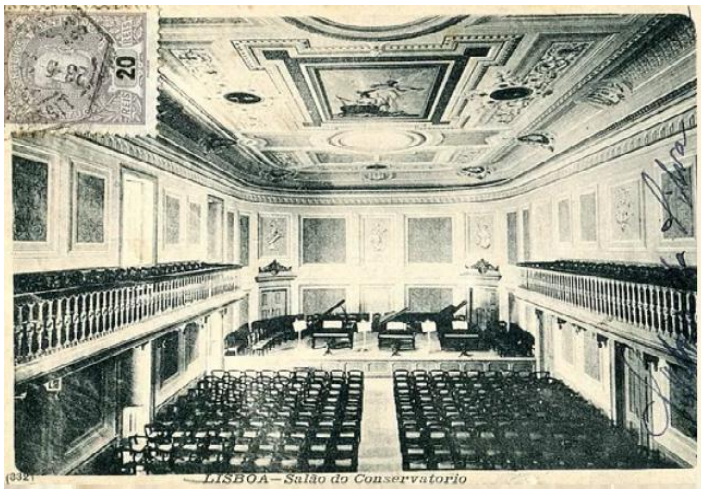
III — a) *Rapsodia* de fados..... *A. Mantua*
b) *Os dois Viegas*..... *Bento Viegas*
Pela Tuna Academica da Escola Polytechnica.

Os acompanhamentos ao piano são obsequiosamente feitos pelos Ex.mos Srs. Andermath da Silva e Costa Pereira

4557-6-905. Typ. e Lith. Palhares, Rua do Ouro 143

(**BNP - Colecção Lambertini**, Vol.1)

[100] **A Arte Musical**, Ano VII, N.º 155, de 15 Junho de 1905, p. 144. e N.º 156, de 30 de Junho de 1905, p. 156.
[101] Segundo programa da **Colecção Lambertini** (Vol.1) - BNP.



À esquerda, a sala de concertos do Conservatório de Lisboa, em finais do séc. XIX, e, à direita, a fachada do edifício, em meados do séc. XX

(Wikiwand).

Concurso Internacional de Música do Mónaco

Em Outubro, temos notícia[102] que um *Concurso Internacional de Estudantinas* (inserido no Concurso Internacional de Música) se irá realizar, em Junho do ano seguinte, no Mónaco (França)[103], tendo sido convidadas, por intermédio do cônsul do Mónaco em Lisboa, sr. Conde Bobone, 3 tunas da capital: a **TAEPL** (regida por Alfredo Mântua), a TAL (regida por Wenceslau Pinto) e a Tuna Comercial (regida por Ernesto Cyriaco), assim como a Tuna Farense (regida pelo dr. Moraes).

Pouco depois de se saber, um periódico conimbricense acaba por questionar por que não foram convidadas a TAUC e a Tuna José Maurício[104], naquilo que se pode considerar um amuo.

Seja como for, nenhuma das tunas portuguesas acabará por participar, contando o dito concurso apenas com tunas/estudiantinas de França, Itália, Suíça e Argélia, num total de 20 grupos[105].

Por intermedio do consul de Monaco em Lisboa, o sr. conde de Bobone, foram convidadas as principaes tunas portuguesas a tomar parte em um grande concurso internacional de estudantinas, que se ha de realisar n'aquelle principado nos primeiros dias de junho do anno proximo.

Receberam circulares n'esse sentido a *Tuna Academica da Escola Polytechnica* (regente Alfredo Mantua), a *Tuna Academica de Lisboa* (regente Wenceslau Pinto), a *Tuna Commercial* (regente Ernesto Cyriaco), a *Tuna do Atheneu Commercial* (regente Miguel Ferreira) e a *Tuna Farense* (regente dr. Moraes).

Crêmos que é o primeiro concurso d'esta natureza que até hoje se tem feito.

(**A Arte Musical**, Ano VII, N.º 163, de 15 Outubro 1905, p. 223.)

[102] **A Arte Musical**, Ano VII, N.º 163, de 15 Outubro de 1905, p. 223.
[103] Vd. SILVA, Jean-Pierre - **A França das Estudiantinas,Francofonia de um fenómeno nos séc. XIX e XX**. CoSaGaPe, 2019, p. 50 e pp. 57-60.
[104] **Resistência** (Coimbra), Ano XI, N.º 1046, de 19 de Outubro de 1905, p.3.
[105] SILVA, Jean-Pierre, *op. cit*.

Corpos Sociais

Os corpos sociais, em 1905, eram assim constituídos: *João Tamagnini Barbosa* (Presidente), *Adelino Padesca* (Secretário da Direcção), *Santos Júnior* (Tesoureiro), *António Silveira* (Presidente da AG), *Manito Tôrres* (Secretário da AG), *Fernando Cabral* (Presidente do Conselho Fiscal e sub-regente), *Ramon La Féria* (Vogal do Conselho Fiscal), *Alfredo Mântua* (Regente) e *João Bastos* (Presidente do Grupo Dramático).

Sabemos que, em 19 de Abril,*Adelino Padesca* pede a demissão do cargo de Secretário da Direcção, sendo substituído por *Pinheiro Coelho*.

Na Rua da *Atalaya* ("Atalaia" na actual grafia), n.º 171, na esquina da Travessa da Boa-Hora, ficava o prédio de gaveto (onde se situaria a sede da tuna), o qual deu lugar ao Mercado do Bairro Alto.
(Blogue "Lisboa de Antigamente"/AML e *Google maps*)

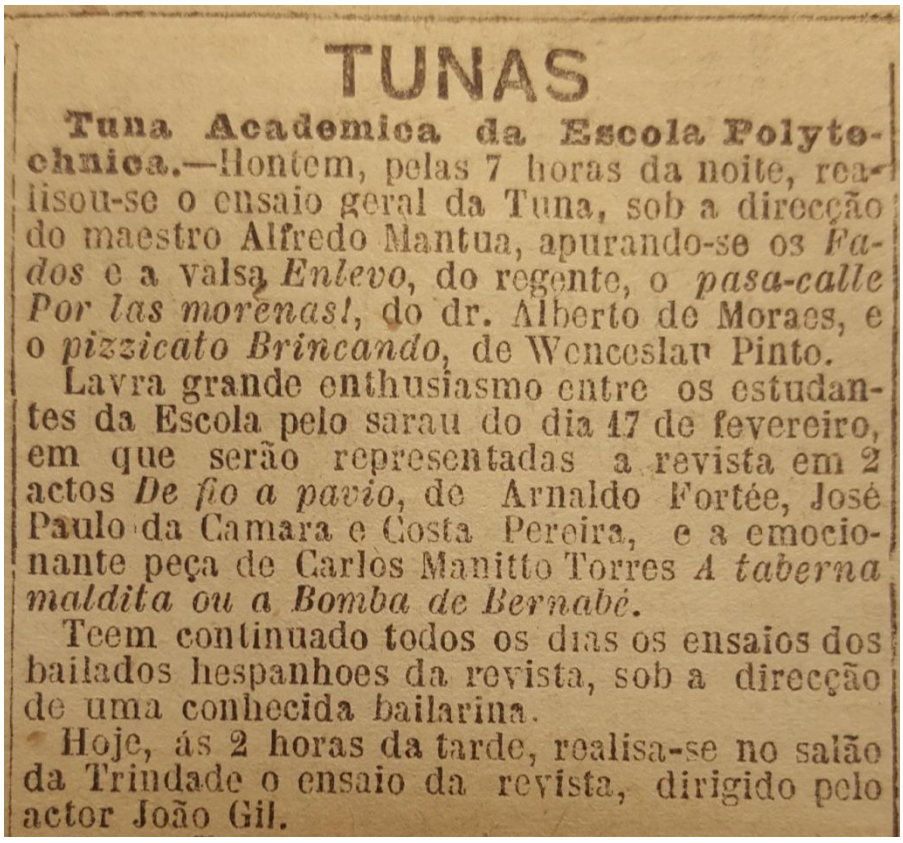
Tuna Escola Politécnica de Lisboa, 1905.
(Fotografia depois de colorida, com base na publicada pela **Illustração Portugueza**, Nº 66, de 06-02-1905, p. 220)

Ano de 1906

Sarau anual no Teatro Trindade

A 17 de Fevereiro, a **TAEL** apresenta-se no Teatro Trindade, tendo como director do Grupo Dramático o actor João Gil- que dirige as peças "De fio a Pavio" e "A Taberna Maldita - A Bomba Barnabé"; e Alfredo Mântua, dirigindo a tuna na execução da "Cavallaria Rusticana", "Ballada" (Massenet), "Paso Doble" (Atalaya), "Enlevo" (valsa de A. Mântua), "Tulipa (*gavotte* de J.J. de Almeida), "Brincando" (*pizzicato* de Wenceslau Pinto), "Collecção de Fados" (A. Mântua), entre outros temas[106].

> *(...) 33 números de música (...) deveras deliciosos e ensaiados a rigor, com naipes de tenores, barítonos e baixos que perfazem o total de 28 coristas, e que, a julgar pelos ensaios, devem imprimir extraordinário brilho às marchas, coros, valsas, serenatas, concertantes, etc. de que está ornada a revista.*[107]



TUNAS

Tuna Academica da Escola Polytechnica.—Hontem, pelas 7 horas da noite, realisou-se o ensaio geral da Tuna, sob a direcção do maestro Alfredo Mantua, apurando-se os *Fados* e a valsa *Enlevo*, do regente, o *pasa-calle Por las morenas!*, do dr. Alberto de Moraes, e o *pizzicato Brincando*, de Wenceslau Pinto.

Lavra grande enthusiasmo entre os estudantes da Escola pelo sarau do dia 17 de fevereiro, em que serão representadas a revista em 2 actos *De fio a pavio*, de Arnaldo Fortée, José Paulo da Camara e Costa Pereira, e a emocionante peça de Carlos Manitto Torres *A taberna maldita ou a Bomba de Bernabé*.

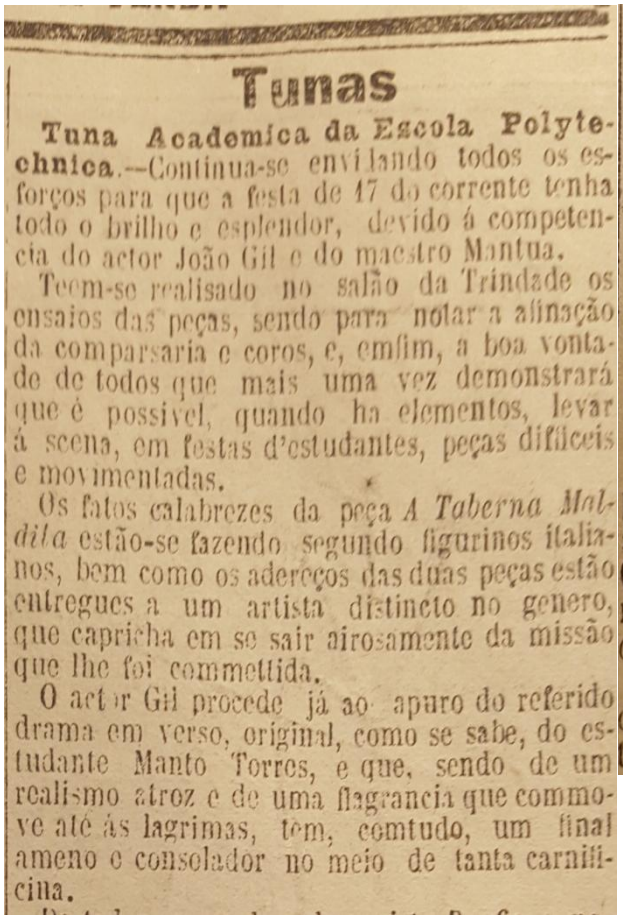
Teem continuado todos os dias os ensaios dos bailados hespanhoes da revista, sob a direcção de uma conhecida bailarina.

Hoje, ás 2 horas da tarde, realisa-se no salão da Trindade o ensaio da revista, dirigido pelo actor João Gil.

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8653, de 28 de Janeiro de 1906, p. 6)

[106] **O Século**, 26.º Ano, N.º 8659, de 03 de Fevereiro de 1906, p. 2, N.º 8663, de 07 de Fevereiro de 1906, p. 3, N.º 8665, de 09 Fevereiro 1906, p. 3 e N.º 8669, de 13 Fevereiro 1906, p. 5; **Diário Illustrado**, 36.º Ano, N.º 11839, de 18 de Fevereiro de 1906, p. 2.

[107] **O Século**, 26.º Ano, N.º 8662, de 06 de Fevereiro de 1906, p. 3.



Tunas

Tuna Academica da Escola Polytechnica.—Continua-se envidando todos os esforços para que a festa de 17 do corrente tenha todo o brilho e esplendor, devido á competencia do actor João Gil e do maestro Mantua.

Teem-se realisado no salão da Trindade os ensaios das peças, sendo para notar a afinação da comparsaria e coros, e, emfim, a boa vontade de todos que mais uma vez demonstrará que é possivel, quando ha elementos, levar á scena, em festas d'estudantes, peças difficeis e movimentadas.

Os fatos calabrezes da peça *A Taberna Maldita* estão-se fazendo segundo figurinos italianos, bem como os adereços das duas peças estão entregues a um artista distincto no genero, que capricha em se sair airosamente da missão que lhe foi commettida.

O actor Gil procede já ao apuro do referido drama em verso, original, como se sabe, do estudante Manto Torres, e que, sendo de um realismo atroz e de uma flagrancia que commove até ás lagrimas, tem, comtudo, um final ameno e consolador no meio de tanta carnificina.

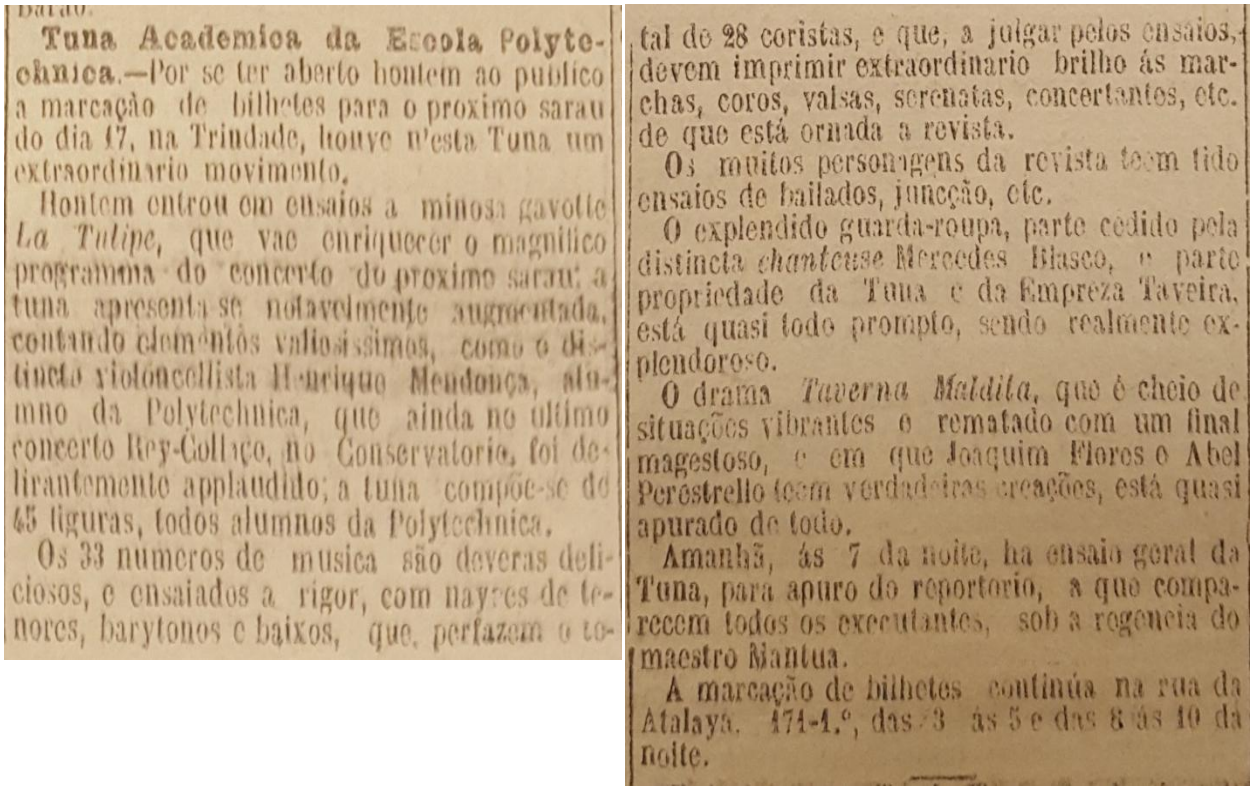
De todos os quadros da revista *De fio a pavio*, que são 7, todos elles cheios de graça, alegria e salpicados de esplendida musica, o que deve deixar deslumbrados os espectadores, e o que representa uma festa nos jardins reaes, em que ha effeitos plasticos superiores e luz vivissima a jorros.

Em vista da affluencia, sempre crescente de pedidos, a direcção disporá dos bilhetes marcados que não sejam pagos e retirados ate 5 do corrente, suppondo-se que quem os não retirar desiste da marcação.

Na segunda-feira proxima abre a marcação para o publico, na séde, rua da Atalaya, 171, 1.º, das 3 ás 5 da tarde e das 8 ás 10 da noite. Como são poucos os bilhetes que restam, deverão os que desejem ser servidos apressarem-se em marcal-os.

Hoje realisa-se, ás 2 horas da tarde, no salão da Trindade, um ensaio geral de junção de todos os quadros da revista *De fio a pavio*.

(**O Século,** 26.º Ano, N.º 8659, de 03 de Fevereiro de 1906, p. 2)



Tuna Academica da Escola Polytechnica.—Por se ter aberto hontem ao publico a marcação de bilhetes para o proximo sarau do dia 17, na Trindade, houve n'esta Tuna um extraordinario movimento.

Hontem entrou em ensaios a mimosa gavotte *La Tulipe*, que vae enriquecer o magnifico programma do concerto do proximo sarau; a tuna apresenta-se notavelmente augmentada, contando elementos valiosissimos, como o distincto violoncellista Henrique Mendonça, alumno da Polytechnica, que ainda no ultimo concerto Rey-Colaço, no Conservatorio, foi delirantemente applaudido; a tuna compõe-se de 45 figuras, todos alumnos da Polytechnica.

Os 33 numeros de musica são deveras deliciosos, e ensaiados a rigor, com nayres de tenores, barytonos e baixos, que, perfazem o total de 28 coristas, e que, a julgar pelos ensaios, devem imprimir extraordinario brilho ás marchas, coros, valsas, serenatas, concertantos, etc. de que está ornada a revista.

Os muitos personagens da revista teem tido ensaios de bailados, junção, etc.

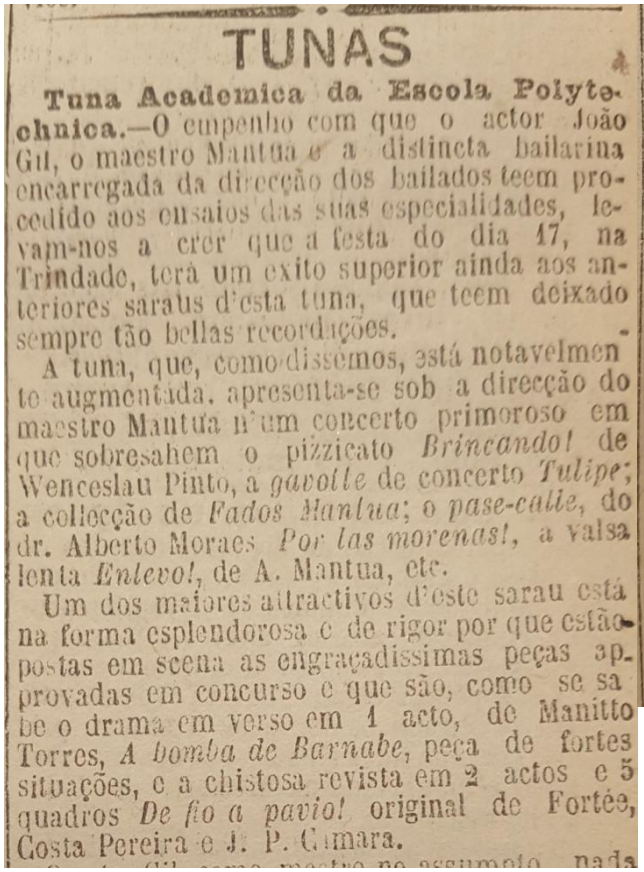
O explendido guarda-roupa, parte cedido pela distincta *chanteuse* Mercedes Blasco, e parte propriedade da Tuna e da Empreza Taveira, está quasi todo prompto, sendo realmente explendoroso.

O drama *Taverna Maldita*, que é cheio de situações vibrantes e rematado com um final magestoso, e em que Joaquim Flores e Abel Perestrello teem verdadeiras creações, está quasi apurado de todo.

Amanhã, ás 7 da noite, ha ensaio geral da Tuna, para apuro do reportorio, a que comparecem todos os executantes, sob a regencia do maestro Mantua.

A marcação de bilhetes continúa na rua da Atalaya, 171-1.º, das 3 ás 5 e das 8 ás 10 da noite.

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8662, de 06 de Fevereiro de 1906, p. 3)



TUNAS

Tuna Academica da Escola Polytechnica.—O empenho com que o actor João Gil, o maestro Mantua e a distincta bailarina encarregada da direcção dos bailados teem procedido aos ensaios das suas especialidades, levam-nos a crer que a festa do dia 17, na Trindade, terá um exito superior ainda aos anteriores saraus d'esta tuna, que teem deixado sempre tão bellas recordações.

A tuna, que, como dissemos, está notavelmente augmentada, apresenta-se sob a direcção do maestro Mantua n'um concerto primoroso em que sobresahem o pizzicato *Brincando!* de Wenceslau Pinto, a *gavotte* de concerto *Tulipa*; a collecção de *Fados Mantua*; o *pase-calle*, do dr. Alberto Moraes *Por las morenas!*, a valsa lenta *Enlevo!*, de A. Mantua, etc.

Um dos maiores attractivos d'este sarau está na forma esplendorosa e de rigor por que estão postas em scena as engraçadissimas peças approvadas em concurso e que são, como se sabe o drama em verso em 1 acto, de Manitto Torres, *A bomba de Barnabe*, peça de fortes situações, e a chistosa revista em 2 actos e 5 quadros *De fio a pavio!* original de Fortée, Costa Pereira e J. P. Camara.

O actor Gil, como mestre no assumpto, nada tem descurado para que os effeitos de luz electrica, os coros, o movimento de comparsaria, os bailados, etc. façam sobresair a graça e alegria, que as duas peças teem em profusão.

O grupo dramatico d'esta tuna, applaudidissimo sempre nos saraus anteriores, esmera-se, com Fortee, Flôres, Perestrello e Santos Junior á frente, por fazer estoirar de riso os espectadores de tão alegre e promettedora festa.

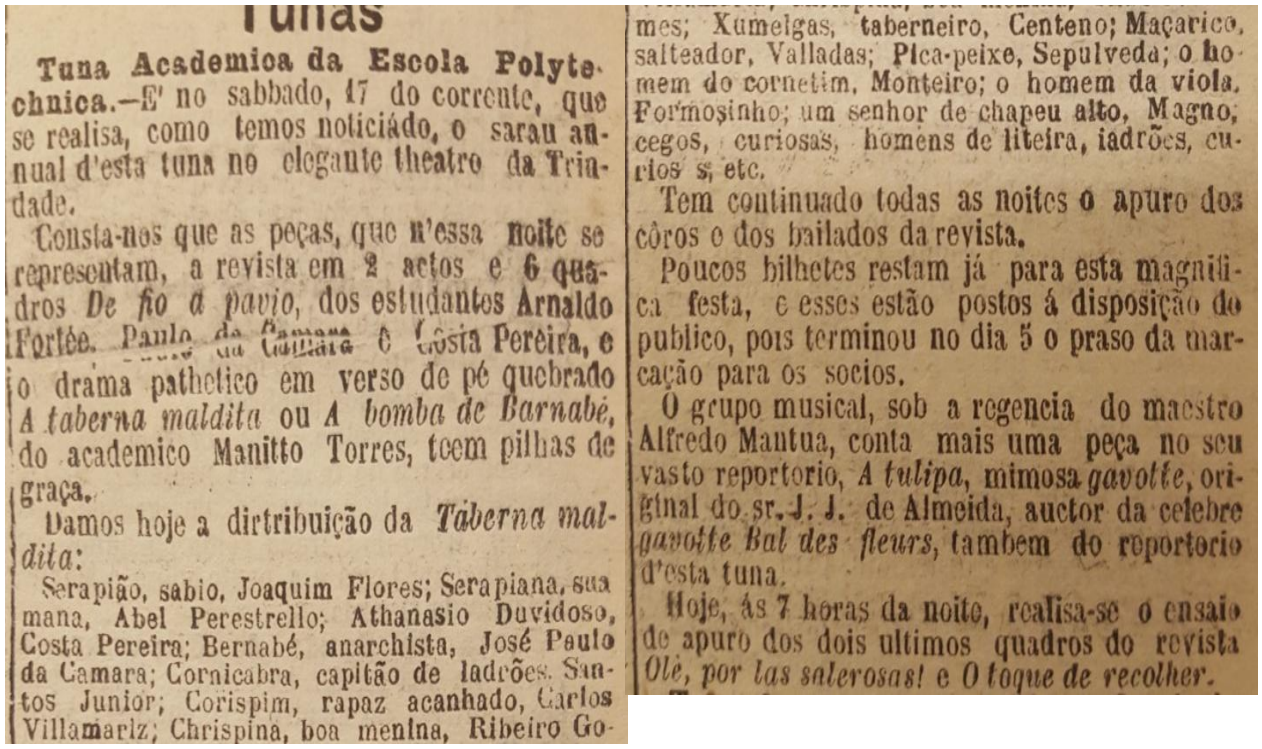
Os fatos offerecidos pela sympathica *divette* Mercedes Blasco são um verdadeiro primor e muito ricos, devendo produzir optimo effeito a belleza do guarda-roupa, sob os jorros de luz electrica.

O calçado especial de scena foi feito na sapataria Sapatinho de Setim.

A marcação dos poucos bilhetes que restam faz-se na sede da tuna, rua da Atalaya, 171, 1.º andar.

Hoje, ás 7 horas da noite, ha ensaio geral para todos os executantes da tuna, sob a regencia do maestro sr. Mantua.

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8663, de 07 de Fevereiro de 1906, p. 3)



Tunas

Tuna Academica da Escola Polytechnica.—E' no sabbado, 17 do corrente, que se realisa, como temos noticiado, o sarau annual d'esta tuna no elegante theatro da Trindade.

Consta-nos que as peças, que n'essa noite se representam, a revista em 2 actos e 6 quadros *De fio a pavio*, dos estudantes Arnaldo Fortée, Paulo da Camara e Costa Pereira, e o drama pathetico em verso de pé quebrado *A taberna maldita* ou *A bomba de Barnabé*, do academico Manitto Torres, teem pilhas de graça.

Damos hoje a dirtribuição da *Taberna maldita*:

Serapião, sabio, Joaquim Flores; Serapiana, sua mana, Abel Perestrello; Athanasio Duvidoso, Costa Pereira; Bernabé, anarchista, José Paulo da Camara; Cornicabra, capitão de ladrões. Santos Junior; Corispim, rapaz acanhado, Carlos Villamariz; Chrispina, boa menina, Ribeiro Gomes; Xumelgas, taberneiro, Centeno; Maçarico, salteador, Valladas; Pica-peixe, Sepulveda; o homem do cornetim, Monteiro; o homem da viola, Formosinho; um senhor de chapeu alto, Magno; cegos, curiosas, homens de liteira, ladrões, curiosos, etc.

Tem continuado todas as noites o apuro dos côros e dos bailados da revista.

Poucos bilhetes restam já para esta magnifica festa, e esses estão postos á disposição do publico, pois terminou no dia 5 o praso da marcação para os socios.

O grupo musical, sob a regencia do maestro Alfredo Mantua, conta mais uma peça no seu vasto reportorio, *A tulipa*, mimosa *gavotte*, original do sr. J. J. de Almeida, auctor da celebre *gavotte Bal des fleurs*, tambem do reportorio d'esta tuna.

Hoje, ás 7 horas da noite, realisa-se o ensaio de apuro dos dois ultimos quadros do revista *Olé, por las salerosas!* e *O toque de recolher*.

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8665, de 09 Fevereiro 1906, p. 3)

Tunas

Tuna Academica da Escola Polytechnica.—E' no proximo sabbado que vae ser satisfeita a anciedade de todos que marcaram bilhetes para a sensacional festa que a Tuna da Escola Polytechnica promove no theatro da Trindade.

Continuam com toda a regularidade os ensaios da revista de grande espectaculo em 2 actos e 7 quadros *De fio a pavio*, original dos estudantes Arnaldo Fortée, José Paulo da Camara e Costa Pereira, e do drama pathetico em 1 acto, em verso de pé coxo, *A Taberna Maldita* ou *A Bomba de Bernabé*, de Carlos Manitto Torres, peças feitas de molde a Joaquim Flores poder exhibir completamente as suas aptidões theatraes.

Desempenham os principaes papeis, além de Joaquim Flores, os academicos Abel Perestrello, Arnaldo Fortée, Paulo da Camara, Costa Pereira, Santos Junior, Valladas, Sepulveda e Centeno.

A Tuna, sob a regencia do maestro Alfredo Mantua, apresenta-se com um magnifico reportorio que conta como numeros pricipaes o pizzicato *Brincando* de Wenceslau Pinto, o *passecalle Por las morenas!* do dr. Alberto de Moraes, a *gavotte A Tulipa* de J. J. de Almeida, os novos fados e a valsa lenta *Enlevo*, do regente Alfredo Mantua, composições estas todas escriptas expressamente para esta tuna.

Tudo nos faz prevêr que a festa d'este anno nada fique a dever ás que esta tuna tem promovido nos outros annos.

Deve produzir grande effeito o 5.º quadro da revista que é passado em Hespanha e se intitula *Por las saleròsas!*..... N'este quadro terá o publico ensejo de ouvir algumas das composições de Alfredo Mantua que maior agrado tem despertado, como a valsa da *Othella*, o duetto da revista *A olho nú!*, o fado do *Auto de mizericordia*, e as coplas do Laureanno da *P'la tangente*. Accresce a isto que é n'este quadro que haverá os bailados hespanhoes (sevilhanas com tres *parejas* e *seguidillas*) que teem sido ensaiados a capricho por uma distincta bailarina. Hoje ás 3 horas da tarde, no salão da Trindade, e ás 7 da noite na séde da Tuna, realisam-se ensaios de apuro das duas peças, dirigidos pelo festejado actor João Gil.

Na quinta e sexta-feira realisam-se os ultimos ensaios da Tuna e os da grande orchestra que acompanha a revista. Damos hoje a distribuição do 3.º quadro da revista *Entre o estudo e a pandega:*

Mordomo, Joaquim Flores; *Princeza*, Abel Perestrello; *A Pandega*, Fortée; *A Bola*, Santos Junior; *Um estudante*, Carvalhaes; *Outro estudante*, Formosinho; *Tres cabulas*, Costa Pereira, Ferreira e Pupo; *O guarda*, Silveira; *O continuo*, Sepulveda; *O lente*, Villamaris; *As Tunas*, Fortée, Valladas e Móra; *Um menino*, Santos Junior; *Uma menina*, Centeno; *Alastra*, Villamaris; *Um que vae para o Algarve*, Anjos; *Gabinete de physica*, Rénard; *Observatorio*, Villamaris; *Museu*, Lobo Antunes; *Jardim Botanico*, Santos Silva, Estudantes, transeuntes, anonymos, etc.

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8669, de 13 Fevereiro 1906, p. 5)

Lisboa no theatro

TRINDADE

Uma festa d'estudantes

Vão dar duas horas da noite. E assim apenas nos é licito dizer que os estudantes da Polytechnica desforraram-se hontem brilhantemente, porque apresentaram uma comedia burlesca engraçadissima e uma revista que fez rir a mais não ser.

E relevem o não sermos mais extensos, e o não nos referirmos em especial aos auctores, dignos d'elogio, nem ao desempenho, por vezes muito acceitavel.

Lindissimas as «toilettes» do estudante Fortre e que pertencem a Mercedes Blasco.

As peças, muito bem ensaiadas pelo actor Gil.

(**Diário Illustrado**, 36.º Ano, N.º 11839, de 18 de Fevereiro de 1906, p. 2)

A TUNA DA ESCOLA POLITÉCNICA EM 1906

Primeiro plano, sentados no chão a contar da esquerda para a direita: Francisco Castelo Branco, António Silveira (presidente da assembleia geral), Bento Viegas, Jorge dos Anjos, José Carrilho, Jaime Casqueiro e António Costa Pereira. Segundo plano: Sanches Coelho, Benard Guedes, Oscar Graça, Oliveira Duarte, Adelino Padesca (ecretário da direcção), Tamagnini Barbosa (presidente da direcção), Alfredo Mantua (regente da Tuna), Santos Júnior (tesoureiro), Aurélio Silva, E. Ribeiro, Viana da Mota, Diogo Freire, Ramon de la Feria (vogal do conselho fiscal). Terceiro plano: Carlos Vilamariz, Adolfo Neto, João Bastos (presidente do grupo dramático), Elísio Lobo, António Prudente, Fortée Rebêlo, Bento Caeiro e Lobo Antunes. Quarto plano: Luiz Leal, Manito Tôrres (secretário da assembleia geral), Ribeiro de Almeida, Tavares Blanco, Melo Saraiva, João Patroni (porta-estandarte), Pereira Ribeiro, José Barreto, Luiz Pamplona, Fernando Cabral (presidente do conselho fiscal e sub-regente da Tuna), Tiburcio Ferreira e Mário Barbosa

A Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa em 1906

(**A Polythécnica**, 1906 N.º Único, comemorativo do Centenário da Escola Politécnica, de 11 de Janeiro de 1937, p. 3)

Projeto de ida a Salamanca

Em Março, segundo periódico espanhol[108], o Presidente da **TAEPL** escreveu uma carta às autoridades de Salamanca, anunciando que ali se ia deslocar a tuna, na próxima Páscoa.

Sabemos, contudo, que isso acabou por não se realizar e que, ao invés, a tuna fez uma digressão ao Algarve.

Ayuntamiento

Nota de los asuntos de que se dará cuenta al excelentísimo Ayuntamiento en la sesión ordinaria que deberá celebrarse hoy lunes 26 á las seis media de la tarde.

Acta de la anterior.

Solicitud del arquitecto de la testamentaría de don Vicente R. Fabrés, don Joaquín de Vargas, sobre ejecución de obras en el Asilo de la Vega y variación de una servidumbre.

Distribución de fondos para el próximo mes de Abril.

Expediente de reparto de patentes.

Solicitud de doña Juana Santos, pidiendo un socorro.

Comunicaciones del señor Arquitecto, sobre adquisición de mulas y paja para el pienso de las mismas.

Otra del señor Contador-Administrador de Consumos, remitiendo un estado del número, situación, estado y uso de las casetas del resguardo.

Actas de nuevas alineaciones para las edificaciones que proyectan realizar don Valeriano Herrera y don Arsenio Andrés en sus fincas de las calles de Quintana y Peña 2.ª respectivamente

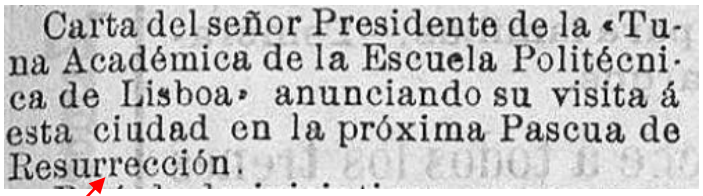
Solicitudes de don Julián García G. Piedra, don Román Eloy García, don Macario Mateos y don Rafael Beato, pidiendo licencia para ejecutar obras.

Otra ídem de don Teodoro Peña, pidiendo autorización para el aprovechamiento de las aguas sobrantes de la fuente situada en el Patio chico de la Catedral.

Proposición del señor García Ruiz, sobre recomposición de la cubierta y tejado del cuartel de la Guarda C. vil.

Carta del señor Presidente de la «Tuna Académica de la Escuela Politécnica de Lisboa» anunciando su visita á esta ciudad en la próxima Pascua de Resurrección.

Período de iniciativas, ruegos y preguntas.



Carta del señor Presidente de la «Tuna Académica de la Escuela Politécnica de Lisboa» anunciando su visita á esta ciudad en la próxima Pascua de Resurrección.

(**El Adelanto**, Ano XXII, 2ª Época, N.º 6729, de 26 de Março de 1906, p. 4.)

2.º Sarau no Teatro Trindade

No dia 07 de Abril, no Teatro Trindade, tem lugar a repetição do sarau realizado no passado 17 de Fevereiro, com a direcção musical a ser assegurada por Arnaldo Fortée (certamente por algum impedimento de Alfredo Mântua).

Nesse concerto, para além dos temas já elencados anteriormente, sabemos que também foi executada a marcha "Fulmen".

Uma nota curiosa é o facto de a revista "De Fio a Pavio" ser composta por 40 números musicais, demonstrando o grau de dificuldade que constitui a preparação deste tipo de programa (sendo possível imaginar o tempo de preparação/ensaios que tal exigiria).

Contrariamente ao que teria sucedido no espectáculo de Fevereiro, parece que a revista é, desta vez, acompanhada musicalmente por um sexteto da Tuna.[109]

[108] **El Adelanto**, Ano XXII, 2ª Época, N.º 6729, de 26 de Março de 1906, p. 4.

[109] **O Século**, 26.º Ano, N.º 8715, de 01 de Abril de 1906, p. 7, N.º 8718, de 04 de Abril de 1906, p. 3, N.º 8720, de 06 de Abril de 1906, p. 3 e N.º 8722, de 08 de Abril de 1906, p. 5; **Diário Illustrado**, 36.º Ano, N,º 11880, de 07 de Abril de 1906, p. 2.

Tuna Academica da Escola Polytechnica.—E' no dia 7 do proximo mez que se realisa o 2.º sarau promovido por esta tuna, subindo mais uma vez á scena a revista *De fio a pavio.*

A tuna tocará uma selecção da *Cavalleria Rusticana* e a celebre balada de Massenet. Estes trechos musicaes estão sendo ensaiados a primor, notando-se em todos a melhor vontade para que tudo corra como sempre e não desmereça em nada do bom exito e successo alcançado em todos os saraus d'esta tuna.

A direcção pede-nos para lembrarmos ás pessoas que desejem assistir a tão engraçado divertimento que a marcação dos poucos bilhetes que restam continua até ao fim d'este mez na séde da tuna, rua da Atalaya, 171, 1.º

O ensaio de apuro do quadro novo, e de recordação do 1.º acto, realisa-se ámanhã pelas 7 e meia da noite, no Salão da Trindade, sob a direcção do actor Gil.

No domingo, á 1 hora, haverá ensaio da parte musical na séde da tuna, para apuro da *Cavalleria Rusticana.*

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8706, de 23 Março 1906, p. 4)

TUNAS

Tuna Academica da Escola Polytechnica.—Ainda o segundo sarau é no dia 7 de abril e já os rapazes da Polytechnica não teem mãos a medir com pedidos de bilhetes dos que já viram a revista *De fio a pavio* e a querem ver outra vez e dos que não puderam assistir ao primeiro sarau; metade da casa já está passada e é de crer que a outra metade leve o mesmo caminho.

A Tuna trabalha com afinco nos ensaios da *Cavalleria Rusticana* e da lindissima *Ballada* de Massenet, peças que hão de produzir indescriptivel enthusiasmo, assim como o novo pasecalle *Algarve*, do tuno Bento Viegas.

Fortée, Camara e Costa Pereira teem já quasi prompto o quadro novo que deve entrar em ensaios no sabbado. No sarau de 7 de abril a revista é acompanhada a sextetto composto pelos estudantes: Cabral, Barreto e Pamplona, 1.os violinos; Pitschieller e Teves, 2.os violinos; Henrique Mendonça, violoncello; Costa Alvares, violetta; Carlos Villamariz, contra-baixo; Costa Pereira e Guilherme Gonçalves, piano.

No sabbado, 17, pelas 7 horas da noite, ha ensaio geral da Tuna, continuando todos os dias os ensaios parciaes de violas e bandolins.

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8697, de 14 Março 1906, p. 4)

1 de abril de 1906

TUNAS

Tuna Academica da Escola Polytechnica.—Vae já grande azafama entre os socios d'esta tuna por causa do proximo sarau de 7 de abril na Trindade; os ensaios succedem-se, tanto os da parte musical como os da parte dramatica, pois os rapazes esmeram-se para que a sua festa tenha o luzimento das antecedentes.

A tuna, que se apresenta executando um concerto selecto, em que se salientam a «Cavalleria Rusticana», corôa de gloria do maestro Mascagni, a inspirada «Ballada de Massenet» e a celebre marcha «Fulmen» (o Raio), que se executa pela primeira vez em Portugal e em que se estreiam os novos pandeiretas, ha de decerto affirmar mais uma vez o seu innegavel valor.

Na «Cavalleria» teem partes a sólo os concertistas da tuna Henrique Mendonça, Fernando Cabral e Mello Saraiva, respectivamente, em violoncello, violino e flauta. A fechar o interessante espectaculo vae a revista «De fio a pavio», dos estudantes Fortée, Costa Pereira e Camara, em 2 actos e 6 quadros salpicados d'uma graça fina e inoffensiva.

Esta revista, que obteve um verdadeiro successo no sarau de 17 de fevereiro, tem nem mais nem menos que 40 numeros de musica; as partes principaes de canto estão a cargo dos estudantes Fortée, Costa Pereira, Valladas, Sepulveda e Silveira.

Os «compadres» da revista são desempenhados por Joaquim Flôres, uma verdadeira vocação theatral, e Abel Perestrello, a graciosissima primeira dama; n'outros papeis de importancia salientam-se: Paulo da Camara, n'um rei comico á Alfredo de Carvalho, e Santos Junior, o Santos Bucha, nas suas creações de «Raio» e «Bico».

Hoje, á uma hora da tarde, ha ensaio geral da tuna sob a direcção de Fortée.

Continua a marcação dos bilhetes para al sensacional festa na séde da Tuna, rua da Atalaya, 171.

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8715, de 01 de Abril de 1906, p. 7)

TUNAS

Tuna Academica da Escola Polytechnica.—E' irrevogavelmente no proximo sabbado que se realisa a annunciada festa promovida pela Tuna da Escola Polytechnica no theatro da Trindade; sabbado 7 de abril é outra data que promette ficar tão memoravel como a de 18 de fevereiro.

A tuna, primorosamente dirigida pelo sub-regente Arnaldo Fortée, apresenta-se com um reportorio inteiramente novo, no qual figuram como numeros de força a «Cavalleria Rusticana» e a «Ballada» de Massenet e a marcha «D'atalaya». Depois do concerto pelo grupo musical representa-se pela 2.ª vez a já celebre revista «De fio a pavio» de Fortée, Camara e Costa Pereira, em 2 actos e 6 quadros e 40 numeros de musica, que são d'esta vez acompanhados por um sextetto academico e na qual desempenham os primeiros papeis os estudantes Flôres, Perestrello, Fortée, Camara, Santos Junior, Centeno Valladas, Silveira e Sepulveda.

Hoje, ás 7 horas da noite, ha ensaio geral da revista com acompanhamento do sextetto; na séde da tuna, rua da Atalaya, 171, continúa a marcação dos bilhetes, sendo já diminuto o numero d'elles. Os bilhetes marcados teem de ser retirados até ámanhã, 5.ª feira; na 6.ª feira vão os bilhetes que restarem para a bilheteira do theatro.

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8718, de 04 de Abril de 1906, p. 3)

Tuna Academica da Escola Polytechnica.—E' ámanhã que se realisa o annunciado sarau que a pedidos instantes esta tuna promove no theatro da Trindade antes do seu passeio annual.

Hoje, ás 4 horas da tarde, ha ensaio geral da revista no palco da Trindade, acompanhada a sextetto composto exclusivamente de estudantes; ás 7 horas da noite o ultimo ensaio da tuna sob a regencia de Arnaldo Fortée.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se á venda no theatro da Trindade.

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8720, de 06 de Abril 1906, p. 3)

Theatro da Trindade.—Realisou-se hontem n'este theatro, como estava annunciado, mais um espectaculo dado pela tuna academica da Escola Polytechnica, subindo á scena em «reprise» a engraçadissima revista *De fio a pavio*.

Mais uma vez tivemos occasião de apreciar a boa e correcta execução da tuna nas diversas peças em que se fez ouvir, sob a regencia do seu distincto maestro Arnaldo Tortée.

O theatro tinha uma enchente completa, vendo-se nos camarotes tudo que ha de mais distincto na nossa primeira sociedade.

Todos os academicos que tomaram parte no espectaculo foram delirantemente applaudidos.

(**O Século**, 26.º Ano, N.º 8722, de 08 de Abril de 1906, p. 5)

Tuna da Polytechnica

O velho theatro da Trindade vae hoje ter uma das suas noites gloriosas, não faltando, por certo, concorrencia, applausos, alegria e gargalhadas em barda.

E' o caso que os rapazes da Polytechnica, que bateram de ha muito o «record» da boa graça, repetem a festa de 17 de fevereiro passado, que tem fóros d'um verdadeiro successo, pela belleza da musica, pela graça do poema, o cuidado e propriedade da enscenação, e o desempenho «hors-ligne» que a rapaziada sob a competentissima direcção do actor João Gil, dá á graciosa revista «De fio a pavio» em que abunda a alegre musica popular, as situações e os ditos comicos, os bailados «salerosos», o desenvolto «cake-walk» e os finaes espaventosos, com fogos de bengala, «mail lotes» côr de rosa, suggestivas plasticas e tudo o mais, que fará rebentar de riso o mais sisudo e concentrado dos felizes que acharam bilhete.

Para encurtarmos razões, diremos que a magnifica tuna executará sob a direcção de Arnaldo Fostee, uma difficilima selecção da «Cavallaria Rusticana» a «Ballada», de Massenet», o «paso doble» «Atalaya», etc.

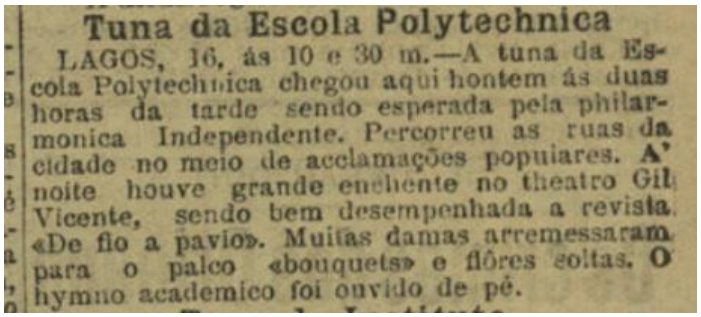
(**Diário Illustrado**, 36.º Anno, N,º 11880, de 07 de Abril de 1906, p. 2)

Digressão ao Algarve (15 a 17 de Abril)

De acordo com a imprensa[110], em Abril (15), a **Tuna da Escola Politécnica de Lisboa**, desloca-se a Silves[111], com récita no Teatro Silvense, onde executa, entre outros, os temas "Hymno Académico" e "Cavalaria Rusticana". Depois, dia 16, chega a Lagos onde se dá em concerto[112].

Estranhamente, era suposto seguir para Tavira, onde era esperada, mas tal não aconteceu. A tuna segue para Portimão para, daí, apanhar o combóio para Lisboa - deixando os tavirenses muito zangados, até pela despesa que já tinham feito com refeições para os tunos.

A falta de acesso a fontes não nos permitiu fazer um retrato mais fiel desta viagem ao Algarve, nem apurar das razões que levaram a tuna a desistir de ir a Tavira.



Tuna da Escola Polytechnica

LAGOS, 16, ás 10 e 30 m.—A tuna da Escola Polytechnica chegou aqui hontem ás duas horas da tarde sendo esperada pela philarmonica Independente. Percorreu as ruas da cidade no meio de acclamações populares. A' noite houve grande enchente no theatro Gil Vicente, sendo bem desempenhada a revista «De fio a pavio». Muitas damas arremessaram para o palco «bouquets» e flôres soltas. O hymno academico foi ouvido de pé.

(**A Vanguarda**, XI Ano (XVI), N.º 3388 (6249), de 17 de Abril de 1906, p. 3)

A Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa em 1906

(Fotografia depois de colorida, com base na publicada em **A Polythécnica**, de 11 de Janeiro de 1937, p. 3)

[110] **A Vanguarda**, XI Ano (XVI), N.º 3388 (6249) de 17 de Abril de 1906, p. 3, N.º 3391 (6252) de 20 de Abril de 1906, p. 3 e N.º 3392 (6253), de 21 de Abril de 1906, p. 2; **O Districto de Faro**, 30.º Ano, N.º 1565, de 19 de Abril de 1906, p.2 e **O Heraldo**, 24.º Ano, N.º 1240, de 21 de Abril de 1906, p. 2.

[111] Nada se conseguiu apurar, à data, do antigo *Teatro Silvense*, anterior ao conhecido *Teatro Mascarenhas Gregório*, inaugurado em 1909.

[112] Desconhecemos o local onde se realizou (não se encontrou, aliás, nenhuma referência ou foto do teatro ou sala de espectáculo de Lagos dessa época) e o repertório apresentado.

Tuna academica da escola polytechnica de Lisboa

SILVES

Na madrugada de 15, chegou a esta cidade a tuna academica da escola polytechnica de Lisboa, alojando se em seguida no hotel Silvense.

Pelo prestigioso chefe da parcialidade regeneradora local, sr. Mascarenhas Gregorio, foi, ao meio dia, organisado um brilhante cortejo, incorporando se n'elle a philarmonica Democrata, da sua fabrica, e grande concurso de povo, que, ao som de musica e por entre o estralejar de innumeros foguetes, foram buscar os tunos ao hotel.

Fez se alli uma calorosa manifestação, sendo levantados enthusiasticos *vivas* ao sr. Mascarenhas Gregorio, damas silvenses, administrador do concelho, etc.

Acto continuo, a sympathica tuna, seguida da philarmonica Democrata e de enorme multidão de populares, foi apresentar os seus cumprimentos ao administrador do concelho, sr. Antonio de Magalhães Barros, e á camara municipal.

No meio de grande enthusiasmo discursaram os srs. presidente da camara e administrador do concelho, sendo esta auctoridade effusivamente aclamada e erguendo-se freneticos *vivas* á tuna, presidente da camara, cidade de Silves, damas silvenses, etc.

Poz se depois o cortejo em marcha para a fabrica do sr. Mascarenhas Gregorio, aonde a tuna chegou no meio de grandes ovações e onde aquelle cavalheiro lhe offereceu um delicioso *copo de agua*. Antes de entrar no chalet da fabrica, que se encontrava lindamente preparado, improvisou o sr. Mascarenhas um brilhante discurso, sendo muito acclamado. Durante o *copo de agua* falaram bastantes cavalheiros, entre elles varios estudantes, que com grande calor saudaram os nomes dos srs. Mascarenhas Gregorio e Antonio de Magalhães Barros. Em seguida visitaram os tunos a associação de classe e as fabricas Vilarinho e Monteiro.

A' noite, houve recita no theatro silvense. A tuna deu entrada no theatro, ás nove horas, tendo sido até alli acompanhada em *marché aux flambeaux* pela philarmonica Democrata.

Casa á cunha, predominando senhoras muito formosas, que davam á festa grande animação. Presente a auctoridade administrativa no seu camarote.

Inicion se o espectaculo com o hymno academico, que foi ouvido de pé pelos espectadores, sendo, no final, muito applaudido. Em seguida, o estudante sr. Formosinho, n'um bello discurso, agradeceu tão carinhosa recepção, sendo muito ovacionado.

A tuna apresentou se distinctamente, agradando immenso na *Cavalaria rusticana*.

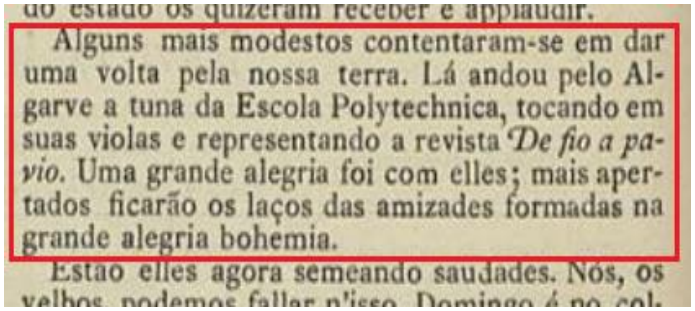
Appareceu então no palco o digno administrador do concelho, que foi repetidamente saudado pelos tunos. S. ex.ª, muito commovido, improvisou um bello discurso, findo o qual, em seu nome e no do sr. Mascarenhas Gregorio, offereceu e collocou a no estandarte da tuna, uma lindissima fita azul e branca, primorosamente pintada a aguarella por m.me Georgina Rocha, mui sympathica senhora, d'esta cidade.

O sr. Antonio de Magalhães Barros, que foi estrondosamente acclamado, levantou *vivas* muito enthusiasticos á tuna, gentilissimas damas silvenses, Mascarenhas Gregorio, operariado e cidade de Silves.

Poz remate ao espectaculo, que decorreu de principio a fim muito animado, a engraçadissima revista, de Arnaldo Fortée e Paulo da Camara, *De fio a pavio*, em dois actos. Um verdadeiro successo em toda a linha, sendo os juvenis actores muito applaudidos.

O desempenho foi superior e o guarda-roupa muito vistoso, apresentando se os tunos maravilhosamente em differentes *travestis*.

(**O Districto de Faro**, 30.º Ano, N.º 1565, de 19 de Abril de 1906, p.2)

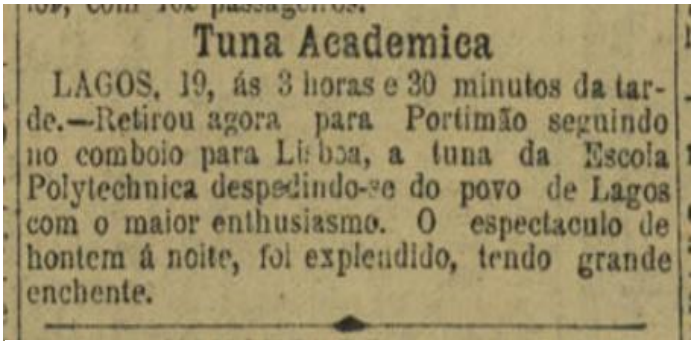


do estado os quizeram receber e applaudir.

Alguns mais modestos contentaram-se em dar uma volta pela nossa terra. Lá andou pelo Algarve a tuna da Escola Polytechnica, tocando em suas violas e representando a revista *De fio a pavio*. Uma grande alegria foi com elles; mais apertados ficarão os laços das amizades formadas na grande alegria bohemia.

Estão elles agora semeando saudades. Nós, os velhos, podemos fallar n'isso. Domingo é no col-

(**Occidente**, , N.º 983, de 20 Abril, 1906, p.82)



Tuna Academica

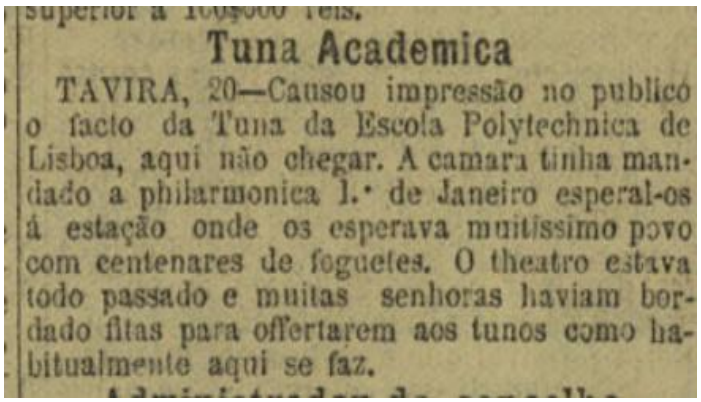
LAGOS, 19, ás 3 horas e 30 minutos da tarde.—Retirou agora para Portimão seguindo no comboio para Lisboa, a tuna da Escola Polytechnica despedindo-se do povo de Lagos com o maior enthusiasmo. O espectaculo de hontem á noite, foi explendido, tendo grande enchente.

(**A Vanguarda**, N.º 3391, de 20 de Abril de 1906, p. 3)

THEATRO TAVIRENSE

Realisa-se na proxima quarta feira n'este theatro um grandioso sarau pela Tuna Academica da Escola Polytechnica, representando-se a revista em 2 actos e 6 quadros *De Fio . . . a Pavio.*

(**O Heraldo**, 24.º Ano, N.º 1239, de 14 de Abril de 1906, p. 2)

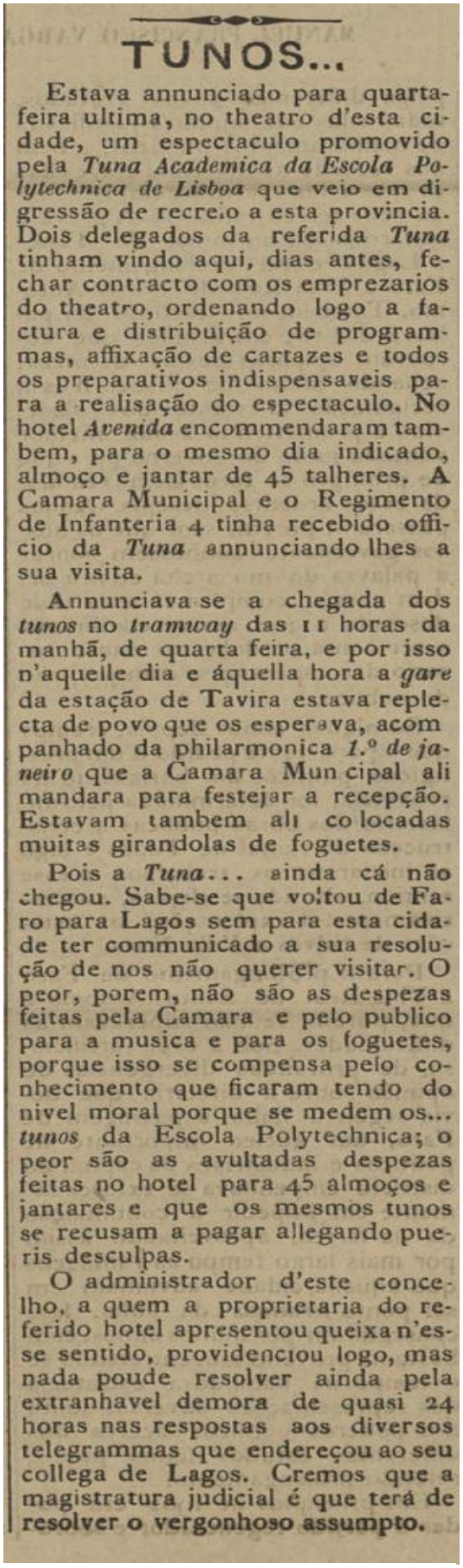


superior a 100$000 reis.

Tuna Academica

TAVIRA, 20—Causou impressão no publico o facto da Tuna da Escola Polytechnica de Lisboa, aqui não chegar. A camara tinha mandado a philarmonica 1.º de Janeiro esperal-os á estação onde os esperava muitissimo povo com centenares de foguetes. O theatro estava todo passado e muitas senhoras haviam bordado fitas para offertarem aos tunos como habitualmente aqui se faz.

(**A Vanguarda**, N.º 3392, de 21 de Abril de 1906, p. 2)



TUNOS...

Estava annunciado para quarta-feira ultima, no theatro d'esta cidade, um espectaculo promovido pela *Tuna Academica da Escola Polytechnica de Lisboa* que veio em digressão de recreio a esta provincia. Dois delegados da referida *Tuna* tinham vindo aqui, dias antes, fechar contracto com os emprezarios do theatro, ordenando logo a factura e distribuição de programmas, affixação de cartazes e todos os preparativos indispensaveis para a realisação do espectaculo. No hotel *Avenida* encommendaram tambem, para o mesmo dia indicado, almoço e jantar de 45 talheres. A Camara Municipal e o Regimento de Infanteria 4 tinha recebido officio da *Tuna* annunciando lhes a sua visita.

Annunciava-se a chegada dos *tunos* no *tramway* das 11 horas da manhã, de quarta feira, e por isso n'aquelle dia e áquella hora a *gare* da estação de Tavira estava replecta de povo que os esperava, acompanhado da philarmonica *1.º de janeiro* que a Camara Municipal ali mandara para festejar a recepção. Estavam tambem ali collocadas muitas girandolas de foguetes.

Pois a *Tuna*... ainda cá não chegou. Sabe-se que voltou de Faro para Lagos sem para esta cidade ter communicado a sua resolução de nos não querer visitar. O peor, porem, não são as despezas feitas pela Camara e pelo publico para a musica e para os foguetes, porque isso se compensa pelo conhecimento que ficaram tendo do nivel moral porque se medem os... *tunos* da Escola Polytechnica; o peor são as avultadas despezas feitas no hotel para 45 almoços e jantares e que os mesmos tunos se recusam a pagar allegando pueris desculpas.

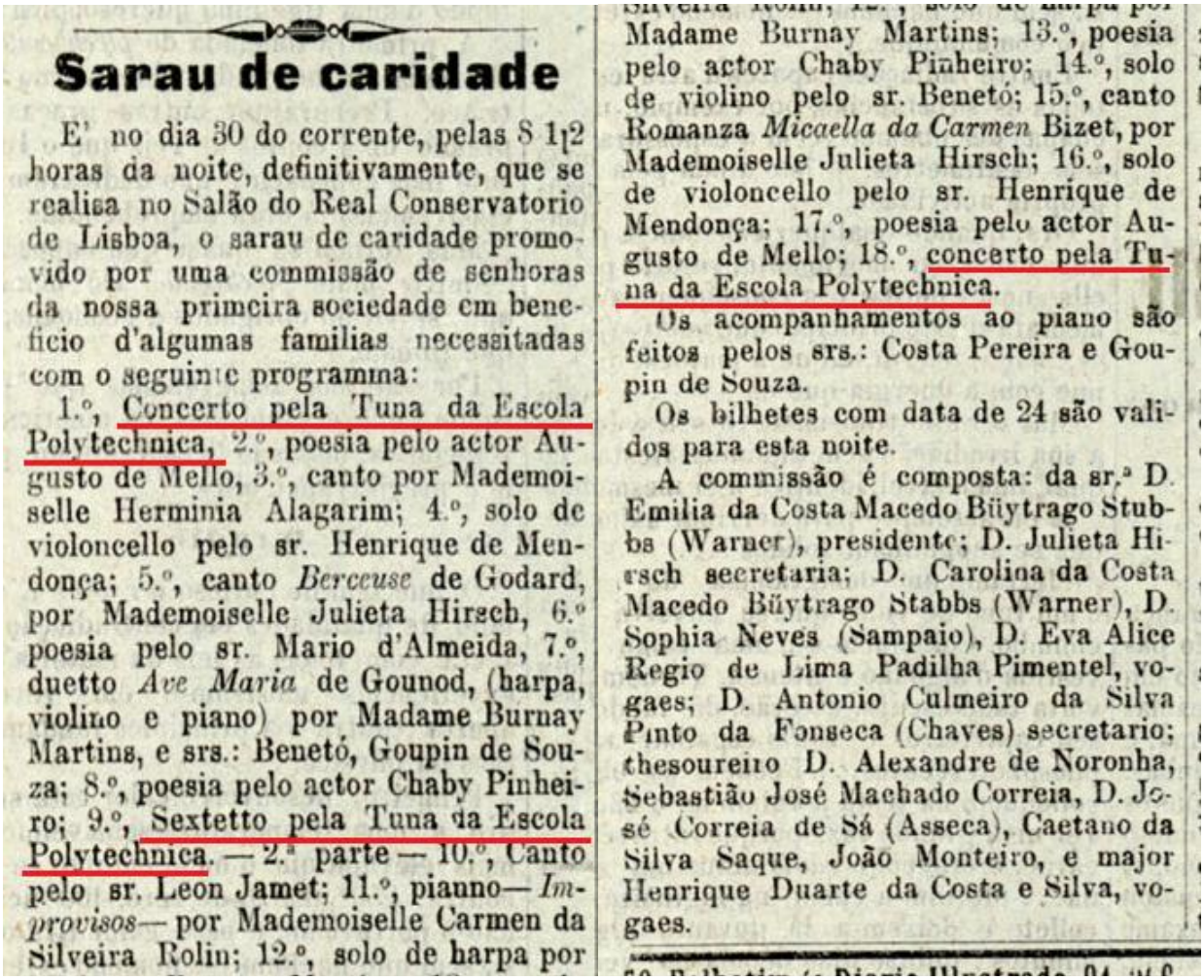
O administrador d'este concelho, a quem a proprietaria do referido hotel apresentou queixa n'esse sentido, providenciou logo, mas nada poude resolver ainda pela extranhavel demora de quasi 24 horas nas respostas aos diversos telegrammas que endereçou ao seu collega de Lagos. Cremos que a magistratura judicial é que terá de resolver o vergonhoso assumpto.

(**O Heraldo**, N.º 1240, de 21 de Abril de 1906, p. 2)

Sarau de caridade no Conservatório

A 30 de Abril, temos notícia da realização de um sarau de caridade, promovido por uma comissão de senhoras (a favor de famílias carenciadas) e realizado no Conservatório de Lisboa.

Para além de diversas figuras do panorama artístico da capital (e de uma convidada especial, a francesa Carmen Rolin), o espectáculo conta com a participação da **TAEPL** (que abre e fecha o sarau)e do seu sexteto (que entra a meio dos 18 números previsto no programa)[113].



Sarau de caridade

E' no dia 30 do corrente, pelas 8 1|2 horas da noite, definitivamente, que se realisa no Salão do Real Conservatorio de Lisboa, o sarau de caridade promovido por uma commissão de senhoras da nossa primeira sociedade em beneficio d'algumas familias necessitadas com o seguinte programma:

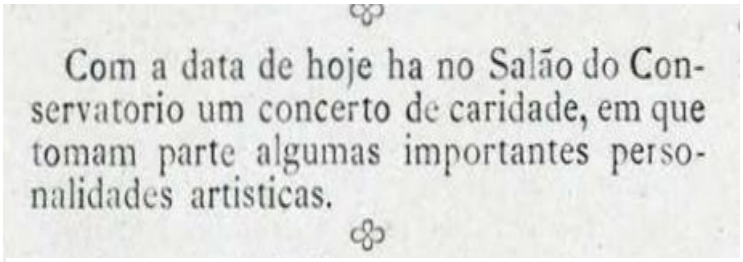
1.º, Concerto pela Tuna da Escola Polytechnica, 2.º, poesia pelo actor Augusto de Mello, 3.º, canto por Mademoiselle Herminia Alagarim; 4.º, solo de violoncello pelo sr. Henrique de Mendonça; 5.º, canto *Berceuse* de Godard, por Mademoiselle Julieta Hirsch, 6.º poesia pelo sr. Mario d'Almeida, 7.º, duetto *Ave Maria* de Gounod, (harpa, violino e piano) por Madame Burnay Martins, e srs.: Benetó, Goupin de Souza; 8.º, poesia pelo actor Chaby Pinheiro; 9.º, Sextetto pela Tuna da Escola Polytechnica. — 2.ª parte — 10.º, Canto pelo sr. Leon Jamet; 11.º, pianno— *Improvisos*— por Mademoiselle Carmen da Silveira Rolin; 12.º, solo de harpa por Madame Burnay Martins; 13.º, poesia pelo actor Chaby Pinheiro; 14.º, solo de violino pelo sr. Benetó; 15.º, canto Romanza *Micaella da Carmen* Bizet, por Mademoiselle Julieta Hirsch; 16.º, solo de violoncello pelo sr. Henrique de Mendonça; 17.º, poesia pelo actor Augusto de Mello; 18.º, concerto pela Tuna da Escola Polytechnica.

Os acompanhamentos ao piano são feitos pelos srs.: Costa Pereira e Goupin de Souza.

Os bilhetes com data de 24 são validos para esta noite.

A commissão é composta: da sr.ª D. Emilia da Costa Macedo Büytrago Stubbs (Warner), presidente; D. Julieta Hirsch secretaria; D. Carolina da Costa Macedo Büytrago Stabbs (Warner), D. Sophia Neves (Sampaio), D. Eva Alice Regio de Lima Padilha Pimentel, vogaes; D. Antonio Culmeiro da Silva Pinto da Fonseca (Chaves) secretario; thesoureiro D. Alexandre de Noronha, Sebastião José Machado Correia, D. José Correia de Sá (Asseca), Caetano da Silva Saque, João Monteiro, e major Henrique Duarte da Costa e Silva, vogaes.

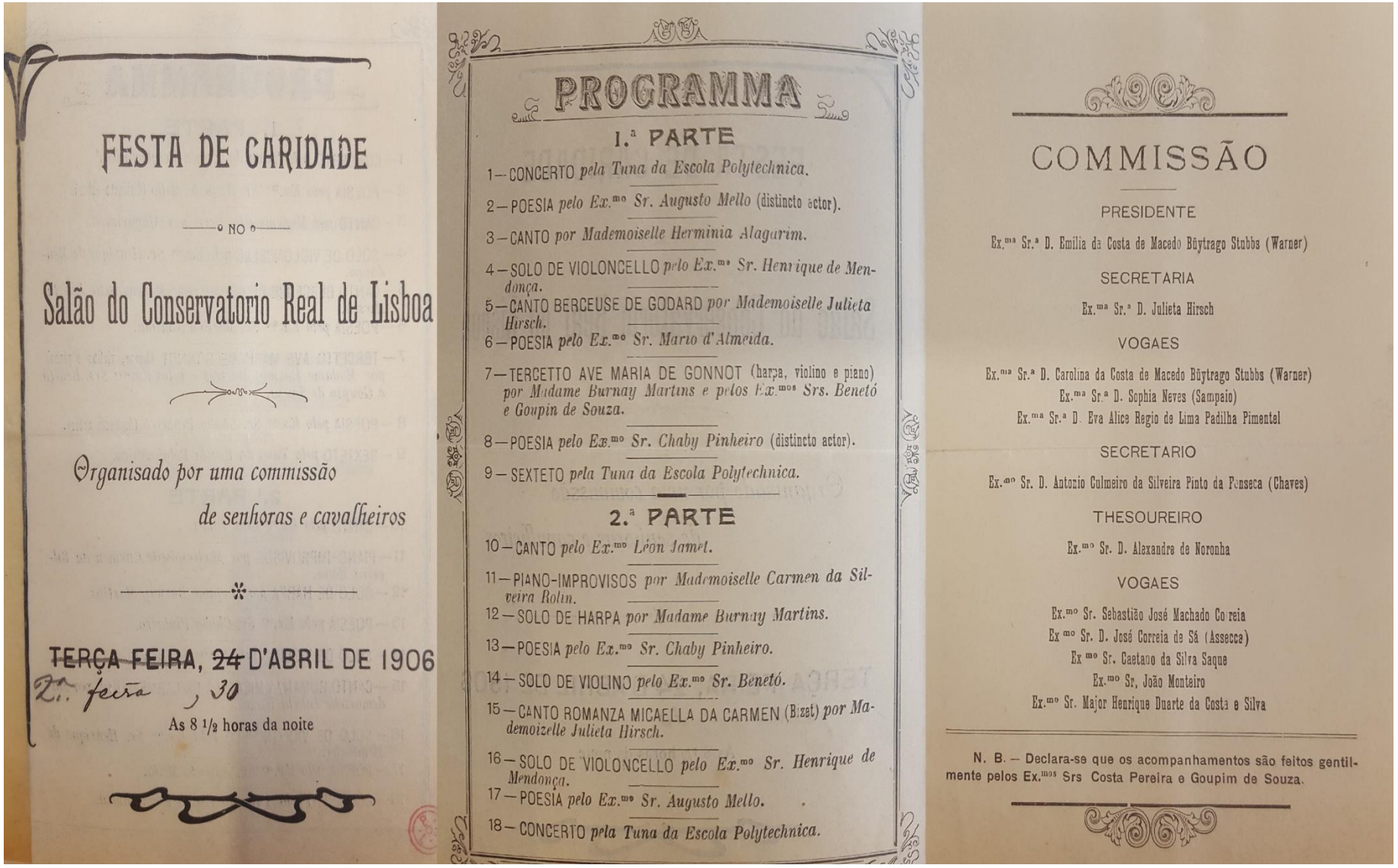
(**Diário Illustrado**, 36.º Ano, N.º 11892, de 21 de Abril de 1906, p. 2)



Com a data de hoje ha no Salão do Conservatorio um concerto de caridade, em que tomam parte algumas importantes personalidades artisticas.

(**A Arte Musical**, Ano VIII, N.º 176, de 30 de Abril de 1906, p. 104)

[113] **Diário Illustrado**, 36.º Ano, N.º 11892, de 21 de Abril de 1906, p. 2 e N.º 11900, de 30 de Abril de 1906, p. 2; livreto da Colecção Lamberti, Vol. 3 (BNP).



FESTA DE CARIDADE

NO

Salão do Conservatorio Real de Lisboa

Organisado por uma commissão

de senhoras e cavalheiros

TERÇA FEIRA, ~~24~~ D'ABRIL DE 1906

2ª feira, 30

As 8 1/2 horas da noite

PROGRAMMA

1.ª PARTE

1—CONCERTO *pela Tuna da Escola Polytechnica.*

2—POESIA *pelo Ex.mo Sr. Augusto Mello* (distincto actor).

3—CANTO *por Mademoiselle Herminia Alagarim.*

4—SOLO DE VIOLONCELLO *pelo Ex.mo Sr. Henrique de Mendonça.*

5—CANTO BERCEUSE DE GODARD *por Mademoiselle Julieta Hirsch.*

6—POESIA *pelo Ex.mo Sr. Mario d'Almeida.*

7—TERCETTO AVE MARIA DE GONNOT (harpa, violino e piano) *por Madame Burnay Martins e pelos Ex.mos Srs. Benetó e Goupin de Souza.*

8—POESIA *pelo Ex.mo Sr. Chaby Pinheiro* (distincto actor).

9—SEXTETO *pela Tuna da Escola Polytechnica.*

2.ª PARTE

10—CANTO *pelo Ex.mo Léon Jamet.*

11—PIANO-IMPROVISOS *por Mademoiselle Carmen da Silveira Rolin.*

12—SOLO DE HARPA *por Madame Burnay Martins.*

13—POESIA *pelo Ex.mo Sr. Chaby Pinheiro.*

14—SOLO DE VIOLINO *pelo Ex.mo Sr. Benetó.*

15—CANTO ROMANZA MICAELLA DA CARMEN (Bizet) *por Mademoizelle Julieta Hirsch.*

16—SOLO DE VIOLONCELLO *pelo Ex.mo Sr. Henrique de Mendonça.*

17—POESIA *pelo Ex.mo Sr. Augusto Mello.*

18—CONCERTO *pela Tuna da Escola Polytechnica.*

COMMISSÃO

PRESIDENTE

Ex.ma Sr.a D. Emilia da Costa de Macedo Bŭytrago Stubbs (Warner)

SECRETARIA

Ex.ma Sr.a D. Julieta Hirsch

VOGAES

Ex.ma Sr.a D. Carolina da Costa de Macedo Bŭytrago Stubbs (Warner)
Ex.ma Sr.a D. Sophia Neves (Sampaio)
Ex.ma Sr.a D. Eva Alice Regio de Lima Padilha Pimental

SECRETARIO

Ex.mo Sr. D. Antonio Culmeiro da Silveira Pinto da Fonseca (Chaves)

THESOUREIRO

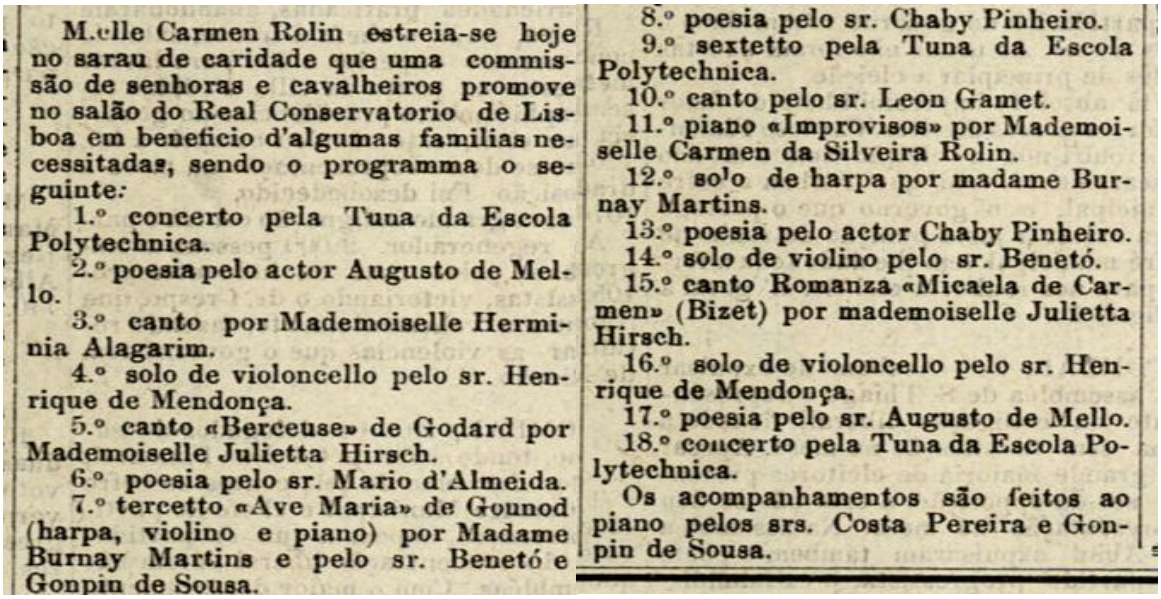
Ex.mo Sr. D. Alexandre de Noronha

VOGAES

Ex.mo Sr. Sebastião José Machado Correia
Ex.mo Sr. D. José Correia de Sá (Assecca)
Ex.mo Sr. Caetano da Silva Saque
Ex.mo Sr. João Monteiro
Ex.mo Sr. Major Henrique Duarte da Costa e Silva

N. B. — Declara-se que os acompanhamentos são feitos gentilmente pelos Ex.mos Srs Costa Pereira e Goupim de Souza.

Livreto com o programa e comissão organizadorado sarau de caridade de 30 de Abril de 1906
(Colecção Lambertini, Vol. 3 - BNP)



M.elle Carmen Rolin estreia-se hoje no sarau de caridade que uma commissão de senhoras e cavalheiros promove no salão do Real Conservatorio de Lisboa em beneficio d'algumas familias necessitadas, sendo o programma o seguinte:

1.º concerto pela Tuna da Escola Polytechnica.
2.º poesia pelo actor Augusto de Mello.
3.º canto por Mademoiselle Herminia Alagarim.
4.º solo de violoncello pelo sr. Henrique de Mendonça.
5.º canto «Berceuse» de Godard por Mademoiselle Julietta Hirsch.
6.º poesia pelo sr. Mario d'Almeida.
7.º tercetto «Ave Maria» de Gounod (harpa, violino e piano) por Madame Burnay Martins e pelo sr. Benetó e Gonpin de Sousa.
8.º poesia pelo sr. Chaby Pinheiro.
9.º sextetto pela Tuna da Escola Polytechnica.
10.º canto pelo sr. Leon Gamet.
11.º piano «Improvisos» por Mademoiselle Carmen da Silveira Rolin.
12.º solo de harpa por madame Burnay Martins.
13.º poesia pelo actor Chaby Pinheiro.
14.º solo de violino pelo sr. Benetó.
15.º canto Romanza «Micaela de Carmen» (Bizet) por mademoiselle Julietta Hirsch.
16.º solo de violoncello pelo sr. Henrique de Mendonça.
17.º poesia pelo sr. Augusto de Mello.
18.º concerto pela Tuna da Escola Polytechnica.

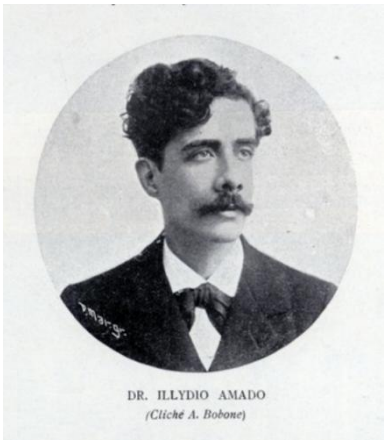
Os acompanhamentos são feitos ao piano pelos srs. Costa Pereira e Gonpin de Sousa.

(**Diário Illustrado**, 36.º Ano, N.º 11900, de 30 de Abril de 1906, p. 2)

Nas exéquias de Ilídio Amado

A 11 de Novembro 1906, falece o fundador da Tuna Académica de Lisboa, Ilídio Amado[114], aos 34 anos[115], sucumbindo a uma "*antherite complicada com manifestações nervosas*"[116], com as exéquias realizadas no dia 12.[117]

A **TAEPL** fez-se representar no funeral cujo destino final foi o Cemitério dos Prazeres[118].



DR. ILLYDIO AMADO
(Cliché A. Bobone)

LUTUOSA

Dr. Illydio Amado—Falleceu ante-hontem, na casa da sua residencia em Queluz, o sr. dr. Illydio Amado, que apenas contava 33 annos de edade. A sua morte foi sentidissima por todos os que conheciam o seu excellente caracter.

O feretro veiu hontem d'aquella villa para a estação do Rocio, onde chegou ás 3 horas da tarde, sendo alli organisado o prestito para o cemiterio dos Prazeres. O funeral foi muito concorrido.

Fizeram-se representar a Tuna Academica de Lisboa, de que o finado foi fundador; a Tuna da Escola Polytechnica; a direcção e pessoal da Companhia de Fiação de Thomar, e a Caixa de Soccorros a Estudantes Pobres.

Foto de Ilídio Amado (**Tiro e Sport**, Ano XII, N.º 342, de 15 de Novembro de 1906, p. 7.) e artigo sobre as suas exéquias (**Vanguarda**, IX Ano (XVI), N.º 6459, de 13 de Novembro de 1906, p.2).

[114] Segundo infoormação de Luísa Vilarinho, que investigou a história da Escola Médica (e tinha relações pessoais com descendentes da família), era casado com Honorina de Moraes, filha do Visconde de Moraes. Faleceu frente ao Palácio de Queluz, na casa que pertencia à Viscondessa d´Almeida Araújo. Seu pai era José Joaquim da Silva Amado (1840-1925), que foi Lente da Escola Médic-Cirúrgica de Lisboa e do Porto.

[115] O artigo publicado em **A Arte Musical**, Ano VIII, N.º 189, de 15 Novembro de 1906, p.236, afirma erradamente que faleceu aos 33 anos, quando, na verdade, estava a 1 mês de completar 35 (14/12/1872 - 11/11/1906).

[116] **Tiro e Sport,** Ano XII, N.º 342, de 15 de Novembro de 1906, p.7.

[117] **Diário Illustrado**, 36.º Ano, N.º 12073, de 13 de Novembro de 1906, p.2.

[118] **Vanguarda**, IX Ano (XVI), N.º 3598 (6459), de 13 de Novembro 1906, p. 2. Cf. **DN**, 43.º Ano, n.º 14.787, 23 de Janeiro de 1907, p. 2. Repousa no jazigo n.º 86, pertencente ao Sr. Mathias José Fernandes, no Cemitério dos Prazeres.

A Tuna Académica de Lisboa em Espanha, 1906
(**Nuevo Mundo**, ANO XIII, Nº 641, de 19 Abril de 1906, p. 162)

Corpos Sociais

Os corpos sociais da tuna eram assim constituídos:

João Tamagnini Barbosa (Presidente da Direcção), *Adelino Padesca* (Secretário), *Santos Júnior* (Tesoureiro), *António Silveira* (Presidente da AG), *Manito Torres* (Secretário da AG); *Fernando Cabral* (Presidente do Conselho Fiscal), *Ramon la Feria* (Vogal do Conselho Fiscal e sub-regente da tuna); *Alfredo Mântua* (Regente); *João Bastos* (Presidente do Grupo Dramático).

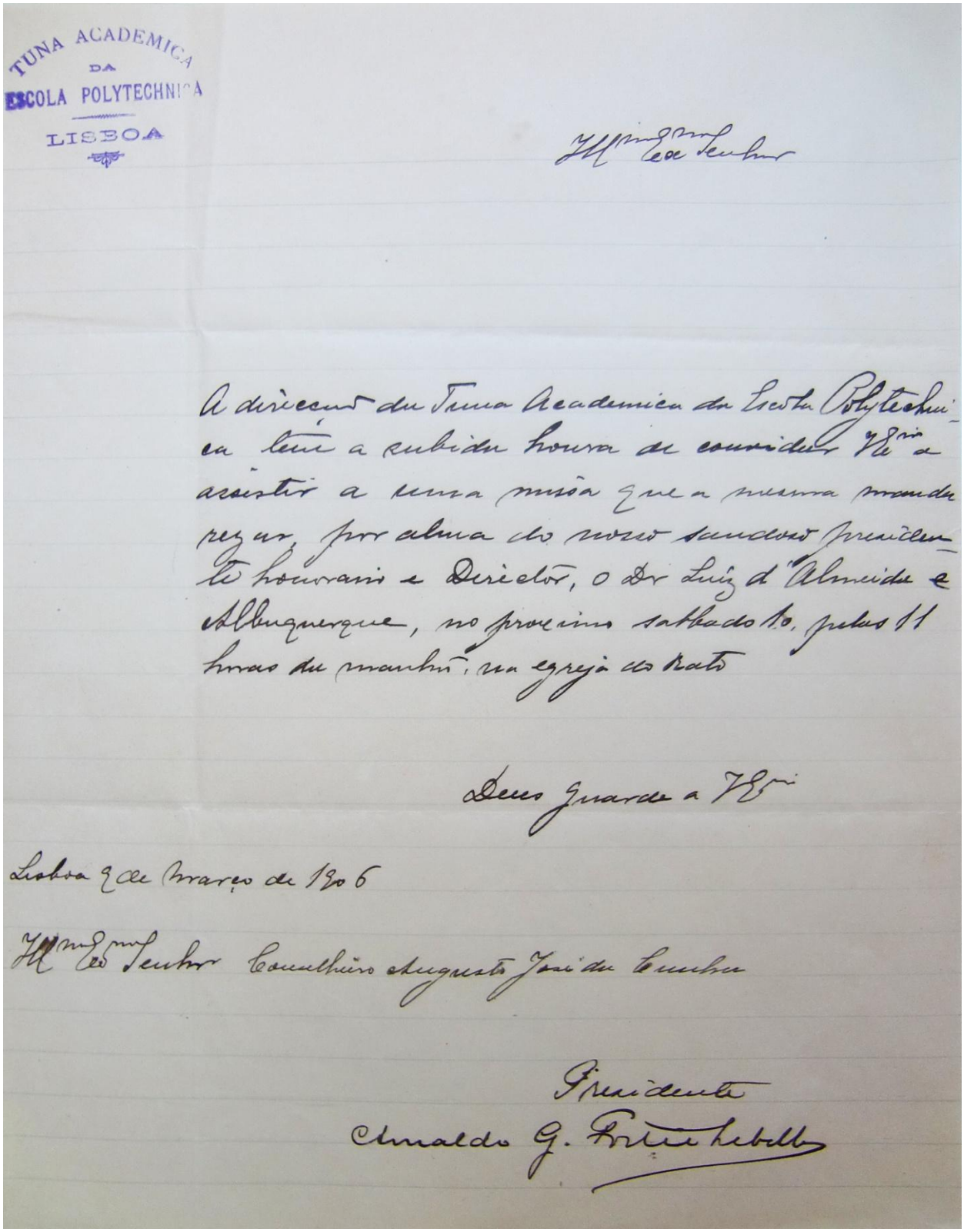
Nota: *Arnaldo Fortée* também chegou a desempenhar funções como sub-regente;

Outros

A 3 de Março de 1906, falece o antigo Director da Escola Politécnica (e também Presidente Honorário da Tuna), Luis d'Almeida e Albuquerque[119], deixando, de certa forma, a tuna orfã de um dos seus mais importantes apoiantes e protectores.

Tivemos acesso, a um convite[120] (datado de 9 de Março de 1906), redigido por Arnaldo Fortée Rebello e dirigido ao Director da Politécnica, Augusto José da Cunha[121], para assistir a uma missa pela alma do falecido, a realizar dia 11 de Março, na Igreja do Rato.

[119] Garcia, Arnaldo Cardoso Ressano - **Escola Politécnica de Lisboa: 10ª cadeira e os seus professores**. Faculdade de Ciências de Lisboa, 1937, p. 26.
[120] Arquivo da antiga Escola Politécnica de Lisboa.
[121] **Augusto José da Cunha** (1834 - 1919), foi professor no Instituto Nacional de Agricultura e Veterinária (escola de que viria a ser Director). Exerceu os cargos de Ministro dos Negócios da Fazenda, entre 1889 e 1891, de Ministro das Obras Públicas, de 1897 a 1898, e de Presidente da Câmara dos Pares, em 1905. Foi, ainda, o primeiro Reitor da Universidade de Lisboa.


TUNA ACADEMICA
DA
ESCOLA POLYTECHNICA
LISBOA

Ill.mo e Ex.mo Senhor

A direcção da Tuna Academica da Escola Polytechnica tem a subida honra de convidar V. Ex.ª a assistir a uma missa que a mesma mandou rezar, por alma do nosso saudoso Presidente honorario e Director, o Dr Luiz d'Almeida e Albuquerque, no proximo sabbado 10. pelas 11 horas da manhã, na egreja do Rato

Deos Guarde a V. Ex.ª

Lisboa 9 de Março de 1906

Ill.mo e Ex.mo Senhor Conselheiro Augusto José da Cunha

O Presidente
Arnaldo G. Fortes Lebre

Convite da **TAEPL**, em papel timbrado, para missa por alma do seu Presidente Honorário, Luis d'Almeida e Albuquerque.

(Arquivo da antiga Escola Politécnica de Lisboa)

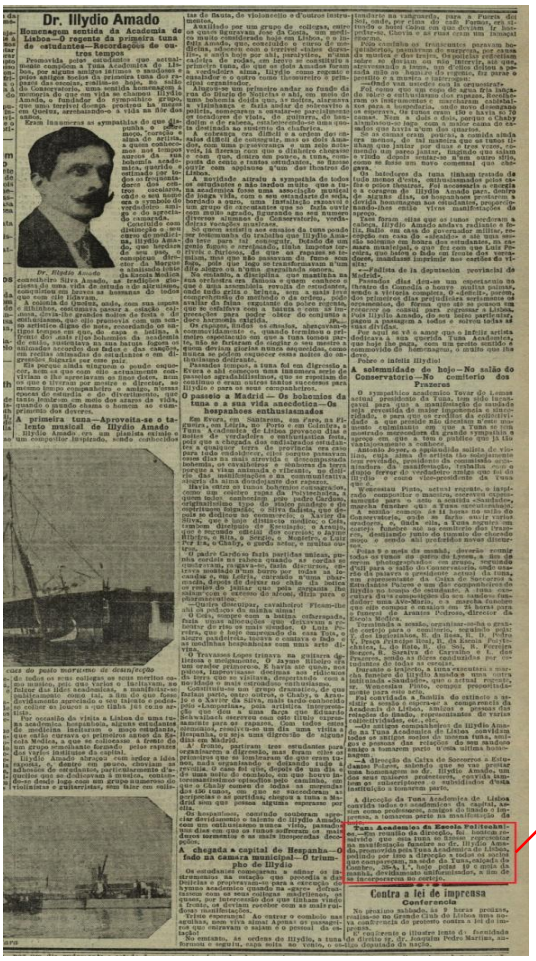
Ano de 1907

Na homenagem a Ilídio Amado

A 22 de Janeiro, realiza-se uma grande homenagem[122] ao já falecido Ilídio Amado, fundador da Tuna Académica de Lisboa e grande defensor e promotor da Caixa de Socorros a Estudantes Pobres, com a sessão fúnebre a ter lugar no Salão do Conservatório, com a presença dos actuais e antigos tunos da TAL, bem como da presença de representantes da **Tuna da Escola Politécnica**, da Tuna do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, Tuna do Liceu de Lisboa e de muitos estudantes e individualidades.

Depois da sessão, houve cortejo até ao Cemitério dos Prazeres, com as bandeiras das tunas presentes, fechadas envoltas em crepes negras, havendo emotivos discursos no local[123].

NOTA: Os artigos do jornal "O Século" referem que o porta-estandarte da **TAEPL** (presente na sessão do Salão do Conservatório) é Eugénio Roseira, contudo, comparando com os dados e foto que temos de 1906, verificamos que, no cortejo e no Cemitério dos Prazeres, quem leva o estandarte é João Patroni (é pelo menos a mesma pessoa a segurar a bandeira, constante nas fotos de ambos os anos).

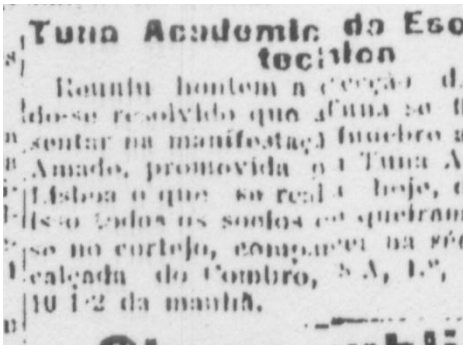


Dr. Ilydio Amado

Homenagem sentida da Academia de Lisboa—O regresso da primeira tuna de estudantes—Recordações de outros tempos

Contra a lei de imprensa

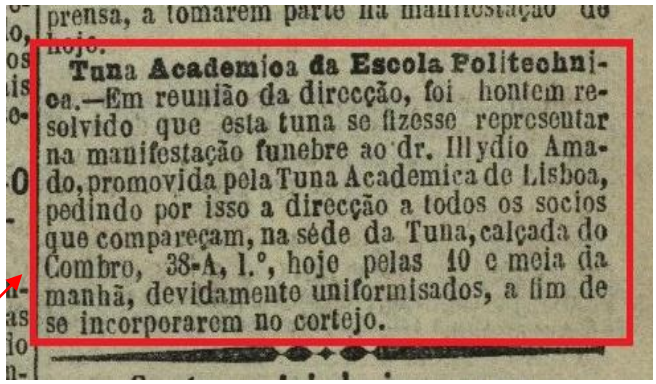
Conferencia



Tuna Academica da Escola Poly-technica

Reunia hontem a direcção da Tuna, tendo-se resolvido que a tuna se fizesse repre-sentar na manifestação funebre ao dr. Illydio Amado, promovida pela Tuna Academica de Lisboa e que se realisa hoje, devendo por isso todos os socios que quizerem incorporar-se no cortejo, comparecer na séde da Tuna, calçada do Combro, 38-A, 1.º, hoje, pelas 10 1/2 da manhã.

(**Diário de Notícias**, de 22 Janeiro de 1907 p. 4)



prensa, a tomarem parte na manifestação de hoje.

Tuna Academica da Escola Politechnica.—Em reunião da direcção, foi hontem resolvido que esta tuna se fizesse representar na manifestação funebre ao dr. Illydio Amado, promovida pela Tuna Academica de Lisboa, pedindo por isso a direcção a todos os socios que compareçam, na séde da Tuna, calçada do Combro, 38-A, 1.º, hoje pelas 10 e meia da manhã, devidamente uniformisados, a fim de se incorporarem no cortejo.

(**O Século**, 20.º Ano, N.º 9009, de 22 Janeiro 1907, p.1)

[122] **O Século**, 20.º Ano, N.º 9009, de 22 Janeiro 1907, p.1 e N.º 9010, de 23 Janeiro 1907, p. 1; **Vanguarda**, X Ano (XVII), N.º 3667 (6528), de 22 de Janeiro de 1907, p. 2 e N.º 3668 (6529), de 23 de Janeiro de 1907, p. 3; **A Arte Musical**, Ano IX, N.º 194, de 30 de Janeiro de 1907, p.29; **O Occidente**, 30.º Ano, N.º 1011, de 30 de Janeiro de 1907, p. 24; **Illustração Portugueza,,** N.º 50, de 04 de Fevereiro de 1907, p. 138; **Brasil-Portugal** , 9.º Ano, A, N.º 193, de 01 de Fevereiro de 1907, p. 10.

[123] Em 1945, passados 50 anos da fundação da Tuna Académica de Lisboa, é descerrada uma placa evocativa de Ilídio Amado, fundador da tuna (nessa altura já extinta), à porta do prédio onde nascera, em 1872, na Rua dos Fanqueiros (prédio dos n.º 146 a 150), homenageando a sua memória.

Dr. Illydio Amado

A manifestação funebre de hontem—No salão do Conservatorio—A caminho do cemiterio dos Prazeres—Junto do jazigo—Discursos commoventes

A tuna academica a caminho do cemiterio

A marcha de Illydio Amado—Discurso do presidente da Caixa de Soccorros—Manifestações de applauso

No cemiterio dos Prazeres—Novos discursos junto da sepultura—Dispersa-se a manifestação

Discurso do sr. Jorge Cid—Novos applausos—O estudante Tovar de Lemos encerra a sessão

Antonio Joyce

Tovar de Lemos

Wenceslau Pinto

No salão do Conservatorio—Uma sessão funebre—A assistencia—A tuna academica

Abertura da sessão—O antigo thesoureiro Ricardo Amado—Um discurso commovente

Organisação do prestito—Caminho do cemiterio dos Prazeres—O trajecto

(**O Século**, 20.º Ano, N.º 9010, de 23 Janeiro 1907, p. 1)

Reportagem fotográfica sobre a homenagem a Ilídio Amado, onde se pode ver a presença dos estandartes das várias tunas que participaram, entre os quais o da TAEPL.

(**Illustração Portugueza**, N.º 50, de 04 de Fevereiro de 1907, p. 138)

Cortejo runo ao Cemitério dos Prazers, na homenagem, a Ilídio Amado. Destacada está a figura de João Patroni, porta-estandarte da Tuna da Escola Politécnica de Lisboa.

(**O Occidente**, 30.º Ano, N.º 1011, de 30 de Janeiro de 1907, p. 24)

No Cemitério dos Prazeres, os estandartes das tunas que marcaram presença na homenagem, a Ilídio Amado. Ao centro, João Patroni, porta-estandarte da Tuna da Escola Politécnica de Lisboa.

(**Brasil-Portugal** , 9.º Ano, A, N.º 193, de 01 de Fevereiro de 1907, p. 10)

Sarau anual no Teatro Trindade

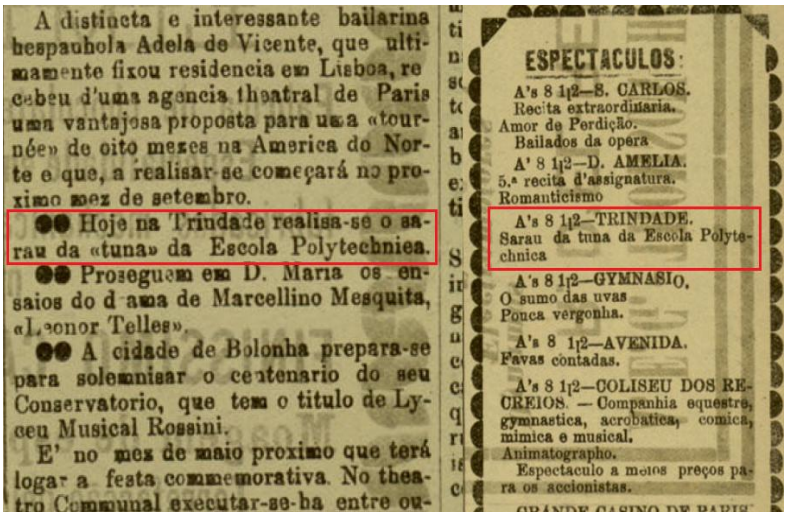
Sobre o sarau anual, que a nossa **TAEPL** organiza por altura da época carnalesca, o deste ano de 1907 que teve lugar no dia 22 de Março, é quase omitido na imprensa.

A escassa informação publicada é telegráfica, sem menção ao repertório, intervenientes ou reportagem posterior que destaque tal evento.

O facto poderá dever-se, eventualmente, ao clima que se está a viver nesta altura, marcada pelos acontecimentos que ficarão conhecidos por Greve Académica de 1907[124], que ocorreu nos meses de Março e Abril, e que, em Lisboa, teve a Escola Politécnica como um dos epicentros da contestação.

Por outro lado, convirá recordar que se vive um clima de censura na imprensa, daí que seja possível que não se quisesse dar demasiado destaque aos estudantes e suas actividades.

O que sabemos é que o maestro Alfredo Mântua já não dirige a **TAEPL** (função agora desempenhada por João Ribeiro), estando já, nessa altura, à frente da Grande Tuna Feminina (que se estreou a 16)[125].



A distincta e interessante bailarina hespanhola Adela de Vicente, que ultimamente fixou residencia em Lisboa, recebeu d'uma agencia theatral de Paris uma vantajosa proposta para uma «tournée» de oito mezes na America do Norte e que, a realisar-se começará no proximo mez de setembro.

●● Hoje na Trindade realisa-se o sarau da «tuna» da Escola Polytechnica.

●● Proseguem em D. Maria os ensaios do drama de Marcellino Mesquita, «Leonor Telles».

●● A cidade de Bolonha prepara-se para solemnisar o centenario do seu Conservatorio, que tem o titulo de Lyceu Musical Rossini.

E' no mez de maio proximo que terá logar a festa commemorativa. No theatro Communal executar-se-ha entre ou-

ESPECTACULOS

A's 8 1/2—S. CARLOS.
Recita extraordinaria.
Amor de Perdição.
Bailados da opera

A' 8 1/2—D. AMELIA.
5.ª recita d'assignatura.
Romanticismo

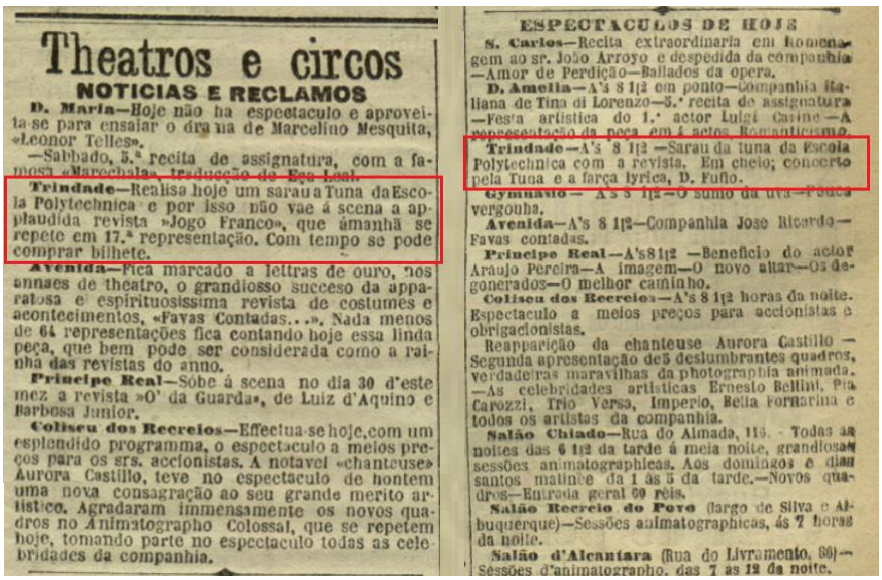
A's 8 1/2—TRINDADE.
Sarau da tuna da Escola Polytechnica

A's 8 1/2—GYMNASIO.
O sumo das uvas
Pouca vergonha.

A's 8 1/2—AVENIDA.
Favas contadas.

A's 8 1/2—COLISEU DOS RECREIOS. — Companhia equestre, gymnastica, acrobatica, comica, mimica e musical.
Animatographo.
Espectaculo a meios preços para os accionistas.

(**Diário Illustrado**, 37.º Ano, N.º 12182, de 22 de Março de 1907, p. 3)



Theatros e circos

NOTICIAS E RECLAMOS

D. Maria—Hoje não ha espectaculo e aproveita-se para ensaiar o drama de Marcellino Mesquita, «Leonor Telles».

—Sabbado, 5.ª recita de assignatura, com a famosa «Marechala», traducção de Eça Leal.

Trindade—Realisa hoje um sarau a Tuna da Escola Polytechnica e por isso não vae á scena a applaudida revista «Jogo Franco», que ámanhã se repete em 17.ª representação. Com tempo se pode comprar bilhete.

Avenida—Fica marcado a lettras de ouro, nos annaes de theatro, o grandioso successo da apparatosa e espirituosissima revista de costumes e acontecimentos, «Favas Contadas...». Nada menos de 64 representações fica contando hoje essa linda peça, que bem pode ser considerada como a rainha das revistas do anno.

Principe Real—Sóbe á scena no dia 30 d'este mez a revista «O' da Guarda», de Luiz d'Aquino e Barbosa Junior.

Coliseu dos Recreios—Effectua-se hoje, com um esplendido programma, o espectaculo a meios preços para os srs. accionistas. A notavel «chanteuse» Aurora Castillo, teve no espectaculo de hontem uma nova consagração ao seu grande merito artistico. Agradaram immensamente os novos quadros no Animatographo Colossal, que se repetem hoje, tomando parte no espectaculo todas as celebridades da companhia.

ESPECTACULOS DE HOJE

S. Carlos—Recita extraordinaria em homenagem ao sr. João Arroyo e despedida da companhia—Amor de Perdição—Bailados da opera.

D. Amelia—A's 8 1/2 em ponto—Companhia Italiana de Tina di Lorenzo—5.ª recita de assignatura—Festa artistica do 1.º actor Luigi Carino—A representação da peça em 4 actos, Romanticismo.

Trindade—A's 8 1/2 —Sarau da tuna da Escola Polytechnica com a revista, Em cheio; concerto pela Tuna e a farça lyrica, D. Fuño.

Gymnasio— A's 8 1/2—O sumo da uva—Pouca vergonha.

Avenida—A's 8 1/2—Companhia Jose Ricardo—Favas contadas.

Principe Real—A's 8 1/2 —Beneficio do actor Araújo Pereira—A imagem—O novo altar—Os degenerados—O melhor caminho.

Coliseu dos Recreios—A's 8 1/2 horas da noite. Espectaculo a meios preços para accionistas e obrigacionistas.

Reapparição da chanteuse Aurora Castillo — Segunda apresentação de 5 deslumbrantes quadros, verdadeiras maravilhas da photographia animada. —As celebridades artisticas Ernesto Bellini, Pia Carozzi, Trio Versa, Imperio, Bella Formarina e todos os artistas da companhia.

Salão Chiado—Rua do Almada, 116. - Todas as noites das 6 1/2 da tarde á meia noite, grandiosas sessões animatographicas. Aos domingos e dias santos matinée da 1 ás 5 da tarde.—Novos quadros—Entrada geral 60 réis.

Salão Recreio do Povo (largo de Silva e Albuquerque)—Sessões animatographicas, ás 7 horas da noite.

Salão d'Alcantara (Rua do Livramento, 36)—Sessões d'animatographo, das 7 ás 12 da noite.

(**Vanguarda**, X Ano, N.º 3725, de 22 de Março de 1907, p. 3)

[124] Vd. Alberto Xavier - **História da greve académica de 1907**. Coimbra Editora, 1963.
[125] SILVA, Jean-Pierre - A Grande Tuna Feminina de Alfredo Mântua - Breve Contributo Documental (1907-1913). CoSaGaPe, Lisboa, 2018.

Outros

No Mês de Março, temos constância de que é esperada, para Abril, uma "Estudiantina Portuguesa" em Cádiz (Espanha), para dar concerto no teatro local[126]. Não nos foi, contudo, possível confirmar tal deslocação nem de que tuna se tratava (se a **Tuna da Escola Politécnica**, se a TAL ou outra).

Corpos Sociais

Não temos dados sobre os corpos sociais eleitos em 1906, sabendo-se apenas que os representantes da **TAEPL**, na cerimónia de homenagem a Ilídio Amado, serão provavelmente detentores de funções nos mesmos, a saber, *Bénard Guedes*, *Fortée Rebello*, *Vianna da Motta* e *Eugénio Roseira* (este, como porta-estandarte), além do facto de a tuna ter um novo regente, *João Ribeiro* [127]., já que Alfredo Mântua deixou essa função, iniciando, a partir de Fevereiro, a direcção da Grande Tuna Femminina[128].

Temos igualmente informação que a **TAEPL** tem nova sede, já que um artigo do jornal "O Século"[129] refere ser na Calçada do Combro, 38-A, 1.º.

Palácio Marim Olhão, mais tarde apelidado de "Correio Velho", no N.º 38 da Calçada do Combro (onde a TAEPL fixou a sua sede), em inícios do séc. XX (esq.) e na actualidade (dirt).
(Fotos obtidas nos blogues "Lisboa hoje e ontem" e "Lisboa de antigamente")

[126] **El Guadalete** (Jerez de la Frontera - Cádiz) de 19 de Março de 1907, p. 3.
[127] **O Século**, 20.º Ano, N.º 9010, de 23 Janeiro 1907, p. 1
[128] SILVA, *op. cit*, p. 12.
[129] N.º 9009, de 22 Janeiro 1907, p. 1.

Extinção da Tuna

A partir daqui, ou seja de final de Março de 1907, deixamos de ter notícias da **Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa**[130].

Ao que tudo indica, a tuna extingue-se, motivada por razões que apenas podemos intuir.

Com efeito, não apenas estamos no fim do ciclo de estudos dos protagonistas mais destacados (alguns deles ligados à tuna quase desde início), por outro lado a saída de Alfredo Mântua poderá ter causado dificuldades, além do complicado ambiente vivido por causa da Greve Académica e que cerceou a liberdade de reunião estudantil nessa época (recordemos, por exemplo, que a sede da TAL chega a ser cercada pela polícia[131] , do mesmo modo que foi também cercada a Escola Politécnica - um dos epicentros da contestação[132]).

Um artigo retrospectivo dessa época, redigido em 1937 por Luís Passos[133], ao narrar a génese da criação da Associação de Estudantes da Escola Politécnica, refere-se aos antigos companheiros, "cuja Tuna havia sido dissolvida", ou seja suficientemente ambíguo para a formulação de dois cenários: ou ter cessado por decisão dos próprios ou ter sido dissolvida por alguma autoridade escolar ou civil. "

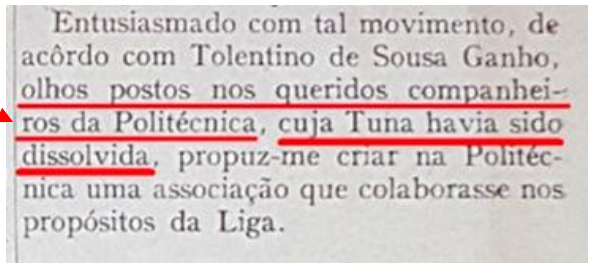
Em boa verdade, não temos certezas sobre as razões que presidiram à cessação de actividade, algo que só uma feliz descoberta de documentos poderá, um dia, permitir.

O que sabemos é que *Ressano Garcia* e *Manitto Tôrres* farão posteriormente parte da TAL[134], pelo que é plausível que vários elementos tenham migrado para a mesma, quando cessou a **TAEPL**.

A POLYTECHNICA 13

ERAM ASSIM OS RAPAZES DA POLITÉCNICA

Irreverentes? Sim, muito irreverentes, mas com um profundo sentido das realidades e da justiça, que não póde desconhecer-se ou negar-se



Entusiasmado com tal movimento, de acôrdo com Tolentino de Sousa Ganho, olhos postos nos queridos companheiros da Politécnica, cuja Tuna havia sido dissolvida, propuz-me criar na Politécnica uma associação que colaborasse nos propósitos da Liga.

(A Polythécnica, N.º Único, comemorativo do Centenário da Escola Politécnica, de 11 de Janeiro de 1937, p. 13)

[130] Pelo menos, à data, não encontrámos dados da sua vigência ir mais além.
[131] **Vanguarda**, X Ano, N.º 3738, de 15 de Abril de 1907, pp. 1-3.
[132] A título de exemplo, Vd. **Vanguarda,** X Ano (XVIII), N.º 3730 (6601), de 07 de Abril de 1907, p. 1, N.º 3732 (6603), de 09 de Abril de 1907, p. 1, N.º 3733 (6605), de 11 de Abril de 1907, p. 2 e N.º 3734 (6604), de 10 de Abril de 1907, p. 2, entre outros.
[133] **A Polythécnica**, N.º Único, comemorativo do Centenário da Escola Politécnica, de 11 de Janeiro de 1937, pp. 13-15.
[134] **O Século**, de 07 de Julho 1941, p. 8.

Ano de 1910

TAEPL no centenário de Alexandre Herculano

Durante o mês de Abril de 1910, têm lugar uma grandiosas festividades nacionais de homenagem a Alexandre Herculano, na qual tomaram parte diversas tunas, como sucede, em Lisboa, com a TAL, a Tuna do Liceu e... a **Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa** (!).

Com efeito, e de forma surpreendente, na sessão que decorreu na Escola Politécnica, no dia 4 de Abril, com presença de S.M., D. Manuel II, e do Príncipe herdeiro, D. Afonso, a **Tuna da Escola Politécnica** está igualmente presente e actua (tocando, entre outros temas, o "Hino Académico", a "Marcha a Herculano" e o Hino Nacional, sob a batuta do aluno Luiz Guerreiro[135]).

Tratar-se-á de uma aparição excepcional e fugaz, ou seja a tuna terá sido reavivada com o propósito único de abrilhantar a participação da Escola Politécnica nos festejos a Alexandre Herculano.

É o que somos levados a crer, se tivermos em conta que no dia 26, no grande sarau que se realiza no Teatro S. Carlos, as únicas tunas participantes são a TAUC e a TAL,[136], enquanto, nesse mesmo dia, mas no *Theatro Gymnasio*, actua a Tuna do Liceu (Passos Manuel), em sarau a favor dos inundados do Douro e Ribatejo[137].

Contudo, nesse dia 26, o estandarte da **TAEPL** é levado por alunos da Escola Politécnica no cortejo / "Marche aux flambeaux" que culminou no descerramento de uma lápide comemorativa (colocada à entrada do pateo Gil - na rua de S. Bento, onde Herculano nasceu)[138].

Não é incomum que o estandarte de uma tuna extinta ainda seja utilizado por alunos da respectiva escola, quando os mesmos não possuem nenhum outro que os represente enquanto discentes - e parece-nos ser este o caso, ou seja embora a tuna tenha sido momentaneamente reactivada para se apresentar no dia 4 de Abril, neste cortejo a mesma não está formalmente presente e o seu estandarte serve como representativo dos alunos da escola.

Cerimónias de homenagem a Alexandre Herculano, no Mosteiro dos Jerónimos, em 1910.
(Fotos obtida no blogue "Paixão por Lisboa")

[135] **Diário Illustrado**, 40.º Ano, N.º 13125, de 05 de Abril de 1910 p.1; **O Occidente,** N.º 1126, XXXIII Vol. de 10 de Abril de 1910, p.75; **Diário Illustrado**, 40.º Ano, N.º 13144, de 27 Abril, 1910 p. 1 e **DN**, 46.º Ano, N.º 15944, de 05 de Abril de 1910, p. 1.
[136] **Diário Illustrado**, 40.º Ano, N.º 13141, de 23 Abril de 1910 p.2.
[137] **Diário Illustrado**, 40.º Ano, N.º 13143, de 26 Abril de 1910 p. 2.
[138] **Diário Illustrado**, 40.º Ano, N.º 13144, de 27 Abril de 1910 p. 1.

Na Escola Polytechnica

Centenario de Alexandre Herculano

Com a assistencia de Sua Majestade El-Rei, Sua Alteza o Principe Real Senhor D. Affonso, realisou-se hontem na Escola Polytechnica uma sessão commemorativa de centenario de Alexandre Herculano, promovida por uma commissão de alumnos d'aquella escola.

A sessão teve logar na aula de chimica, que se achava adornada de plantas e arbustos, vendo-se ao fundo um pedestal com o busto de Herculano, coberto com a bandeira nacional.

A's 9 horas da noite chegou Sua Alteza o Senhor D Affonso, vestindo casaca, com a banda das trez ordens, acompanhado pelo sr. capitão Serpa.

Minutos depois chegou Sua Majestade El-Rei n'uma carruagem acompanhado dos srs. conde de Tarouca, coronel Antonio Costa e tenente coronel Antonio Waddington, acompanhando a carruagem real, um pelotão de lanceiros 2.

El-Rei que vestia casaca, com a banda das trez ordens, foi aguardado á porte do edificio pelos srs. ministro da Hollanda, encarregado dos negocios da Belgica, encarregado dos negocios da China, conselheiros Veiga Beirão, presidente do conselho; Dias Costa, ministro do Reino, Montenegro, ministro da Justiça; Villaça, ministro dos Estrangeiros; Mathias Nunes, ministro da guerra; general da 1.ª divisão conselheiro Raphael Gorjão e ajudante capitão Carvalhaes, conselheiro Ramada Curto, governador civil e conselheiro Ernesto Julio de Carvalho e Vasconcellos, commissão do centenario e corpo docente da escola.

Depois dos cumprimentos, El-Rei deu entrada na sala das sessões, que se achava repleta de senhoras e cavalheiros, executando n'essa occasião a Tuna o hymno nacional e em seguida o hymno academico, sob a regencia de Luiz Guerreiro, alumno da escola.

Sua Majestade tomando assento na mesa presidencial, tendo á sua direita Sua Alteza o Senhor Infante Dom Affonso e á esquerda o director da escola sr. Conselheiro Adriano Pina Vidal, abriu a sessão, descerrando o busto de Herculano.

N'essa occasião echoou na sala uma estrondosa salva de palmas e a tuna executou a marcha triumphal a Herculano.

O sr. Conselheiro Pina Vidal saudou El-Rei e agradeceu-lhe a sua comparencia, dizendo em seguida algumas palavras sobre Herculano.

Leram depois discursos os srs. dr. Balthazar Machado da Cunha Ozorio, o alumno Antonio Pinto Teixeira e Ruy Pinheiro, alumno da commissão mixta, que n'um interessante improviso agradeceu a El-Rei a sua presença áquella festa.

Por fim Sua Majestade El-Rei leu tambem um discurso congratulando-se com a festa dos alumnos seus companheiros de estudo, offerecendo-se para sempre estar a seu lado.

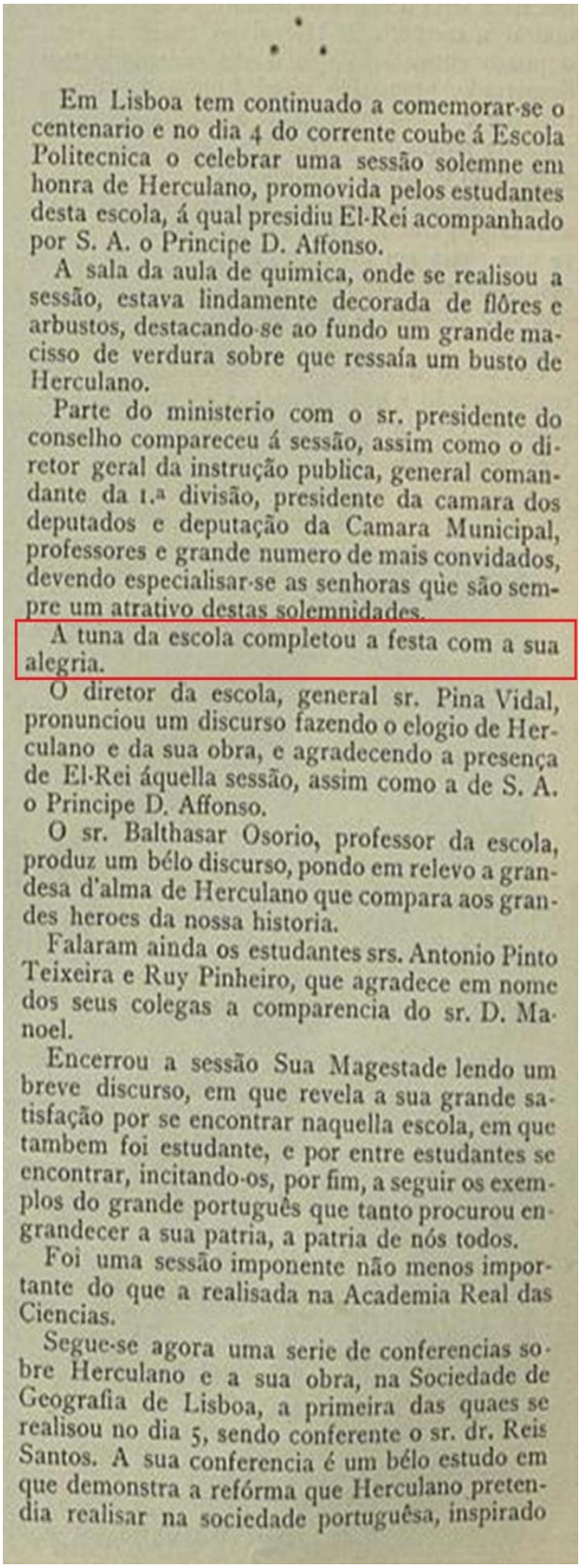
Quando El-Rei acabou o seu brilhante discurso, echoou na sala uma prolongada salva de palmas acompanhadas de vivas a El-Rei e á Familia Real Portugueza.

A Tuna executou a marcha triumphal a Herculano, de Silveira Paes.

Sua Majestade encerrou a brilhante sessão e a Tuna executou o hymno nacional, que foi ouvido de pé.

El Rei retirou-se da escola ás 11 horas da noite com o mesmo cerimonial da entrada.

(**Diário Illustrado**, 40.º Anno, N.º 13125, de 05 Abril, 1910 p .1)



* * *

Em Lisboa tem continuado a comemorar-se o centenario e no dia 4 do corrente coube á Escola Politecnica o celebrar uma sessão solemne em honra de Herculano, promovida pelos estudantes desta escola, á qual presidiu El-Rei acompanhado por S. A. o Principe D. Affonso.

A sala da aula de quimica, onde se realisou a sessão, estava lindamente decorada de flôres e arbustos, destacando-se ao fundo um grande macisso de verdura sobre que ressaía um busto de Herculano.

Parte do ministerio com o sr. presidente do conselho compareceu á sessão, assim como o diretor geral da instrução publica, general comandante da 1.ª divisão, presidente da camara dos deputados e deputação da Camara Municipal, professores e grande numero de mais convidados, devendo especialisar-se as senhoras que são sempre um atrativo destas solemnidades.

A tuna da escola completou a festa com a sua alegria.

O diretor da escola, general sr. Pina Vidal, pronunciou um discurso fazendo o elogio de Herculano e da sua obra, e agradecendo a presença de El-Rei áquella sessão, assim como a de S. A. o Principe D. Affonso.

O sr. Balthasar Osorio, professor da escola, produz um bélo discurso, pondo em relevo a grandesa d'alma de Herculano que compara aos grandes heroes da nossa historia.

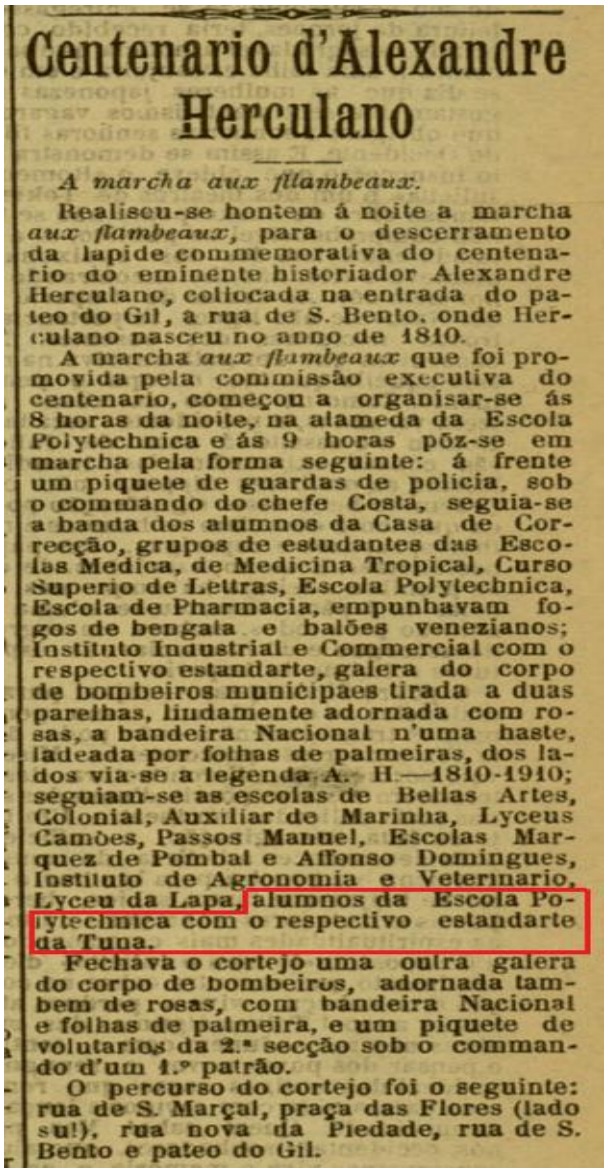
Falaram ainda os estudantes srs. Antonio Pinto Teixeira e Ruy Pinheiro, que agradece em nome dos seus colegas a comparencia do sr. D. Manoel.

Encerrou a sessão Sua Magestade lendo um breve discurso, em que revela a sua grande satisfação por se encontrar naquella escola, em que tambem foi estudante, e por entre estudantes se encontrar, incitando-os, por fim, a seguir os exemplos do grande português que tanto procurou engrandecer a sua patria, a patria de nós todos.

Foi uma sessão imponente não menos importante do que a realisada na Academia Real das Ciencias.

Segue-se agora uma serie de conferencias sobre Herculano e a sua obra, na Sociedade de Geografia de Lisboa, a primeira das quaes se realisou no dia 5, sendo conferente o sr. dr. Reis Santos. A sua conferencia é um bélo estudo em que demonstra a refórma que Herculano pretendia realisar na sociedade portuguêsa, inspirado

(**O Occidente**, N.º 1126, XXXIII Vol. de 10 Abril 1910, p. 75)



Centenario d'Alexandre Herculano

A marcha aux flambeaux.

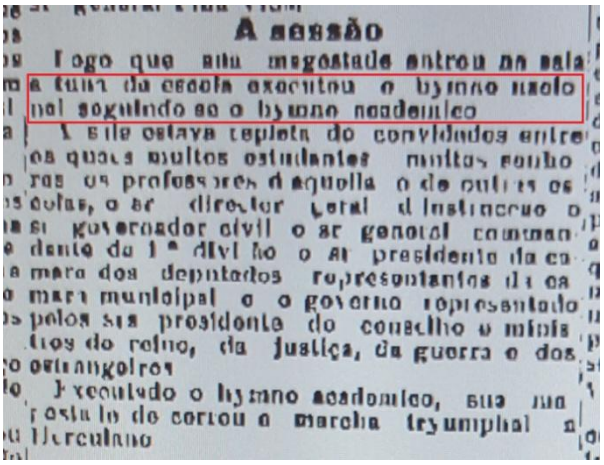
Realisou-se hontem á noite a marcha *aux flambeaux*, para o descerramento da lapide commemorativa do centenario do eminente historiador Alexandre Herculano, collocada na entrada do pateo do Gil, a rua de S. Bento, onde Herculano nasceu no anno de 1810.

A marcha *aux flambeaux* que foi promovida pela commissão executiva do centenario, começou a organisar-se ás 8 horas da noite, na alameda da Escola Polytechnica e ás 9 horas pôz-se em marcha pela forma seguinte: á frente um piquete de guardas de policia, sob o commando do chefe Costa, seguia-se a banda dos alumnos da Casa de Correcção, grupos de estudantes das Escolas Medica, de Medicina Tropical, Curso Superio de Lettras, Escola Polytechnica, Escola de Pharmacia, empunhavam fogos de bengala e balões venezianos; Instituto Industrial e Commercial com o respectivo estandarte, galera do corpo de bombeiros municipaes tirada a duas parelhas, lindamente adornada com rosas, a bandeira Nacional n'uma haste, ladeada por folhas de palmeiras, dos lados via-se a legenda A. H.—1810-1910; seguiam-se as escolas de Bellas Artes, Colonial, Auxiliar de Marinha, Lyceus Camões, Passos Manuel, Escolas Marquez de Pombal e Affonso Domingues, Instituto de Agronomia e Veterinario, Lyceu da Lapa, alumnos da Escola Polytechnica com o respectivo estandarte da Tuna.

Fechava o cortejo uma outra galera do corpo de bombeiros, adornada tambem de rosas, com bandeira Nacional e folhas de palmeira, e um piquete de volutarios da 2.ª secção sob o commando d'um 1.º patrão.

O percurso do cortejo foi o seguinte: rua de S. Marçal, praça das Flores (lado sul), rua nova da Piedade, rua de S. Bento e pateo do Gil.

(**Diário Illustrado**, N.º 13144, de 27 Abril de 1910 p. 11)



A sessão

Logo que sua magestade entrou na sala a tuna da escola executou o hymno nacional seguindo-se o hymno academico

A sala estava repleta de convidados entre os quaes muitos estudantes muitas senhoras os professores d'aquella e de outras escolas, o sr. director geral d'instrucção o sr. governador civil o sr. general commandante da 1.ª divisão o sr. presidente da camara dos deputados representantes da camara municipal e o governo representado pelos srs. presidente do conselho e ministros do reino, da justiça, da guerra e dos estrangeiros

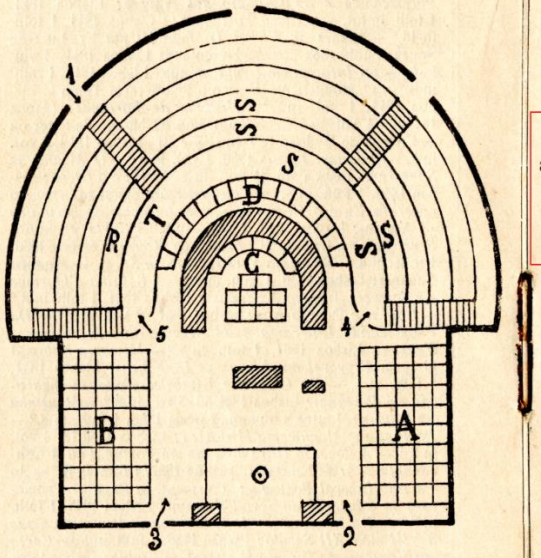
Executado o hymno academico, sua magestade decorou a marcha tryumphal a Herculano

(**Diário de Notícias**, N.º 15944, de 05 de Abril de 1910, p. 1)

Sessão commemorativa do Centenario de Alexandre Herculano na Escola Polytechnica

Sala da aula de chimica—4 de abril de 1910

DISTRIBUIÇÃO DE LOGARES



ENTRADAS Publico 1—Convidados 2 e 3—Senhoras 2 e 4 Reporteres e Tuna 3 e 4

CONVIDADOS

A.—Corpo diplomatico, Ministros e Presidente do conselho. Presidentes das camaras dos pares e deputados. Representantes da Camara Municipal de Lisboa. Governador Civil. General commandante da 1.ª divisão militar. Directores geraes de instrucção publica. Lentes e repetidores da Escola

B.—Representantes das sociedades scientificas, escolas superiores e d'aplicação. Directores de estabelecimentos de ensino secundario.

C.—Commissão executiva do Centenario Commissão do monumento a Herculano. Commissão mixta e secretario da Escola

D—Representantes da Commissão Academica e do *comité* da Imprensa

LOGARES RESERVADOS

T.—Tuna da Escola Polytechnica. S.—Senhoras R.—Reporteres.

PROGRAMMA

A's 9 horas prefixas abertura da sessão.

Tuna da Escola, sob a regencia de Luiz Guerreiro, alumno da Escola:

Hymno Academico
***Angiolo**, simphonia* de Luiz Guerreiro
***Duo de la Africana**. selecção*, Caballero.

Descerramento do busto de Herculano.

Marcha Triumphal a Herculano de Silveira Paes, pela Tuna.

Discursos:

Pelo lente Sr. Dr. Balthazar Machado da Cunha Osorio.

Pelo alumno Sr. Antonio Pinto Teixeira.

Pelo alumno Sr. Ruy Pinheiro (da commissão mixta).

Marcha Triumphal a Herculano de Silveira Paes, pela Tuna.

INDICAÇÕES

A entrada publica effectuar-se-ha pela porta que liga a sala da aula de chimica com o atrio.

Os convidados e pessoas munidas de bilhetes de admissão entrarão pelo Laboratorio de Chimica onde serão recebidas pela Commissão mixta da Escola.

Para facilitar a assistencia á sessão só se solicita traje aos Srs. convidados.

Solicita-se aos Srs convidados, tunos, senhoras e reporteres a apresentação dos seus convites e bilhetes de admissão.

TRAJE: Casaca ou farda.

1810-1910

CENTENARIO
DE
ALEXANDRE HERCULANO

HOMENAGEM
DA
ESCOLA POLYTECHNICA

TYP. CASA PORTUGUEZA — LISBOA

Livreto do programa de homenagem da Escola Politécnica a Alexandre Herculano, inserida nas comemorações do seu centenário (1810-1910).
(Arquivo Histórico dos Museus da Universidade de Lisboa)

Ano de 1925

Festa de confraternização e sarau

Inicialmente prevista para Maio, é a 20 de Junho de 1925 que tem lugar o Encontro de Confraternização dos Cursos de 1901 a 1907 da Escola Politécnica de Lisboa, geração de alunos que também protagonizou a Tuna[139].

Preparada há já algumas semanas (nomeadamente com ensaios), o programa iniciou-se com uma visita à Faculdade de Ciências (antiga "Polytechnica"), com sessão solene no edifício da Associação Académica, presidida por (Dr.) Almeida Lima, coadjuvado por Santos Lucas e (Major) João Tamagnini Barbosa.

Discursam, para além de Tamagnini Barbosa, Américo Buizel (em nome dos actuais alunos), o actor Rafael Marques, José Paulo da Cãmara, o (Tenente-Coronel) Ressano Garcia, o (Major) Mello Vieira e Francisco Ferreira, em nome da Federação Académica. Intervieram ainda Margarida de Almeida, em nome das alunas (saudando os antigos alunos) e, a encerrar a sessão, Almeida Lima.

Pormaior importante, quanto a nós, é ter reaparecido o estandarte da **TAEPL**, com o periódico narrar que, no fim da sessão, o aluno Américo Buizel[140] entrou na sala com o estandarte da Tuna, cujas fitas estavam quase a desfazer-se, provocando lágrimas de comoção na assistência.

Do programa constou igualmente um grande sarau, realizado no Teatro S. Carlos (completamente cheio - com muitos estudantes da Fac. de Ciências; alguns descendentes dos antigos alunos em festa), com um concerto dado pelos antigos tunos da **TAEPL**, sob regência de Alfredo Mântua, seguido de discurso pelo actor Rafael Marques (antigo aluno). Nessa primeira parte, o concerto dos antigos tunos constou dos temas "Hino Académico", Bergers Wateau", "Gavotte", "Rapsódia de Fados", "Pastoral", "Facio" e "Recordação".

A segunda parte foi preenchida com a revista "Chá de Tolentino", na qual participaram, entre outros, (Major) J. de Melo Vieira, Quirino Monteiro, Teixeira Diniz, Manuel Magno, Luna de Oliveira, D. José Paulo da Cãmara, Nunes dos Santos Júnior, Nunes da Silveira eJoão Bastos.

Sabe-se que, nos intervalos, foi vendido um jornal - de número único, chamado "O Sarau"[141], que, além do programa da festa, apresentava um interessante e significativo resumo da história da **TAEPL**[142]; uma edição que teve a colaboração de João Tamagnini, Quirino Monteiro, Matos Sequeira, Hermano Neves, Santos Júnior, José Paulo Cãmara, J. de Melo Vieira, Fernandes Costa, João Bastos, Severino de Morais e "Esculapto" Os festejos terminaram com uma ceia, servida no Palácio da Regaleira (no Largo de S. Domingos)[143].

---

[139] **O Século**, 46.º Ano, N.º 15522, de 20 de Maio de 1925, p. 5, N.º 15536, de 03 de Junho de 1925, p. 3, N.º 15545, de 12 de Junho de 1925, p. 4, N.º 15552, de 19 de Junho de 1925, p. 6 e N.º 15556, de 22 de Junho de 1925, p. 6; **Diário de Lisboa**, 5.º Ano, N.º 1283, de 17 Junho 1925, p. 4 e N.º 1285, de 19 Junho 1925, p. 1; **A Capital**, 15.º Ano, N.º 4962, de 20 de Junho de 1925, p. 2; **Diário de Notícias**, 61.º Ano, N.º 21342, de 20 Junho de 1925, p. 1 e N.º 21343, de 21 de Junho de 1925, p. 1 e 4.

[140] **Américo Limpo de Negrão Buísel** (1898-1943), filho de José Negrão Buísel - uma das referências do anarquismo no Algarve (cujo nome foi dado a um estabelecimento de ensino e a uma rua de Portimão). Foi capitão de Artilharia, advogado e proprietário do "Colégio Bairro Escolar do Estoril", em sociedade com João Lopes Soares (pai de Mário Soares) e João de Deus Ramos (filho do poeta João de Deus (Vd. *Geneall.net*).

[141] Já em 1902 havia sido publicado um número único, similar, com o mesmo nome.

[142] Desafortunadamente, até à data, foram vãs as tentativas para conseguir encontrar tal exemplar (mesmo em antiquários e alfarrabistas) - que muito teria ajudado a completar este trabalho.

[143] Espaço que foi utilizado como sala de ensaios, para a preparação do sarau. Mais à frente (ano de 1938), apresentamos fotos do edifício.

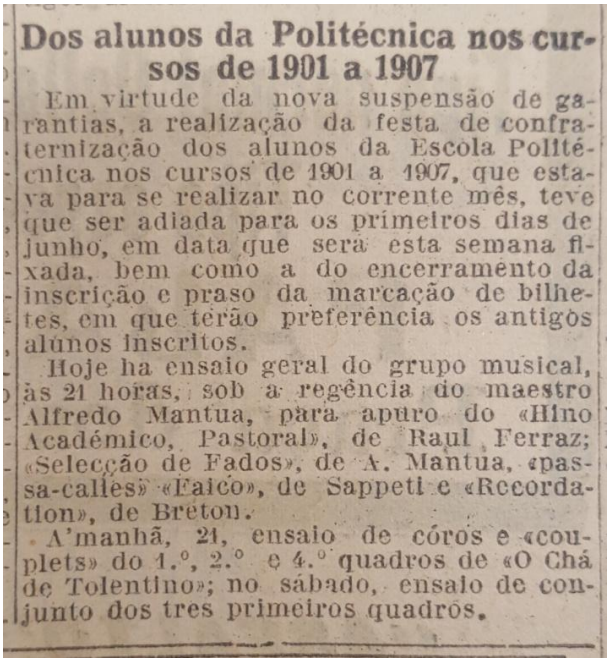
O estandarte da Tuna

Até à data, não temos qualquer ideia de como era o estandate da **TAEPL**.

Com efeito, não aprece qualquer descrição do mesmo e foram vás as tentativas para sabermos do seu paradeiro.

Inicialmente, pensava-se poder estar na antiga Escola Politécnica (contudo não consta do seu espólio) e eventualmente desparecido no grande incêncio que ali ocorreu em 1978 (o que é possível).

Por outro lado, também é plausível que tenha ficado na posse de algum antigo tuno/aluno e esteja esquecido no espólio de algum descendente.



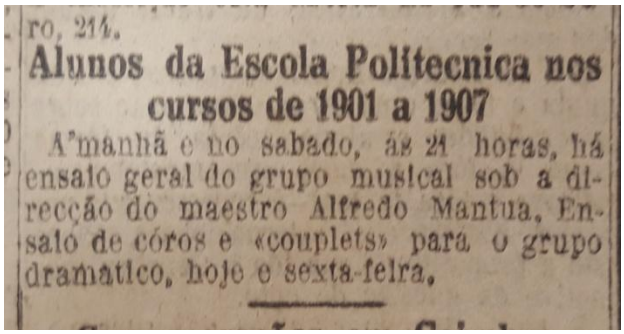
Dos alunos da Politécnica nos cursos de 1901 a 1907

Em virtude da nova suspensão de garantias, a realização da festa de confraternização dos alunos da Escola Politécnica nos cursos de 1901 a 1907, que estava para se realizar no corrente mês, teve que ser adiada para os primeiros dias de junho, em data que será esta semana fixada, bem como a do encerramento da inscrição e praso da marcação de bilhetes, em que terão preferência os antigos alunos inscritos.

Hoje ha ensaio geral do grupo musical, ás 21 horas, sob a regência do maestro Alfredo Mantua, para apuro do «Hino Académico, Pastoral», de Raul Ferraz; «Selecção de Fados», de A. Mantua, «passa-calles» «Faico», de Sappeti e «Recordation», de Breton.

A'manhã, 21, ensaio de córos e «couplets» do 1.º, 2.º e 4.º quadros de «O Chá de Tolentino»; no sábado, ensaio de conjunto dos tres primeiros quadros.

(**O Século**, N.º 15522, de 20 de Maio de 1925, p. 5)

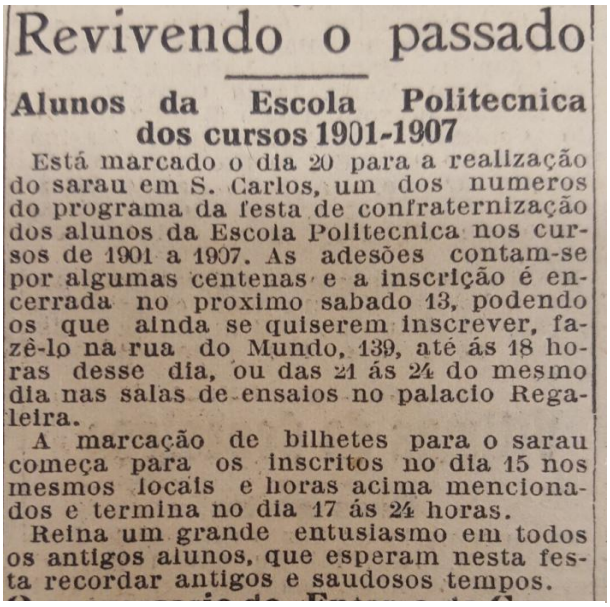


ro, 214.

Alunos da Escola Politecnica nos cursos de 1901 a 1907

A'manhã e no sabado, ás 21 horas, há ensaio geral do grupo musical sob a direcção do maestro Alfredo Mantua. Ensaio de córos e «couplets» para o grupo dramatico, hoje e sexta-feira.

(**O Século**, N.º 15536, de 03 de Junho de 1925, p. 3)



Revivendo o passado

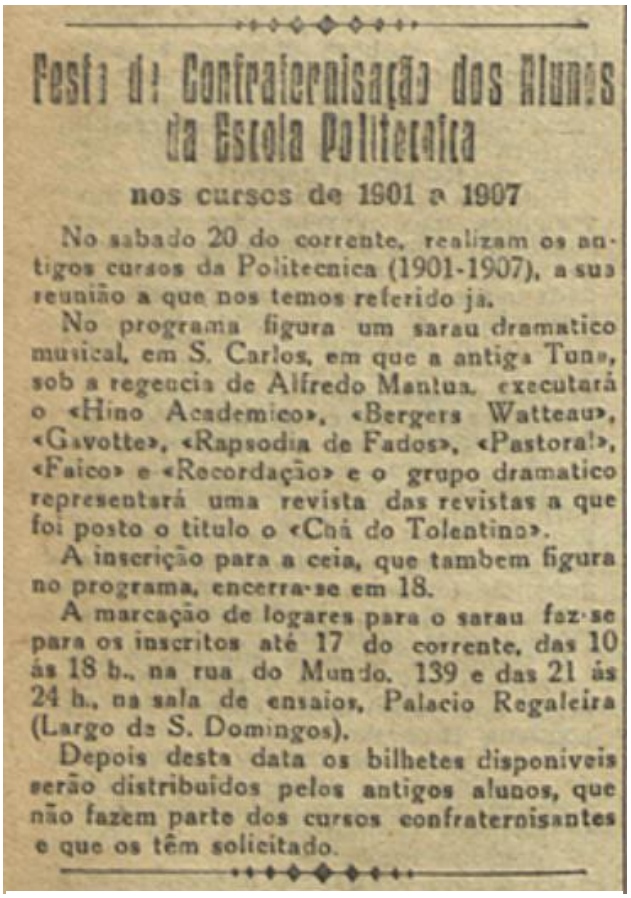
Alunos da Escola Politecnica dos cursos 1901-1907

Está marcado o dia 20 para a realização do sarau em S. Carlos, um dos numeros do programa da festa de confraternização dos alunos da Escola Politecnica nos cursos de 1901 a 1907. As adesões contam-se por algumas centenas e a inscrição é encerrada no proximo sabado 13, podendo os que ainda se quiserem inscrever, fazê-lo na rua do Mundo, 139, até ás 18 horas desse dia, ou das 21 ás 24 do mesmo dia nas salas de ensaios no palacio Regaleira.

A marcação de bilhetes para o sarau começa para os inscritos no dia 15 nos mesmos locais e horas acima mencionados e termina no dia 17 ás 24 horas.

Reina um grande entusiasmo em todos os antigos alunos, que esperam nesta festa recordar antigos e saudosos tempos.

(**O Século**, N.º 15545, de 12 de Junho de 1925, p. 4)



Festa de Confraternisação dos Alunos da Escola Politecnica

nos cursos de 1901 a 1907

No sabado 20 do corrente, realizam os antigos cursos da Politecnica (1901-1907), a sua reunião a que nos temos referido já.

No programa figura um sarau dramatico musical, em S. Carlos, em que a antiga Tuna, sob a regencia de Alfredo Mantua, executará o «Hino Academico», «Bergers Watteau», «Gavotte», «Rapsodia de Fados», «Pastoral», «Faico» e «Recordação» e o grupo dramatico representará uma revista das revistas a que foi posto o titulo o «Chá do Tolentino».

A inscrição para a ceia, que tambem figura no programa, encerra-se em 18.

A marcação de logares para o sarau faz-se para os inscritos até 17 do corrente, das 10 ás 18 h., na rua do Mundo. 139 e das 21 ás 24 h., na sala de ensaios, Palacio Regaleira (Largo de S. Domingos).

Depois desta data os bilhetes disponiveis serão distribuidos pelos antigos alunos, que não fazem parte dos cursos confraternisantes e que os têm solicitado.

(**Diário de Lisboa**, N.º 1283, de 17 Junho 1925, p. 4)

Revivendo o passado

Os antigos alunos da Politécnica vão reunir numa festa de confraternização

E' ámanhã que os antigos alunos da Escola Politécnica, dos cursos de 1901 a 1907, levarão a termo as suas festas de confraternização, sôbre as quais um dos membros promotores nos disse o seguinte:

—A festa tem por fim não só reviver o passado, a bela e antiga camaradagem, como um fim altruista que não poderia ser esquecido, e que compreende o auxilio aos filhos dos antigos alunos que se encontrem em situação difícil. As festas constam de uma visita á Faculdade de Sciencias, pelas 14 horas, que será antecedida de uma missa solene, ás 11 horas, em memoria dos professores e alunos falecidos, e á qual assistirão os alunos que assim o entenderem.

«Como «clou» de um por certo tão belo dia, realizar-se-há, no teatro de S. Carlos, um sarau musical e dramatico, absolutamente reservado ás familias e amigos dos antigos alunos, sendo os bilhetes apenas por convite.

«O sarau constará de duas partes: de uma parte musical, confiada á direcção do antigo regente da tuna da Escola Politécnica, o distinto maestro sr. Alfredo Mantua. A nova tuna é composta pelos seus antigos componentes e executará os seguintes números: «Hino Académico», «Pastoral», de Raul Ferraz; «Bergers», de Wateau; «Selecção de fados», de Alfredo Mantua; «Margarida na Fonte» e «Gavotte», de A. Mantua, e os «passa-calles» «Falco» e «Recordação».

«A parte dramática, que foi confiada a um grupo tambem composto de antigos alunos da Politécnica, levará á scena uma revista, arreglo de todas as peças em tempo representadas nos vários saraus daquela agremiação: «O Chá de Tolentino», durante cuja representação se farão ouvir números interessantes, como o dueto «A Olho Nu», o terceto «Falta, Dispensa e Cumprimento», «Cucurucu», «Valsa das Tentações», «couplets» do «Laureano» da revista «Pla Tangente», «Valsa da Opereta Othella», e canções das peças «D. Fuflo», «Certame dos Heróis», «Taverna Maldita», «Auto da Misericordia», «Regenerados», «Marcha Geral da Analise» e «couplets» dos «compéres» das revistas «De Fio a Pavio» e «Em Cheio», etc.

«Seguir-se-há uma ceia de confraternização.

Tudo leva a crer, pois, que esta revivescencia do passado pelos antigos alunos da Politécnica a todos proporcionará uma noite cheia de alegria e de saudosas recordações, servindo tambem para estreitar mais ainda os velhos laços de amizade que se adquirem nos bancos das escolas, fazendo um belo traço de união entre o passado e o presente, com todas as suas possiveis consequencias benéficas.

(**O Século**, 46.º Ano, N.º 15552, de 19 de Junho de 1925, p. 6)

* * *

AMANHÃ, os antigos alunos da Escola Politecnica, dos cursos de 1901 a 1907, realisam uma festa que, sendo ao mesmo tempo de saudade, de confraternisação e de beneficencia, é das mais belas e mais simpaticas que nos ultimos tempos se têm realizado.

A's 11 horas reunir-se-hão na igreja de S. Domingos. A's 2 da tarde realiza-se a visita á Escola e aos seus professores. A's 9 horas, sarau em S. Carlos, em que a antiga Tuna reviverá os seus melhores numeros.

E', emfim, uma festa de evocação e de sentimento, destas que têm o condão de atrazar a vida de uma pessoa alguns anos, e deixam a impressão de que, apesar das agruras da vida, a vida não devia acabar nunca.

* * *

(**Diário de Lisboa**, N.º 1285, 19 Junho 1925, p. 1)

Antigos alunos da Politecnica

A simpatica festa de hoje

E' hoje, como temos noticiado, que os antigos alunos da Escola Politecnica, dos cursos de 1901 a 1907 realizam a sua simpatica festa de confraternização a qual é iniciada por uma missa cantada na igreja de S. Domingos ás 11 horas por alma dos seus condiscipulos e professores já falecidos

A's 2 da tarde, visita á Faculdade de Sciencias (antiga Escola Politecnica) e aos seus professores e antigos alunos

A's 9 da noite sarau no teatro de S. Carlos, executando a Tuna antiga os seus melhores numeros, a começar pelo hino academico e subindo á scena a revista das antigas revistas «O Chá de Tolentinos», interpretada, exclusivamente pelos antigos alunos hoje parlamentares, diplomatas, medicos, advogados, jornalistas etc.

Depois do sarau, ceia de confraternização no Palacio Regaleira

Os bilhetes para o sarau, aos preços vulgares, revertendo o seu produto para os filhos dos antigos alunos em precarias circunstancias, devem ser requisitados durante o dia de hoje na rua do Mundo, 139, e á noite á comissão organizadora, visto que a recita é particular, no proprio teatro.

*

A direcção da Associação dos Estudantes da Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa pede a todos os estudantes, e em especial aos alunos da dita Faculdade para comparecerem hoje, pelas 2 horas da tarde, na séde da Associação, a fim de receberem condignamente os antigos colegas dos cursos de 1901 a 1907 da velha Escola Politecnica.

(**DN**, 61.º Ano, N.º 21342, de 20 de Junho de 1925, p. 1.)

O programa do Sarau realizado no Teatro S. Carlos, 1925.
(Colecção de Roberto Martínez del Río - Museu Internacional do Estudante de Salamanca)

Fachada do Teatro S. Carlos, anos 30
(Blogue "Paixão por Lisboa)")

Os antigos alunos DA Politecnica

A visita á Faculdade de Sciencias — A sessão solene

Os alunos do curso de 1901-1907 da antiga Escola Politecnica realisaram esta tarde uma visita á Faculdade de Sciencias. A' entrada eram os visitantes aguardados por grande numero de estudantes, que romperam em aclamações aos antigos alunos e á academia. Depois de visitarem varias aulas, dirigiram-se para o edificio da Associação Academica, realisando-se ali uma sessão solene, a que presidiu o sr. dr. Almeida Lima, tendo a secretaria-lo o professor sr. Santos Lucas e major João Tamagnini Barbosa.

O primeiro orador a falar foi o sr. Tamagnini Barbosa, em nome de todos os seus condiscipulos, dirige as suas saudações a todos os professores e aos novos estudantes, estando certo de que estes saberão honrar as tradições de todos aqueles que receberam instrução naquela casa. Não se esqueceram os antigos alunos dos seus professores e condiscipulos mortos, mandando rezar uma missa pela sua alma. Ele, orador, tem por vezes recordado as lições dos mestres, espera tambem que os atuais alunos—sigam sempre essas lições.

Ao terminar foi muito aplaudido.

O sr. Americo Buizel, em nome dos estudantes da Faculdade de Sciencias, dá as boas vindas aos antigos alunos da Escola Politecnica, afirmando que os estudantes de hoje saberão sempre honrar o nome daquela escola.

O sr. Matos diz que frequentava o curso em 1899; não vê ali ninguem mais antigo do que ele.

Vê apenas levantar as saudações: uma pelos noivos e noivas dos actuaes estudantes, outra pelos filhos e esposas dos antigos alunos. Essas saudações foram delirantemente correspondidas.

O actor sr. Rafael Marques diz que de todos os alunos do seu curso foi o unico que não conseguiu vingar na escola social.

(Não apoiados)

Regosija-se em ver que todos os seus condiscipulos conseguiram triunfar, chegando alguns a ser verdadeiras mentalidades do nosso paiz. Segue sempre o conselho dos seus professores, pois que apesar de por vezes representar caracteres differentes mantem o mesmo caracter do quando era estudante.

O sr. José Paulo da Camara pronunciou a seguir um interessante discurso cheio de humorismo, que foi por vezes interrompido com gerais aplausos.

Falaram depois o tenente coronel sr. Ressano Garcia e major sr. Melo Vieira, que dirigem as suas saudações não só aos professores como aos actuaes alunos. Em nome da Federação Academica, falou o sr. Franco Pereira, que num pequeno discurso salientava a solidariedade que sempre existiu entre a Academia.

A sr.ª D. Margarida de Almeida, em nome dos estudantes do sexo feminino, dá tambem as boas vindas aos antigos alunos.

Por fim encerrou a serie dos discursos o sr. dr. Almeida Lima, que agradece comovido as palavras de louvor que lhe foram dirigidas por todos os antigos alunos.

Finda a sessão, o sr. Americo Buizel entra na sala com o estudante da antiga tuna academica, fundada por quasi todos os antigos alunos. «As fitas, estão quasi a desfazer-se recordam um passado», dizem do meio da assistencia.

Nos olhos de muitos dos assistentes vêem-se lagrimas de comoção.

Em seguida todos os alunos foram cumprimentar o velho professor sr. Francisco Roquete, tendo falado o major sr. Melo Vieira, que lhe teceu os mais rasgados elogios.

(**A Capital**, 15.º Ano, N.º 4962, de 20 de Junho de 1925, p. 2)

alunos da Escola.

Antigos alunos da Escola Politecnica

Foi brilhantissimo o sarau que ante-ontem á noite realizaram em S. Carlos os antigos alunos da Escola Politecnica nos anos de 1901 a 1907. A imponente sala estava repleta, vendo-se na platéa muitos dos actuais estudantes da Faculdade de Sciencias, não poucos deles parentes ou descendentes daqueles que promoveram e realizaram a linda festa. Igualmente, durante a primeira parte do espectaculo, dezenas de crianças, de ambos os sexos, pertencentes ás familias dos promotores e comparticipantes do sarau estiveram sentadas á frente do palco, formando um adoravel friso.

Na primeira parte efectuou-se um concerto pelos antigos «tunos», sob a notavel regencia do maestro Alfredo Mantua, de-

Interior do Teatro S. Carlos, na actualidade
(Foto obtida no *site* "Bol" - Bilheteira Online)

pois do actor Rafael Marques, que fre-
quentou a Politecnica na época citada
ter lido uma alocução redigida pelo ma-
jor João Tamagnini Barbosa, antigo pre-
sidente do Ministerio e tambem um dos
mais talentosos e apreciados «tunos». Os
seis numeros do concerto obtiveram uma
execução primorosa, que arrancou palmas
entusiasticas do auditorio.

Na segunda parte representou-se a re-
vista de acontecimentos e costumes aca-
demicos «O chá de Tolentino», arreglo das
peças levadas á scena nos saraus da «Tu-
na» Academica da Escola Politecnica de
Lisboa. Todos os numeros alcançaram
êxito, quer de gargalhada, quer artistico,
porque entre os interpretes contavam-se
distintos amadores, que rivalizam com os
profissionais.

O major J. de Melo Vieira, espirito scin-
tilante, de uma vivacidade e um dos
mais dedicados promotores da festa de
confraternização, graça que nunca esmo-
recem, foi o compadre Cook, cicerone de
mr. Bluff, este desempenhado por Quiri-
no Monteiro. Entre os outros interpretes
—desejariamos citar todos—limitar-nos-
hemos a mencionar alguns, cujo trabalho
mais entusiasmou e fez vibrar a assisten-
cia. Por exemplo: Teixeira Diniz, Manuel
Magno, Luna de Oliveira, D. José Paulo
da Camara, Nunes dos Santos Junior, Nu-
nes da Silveira, João Bastos, etc. Recito-
tou-se e cantou-se bem, dançou-se e não
faltou quem representasse em «travesti»
de sorte a dar motivo a scenas hilarian-
tes, das mais pitorescas.

Na sala, entre antigos e modernos, rei-
nou uma encantadora camaradagem. Es-
fusiaram os ditos graciosos, houve cha-
madas repetidas e certos numeros foram
bizados. Todo o publico retirou sincera-
mente satisfeito, sendo unanimes os ju-
izos sobre as vantagens sociais de seme-
lhantes festas, que, avivando saudades,
estreitam velhos laços de estima.

Nos intervalos vendeu-se um numero
unico intitulado «O Sarau», com colabora-
ção de João Tamagnini, Quirino Monteiro,
Matos Sequeira, Hermano Neves, Santos
Junior, José Paulo da Camara, J. de Melo
Vieira, Fernandes Costa, João Bastos, Se-
verino de Morais e «Esculapio». Este nu-
mero unico tem ainda outro especial va-
lor: além de encerrar esta colaboração e
o programa da festa, traz um resumo in-
teressante e significativo da historia da
Tuna da Politecnica.

Por volta das 3 horas de ontem começou
a ceia de confraternização que se reali-
zou no palacio da Regaleira.

(**O Século**, 46.º Ano, N.º 15556, de 22 de Junho 1925, p. 6)

A FESTA DE ONTEM

dos antigos alunos da Politecnica

Os antigos alunos da Politecnica no ponto de reunião dos seus tempos de estudantes

Ontem foram em romagem de saudade á antiga Escola Politecnica, hoje Faculdade de Sciencias, os alunos dos cursos de 1901 a 1907.

Pouco antes das 2 horas da tarde começaram afluindo á antiga confeitaria do «General», conhecida tambem pela «Serafina», ponto de reunião necessario, especie de primeiro passo indispensavel áqueles que vinham reviver tempos passados, acordar queridas lembranças. E a cada antigo condiscipulo que chegava era um côro de exclamações, alguns eram tratados pelas suas antigas alcunhas, essas alcunhas de escola a lembrarem uma mocidade irrequieta, mordaz, impenitentemente entusiasta.

Ha já muitas fardas de oficiais do exercito e da marinha, encontram-se no «General», que todos vão cumprimentar, figuras de alto relevo no nosso meio social; medicos, engenheiros, professores, antigos ministros, mas todos como que tocados por esse maravilhoso elixir que transformou o Dr. Fausto, todos esquecidos da seriedade e compostura que o seu lugar importante na vida lhes impõe.

Cada um que chega, é acolhido pelos braços vigorosos dos que estão. Abraços sobre abraços. Abraços de 20, de 25 anos...

A certo momento o sr. dr. Manuel Magno assume o comando, é investido das delicadas funcções de chefe do protocolo, e dá a ordem de escalada á antiga Politecnica; solta-se o primeiro viva, que é longamente repetido e depois da pose necessaria e indispensavel para as gazetas, o ilustre medico, chapeu de palha na mão, um cravo garrido na «boutonière» do seu «fracke»—a ele deveu, talvez, ser nomeado mestre de cerimonias—entram na escola, percorrem os velhos corredores, recordando em voz alta as horas afflitas dos dias de «chamada», as partidas, os camaradas... que ali não estavam, porque já haviam ido para a larga caminhada, que não tem regresso...

Uma voz forte salta por cima de todas, uma voz muito nossa conhecida: é Rafael Marques que arranca ao passado algumas das partidas de que foi autor ou protagonista. Assaltam-se as aulas, onde finalmente se pode falar alto!»

A seguir todos se dirigem para a Associação Academica, onde os novos academicos os esperam e recebem com palmas e vivas entusiasticos. Improvisa-se uma sessão solene: Americo Buizel, presidente da Associação convida o sr. dr. Almeida Lima a presidir, e, para seus secretarios, os srs. dr. Santos Lucas e major João Tamagnini Barbosa.

Todos procuram fingir que o instante não é solene; ha até quem aconselhe um jornalista a não tomar notas, mas bem se vê, porque os olhos de nenhum dos assistentes pode mentir, que é emocionante aquele «grande minuto».

Levanta-se então o sr. Tamagnini Barbosa. Fala com o coração. Dirige-se em primeiro lugar ao ilustre mestre, lembrando-lhe o orgulho que ele deve naquele momento sentir por ver que aquelas centenas de antigos alunos souberam seguir os seus conselhos, aproveitar as suas lições. Aos estudantes novos incita a seguir o caminho daqueles que ali estão e que têm hoje a felicidade de jerem na sociedade actual os lugares de que os novos amanhã, serão os sucessores.

Longos aplausos afogam as ultimas palavras do sr. Tamagnini Barbosa sobre cujos ombros uma dos academicos colocou o estandarte da

O sr. Americo Buizel saúda os antigos alunos da Politecnica em nome da A. A. da F. S.

Matos Sequeira sobe ao estrado, todos esperam que o ilustre humorista faça rir, mas não; o curtissimo discurso de Matos Sequeira é um lindo ramo a exalar perfume. Brinda com ternura pelas noivas dos academicos de hoje, pelas filhas dos academicos de ontem.

Rafael Marques tambem é instado para falar e, confessa que é a primeira vez que se «sente atrapalhado com o papel . . .

Alguem arrasta D. José Paulo da Camara para o estrado. Estridentes e calorosas ovações. O nosso camarada confessa que, não podendo desta vez «fazer gazeta», estava longe de que fosse chamado. E estava em branco. Diz o «mea culpa» das suas «cabulices»; não diz que foi bom estudante porque... o sr. dr. Santos Lucas poderia desmenti-lo. E ali... era feio. O seu discurso mantem em constante hilariedade todos os assistentes. Todavia, os olhos de José Paulo estão humidos de lagrimas. Termina então por desejar que os novos estudantes não façam «o que ele fez»—e dá esse conselho porque é pai, — e por desejar que, quando seu filho para ali fôr, os professores tenham para com ele a mesma indulgencia que para consigo tiveram.

Fala seguidamente o tenente-coronel sr. Ressano Garcia. Costuma estudar as lições para as dar aos alunos. Desta vez tambem «não sabe a lição e sente que faz má figura». Propõe tambem uma saudação ás alunas da Faculdade, que a aluna D. Margarida de Almeida, em nome das suas colegas, agradece.

Falam ainda com entusiasmo vibrante o major Melo Vieira e o dr. Luís Passos, que são tambem calorosamente aplaudidos.

O sr. dr. Almeida Lima diz então do intenso prazer que aquela festa lhe proporcionou. Pode finalmente compreender a admiravel finalidade da sua longa vida de professorado. Agradece como pode todas as manifestações de apreço, de carinho, de consideração e respeito que todos lhe prestaram e diz-se confiado tambem que os novos seguirão o caminho nobre e honrado dos antigos alunos.

Estava encerrada a sessão. Novos vivas, novos hurrahs. Americo Buizel trás á sua o velho e esfarrapado estandarte da antiga Tuna e então é que não houve olhos que não chorassem.

Nunes dos Santos abraça e beija o seu querido estandarte, empunha-o e já o não deixa no resto da visita á Escola.

Agora vão todos até á aula de mineralogia, que está funcionando com o seu antigo professor, o velho dr. Ferreira Roquete. E não se descreve a comoção do ilustre professor ao ver entrar na aula os seus queridos e antigos amigos. O major sr. Melo Vieira faz em rapidas e entusiastas palavras o elogio do velho professor e o tenente-coronel sr. Ressano Garcia agradece em nome deste.

Depois novos grupos se formaram e todos se encaminharam, como para um dever imperioso, para o museu.

—De manhã, ás 11 horas [illegible] S. Domingos, no altar mor [illegible] por alma dos condiscipulos [illegible]. Durante a missa foram cantados por [illegible]

(**DN**, 61.º Ano, N.º 14459, de 21 de Junho de 1925, p. 4)

Ano de 1937

Centenário da Escola Politécnica

Nesse ano é comemorado o Centenário da Escola Politécnica de Lisboa, num programa diversificado, ocorrido a 11[144] e 12 de Janeiro, e que incluíu uma homenagem ao monumento de Sá da Bandeira (fundador da Escola) e outra a Alexandre Herculano (no Mosteiros dos Jerónimos), sessão solene no Salão Nobre da Escola, Missa pelos defuntos alunos e professores, e posterior descerrar de uma placa (à porta da Escola) em sua memória.Finalmente, encerra a confraternização nos salões do *Club Maxim's*[145].

Nesse âmbito, é lançada uma revista, *A Polythécnica, N.º Único, comemorativo do Centenário da Escola Politécnica*, com edição de 11 de Janeiro de 1937, cujo conteúdo foi essencial para a elaboração deste trabalho[146].

Segundo o Diário de Notícias, as receitas das festividades foram de 17.730 escudos, com 17.600 escudos de despesas, resultando um saldo positivo de 130 escudos que reverteu aos pobres[147].

Capa e página 1 de *A Polytechnica*, de 1937.
(Acervo do autor)

[144] Dia em que, coincidentemente, se assinala o centenário da morte de João de Deus.

[145] **Diário de Lisboa**, 16.º Ano, N.º 5081, de 11 de Janeiro de 1937, p. 5; **Diário de Notícias** 73.º Ano, N.º 25480, de 12 de Janeiro de 1937, p. 1 e 5; N.º 25481, de 13 de Janeiro de 1937, p.1.

[146] Inicialmente consultada no arquivo da antiga Escola Politécnica, acabei, posteriormente, por conseguir a sua aquisição, num leilão online. A revista possui 40 páginas (de tamanho ligeiramente maior a A3), além de cerca de mais uma dezena com publicidade.

[147] **Dário de Notícias**, 74.º Ano, N.º 25505, de 07 de Fevereiro de 1937, p. 2.

A COMEMORAÇÃO DUM CENTENARIO

O que era a Escola Politecnica

nos primeiros anos da sua existencia

Foi ha um seculo que, no antigo edificio do Colegio dos Nobres, começou a funcionar a Escola Politecnica do Exercito. A monarquia, já com certo vento liberal, acabava assim, com o monopolio educativo dos filhos de algo, moldado em privilegios de casta, para criar um estabelecimento de ensino aberto a todos que, com os anos — um seculo depois é um verdadeiro monumento de cultura e de sciencia. Nesse longinquo ano de 1837, data do decreto, reinava D. Maria II, tendo sido o documento oficial referendado pelo visconde de Sá da Bandeira e Vieira de Castro.

A criação da Escola Politecnica foi muito discutida e atacada, sobretudo, pelo Parlamento e pela Universidade de Coimbra.

Enquanto nas Côrtes se pedia a extinção do novo estabelecimento de ensino, a Universidade de Coimbra produzia repetidos protestos contra ele, alegando especiosas razões. Entre os incidentes que se deram, na Camara dos Deputados, vale a pena referir o travado entre José Manuel Botelho e o grande Herculano. Enquanto o primeiro pretendia, pura e simplesmente, a revogação do decreto que suprimira o Colegio dos Nobres, ao qual seria restituido o magisterio e o edificio, o autor do «Bôbo» defendia a Escola Politecnica, com severa e dura eloquencia. Herculano redigiu um admiravel opusculo, no qual dizia: «o actual edificio da Escola Politecnica foi fundado em 1603: sendo o terreno dele dado á Companhia (de Jesus) por Fernão Telles de Menezes, governador da India, em tempo de Filipe II: os bens que o fundador doou para este objecto áquela congregação montavam ao valor de vinte mil cruzados, soma avultada ainda naquela epoca. O titulo da nova casa foi Nossa Senhora da Assunção, e em 1619 estavam acabados os lanços que olham para o poente, nascente, e sul, e a igreja como actualmente existe».

E depois:

«Até á extinção dos jesuitas este noviciado conservou o titulo de Senhora da Assunção, etc».

Herculano queria provar que o edificio, não pertencia aos jesuitas, como afirmavam alguns dos seus contradictores.

Ganhou a partida. O seu opusculo ficou sem resposta, como diz o professor sr. dr. Pedro José da Cunha.

Em 22 de abril de 1843, o edificio onde funcionavam as ecolas politecnica e do exercito—ambas sujeitas ao ministerio da Guerra—ardia. O sinistro impressionou, vivamente os lisboetas. El-Rei e os seus ajudantes de campo, como relata um jornal da época, as tripulações dos barcos franceses e ingleses surtos no Tejo, ministros, deputados, alunos e até bombeiros, que já os havia, então, acudiram, conseguindo salvar uma boa parte do recheio das aulas: aparelhagem dos gabinetes de fisica, quimica e, ao que parece, totalmente as colecções de mineralogia e zoologia.

Em 1857 começavam as obras do novo edificio. O governo levantou varios emprestimos e ordenou a venda dos bens do extinto Colegio dos Nobres. Era, então, já a Politecnica, visto que a Escola do Exercito, fôra instalada em casa propria, no Palacio Real da Bemposta. Pouco depois a escola passava da dependencia do ministerio da Guerra para o do Reino.

Eram criadas mais disciplinas e lentes oficiais do exercito, quasi todos, se não todos, passavam a usar nos dragmas do fardamento os atributos de Minerva, escudo com a cabeça de meduza, lança e espada, guarnecido com duas palmas de louro.

Varias vezes a organização dos cursos, foi alterada sendo a mais importante a imposta por portaria de 8 de junho de 1860.

E' preciso dizer que a Escola Politecnica teve um capital de cêrca de 237 contos, cujos juros foram sempre aplicados a favor daquele estabelecimento.

Hoje, como está dependente do ministerio da Instrução, as suas verbas são orçamentados por esse departamento do Estado.

Depois dos primeiros anos, que foram devéras atribulados, a Escola Politecnica gosou uma calma e longa existencia. A sua reputação impôs-se ao país e mesmo no estrangeiro. O historiador aponta varios perdões de acto, alguns solicitados pela academia de Coimbra, que favoreceram os da Politecnica, sendo o ultimo em 3 de junho de 1852, para comemorar a visita da Rainha ao norte e o seu feliz regresso á capital.

Em 1907 houve uma «greve» repercussão da de Coimbra, que teve, como se sabe, um caracter politico.

Era o novo regime, que já alvorecia no coração da academia, regime esse que em 5 de outubro de 1910, uma revolução triunfante, devia ligar aos destinos do país.

Em 1711 a Escola Politecnica passava a denominar-se Faculdade de Ciencias, com um plano mais amplo de estudos. Não havia, porém, como muito bem friza, o sr. dr. Pedro José da Cunha, o mais ligeiro choque, a mais simples colisão. Ficaram os mesmos mestres e ficou, sobretudo, o mesmo espirito escolar—cuja continuidade leva já um seculo de existencia.

O director da Faculdade de Ciencias depondo um ramo de flores no monumento do marquês Sá da Bandeira

Professores e alunos da Escola Politecnica junto do tumulo de Herculano

As comemorações de hoje

Comemorando o centenario da assinatura do decreto que criou a Escola Politecnica de Lisboa, começaram hoje e prosseguem amanhã as cerimonias promovidas pelo Conselho Escolar da Faculdade de Ciencias, sucessora da Politecnica, e por uma comissão de antigos alunos.

Junto ao monumento Sá da Bandeira, fundador da Escola Politecnica, reuniram-se pelas 11 horas muitos antigos alunos, entre os quais se destacavam os srs. almirante Afonso Cerqueira, dr. Soares Parente, major Luiz Santana, tenente-coronel Artur Rocha engenheiro Mario Trigo, etc. Encontraram-se ali tambem muitos dos actuais alunos, cujo grupo tinha á frente o estudante sr. Julio Vasconcelos Cordeiro, presidente da Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciencias.

Pouco depois, chegavam junto do referido monumento os professores da Faculdade srs. Vitor Hugo Duarte Lemos, director; Pedro José da Cunha, Aquiles Machado, Cirilo Soares, Machado da Costa, Inacio da Silva Ruy Teles Palhinha Amorim Ferreira, Arnaldo Rescano Garcia, Eduardo Andrêa, Antonio Pereira Forjaz e Santos Lucas.

O director da Faculdade colocou no pedestal do monumento um grande ramo de flores com fitas de seda azul claro.

Em seguida tanto professores catedráticos como alunos dirigiram-se para Belem, onde fizeram identica manifestação junto do tumulo de Alexandre Herculano, a quem a Escola ficou devendo relevantes serviços.

Engenheiros por escolas estrangeiras

Nos termos da legislação em vigor foram registados os diplomas de engenheiros, tirados em escolas estrangeiras, aos seguintes srs.: Alvaro dos Santos Lima (Lausanne), Diamantino Lucas Amaro (Liége), Joaquim Avelino Silvestre Leitão (Berlim), João Francisco Tojal (Berlim), José Fernandes Salgado (Liége), Artur Macieira Reis (Manchester), Margarida Stern

(**Diário de Lisboa**, 16.º Ano, N.º 5081, de 11 de Janeiro de 1937, p. 5)

Mestres e alunos, antigos e actuais, da Escola Politécnica, após o descerramento da lápide de homenagem aos mestres, estudantes e empregados mortos 1937

(Blogue "Além Tunas" / AML)

POLYTECHNICA!

Deixem-me escrever assim, uma vez ao menos, com muitos *h h* e muitos *y y*, para fazer o gosto ao dêdo e vingar-me desta secura de hoje que, ignorante da psicologia humana, mutila, sem vantagem e sem remedio, tantas das coisas lindas de outrora...

Deixem-me escrever assim, porque me parece que ao calor daquelas letras — que o legislador catou á pinça sem medir a sua fuhção, tal como a dama moderna aos pêlos que chama, mas não são, superfluos — se reergue e revive a velha Polytechnica de há trinta anos, a do General e seu Augusto, a do Ferrugento explicador, a do Clemente das Tesouras, a do Santos Bucha, a da Tuna, a das violentas pugnas carnavalescas, a do tremendo Aquiles e do Pina terrificante, a do tiro da uma, a do Museu ás quintas-feiras com lingua de hipopótamo á discreção...

Deixem-me escrever assim, porque sinto que naquelas letras proscritas se aninha ainda alguma poesia daqueles tempos e atraz delas me parece ver espreitar de novo os bigodes irresistiveis do cadete de então, seu barrete á banda, seu «dolman» cintadinho, sua calça colada á perna, pendulando na fuga entre o terror da 6.ª Cadeira e o do capitão Sobral, para ir invariavelmente cair — como resultante deste sistema de duas forças — ou no velho bilhar da rua da Escola ou, sem duvida com melhor comodidade, nos braços roliços duma sopeira, sob a folhagem bastante tropical do Jardim que teima em chamar-se Botanico, apezar de mais afeito ás diabruras de Cupido do que ás investigações de Flora...

Que saudade, bom Deus!!

Mas há uma coisa peor do que ela e é o ver-se a gente, sem saber como, quási investido no papel daqueles velhos do inventario do Jardim da Estrêla que, de bengala e «cache-col», entre um acesso de tosse e uma réstea de sol amigo, assim começam invariàvelmente suas falas invariaveis: «Ora no meu tempo...»

É certo que, por enquanto, ainda dispensamos tosse, sol e bengala, mas — ai de nós! — já falamos do «nosso tempo!»... Este, sim, que é o sintoma grave...

Que vá a culpa deste começo de desilusão ao engenheiro Couvreur e ao organizador dêste jornal que, convidando-nos á colaboração, descaroavelmente nos relembram «que já temos passado».

Fôrte maldade!...

*

Mas não há resistir e seja como fôr, transportemo-nos aos tempos idos, áqueles em que o Pedro, cerbéro do portão fronteiro à Imprensa Nacional, nos recebia as cartas de namoro.

Os senhores leram bem? Cartas de namoro!!

Naquele tempo, tomem nota, ainda um estudante namorava a distancia! Arqueologia pura e fria á vista da proximidade complicada e tépida do tango e da rumba hodiernos, proximidade por vezes tão proxima que quasi desmente a velha noção de volume...

Entrando na exhumação, passemos, para abreviar, sobre as lutas épicas com a policia da esquadra do Rato, chefe Amorim á frente, nas quais parava o electrico, zunia a pedra, brilhava o chanfalho e se ouvia a voz potente do Santos Bucha comandando o avanço de dentro da guarita da escadaria principal, na qual se entrincheirava o estado maior e se dirigiam as operações...

Passemos ainda sobre as expedições punitivas ás nésperas do visinho, cuja distribuição se fazia depois á entrada da aula pratica do D. João, e em que nos empenhávamos sob as ordens dos generais Lasp e Agec, cujos nomes hão-de pronunciar-se baixinho, para que os não ouçam os alunos dum austero professor, nem os dignos secretariados dum austero secretário do Conselho Superior de Obras Publicas, disfarces actuais dos temiveis «cow-boys» de antanho!

Passemos, tambem, sobre o «batatoide» que Far, artilheiro distinto e «pistoleiro» eximio de hoje em dia, escarrapachou num exame de frequencia, assim chamando, do calão academico que tomára a serio, á forma cristalina que tinha de classificar, de tal sorte eriçando os poucos cabelos e a muita indignação mineralógica de Mestre Roquette!

Detenhamo-nos apenas, naquela cena épica do anfiteatro de Calculo, na aula de Economia Politica do veneranndo lente Gusmão; *a presença era*, sobretudo e como sempre, *de faltas*, que o olho protector de Oliveira — a arvore da paz! — deixava proliferar sem registo de maior...

Rari nantes in gurgite vasto (a meia duzia que todos os dias fazia a «casa da guarda»), acaçapados aqui e ali, ocupavam-se de tudo menos dos problemas de Leroy-Beaulieu, mergulhados no torpôr da tarde e na doce esperança de que Gusmão não chamaria.

Mas — ó falibilidade das coisas humanas — Gusmão chamou!

Depois de desfiar em voz cava um rôr de numeros, clamando no deserto sem outra resposta que o silencio dos bosques e o rastejar das vitimas assustadas de logar para logar, afim de deixar vasio, a cada chamamento, o numero invocado, Gusmão pôde topar enfim, cobrindo o numero requerido e por menos hábil no «passe», o aluno Fama! Este, transído mas «apanhado», ergueu-se imperturbável, cumprimentou, começou a descer a escada do anfiteatro a caminho do professor, digno, hierático, sem dizer palavra, ante o pasmo e o alivio dos colegas.

A alegria de Gusmão, pouco habituado a estas caçadas frutiferas, não conheceu limites e ele a traduziu logo por estas palavras triunfais: *Invenì hominem!*

Mas a coisa não findára: o aluno, imponente, continuou descendo, aproximou-se da mesa e perante a cadeira do suplicio, que Gusmão lhe indicava a sorrir, de novo cumprimentou respeitosamente e, continuando austero e majestoso a sua marcha solene, sumiu-se como uma sombra por traz do quadro...

Um silencio de pavôr abateu-se sobre a sala.

Quem seria a nova vitima?

Cada qual se preparava já para recomeçar a «dança dos números», quando Gusmão, que era um santo e amava os rapazes, ergueu a sua bela cabeleira branca, respirou fundo esta conformidade: *Nihil! Hominem non habeo!* E, fechou a caderneta.

Cem anos que eu viva, não esquecerei esta cena, em que há de tudo: graça, bondade, finura e um pouco daquele descaramento tão necessario nas grandes ocasiões...

Mas paremos.

Se é certo que as recordações se nos atropelam na mente, há todavia que terminar, que o jornalzinho não chegaria para tudo o que nos salta do coração!

*

Vamos á Tuna, expressão maxima da alegria, do espirito e da solidariedade academica que nos uniam pela arte, alheios naquele descuidado tempo aos problemas profundos, aos rasgos e ás vilezas do dia de hoje!...

Precisamente temos á mão, nesta caixa de recordações, bastos elementos do «corpo de delito».

Tiremos para fóra algumas fotografias da Tuna de 1906 e as cópias de ponto das minhas pecitas «O Certamen dos Heroes» e «A Taverna Maldita ou A Bomba de Barnabé», representadas em 1905 e 1906 nos nossos saraus de Lisboa, Aveiro, Vizeu, Guarda e Castelo Branco.

São repositorios de saudade e de graciosas e agridoces recordações; mas parece, por vezes, cobri-las uma lousa tumular, porque a morte já paira sôbre muitas dessas comoventes lembranças.

Vejamos esta fotografia: ali estão, na Tuna, o querido maestro Mantua, cuja infinita paciencia igualava o seu valor e que, quando as necessidades artisti-

A TUNA DA ESCOLA POLITÉCNICA EM 1906

Primeiro plano, sentados ao chão e contar da esquerda para a direita: Francisco Castelo Branco, António Silveira (presidente da assembleia geral), Bento Vargas, Jorge dos Anjos, José Carrilho, Jaime Casqueiro e António Costa Pereira. Segundo plano: Sanches Coelho, Bezard Gardes, Oscar Graça, Oliveira Duarte, Adelino Pedrosa (secretário da direcção), Tamagnini Barbosa (presidente da direcção), Alfredo Mantua (regente da Tuna), Nunes Júnior (tesoureiro), Aurélio Silva, E. Ribeiro, Viana da Mota, Diogo Freire, Ramon de la Feria (vogal do conselho fiscal). Terceiro plano: Carlos Vilamariz, Adolfo Neto, João Bastos (presidente do grupo dramático), Elísio Lobo, António Prudente, Fozier Rebêlo, Bento Caeiro e Lobo Antunes. Quarto plano: Luiz Leal, Manito Téxeo (secretário da assembleia geral), Ribeiro de Almeida, Tavares Blanco, Melo Saraiva, João Patrocí, Pereira Ribeiro, José Barreto, Luiz Pamplona, Fernando Cabral (presidente do conselho fiscal e sub-regente da Tuna), Tiburcio Ferreira e Mário Barbosa

A Polythécnica, N.º Único, comemorativo do Centenário da Escola Politécnica, de 11 de Janeiro de 1937, p. 34. .(Acervo do autor)

A Tuna da Escola Politécnica, em 1901

cas» me obrigavam a mudar de instrumento, escrevia tudo na clave de Sol, para me poupar o trabalho de adaptação a outra clave; o incomensurável Patroni, com o seu lindo estandarte azul e branco, côr da Pátria e da Escola; o infatigável Tamagnini Barbosa, chefe e organizador desde sempre, presidente do conselho, tenente-coronel de engenharia, ministro de Sidónio; o dramaturgo João Bastos, emérito homem de teatro, que comigo terçou na Tuna as suas primeiras armas literárias e hoje honra no Brasil o nome português;os pobres Santos Júnior, Costa Pereira, Fortée, Saraiva e Dr. Tiburcio Teixeira, todos mortos, o ultimo, artilheiro e professor insigne, ainda há bem poucos dias; o Dr. Joaquim Flores e o major Tavares Blanco, agarrados ás suas flautas magicas; os tenentes-coroneis Menezes Leal, Elisio Lobo e Oliveira Duarte, de violino e bandolins; os Drs. Bénard Guedes, radiologista emérito, Adelino Padesca, lente abalisado, Ramon de la Féria, Fernando Cabral, Pedro Emauz, Sanches Coelho, etc., de bandolins, violas e violinos;os majores Carrilho, Nunes da Silva, Barreto, Ribeiro, Pamplona, Viegas, Graça, Neto e outros, empunhando as suas violas e violinos; o Pedro Viana da Mota, o Bento Caeiro, o Mário Barbosa, o Silveira, bandolins e violas de primeira plana; com seus bojudos contra-baixos os professores Drs. Carlos Vilamariz e Antônio Prudente; por fim este vosso creado, conforme as conveniências do elenco, aqui de violão baixo, acolá de bandoleta, mais alem de bandolim ou violino!

E — como referência excepcional, por se tratar de epoca um pouco mais recuada — quem imaginais vós que aparece em outras fotografias, o primeiro em «travesti» dramatico, o segundo meneando ligeirissima pandeireta?! Pois nada menos que o lente Dr. Ressano Garcia da propria Politecnica *(onde elas se fazem...)* e o antigo Ministro da Guerra e Comandante de Caçadores 5, major Luiz Alberto de Oliveira!! —

Pois é verdade! De «saias e pandeireta», estes próceres!...

Baixemos discretamente o véu e esperemos que a posteridade lhes seja benévola...

Sigamos ás «peças», a correr. Em ambas, que de recordações!

A marcação lá está ainda, do velho actor Gil, saüdosa gloria do *D. Amélia*, companheiro de triunfos dos Rosas e do Brazão! Porque o autor tinha má letra uma delas foi copiada para o ponto pelo Bénard Guedes que, apezar de futuro medico, se esmerou em um magnifico cursivo de velho tabellião!

E os interpretes?

No «Certamen», entre outros, o Dr. Joaquim Flores fazia o «Conde Adal-

Alfredo Mântua

bricoques», o tenente-coronel Perestrelo de Vasconcelos, do 3 de Artilharia, a «Condessa Benevenuta», o pobre Santos Junior o «Mordomo Penaferrim».

Houve nesta peça dois personagens com o seu quê de profético: os dos tenentes-coronéis de engenharia Tamagnini Barbosa e Esmeraldo Carvalhais; com efeito, o primeiro fazia «D. Fuas, o temível», *traga-balas* romântico, um lutador rijo e vencedor de impossiveis, como tem sido na vida; o segundo teve a seu cargo o papel de «Trovador Teobaldo», homem de sala e galanteio, diplomata, protocolar, tal como na vida tem sido!

Na «Taverna», o par de estrelas, Flores e Perestrelo, fazia ainda os dois principais papeis. Artistas máximos, que o eram, eu escrevia propositadamente para eles, «como os grandes autores para os grandes actores!»

O primeiro fazia o «Sabio Serapião», o segundo a «Serapiana, sua mana»; na lista dos interpretes seguiam-se o «chorado Santos Junior no «Cornicabra, capitão de ladrões», o professor Vilamariz, os majores Centeno, Costa Pereira e Ribeiro Gomes, este formado depois em Direito, os Drs. Manuel Magno, Sepulvedra e Valadas, enfim, o José Paulo da Camara, filho do grande D. João, que ora dispersa pelo Brasil as preciosidades do seu talento e do seu caracter! Contraregrou esta peça, chave oculta do exito no apagado dos bastidores, porque era de grande espectaculo e movimentadissima, o Dr. Adelino Padesca, um dos melhores entusiastas da Tuna.

Eis os rapazes gárrulos e divertidos de há três décadas, génese dos homens pensativos de hoje! Eis a vida de hontem, tão livre e descuidosa, braço a braço da pesada preocupação dos nossos dias! Eis uma mocidade de transição, que de repente aguenta sobre os hombros, desacostumados mas firmes, talvez a mais dura responsabilidade de todas as eras!

Com todos eles, colegas, camaradas e amigos de sempre — os que, a correr, puderam ser citados e os que o não foram e não estão, por isso, mais longe do meu coração — eu invoco através destes fastos escolares, até destas pequeninas anedoctas com que simulamos rir para não chorar, a infinita saudade do passado, o reconhecimento pelos Mestres queridos e generosos que ali nos fizeram intelectualmente homens, a gratidão pela Escola nobilissima que foi, para o nosso espirito de jovens iconoclastas, certamente a menos tangivel, a menos vulneravel, a mais respeitada de todas.

Reformas posteriores — bôas ou más, não vem ao caso — com dura e cêga razoira quebraram a sua tradição academica, a sua velha independência, a sua galhardia titular, pesando sôbre pequeninas e delicadas coisas que em todo o mundo são tidas por não indiferentes á coesão espiritual.

Não importa! Para nós, os que nos orgulhamos de velhos politecnicos — e nesta qualidade estendemos a mão fraterna aos universitarios de hoje, nossos sucessores — *a Politecnica não morreu não morrerá jamais, porque vive sempre na saudosa solidariedade que nos deve unir!*

Por isso eu quero que neste dia de comoventes recordações o nosso grito, palavra-de-ordem de constância e união seja só um e apenas este:

«Nós te saudamos, ó velha e sempre nova e eterna Polytechnica!...»

Carlos Manilto Torres
(1903-1906)

Saüdade

Pediram-me para escrever qualquer coisa como colaboração neste comemorativo número único. Só um termo me acode ao pensamento, bem altidamente português, a vincar tôda a sentimentalidade da nossa raça: é a palavra *Saüdade*.

Saüdade dos tempos de franca e leal camaradagem que eu vivi com tôda aquela rapaziada de então, alegre, viva, buliçosa, que constituía a Tuna da Politécnica, que eu dirigi com o mais desvelado carinho.

Saüdade dos inolvidáveis momentos de Glória que as exibições da Tuna a todos proporcionaram, envolvendo-nos num ambiente de Arte que nos empolgava numa como que inebriante embriaguês dos sentidos, que ainda hoje evoco com a mais enternecedora *Saüdade*.

Saüdade dessa mocidade que passou e não volta mais, como daqueles que desapareceram na estrada aspérrima da vida.

Que pena não poder a todos juntar de novo, para revivermos, num poema de imorredoura *Saüdade*, êsses belos tempos de outrora em que vibrávamos na mesma melodia que era todo o nosso enlevado encantamento.

Aos que ainda restam, retalhos dispersos dessa pleiade de Artistas que no meu coração vivem enternecidamente, a todos abraço com aquela comoção que me provoca o relembrar êsse passado exuberante que só numa expressão bem viva posso traduzir: *Saüdade*.

Alfredo Mântua

Foi no meu tempo...

Foi no meu tempo da Politécnica... e quando recordo êsse tempo, para marcar qualquer data, ou lembrar qualquer colega, invoco, sem querer, as horas boas e más que lá passei. Gréves académicas, sessões tumultuosas em que os indiferentes se divertiam imenso. Grandes corredores percorridos inúmeras vezes emquanto se esperava a hora da aula. Tristes dias de inverno, trabalhando à luz artificial nos laboratórios que frequentavamos. Alegre Jardim Botânico tão propício ao estudo em épocas de exames... Tempo que não volta... Saüdades? Sim. Tenho-as... principalmente do «*meu tempo*» da Politécnica...

Maria Luiza Forjaz de Sampaio
Médica

A Polythécnica, N.º Único, comemorativo do Centenário da Escola Politécnica, de 11 de Janeiro de 1937, p. 35.
(Acervo do autor)

Ano de 1938

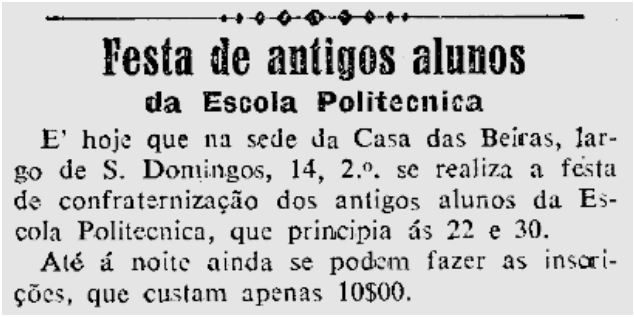
Festa de confraternização e sarau

Em 1938, no dia 2 de Julho, há um encontro de antigos alunos da Escola Politécnica, com festa realizada na Casa das Beiras[148], no Palácio da Regaleira[149], e participada por muitos familiares e amigos, com os antigos tunos, sob a batuta de Alfredo Mântua[150], a executarem o "Hino Académico", a "Pastoral" e o pasacalle "Recordação", mostrando ainda possuirem virtuosismo, reavivado pela emoção de recordar os tempos áureos da sua juventude[151].

Nesta que é a última notícia ligada à **Tuna Académica da Escola Politécnica**, aqui ficam os nomes dos participantes referidos pela imprensa:

> *Como noutros tempos, apresentaram-se tocando violino os srs coronel Pereira Damasceno, tenente-coronel João Tamagnini Barbosa, Luiz Pamplona e dr. Fernando Ribeiro Cabral; em bandolins os srs Pedro Viana da Mota, Alfredo Sequeira, Artur Azinhais e tenente-coronel Fernandes Costa; em violas os srs Cunha Belem, Aparicio Palma, Fernando Teixeira Cabral, Artur Figueiredo, Jaime Silva e António Bastos, que também tocou pandeireta; e contra-baixo foi o sr dr. Manuel Magno.*
>
> *Os executantes e o seu regente ouviram grandes aplausos dos assistentes, seus condiscipulos, entre os quais se viam o sr. governador civil de Lisboa, tenente-coronel Lobo da Costa; coronel Duarte Veiga, Pereira Coelho, Cardoso dos Santos, almirante Afonso de Cerqueira, tenentes-coroneis Quirino Monteiro e João Pedro Silva; major Piçarra Gouveia, que durante a festa recitou um monólogo; drs. Arbués Molina e Medeiros de Almeida; José Julio Andrade, Faria Pereira, Mousinho de Figueiredo, Franco do Carmo, Ribeiro de Fonseca, Ilidio Falcão, João Pereira de Macedo, Carlos Bragança Pereira e Lobo de Campos, que realizou uma bela palestra literaria com o tema: "Poetas que fomos e ainda somos".*

Diz-nos um dos periódicos consultados que, durante a ceia "à americana", houve lugar a números de música e bailados, assegurados por filhos e netos dos antigos alunos da *Politécnica*.[152]



Festa de antigos alunos

da Escola Politecnica

E' hoje que na sede da Casa das Beiras, largo de S. Domingos, 14, 2.º, se realiza a festa de confraternização dos antigos alunos da Escola Politecnica, que principia ás 22 e 30.

Até á noite ainda se podem fazer as inscrições, que custam apenas 10$00.

(**Diário de Lisboa**, N.º 5608, de 02 de Julho de 1938, p. 3)

[148] Em 1907, foi criada a primeira associação Beirã, o *Centro Republicano Tabuense*, seguindo-se, em 1912, a fundação do *Grémio Lafonense*. Devido a desavenças, um grupo de dissidentes fundou o *Grémio Beira-Vouga*, que, em 1915, passa a designar-se *Grémio Beirão* e, finalmente, em 1933, *Casa das Beiras*, cuja sede estava situada no Palácio da Regaleira. Posteriormente, e até há pouco anos, a sede era na Avenida Almirante Reis, 256 - 1º Esq.

[149] Palácio dos Barões da Regaleira, fica situado no Largo de São Domigos, 14-15. Edifício construído no século XVIII que pertenceu, durante mais de um século, aos barões da Regaleira. Em inícios de 1890, foi vendido, sendo ocupado por vários estabelecimentos comerciais, até dar lugar ao Grande Hotel Continental (ca. 1892), com funcionamento até ca. 1898. Em 1902, aí se instalou o Liceu Nacional de Lisboa (Camões), chegando a partilhar o edifício com uma vacaria e uma loja de mobílias, até ca. 1907, quando . O projecto de uma nova construção para o Liceu, por Ventura Terra, em 1907. Mais tarde aí esteve também em funcionamento um teatro (Teatro Rocio Palace). Nos anos 1920, começou aí a funcionar o "Regaleira Club" e, depois, a *Casa das Beiras* (1933).Desde Maio de 1939, serve de sede à ordem dos advogados, que recuperou o edifício. (Ver também .blogue "Lisboa de Antigamente". Artigo [Em linha] de 19.03-2018. Consulta de 16-07-2021).

[150] Que, nessa altura, dirigia o Orfeão do Asylo de S. João (vd. **O Século**, N.º 20220, de 03 de Julho de 1938, p. 5).

[151] **Ilustração**, 13º Ano, N.º 302 , de 16 Julho de 1938, p.4, **Diário de Lisboa**, N.º 5608, de 02 de Julho de 1938, p. 3 e **DN**, 74.º Ano, N.º 26007, de 03 de JUlho de 1938, p. 6.

[152] **O Século**, 57.º Ano, N.º 20220, de 03 de Julho de 1938, p. 6.

1 - O *Hotel Continental* no antigo Palácio da Regaleira, em 1891. **2 -** O *Liceu Camões*, instalado no Palácio da Regaleira, em 1908. **3 e 4 -** Escadaria e Sala do "Regaleira Club", em 1921. **5 -** O Palácio da Regaleira em 1933 (no qual estava a sede da *Casa das Beiras*). **6 -** Interior, quando já pertencia à Ordem dos Advogados, em 1939.

(ABC, de 7 de Junho de 1921; Mário Novais, *in* Biblioteca de Arte F.C.G, AML, blogues "Lisboa de Antigamente" e "Restos de Coleção")

Os antigos alunos da Escola Politécnica reüniram-se numa interessante festa evocativa da sua vida académica, na Casa das Beiras. Foi uma reünião encantadora pelo cunho de evocação dos tempos alegres da mocidade que nunca mais voltarão. A gravura acima mostra a antiga tuna e os antigos alunos com os seus instrumentos e as suas saüdades.

(**Ilustração**, 13º Ano, Nº 302 , de 16 Julho de 1938, p.4)

Os antigos alunos da Politecnica

reuniram-se numa festa e os que fizeram parte da velha tuna deram um concerto

Foi muito animada e interessantissima a festa de confraternização dos antigos alunos da Escola Politecnica de Lisboa, realizada ontem no salão da Casa das Beiras.

Primeiro, apresentaram-se os antigos componentes da Tuna Academica daquela Escola, sob a direcção do maestro Alfredo Mantua, seu antigo aluno, como os executantes, que provaram, a-pesar dos mais novos irem além de quarenta anos, não estarem esquecidos das suas noções de musica e conservarem a alegria da mocidade.

Com as suas capas negras sôbre os ombros e depois duma apresentação cheia de bom humor e de gratas recordações, proferida pelo sr. tenente-coronel João Tamagnini Barbosa, que disse que a amizade que unira os alunos da Politecnica se prolongara pela vida fora, como naquela festa mais uma vez se demonstrava, a Tuna executou o «Hino Academico», uma «Pastoral», de Raul Ferraz, e «Recordação», «passe-calle», de Breton.

Como noutros tempos, apresentaram-se tocando violino os srs. coronel Pereira Damasceno, tenente-coronel João Tamagnini Barbosa, Luiz Pamplona e dr. Fernando Ribeiro Cabral; em bandolins, os srs. Pedro Viana da Mota, Alfredo Sequeira, Artur Azinhais e tenente-coronel Fernandes Costa; em violas os srs. Cunha Belem, Aparicio Palma, Fernando Teixeira Cabral, Artur Figueiredo, Jaime Silva e Antonio Bastos, que tambem tocou pandeireta; e contrabaixo foi o sr. dr. Manuel Magno.

Os executantes e o seu regente ouviram grandes aplausos dos assistentes, seus condiscipulos, entre os quais se viam o sr. governador civil de Lisboa, tenente-coronel Lobo da Costa; coroneis Duarte Veiga, Pereira Coelho, Cardoso dos Santos, almirante Afonso de Cerqueira, tenentes-coroneis Quirino Monteiro e João Pedro da Silva; major Piçarra Gouveia, que durante a festa recitou um monologo; drs. Arbués Moreira e Medeiros de Almeida; José Julio de Andrade, Faria Pereira, Mousinho de Figueiredo, Franco do Carmo, Ribeiro de Fonseca, Ilidio Falcão, João Pereira de Macedo, Carlos Bragança Pereira e Lobo de Campos, que realizou uma bela palestra literaria, com o tema: «Poetas que fomos e ainda o somos».

Durante a ceia á americana, que se seguiu houve numeros de musica e bailados por filhos e netos dos antigos alunos da Politecnica. Muitas senhoras das familias dos que ali se reuniram assistiram á encantadora festa.

(**O Século**, 57.º Ano, N.º 20220, de 03 de Julho de 1938, p. 6)

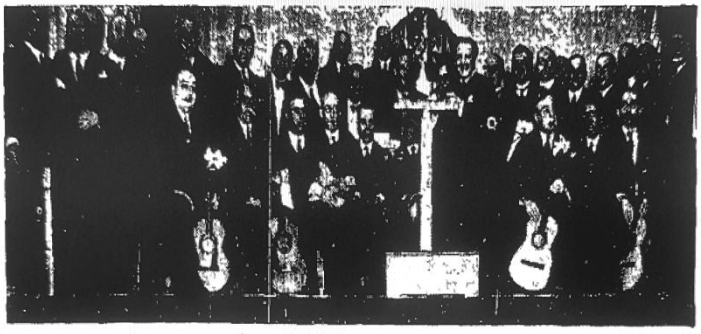
O edifício da Avenida Almirante Reis, onde se situava a sede da casa das Beiras, e o logótipo da associação.

(CML e Casa das Beiras)

RECORDANDO O PASSADO

OS ANTIGOS ALUNOS DA ESCOLA POLITECNICA

reuniram-se ontem numa interessante festa evocativa da sua vida academica



A antiga tuna e os antigos alunos no palco

Na «Casa das Beiras» realizou-se ontem a noite uma interessante festa dos antigos alunos da Escola Politécnica, a qual com suas familias assistiram muitos deles todos de mais de 50 anos de idade. Foi uma reunião encantadora pelo cunho evocativo dos tempos alegres da mocidade daqueles que em elevado numero ocupam presentemente situações de relevo.

Entre outras personalidades tomaram parte na festa os srs. prof. dr. Lobo de Campos, coronel Lobo da Costa, governador civil de Lisboa, almirante Afonso Cerqueira, coroneis Cardoso dos Santos, João Tamagnini Barbosa, Duarte Veiga e Pereira Coelho, tenentes-coroneis Luiz Quirino Monteiro, Fernandes Costa e João Pedro da Silva, major Piçarra Gouveia, drs. Arbues Moreira, Medeiros de Almeida, Manuel Magno e Fernando Ribeiro Cabral, Viana da Mota, Jaime Silva, Vergilio Azevedo Costa, Carlos Bragança Pereira, Ribeiro Ferreira, Ilidio Mario Falcão, João José Pereira de Macedo, José Julio de Andrade, Faria Pereira, Cunha Belem, Franco do Carmo, Artur Azinhais, A. Bastos, Luiz Pamplona, Ribeiro Fonseca e Mousinho de Figueiredo.

A festa começou com um pequeno discurso proferido pelo sr. coronel João Tamagnini Barbosa no qual em frases gaiatas e levemente anedoticas foram recordados os tempos de estada na Politecnica.

O sr. coronel Tamagnini Barbosa referiu-se carinhosamente as senhoras presentes, esposas e filhos dos seus condiscipulos que se encontravam na sala.

No pátio onde o orador envergava o trajo de estudante agruparam-se muitos dos componentes da antiga tuna que ficou composta por figuras na sua maioria de quasi de 60 anos de idade. A distribuição do instrumental deu motivo a demonstrações de alegria. Assim o sr. coronel Tamagnini Barbosa tocava violino e como ele os srs. dr. Ribeiro Cabral, Luiz Pamplona e coronel Pereira Damasceno. Os srs. Pedro Viana da Mota, Alfredo Sequeira, Artur Azinhais, Fernandes Costa e dr. Ribeiro Gomes empunharam bandolins, enquanto que as violas que eram cinco foram tocadas pelos ex-alunos srs. Teixeira Cabral, Cunha Belem, Aparicio Palma, Artur Figueiredo e Jaime Silva. Antonio Bastos que tambem tocava pandeireta. Ao sr. dr. Manuel Magno coube o ribeco. Dirigiu a engraçadissima estudantina o maestro Alfredo Mantua que tambem foi aluno da Escola Politecnica.

A tuna executou com uma correcção que excedeu todas as expectativas o hino academico do tempo a «Pastoral» de Raul Ferraz e o «passe-calle» de Breton, «Recordação».

Em seguida o sr. prof. dr. Lobo de Campos proferiu uma interessante conferencia subordinada ao tema «Poetas que fomos e ainda somos» na qual recordou algumas escritores e poetas de mérito seus contemporaneos como Humberto Severino de Morais, Diogo do Carmo Reis Hermano Neves, Luiz Quirino Monteiro, Gustavo de Matos Sequeira, Pereira Coelho e Cardoso dos Santos. Estes dois ultimos subiram depois ao palco e recitaram poesias da sua autoria. Alguns filhos e netos dos antigos academicos recitaram poesias e executaram lindos bailados.

A festa recatilhou com ceia á americana e baile que se prolongou até de madru-

(**DN**, 74.º Ano, N.º 26007, de 03 de JUlho de 1938, p. 6)

Antigos alunos da Escola Politécnica, na Casa das Beiras (12-04-1938). Na foto podem identificar-se Quirino Monteiro; António Basto; professor Cunha Belém; Viana da Mota; Duarte Veiga; Mário Barbosa; Júlio Lourenço; Sarmento Rodrigues; Pissarra Gouveia.

(ANTT - PT/TT/EPJS/SF/001-001/0053/1161M)

Antigos alunos da Escola Politécnica que a cursaram entre 1900-1905 (como alguns repetentes da foto acima), reunidos num banquete de confraternização (data desconhecida).

(ANTT - PT/TT/EPJS/SF/001-001/0061/4763M)

Membros da TAEPL

Neste capítulo, procurou-se elencar todos os componentes da tuna mencionados nos documentos encontrados, respeitando a grafia, à época, dos seus nomes, conforme apareciam nesses mesmos documentos.

Por outro lado, procurou-se, tanto quanto possível, e de uma forma resumida, fazer uma pequena resenha biográfica daqueles sobre os quais se encontraram dados para o efeito, pondo em evidência aqueles cuja a informação era suficientemente abundante e relevante para tal (e que, em muitos casos, coincide com o de figuras de destaque da nossa história nacional e/ou local). Um trabalho incompleto que precisaria de mais tempo e ferramentas, pelo que uma área em aberto, para quem, no futuro, queira explorar e completar essa componente[153].

Foi preciosa a ajuda dada pelos serviços do Arquivo Histórico dos Museus da Universidade de Lisboa, a partir dos anuários da antiga Escola Politécnica, para, na maioria dos casos, conseguir-se obter o nome completo dos tunos.

Naqueles em que tal foi possível, colocou-se a foto (posterior à sua passagem pela **TAEPL**). Um exercício por vezes paradoxal, já que ou só havia foto ou só havia dados escritos, sendo rreduzido o número daqueles em que se conseguiu satisfatoriamente ambos.

Também se fez o possível por identificar quem pertencia ao Grupo Dramático [GD] e/ou quem fazia apenas parte da orquestra da tuna - indicando o instrumento executado, além dos cargos que cada um desempenhou nos corpos sociais.

Como o leitor cedo se aperceberá, há muitos hiatos que resultam da falta de dados para o fornecimento dessas informações, tal como os há em alguns nomes que estão incompletos (e que apenas figuram pelo apelido/alcunha).

Há, pois, ainda muitos "mistérios" em torno da **TAEPL**, os quais só poderão ser desvendados - com vista ao completar deste trabalho - quando se conseguir descobrir o acervo administrativo da tuna, ou seja o arquivo de actas e outros documentos (fotos, partituras, etc.) que registaram formalmente a vida associativa e cultural desta agremiação tuneril[154].

O que o leitor irá constatar é que alguns elementos tiveram papéis de grande destaque na vida política, militar, social, científica e cultural do país, resultado também do facto de a Escola Politécnica de Lisboa ser uma das instituições de ensino mais prestigiadas da época, e passagem obrigatória para uma parte da futura elite do país.

A tuna terá sido espaço, para muitos deles, de ensaio de competências e despontar de talentos, uma rampa para os sucessos pessoais e profissionais que tantos alcançariam.

[153] Não era, à partida, intenção apresentar dados biográficos. Foi algo que surgiu como uma curiosidade, num segundo plano, e que fica em aberto a quem queira, no futuro, completar e enriquecer esta componente geneológica e biográfica dos protagonistas da TAEPL.

[154] Embora seja plausível que tais documentos possam estar na posse de algum descendente (esquecido ou já irremdiavelmente perdido), também se teme que tal acervo tenha desaparecido no grande incêndio que destruiu, quase por completo, a antiga Escola Politécnica, em Março de 1978.

Alfredo Mântua

Iniciamos esta parte, colocando em destaque a figura de Alfredo Mântua[155], nascido em Luanda (Angola), a 12 de Novembro de 1880, e falecido em Lisboa, em 27 de Janeiro de 1944[156].

Sabemos que, em 1895, estudava na Escola Agrícola de Coimbra, junto com o seu irmão, o distinto Bento Mântua (de que mais à frente falaremos), formando-se, ambos, como Regentes Agrícolas, em 1897.

Foi um dos mais notáveis músicos e maestros portugueses da 1.ª metade do séc. XX, musicando inúmeras peças representadas quer pela tuna que dirigiu ("Revista Académica", "P'la Tangente", "A Olho Nu", "Othela"...) quer outras ("A tríplice aliança", "A tia Ricardina"...), assim como óperas ("A Grã-Duqueza de Gerolstein"...), operetas ("Homem das décimas", "Arraia miúda"...), revistas ("De ponta a ponta", "A Dobradoura", "Carapuça", A Crise do Amor", "Vá p'la esquerda", "Fandango e Maxixe", "Omelete sem ovos"...) e fados ("Terra e Mar", "Chico Matias", " A Canção do Sul", "Fado Da Gatunice", "Fado de Cupido", "Fado Azulejo"...), a par com inúmeras composições musicais que produziu quer no âmbito das tunas que orientou[157] quer das orquestras e coros que dirigiu[158].

Mantendo a sua actividade profissional (regente agrícola de 3.ª classe, trabalhando nos Ministérios da Agricultura e da Economia), foi maestro da orquestra e director musical do Teatro da Rua dos Condes, Director Musical (com Fernando Pádua) da revista "Azulejos" e Presidente da Caixa de Socorros[159]. Foi iniciado na Maçonaria, na Loja Maçónica "Gil Vicente", em Lisboa, como tantos outros tunos, como mais à frente veremos.

Alfredo Mântua em 1937.
(**A Polythécnica,** de 11 Janeiro de 1837 p. 34)

Capa da partitura de "A Canção do Sul", de A. Mântua.
(Museu do Fado)

---

[155] **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. XVI**. Editorial Enciclopédia Lda. Lisboa - Rio de Janeiro, 1959, pp. 152-153; **Correio da Manhã**, Ano XII, N.º 3360, de 08 de Agosto de 1895, p. 1 e N.º 345, de 05 de Agosto de 1897, p. 1; SOUSA BASTOS, António - **Diccionario do theatro portuguez**. Lisboa. Imprensa Libanio da Silva, 1908, pp. 225-226; **Diário Illustrado**, 38.º Anno, N.º12497, de 25 Março 1908, p. 2.

[156] **Ocidente**, Vol. XXII, N.º 69 a 72, de Janeiro-Abril de 1944, p. 341; **O Século**, 64.º Ano, N.º 22216 de 28 de Janeiro de 1944, pp. 4 e 6 e N.º 22244 de 27 de Fevereiro de 1944, p. 5.

[157] Começou por orientar a **Tuna da Politécnica**, depois a Grande Tuna Feminina e, finalmente, parece ter orientado a Tuna Académica de Lisboa em 1915 (**O Intransigente**, Ano V, N.º 1373, de 29 de Janeiro de 1915, p. 1.)

[158] Sabemos que, em 1911, dirigiu a orquestra das educandas do Asylo-Officina de Santo António, em Lisboa (**O Intransigente,** Ano I, N.º 236, de 09 de Julho de 1911, p. 2). Em 1943, musicou a revista, e dirigiu a respectiva orquestra, na festa dos finalistas do *Instituto Profissional dos Pupilos do Exército* (Vd. Arquivo Digital de Defesa).

[159] **Ecco Artístico**. Ano VII, N.º 123, de Janeiro de 1917, p. 13.

ALFREDO MANTUA

Os beneméritos não precisam ser biographados. Basta a sublime virtude da caridade para evidencial-os.

E' o que acontece a Alfredo Mantua o novel e intelligente maestro a quem hoje prestamos homenagem, porque o reputamos uma das mais perfeitas organisações musicaes do nosso tempo. E se o exito que obtiveram a Tuna da Escholla Polytechnica, a Tuna Feminina da Academia Musical de Amadores, a composição da «Othella», da «Triplice Alliança» e outras, não provam de sobejo o seu grande valor artistico bastava ouvir cantar pelas educandas do Asylo Officina de Santo Antonio, a operetta de Offenbach a «Grã-Duqueza», que se representou em recita de caridade, e que elle ensaiou magistralmente, para se invejar a proficiencia e o saber do distincto artista.

D'aqui felicitamos Alfredo Mantua por mais este triumpho que marca, no nosso pequeno meio artistico um verdadeiro acontecimento.

Continue o laureado maestro consagrando as suas horas de descanso á pratica do bem, dando o seu valioso concurso n'estas recitas de caridade, que certamente será abençoado pelas suas pequeninas protegidas, que na sua humildade só podem recompensar o seu enorme trabalho, com os seus sorrisos puros e a sua gratidão eterna.

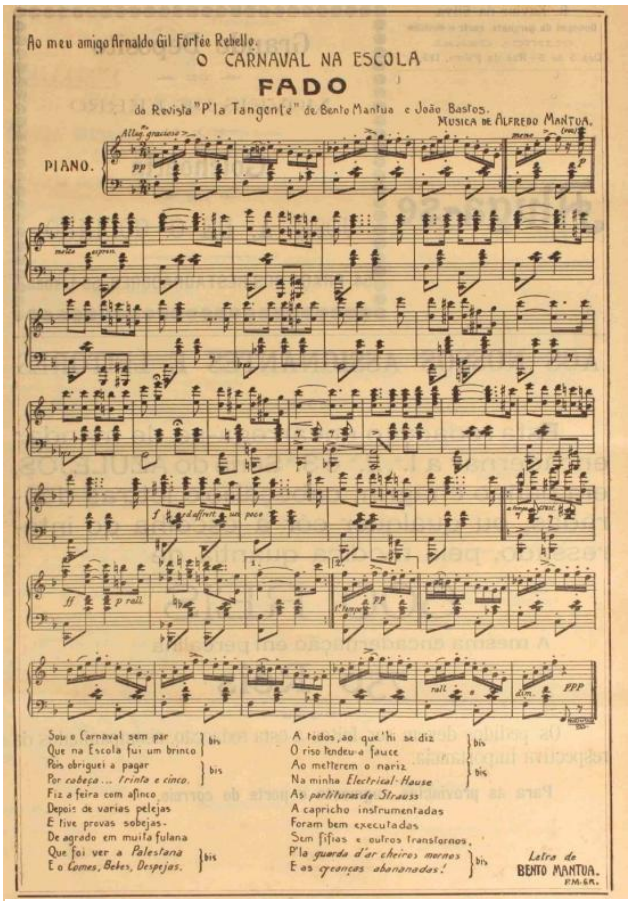
Mas isto vale bem uma corôa de gloria para o coração de um verdadeiro artista.

Diário Illustrado, N.º12497, de 25 Março 1908, p. 2.

Alfredo Mantua — Nasceu em Loanda a 12 de novembro de 1880. Veio ainda creança para Lisboa com seu irmão Bento Mantua, hoje já um distincto escriptor dramatico e ambos foram depois para Coimbra seguir o curso de regente agricola, que completaram. Foi no seu regresso a Lisboa que Alfredo Mantua começou a entregar-se de alma, vida e coração ao estudo da musica, em que tanto já se tem salientado. *Alfredo Mantua* é um artista de coração, um trabalhador infatigavel, um bom, um sympathico, cheio de modestia e de valor. Não vem para aqui ennumerar todas as suas obras apreciadissimas, mas apenas ennumerar as relativas ao theatro. Foi o primeiro e habil regente da Tuna Academica. N'esta qualidade escreveu musica para as seguintes festejadas peças, representadas por estudantes: *P'la tangente*, *A olho nú* e *Othella*. Foi regente da orchestra e director musical do theatro da Rua dos Condes, para onde compoz musica para a opereta *Homem das decimas* e para a revista *A Dobadoura*. Tem promptas as partituras de uma peça de Bento Mantua e Salvador Marques, *A triplice alliança* e outra de Bento Mantua e Ernesto Rodrigues *A tia Ricardina*. Fez egualmente musica muito applaudida para uma revista que se representou em Almada com o titulo de *Carapuças*. Foi á sua muita pericia e paciencia que se conseguiu o exito obtido na representação, por meninas, da difficil opera burlesca de Offenbach, *A Grã-Duqueza de Gerolstein*. E' *Alfredo Mantua* um eximio professor de bandolim e é regente da Grande Tuna Feminina, que só se apresenta em espectaculos de caridade.

Alfredo Mantua

(In SOUSA BASTOS, António - **Diccionario do theatro portuguez**. Lisboa. Imprensa Libanio da Silva, 1908, pp. 225-226)



Ao meu amigo Arnaldo Gil Fortêe Rebello.

O CARNAVAL NA ESCOLA

FADO

da Revista "P'la Tangente" de Bento Mantua e João Bastos.

MUSICA DE ALFREDO MANTUA.

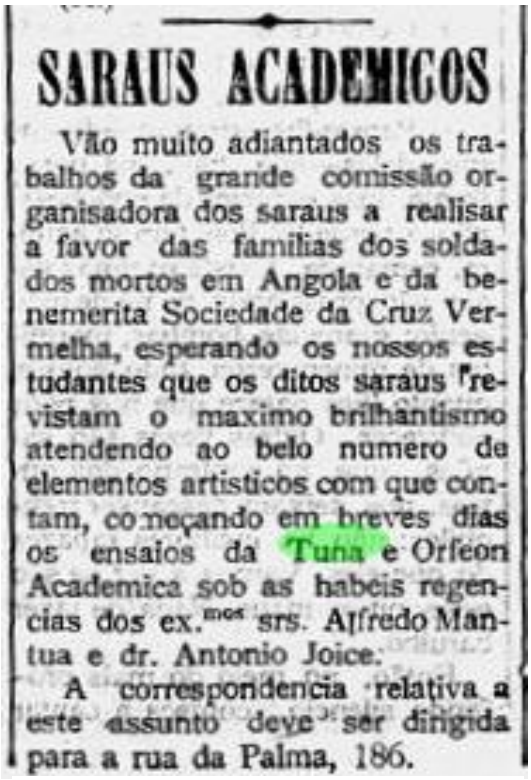
PIANO.

Sou o Carnaval sem par / Que na Escola fui um brinco / Pois obriguei a pagar / Por cabeça... trinta e cinco. / Fiz a feira com afinco / Depois de varias pelejas / E tive provas sobejas- / De agrado em muita fulana / Que foi ver a Palestana / E o Comes, Bebes, Despejas.

A todos ao que 'hi se diz / O riso tendeu a fauce / Ao metterem o nariz / Na minha Electrical-House / As partituras de Strauss / A capricho instrumentadas / Foram bem executadas / Sem fisgas e outros transfornos, / P'la guarda d'ar cheiros menos / E as creanças abanonadas!

Letra de BENTO MANTUA.

Fado "O Carnaval na Escola" da Revista "P'la Tangente"(1905), musicada por A. Mântua.
(**Azulejos**, Ano II, N.º 51, de 07 de Setembro de 1908, p. 10)

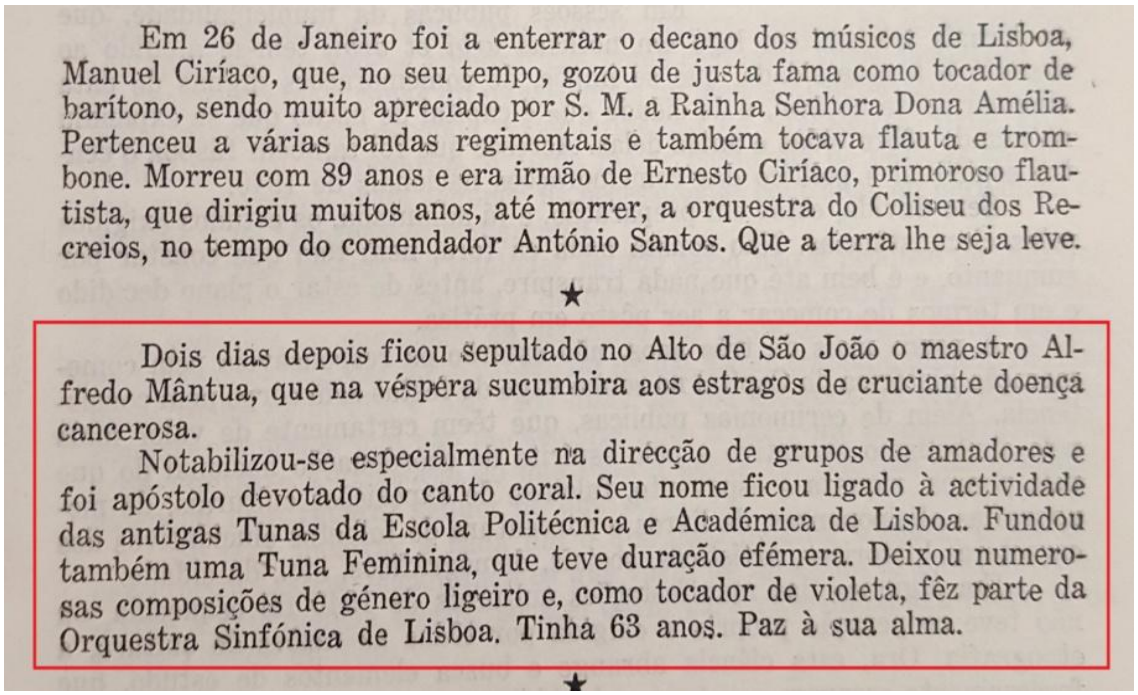


SARAUS ACADEMICOS

Vão muito adiantados os trabalhos da grande comissão organisadora dos saraus a realisar a favor das familias dos soldados mortos em Angola e da benemerita Sociedade da Cruz Vermelha, esperando os nossos estudantes que os ditos saraus revistam o maximo brilhantismo atendendo ao belo numero de elementos artisticos com que contam, começando em breves dias os ensaios da Tuna e Orfeon Academica sob as habeis regencias dos ex.mos srs. Alfredo Mantua e dr. Antonio Joice.

A correspondencia relativa a este assunto deve ser dirigida para a rua da Palma, 186.

Artigo curioso que parece colocar Alfredo Mântua à frente da Tuna Académica de Lisboa e António Joyce (do Orfeão Académico de Coimbra), à frente do Orfeão Académico de Lisboa.
(**O Intransigente**, Ano V, N.º 1373, de 29 de Janeiro de 1915, p. 1)



Em 26 de Janeiro foi a enterrar o decano dos músicos de Lisboa, Manuel Ciríaco, que, no seu tempo, gozou de justa fama como tocador de barítono, sendo muito apreciado por S. M. a Rainha Senhora Dona Amélia. Pertenceu a várias bandas regimentais e também tocava flauta e trombone. Morreu com 89 anos e era irmão de Ernesto Ciríaco, primoroso flautista, que dirigiu muitos anos, até morrer, a orquestra do Coliseu dos Recreios, no tempo do comendador António Santos. Que a terra lhe seja leve.

★

Dois dias depois ficou sepultado no Alto de São João o maestro Alfredo Mântua, que na véspera sucumbira aos estragos de cruciante doença cancerosa.

Notabilizou-se especialmente na direcção de grupos de amadores e foi apóstolo devotado do canto coral. Seu nome ficou ligado à actividade das antigas Tunas da Escola Politécnica e Académica de Lisboa. Fundou também uma Tuna Feminina, que teve duração efémera. Deixou numerosas composições de género ligeiro e, como tocador de violeta, fêz parte da Orquestra Sinfónica de Lisboa. Tinha 63 anos. Paz à sua alma.

★

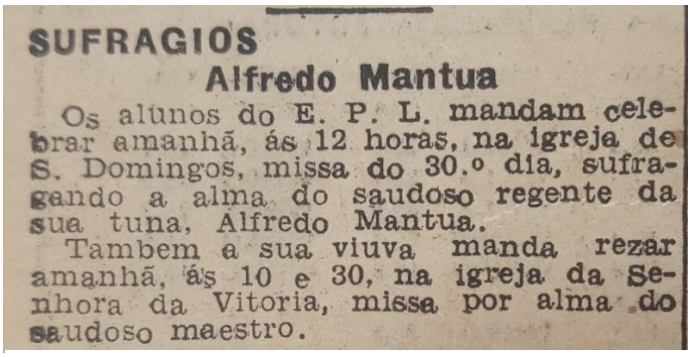
Alfredo Mântua é várias vezes associado à TAL, mas carece de mais prova documental. Exceptuando o artigo de Janeiro de 1915, não se encontrou prova dessa ligação.
(**Ocidente**, Vol. XXII, N.º 69 a 72, de Janeiro-Abril de 1944, p. 341)

Alfredo Mântua

Maestro e Regente Agricola de 3.ª classe

FALECEU

Maria Gomes da Cruz Mântua, Mântua Cortez Mântua, Maria Natalina Cortez Mântua Toscano, marido e filhos (ausentes) Manuel Mântua, mulher e filhos, João Mântua, mulher e filhas, Fernanda Mântua, filhos e netas, Mariana Mântua e Alvaro da Rosa Lima participam o falecimento de seu marido, irmão e cunhado e que o seu funeral se realiza hoje, 28 do corrente, pelas 15 horas, da rua do Arco da Bandeira, 219, 4.º, E., para o cemiterio Oriental.



SUFRAGIOS

Alfredo Mantua

Os alunos do E. P. L. mandam celebrar amanhã, ás 12 horas, na igreja de S. Domingos, missa do 30.º dia, sufragando a alma do saudoso regente da sua tuna, Alfredo Mantua.

Tambem a sua viuva manda rezar amanhã, ás 10 e 30, na igreja da Senhora da Vitoria, missa por alma do saudoso maestro.

Anúncio colocado da secção da Necrologia, a anunciar a missa de 30.º dia por Alfredo Mântua.

(**O Século**, 64.º Ano, N.º 22244 de 27 de Fevereiro de 1944, p. 5)

Anúncio colocado da secção da Necrologia, a anunciar o falecimento de Alfredo Mântua.

(**O Século**, 64.º Ano, N.º 22244 de 27 de Fevereiro de 1944, p. 4)

Alfredo Mantua

Alfredo Mantua, maestro dos mais populares, autor de muitas partituras que depressa foram decoradas pelo povo, morreu ontem com 69 anos, na sua casa da rua do Arco de Bandeira, 219, 4.º, esquerdo.

Nascido em Luanda em Novembro de 1880, veio muito novo para Lisboa onde tirou o curso de regente agricola, passando, depois, a exercer a sua actividade em diversas repartições tecnicas. Apaixonado pela musica, tanto como seu irmão, o escritor Bento Mantua, tambem já falecido, o era pelo teatro, Alfredo Mantua insinuou-se para as suas criações musicais especialmente no nosso folclore.

Alfredo Mantua

Quando se fundou a Tuna Academica de Lisboa, conjunto artistico que deu brado na sua época, os estudantes chamaram-no para os reger, cargo que exerceu durante muitos anos, conquistando justos êxitos. Depois, Alfredo Mantua dirigiu, tambem, por largo tempo, a Tuna da Escola Politecnica, onde desenvolveu apreciavel actividade impondo a Tuna como das melhores do tempo. Não contente com êsses êxitos, Mantua fundou a famosa grande Tuna Feminina, que Lisboa inteira ouviu e que tomou parte em dezenas e dezenas de saraus e festas de caridade.

Bandolinista dos mais distintos, compositor inspirado e chefe de conjuntos musicais de real valor, Alfredo Mantua organizou e regeu o orfeão do Asilo de Santo Antonio e os coros do Asilo de S. João.

A-par da sua larga actividade artistica, Alfredo Mantua desempenhou sempre com reconhecida proficiencia os seus cargos oficiais nos ministerios da Agricultura e da Economia, dedicando-se ao estudo de diversos problemas agricolas. Ainda recentemente, quando da reunião do Congresso Nacional das Ciencias Agrarias, Alfredo Mantua apresentou um curioso trabalho intitulado «A utilidade do cancioneiro agricola».

O extinto deixa viuva a sr.ª D. Maria Gomes da Cruz Mantua, filha do comerciante sr. Antonio Gomes da Cruz e era ainda, irmão dos srs. Manuel e João Mantua.

O funeral realiza-se hoje, ás 15 horas, da morada acima indicada para o cemiterio oriental.

Não deixa de ser curioso que Alfredo Mântua seja apontado como maestro da formação inicial da Tuna Académica de Lisboa, quando está comprovado que a TAL foi dirigida pelo seu fundador, Ilídio Amado, até 1899, quando Alfredo Monteiro a passa a reger (seguindo-se-lhe Wenceslau Pinto)

(**O Século**, 64.º Ano, N.º 22216 de 28 de Janeiro de 1944, p. 6)

Membros da TAEPL em 1901

- **Abel Ferreira Loft;**
- **Alberto de Sousa de Mello Abreu** [GD];
- **Alfredo Mântua** (Regente) [Bandolim];
- **Álvaro Gil Fortée Rebelo** [GD];

Álvaro Gil Fortée Rebelo (1882-1961) foi oficial da Armada, desempenhando, segundo informação do *site* do Parlamento, os cargos de Sub-Director do Museu da Marinha, Presidente da secção de Lisboa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e Presidente da Direcção do Grémio dos Proprietários de Fragatas e Batelões do Porto de Lisboa, em cuja qualidade integrou a Câmara Corporativa, pelas empresas. Teve ainda carreira palamentar, sendo responsável pelos transportes e turismo. Consta da toponímia de Queluz.

- **Álvaro Teixeira de Carvalho**;
- **António Sérgio de Brito e Silva**;
- **António Manzoni de Sequeira**;

Segundo o blogue "Cidadãos por Abrantes", **António Manzini Sequeira** foi, nessa localidade, director da Fábrica de Azeites da CUF. Estava ligado a sectores monárquicos legitimistas e foi encarcerado pela República (entre 1912 e 1914). Distinguiu-se como gestor do periódico miguelista "A Nação" e como Administrador e Editor do jornal "Diário de Lisboa".

- **Apparício Augusto de Lima Palma**;

Aparício Augusto de Lima Palma nasceu em 01 Fevereiro de 1879 e faleceu em 25 de Março de 1969. Depois de ter estudado na Escola Politécnica de Lisboa (fundando a respectiva tuna e nela tocando viola baixo), cursou direito que veio a determinar o seu exercício de funções em Lagos, como solicitador. Ficou reconhecido nessa cidade, onde sempre viveu, e na memória como uma figura ilustre, nomeadamente como dramaturgo, e promotor de atividades culturais. O seu nome consta da toponímia da cidade de Lagos.

- **Arnaldo Cardoso Ressano Garcia**;

Arnaldo Cardoso Ressano Garcia (1880-1947), filho do famoso Frederico Ressano Garcia, foi Coronel do Exército, tendo recebido a Comenda de Aviz, de S. Tiago de Espada e melhas de Comportamento Exemplar e de Bons Serviços Militares.Foi, igualmente, um importante docente universitário (Escola do Exército, Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa) ministrando aulas de Astronomia, Geodesia e Topografia no curso de Engenharia Militar , e desempenhou o cargo de dirigente da Sociedade Nacional de Belas Arte. Artista Plástico e caricaturista, colaborou em diversas publicações e publicou livros e álbuns (vd. revista **Prisma**, Ano II, N.º 1, de Fevereiro de 1938, p. 61).

Terá feito também parte da TAL (Vd. **O Século**, de 07 de Julho 1941, p. 8).

- **Arthur Lino Neves**[160];
- **Augusto Pinto Bastos**;
- **Batholomeu Gonçalves Pinto;**
- **Bell*a*rmino Guilherme d'Almeida;**
- **Cyríaco José da Cunha Júnior**[161];
- **Eduardo Alberto Pereira**;
- **Eduardo Avelino Ramos da Costa**;
- **Ernesto Augusto Empis**[162];
- **Francisco Avelino Franco do Carmo**[163];
- **Fernando Augusto Ribeiro Cabral**[164] [Violino];
- **Hermano António da Silva Neves**;

Ernesto Empis

Hermano António da Silva Neves (1884-1929) foi um notável jornalista (correspondente dos jornais Diário de Notícias e Paiz, trabalhou no Dia e depois no Século, do qual havia de transitar para o Mundo e depois para A Capital. Com Herculano Nunes fundou o "Fora da Lei!", e, mais tarde, o Jornal Vitória. É o autor de uma das mais notáveis crónicas que descrevem os acontecimentos da implantação da República em Portugal, publicadas sob o título "Como Triunfou a República – Subsídios para a História da Revolução de 4 de Outubro de 1910". Depois dos seus fracassados estudos na Escola Politécnica, cursa medicina em Berlim (que nunca chega a exercer, embora tenha sido assitente de anatomia na Escola Médica de Lisboa). Em 1914, quando rebentou a Grande Guerra, foi enviado para França, de onde escreveu notícias, artigos, crónicas e entrevistas. Partiu depois para Angola, quando Norton de Matos assumiu as funções de Alto-Comissário, prestando-lhe importante colaboração. De regresso à Metrópole, não voltou ao jornalismo, desenvolvendo, no entanto, grande actividade na imprensa clandestina contra a ditadura implantada em 1926. O seu nome figura na toponímia de Lisboa.

- **Humberto Leopoldo Severim de Sequeira Moraes**[165];
- **Jayme Madeira Pinto**[166];
- **Jayme Silva**;
- **João Feyo de Basto Folque**[167];
- **Joel Henrique Gomes Vieira**;

João Folque

[160] Apesar de se tratar do 1.º Presidente da Tuna, quase nada se encontrou sobre o mesmo. Segundo **Index-Catalogue of the Library of de Surgeon General's Office**, Vol VIII, NY - London, de 1972, p. 244 e *Geni.com* (e fiando-nos que seja ele), nasceu em 1880 e faleceu em 1936. Terá sido médico, autor da obra "Doenças Espásticas do Canal Intestinal", de 1912 e posteriormente emigrado para o Brasil, constando o seu nome do **Anuário Comercial, Industrial, Agrícola e Administrativo da Capital Federal e dos Estados Unidos do Brasil**, 81.º Ano, 1.º Vol. A. Hénault & Cia. Rio de Janeiro,1925 (bem como em 1926).

[161] Coronel de Infantaria, recebeu o Grau de Comendador (1922) e o Grau de Grande Oficial (1942), segundo o AHPR.

[162] **Ernesto Augusto Empis** (1883-1968), filho, em segunda núpcias (com Ludgera da Conceição), do famoso Ernest Laurent Empis (um dos fundadores do Sport Lisboa - futuro Sport Lisboa Benfica) que mandou construir o famoso palacete Empis (vencedor do Prémio Valmor de 1907), localizado na Avenida Duque de Loulé, n.º 77, em Lisboa.

[163] De acordo com o AHM, foi comandante do Batalhão de Caçadores n.º 17.

[164] Porventura, segundo o AHPR, o Tenente de Cavalaria que, em 1941, foi condecorado com o Grau de Cavaleiro da Ordem militar de Avis.

[165] **Humberto Leopoldo Severim de Sequeira Moraes** (1881-1943), Coronel de Engenharia que recebeu, segundo o AHPR, o Grau de Comendador (em 1924) e o de Grande-Oficial (em 1935).

[166] Segundo o AHPR, foi Major de Infantaria, agraciado com o Grau de Oficial em 1922 e de Comendador, em 1929.

[167] **João Feio de Basto Folque** (1881-1951), militar que foi Governador de Diu (Índia) entre 1921 e 1948.

- **João Carlos Bastos Y Lago** [GD];

João Carlos Bastos Y Lago (1883 - 1957) foi um escritor com grande parte da sua obra mais conhecida constituída por peças teatrais e argumentos cinematográficos. Da sua pena nasceram as peças "O Costa do Castelo" (de que faz parte a famosa "Cantiga da Rua"), "A Menina da Rádio", "O Noivo das Caldas", "Varanda dos Rouxinóis", "O Menino da Luz" e "O Escorpião", entre muitas outras; além de, ser co-autor de operetas, fantasias e argumentos de enorme sucesso, como "O Leão da Estrela", "João Ratão", "Vida Nova", "Conde Barão", "O Amigo de Peniche", "De Capote e Lenço". Foi condecorado, em 27 de Julho de 1925, pelo Presidente da República Manuel Teixeira Gomes, com o grau de Oficial da Ordem Militar de Sant'lago da Espada. Participou, como sócio fundador, na constituição da Sociedade Portuguesa de Autores, de cujo Conselho Fiscal foi presidente de 1925 a 1937. Em 1935, João Bastos partiu para o Brasil onde teve larga atividade como adaptador, empresário, cronista na rádio, entre outros. Em 1970 é imortalizado na toponímia da cidade de Lisboa.

- **João António Correia Pereira Júnior**;
- **João Augusto de Fontes Pereira de Mello**[168];
- **João Tamagnini Barbosa** [GD];

João Tamagnini de Sousa Barbosa (1883-1948) foi ministro das Colónias (de 1917 a 1918), cargo que deixou a 15 de maio para se tornar ministro do Interior até 8 de outubro e, seguidamente, foi ministro das Finanças até 23 de dezembro. Foi presidente do Ministério (atual primeiro-ministro) da I República, após o assassínio de Sidónio Pais, de 23 de Dezembro de 1918 a 27 de Janeiro de 1919. A 15 de fevereiro de 1919 foi feito Comendador da Ordem Militar de Cristo.Em 1920 foi feito Oficial da Ordem Militar de São Bento de Avis, tendo sido elevado a Comendador da mesma Ordem, a 5 de Outubro de 1926, e a Grande-Oficial, a 20 de junho de 1941. Em 1927, após um período como deputado, foi deportado para a Madeira, vindo a ocupar, mais tarde, o lugar de Comandante Militar da Ilha Terceira. Foi eleito presidente da Mesa da Assembleia Geral do Sport Lisboa e Benfica para os anos de 1946/1947, no terceiro período de vigência de Manuel da Conceição Afonso como presidente da direcção. Pela demissão deste, a 30 de julho de 1946, passou para o cargo máximo do clube, o de presidente, tendo tomado posse no dia 25 de janeiro de 1947. Manteria o cargo até o dia do seu abrupto falecimento.

- **José António Bonito**;
- **José Augusto de Mello Vieira**;
- **José Joaquim Ramos**;

José Bonito

[168] Tratar-se-á do jovem tenente que, em 1890, apresenta o "Submarino Fontes" ao Rei D. Carlos?

- **José Antunes Santos Júnior** [Baixo acústico e GD];

José Antunes dos Santos Júnior (cuja alcunha era "Santos Bucha") que, depois de dois mandatos na vice-presidência da Assembleia Geral do Sport Lisboa e Benfica, foi, de 1915 a 1916, presidente do clube (ocupando o cargo por 11 meses)? Não temos a certeza, mas tendo em conta que outros colegas da Tuna desempenharam funções no SLB, é uma possibilidade.

[1] Foi Coronel, ocupando o cargo de Governador Civil da Guarda, em 1930-31, razão pela qual a cidade o relembra na sua toponímia [Vd. **Os Governos Civis de Portugal, História e Memória (1835-2011)**. Coordenação de Fernando de Sousa. CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Porto, 2014. p. 491.].

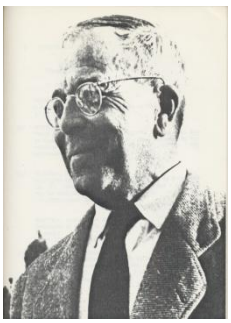
- **Júlio Marques das Neves Mantas**;
- **Manuel Marçal Mendonça**;
- **Miguel Francisco da Conceição Santos**;
- **Orlindo José de Carvalho**[169];
- **Pedro da Costa de Aguilar Pissarra**;
- **Raúl Verdades de Oliveira Miranda**[170];
- **Raúl do Carmo Simões Pereira**[171];
- **Raúl Ribeiro de Andrade Pissarra**[172];
- **Vasco Lopes de Mendonça**[173];

Júlio Mantas

Raúl Miranda

Raúl Pereira

Raúl Pissarra



Vasco Mendonça

[169] Foi Coronel, ocupando o cargo de Governador Civil da Guarda, em 1930-1931, razão pela qual a cidade o relembra na sua toponímia (Vd. **Os Governos Civis de Portugal, História e Memória (1835-2011)**. Coordenação de Fernando de Sousa. CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Porto, 2014. p. 491).
[170] Nasceu em Alcântara, em 1883, falecendo em Coimbra, em 1964, segundo *Geneall.net*.
[171] Aparece em reportagem fotográfica das tropas portuguesas destacadas em França, na Grande Guerra, na revista **Ilustração Portugesa**, N.º 604, de 17 de Setembro de 1917, p. 221.
[172] Nasceu na Guarda, em 1881 e faleceu no Porto, em 1947, segundo *Geneall.net*.
[173] **Vasco Lopes de Mendonça** (1883-1963) formou-se em engenharia militar (chegando ao posto de Coronel), fazendo carreira na área e aposentando-se enquanto técnico superior de engenharia da Câmara Municipal de Lisboa. Foi destacado no CEP, em França, durante a Grande Guerra. É mais conhecido pela particular atenção dada à caricatura, à ilustração (nomeadamente em livros para crianças) e à cerâmica (áreas onde se destacou). É filho do famoso Henrique Lopes Mendonça, autor da letra do hino nacional "A Portuguesa".

Membros da TAEPL em 1902

- **Accacio Gomes**;
- Alberto de Mello Abreu (Direcção Artística - dramática e musical);
- **Alberto José Caetano Nunes Freire Quaresma**[174];
- Alfredo Mântua (Regente);
- Álvaro Carvalho;
- **Aníbal de Couto Nogueira**[175];
- António Manzoni Sequeira;
- Apparício Palma (Tesoureiro);
- Arnaldo Ressano Garcia (Direcção Artística - dramática e musical);
- Arthur Lino das Neves (Presidente);
- **Carvalho Dias**;
- Eduardo Ramos da Costa;
- Fernando Cabral (Direcção Artística - dramática e musical);
- **Francisco Carneiro de Sousa e Faro** (Grupo dramático);
- **Gama**;
- Hermano Neves (Direcção Artística - dramática e musical).
- Humberto Severim de Moraes;
- Jayme Pereira (Secretário da Direcção)
- João Carlos Bastos (Direcção Artística - dramática e musical);
- João Correia Pereira;
- João Tamagnini Barbosa (Direcção Artística - dramática e musical);
- José Augusto Mello Vieira;
- **Mário Augusto Teixeira Diniz**[176];
- Raúl Pereira (Presidente);
- Raúl Pissarra;

Aníbal Nogueira

[174] Tratar-se-á, do Major **Freire Quaresma**, ligado ao CEP em Moçambique e à derrota, em 25 de Novembro de 1917, das tropas portuguesas, na batalha de Negomano, face aos alemães comandados por Von Lettow (Vd. MENESES, Filipe Ribeiro de - **A Grande Guerra de Afonso Costa**. Dom Quixote, 2015).

[175] Segundo o arquivo do INSA, foi antigo Subdelegado de Saúde de Lisboa, adjunto e depois Inspector Chefe de Higiene do Trabalho e das Indústrias. Foi, depois, Inspector Superior de Saúde e Higiene, em 1946, vogal do Conselho Superior de Higiene.

[176] Provavelmente (Vd.*Geneall.net*) o Capitão de Infantaria **Mário Augusto Teixeira Diniz** (1882-1942), aluno da Politécnica entre 1900 e 1903, que (segundo o Arquivo Histórico Militar) participou no CEP, em 1918.

Membros da TAEPL em 1903

- Alberto de Mello Abreu (Direcção Artística - dramática e musical);
- Alfredo Mântua (Regente);
- Apparício de Lima Palma;
- Arnaldo Ressano Garcia (Direcção Artística - dramática e musical);
- **António Cunha Bellem** (Presidente);
- **Daniel Augusto Pinto da Silva** (Secretário da Direcção);
- **Duarte Ferreri de Gusmão de Sousa Fraga**[177] (Secretário da Direcção)**;**
- Fernando Cabral (Direcção Artística - dramática e musical);
- **Florentino Martins**[178] (Tesoureiro);
- **Francisco António Alves d'Azevedo**[179] (Presidente);
- **Gonçalves Pinto** (Secretário da Direcção);
- Hermano Neves (Direcção Artística - dramática e musical);
- **Jayme Eduardo dos Santos Paiva**;
- **Jayme Paula** (Secretário da mesa da AG);
- João Basto Folque (Presidente da AG);
- João Carlos Bastos (Direcção Artística - dramática e musical);
- **João Baptista de Carvalho Bastos** (Secretário da mesa da AG);
- **João Sequeira Júnior**[180] (Tesoureiro);
- João Tamagnini Barbosa (Direcção Artística - dramática e musical);
- José Augusto Mello Vieira;
- José N. Santos Júnior;
- **Libânio António Bandeira Gomes**;
- **Luíz Quirino Monteiro**[181] (Secretário da Direcção);
- Miguel F. dos Santos;
- **Quartim Graça** (Tesoureiro);
- **Raymundo (António de Matos?)**;

Daniel Silva

Duarte Fraga

Quirino Monteiro e Melo Vieira

[177] **Duarte Ferreri de Gusmão e Sousa Fraga** (1880-1955), Capitão de que há notícia, no Arquivo Histórico da Presidência da República, de proposta para o Grau de Oficial (datada de 8 de Dezembro de 1920) e, depois, na relação de sócios, em 1941, da Sociedade Martins Sarmento (segundo a Revistade Guimarães, 51 (4) Out.-Dez. 1941, p. 446-451.). Pertence a uma das mais nobliliárquicas famílias portuguesas.

[178] **Florentino Coelho Martins** (1884-1949) foi um militar que chegou ao posto de Coronel de Infantaria. Segundo o Arquivo Histórico da Presidência da República, foi condecorado com o Grau de Oficial da Ordem Militar de Avis, (decreto de concessão publicado em 5 de outubro de 1922); com o grau de Comendador (decreto de concessão publicado em 5 de outubro de 1928) e com o grau de Grande-Oficial (Decreto de Concessão datado de 19 de julho de 1941 - publicado em 25 de setembro de 1941).

[179] Poderá estar ligado à família que detinha a famosa farmácia *A.F. Alves d'Azevedo e Filhos*, sita no Rossio (antiga Praça de D. Pedro IV), em Lisboa (e ainda hoje existente).

[180] Provavelmente **João Rodrigues de Sequeira Júnior** (Coronel na situação de Reserva) que foi alvo de condecoração com o grau de Grande Oficial da Ordem Militar de Avis, com Decreto de concessão de 25 de janeiro de 1939 (publicado no D.G. de 21 de agosto de 1939), segundo o Arquivo Histórico da Presidência da República.

[181] Que vemos em fotografia conjunta com Melo Vieira na revista **Ilustração Portugueza**, N.º 725, de 12 de Janeiro de 1920, p. 36.

Membros da TAEPL em 1904

- **Adelino da Costa Padesca** (Secretário da Direcção) [Bandolim]**;**

Adelino da Costa Padesca (1887‑1967), depois de passar pela Politécnica, licenciou-se em Medicina e foi especialista em Medicina Interna. Professor Catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa (FML), com imensa obra editada, foi Diretor do Hospital Escolar de Santa Marta. No ano de 1948, é sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Reumatologia, no ano de 1949, é sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Cardiologia e, no ano seguinte, 1950, funda a Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica (SPAIC), sendo seu 1.º presidente (Vd. Comemoração dos 65 anos da SPAIC - Biografia de Adelino da Costa Padesca. **Revista Portuguesa de Imunoalergologia N.º 23, de 2015**, pp. 33‑34.).

- Alfredo Mântua (Regente);
- **Augusto Mattos**[182]**;**
- **Fernando Mattos**;
- **Florentino Martins** (Tesoureiro);
- João Batos Folque;
- João Tamagnini Barbosa (Presidente);
- **José Albino**;
- José N. Santos Júnior (Secretário da Direcção e depois Tesoureiro);
- Libânio Gomes;
- **Luís Maria Pereira dos Santos**;

A Tuna da Escola Poltécnica de Lisboa em 1904.
(Fotografia em **A Polythécnica**, p. 35, depois de colorida)

[182] De todas as possibilidades encontradas, parece que a corrrespondência mais plausível (Vd. *Geni.com* e Wikipédia) para **Luís *Augusto de Matos* Ferreira de Castro** (1887-1943), um Capitão-Tenente da Marinha Portuguesa, filho do General Luís Augusto Ferreira de Castro, e que foi condecorado Comendador da Ordem Militar de Santiago da Espada, a 13 de Janeiro de 1921, e Cavaleiro da Ordem Militar de Avis, a 28 de Maio de 1932.

Membros da TAEPL em 1905

- **Abel Nunes Perestrello de Vasconcelos** [GD];
- Adelino Padesca (Secretário Direcção);
- **Adolpho Neto**[183] [Viola / Violino];
- **Alberto Vianna Coelho**;
- Alfredo Mântua (Regente);
- Álvaro Fortée Rebelo;
- **António Costa Pereira Júnior** [Piano / Viola e GD];
- **António Joaquim Nunes da Silveira** (Presidente da AG) [Viola, cantor e GD];
- **António Nunes Prudente**[184] [Contra-Baixo];
- **Arthur de Vasconcellos**;
- **Artur Pinheiro Coelho**[185] [GD e cantor];
- **Augusto de Azevedo e Lemos Esmeraldo de Carvalhaes** [GD];

Augusto de Azevedo e Lemos Esmeraldo de Carvalhais (Tenente-Coronel de Engenharia), Chefe de Repartição do Serviço de Obras e Propriedades Militares e de Protocolo do Ministério da Guerra; Comissário do Governo junto da Companhia de Caminhos de Ferro da Beira Alta). Foi condecorado como Grande-Oficial da Ordem Militar de Avis, Comendador da Ordem Militar de Cristo, Comendador da Ordem de Mérito Industrial e, em 1921, com o Grau de Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada; além de, em 1935, receber a Ordem da Estrela de Anjouan (Grande Oficial).

- **Aurélio Figueiredo Nunes da Silva**[186] [Bandolim/Viola e GD];
- **Bento Manuel Janeiro Caeiro**[187] [Bandolim / Viola];

Bento Caeiro

- **Bento Mântua**[188] [GD];

Bento Mântua (1878-1932), irmão do maestro Alfredo Mântua, foi dramaturgo (considerado um dos criadores do teatro regionalista) e escritor. Ocupou cargos de relevo no Ministério da Fazenda (cargos de Director-Geral e de Secretário-Geral do Ministério das Finanças) e foi homem de letras, (ligado à antologia de poetas portugueses e brasileiros, "O livro das Cortesãs" - com várias reedições). Esteve na comissão para a reforma teatral e do conservatório (decreto de 1911), colaborou na publicação periódica "Atlântida" (1915-1920) e, também, no semanário "Azulejos" (1907-1909). Foi o 12.º presidente do Sport Lisboa e Benfica, de 1917 a 1926. O seu nome está consagrado na toponímia de Lisboa (na freguesia de Marvila).

---

[183] Sabe-se que, em 1937, **Adolfo Neto** era Major (Vd. **A Polythécnica,** de 11 de Janeiro de 1937, p. 35).
[184] Sabe-se que, em 1937, era Professor Doutor (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).
[185] Poderá tratar-se de **Artur Pinheiro Coelho**, natural de Castelo Branco, que, como Capitão, fez parte do CEP, destacado em França, e participando na *Batalha de La Lys* (Vd. Blogue "Memórias e outras coisas... Bragança", consultado a 12-08-2021), tendo recebido a Cruz de Guerra de 4:ª e 3:ª classe (por actos de bravura). Já como Major, segundo o AHPR, recebeu o Grau de Comendador, com Decreto de Concessão, 24 de Novembro de 1934.
[186] Coronel **Aurélio Figueiredo Nunes da Silva** (Vd. AHPR) que terá sido Provedor da Santa Casa da Misericódia de Portalegre (de 1936 a 1942), e que, em 1950, publicou a obra "Portalegre na história militar de Portugal ".
[187] Segundo *Geneall.net*, nasceu em Moura, em 1886, onde também faleceu, em 1964. Surge referido, com foto, na **Ilustração Portuguesa**, N.º 410. de 29-12-1912, p. 764, como autor de um livro de versos, "Tournoi d'Amour".
[188] Vd. **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. XVI**. Editorial Enciclopédia Ldª. Lisboa - Rio de Janeiro, 1959, p.153.

- **Bento Viegas** [Viola];
- **Bérnard Guedes** [Bandolim];

Francisco Bénard Guedes (1887 - 1965), foi um radiologista, licenciado pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1910, tendo trabalhado, em 1913, no Serviço de Radiologia do Hospital de Saint Antoine de Paris e, em 1914, no Laboratório de Radioactividade de Gif. Trabalha na clínica do Porf. Francisco Gentil (até 1916) e, depois no Serviço de Radiologia do Hospital Escolar de Santa Marta, em Lisboa. Desde 1923 integra a Comissão Directora do Instituto Português de Oncologia e dirige os Serviços de Radiologia e Radioterapia desse Institutoe, em 1924 é regente da cadeira de Cadeira de Semiótica Radiológica da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e Professor Agregado de Radiologia da Faculdade de Medicina de Lisboa desde 1942. Em 1956 é nomeado Director do Serviço de Radiologia do Hospital Escolar de Santa Maria. Foi fundador da Sociedade Portuguesa de Radiologia Médica e de outras agremiações científicas em Portugal, França e Itália. É autor de muitos trabalhos sobre diagnóstico radiológico e radioterapia oncológica, publicados em Portugal e no estrangeiro. Desde 1931 colaborou com a Comissão de Iniciativa Particular de Luta contra o Cancro, de que fazia parte a sua mulher Maria de Sant'Anna Bénard Guedes, como uma das fundadoras. Em 4 de Abril de 1941 esta Comissão passa a denominar-se legalmente Liga Portuguesa Contra o Cancro. Desde essa data desempenha também as funções de Presidente da Liga Portuguesa Contra o Cancro até à sua aposentação de funções públicas, por limite de idade, em 1957.

- **Carlos da Conceição AquinoVillamariz**[189] [Contra-Baixo];
- **Carlos de Barros Soares Branco**;
- **Carlos Propero Barella**[GD];
- **D. Simões** [GD];
- **Diogro Freire** [Viola];
- **E. Ribeiro** [Bandolim];
- **Elysio Mário SantosLobo**[190] [Violino e GD];
- Fernando Cabral (Presidente do Conselho Fiscal e sub-regente);
- **Francisco Alberto dos Santos Lara** [GD];
- **Francisco Castelo Branco** [Viola];
- **Francisco José Sanches Coelho** [Bandolim];
- **Henrique de Carvalho Sepúlveda**[Violino/Bandolim e GD];
- **Horácio Saque**[191][GD];
- **Jayme Asdrúbal Cordeiro Casqueiro** (Pandeireta);
- João Carlos Bastos (Presidente do GD);

[189] Sabe-se que, em 1937, era Professor Doutor (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).
[190] **Elísio Mário Santos Lobo**, Major de Artilharia, condecorado, segundo o AHPR, com o Grau de Oficial da Ordem Militar de Avis (1922) e com o Grau de Comendador (1928). Segundo o Arquivo da C.M. de Sintra, chefiava, em 1933, o Comando da Frente Marítima da Defesa de Lisboa, em Caxias.
[191] Parece tratar-se de **Horácio Caetano Saque** que terá pertencido ao Batalhão de Caçadores, em 1916, com o posto de Capitão-Médico, estando sepultado na Amadora (figurando na sua toponímia).

- **João Luiz de Moura** [GD];

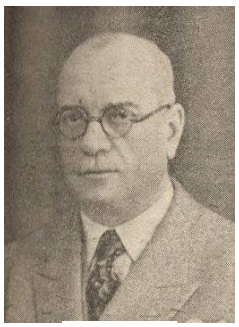
João Luís de Moura (1885 - 1937) foi um militar (chegando ao posto de Tenete-Coronel em1929), político e dirigente desportivo. Concluiu, em 1917, o curso de Piloto-Aviador, tendo partido, como Instrutor do pessoal da Esquadrilha Expedicionária a Moçambique (na Primeira Guerra Mundial), sendo, mais tarde, Comandante da mesma Esquadrilha. Foi promovido a Capitão de Aeronáutica a 24 de Setembro de 1917. Teve uma acção de relevo na Defesa de Chomba, em Cabo Delgado, Moçambique, contra os Alemães. Em 1922, foi nomeado Comandante Interino da Escola de Aeronáutica Militar, e, depois, Comandante Efectivo. Entre outras funções, foi Director das oficinas de reparação de automóveis do Exército, Vogal do Conselho da Ordem de Benemerência, Vogal do Comité Olímpico de Portugal e Vogal do Conselho Central da Cruz Vermelha Portuguesa e do Conselho Central do Pró-Sanatório dos Sargentos Tuberculosos dos Exércitos de Terra e Mar. Entre 1925 e 1931, foi o 5.º Presidente do Clube de Futebol "Os Belenenses". Foi eleito 4.º Presidente da Federação Portuguesa de Futebol de 1927 a 1928. Mais tarde, foi incumbido de organizar a participação de Portugal nos Jogos da XI Olimpíada, os Jogos Olímpicos de Verão de 1936. Após o Movimento de 28 de Maio de 1926, foi designado para Governador Civil do Distrito de Lisboa de 11 de Junho de 1926 até à sua morte a 21 de Julho de 1937. Possuía a Placa de Honra e a Cruz Vermelha da Ordem de Benemerência da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. Foi condecorado com a Medalha Comemorativa das Campanhas do Exército Português 1914-1918, a Medalha da Vitória com Estrela e a Medalha Militar de Ouro. Foi distinguido por serviços prestados à Cruz Vermelha da Letónia e da Alemanha com Medalhas oferecidas pelos respectivos países. Ostenta, igualmente, o grau de Comendador da Ordem Militar de São Bento de Avis de Portugal (1927), de Comendador da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo de Portugal (1928), de Oficial da Ordem Militar da Torre e Espada - Valor, Lealdade e Mérito de Portugal (1928), de Grande-Oficial da Ordem da Instrução Pública de Portugal (1930), da Grã-Cruz da Ordem de Benemerência de Portugal (1931) e de Comendador da Pontifícia Ordem Equestre de São Gregório Magno Classe Militar do Vaticano (atribuída pelo Papa Pio XI). O seu nome figura na toponímia de Cascais e de Odivelas.

- **João Patroni** (Porta-Estandarte);
- João Tamagnini Barbosa (Presidente);
- **Joaquim Bartolomeu Flores** [Flauta e GD]**;**
- **Joaquim Lobo Antunes**;
- **Jorge dos Anjos** [Viola e Pandeireta];
- **José Carrilho**[192] [Viola];
- **José de Mello Saraiva** [Violino];
- **José Guerreiro de Oliveira Duarte**[193] [Bandolim]**;**
- **José Manitto Tôrres**[194] [Violão-baixo, Violino, Bandoleta e Bandolim];
- José N. Santos Júnior (Tesoureiro);
- **José Salvação Barreto**[195] [Violino]**;**
- Libânio Gomes;
- **Luiz de Menezes Leal**[196] [Violino];

[192] Sabe-se que, em 1937, era Major (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).
[193] Sabe-se que, em 1937, era Tenente-Coronel (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).
[194] Muito porvavelmente familiar (irmão?) de Carlos Manitto Ferreira Torres, destacada personagem ligada aos Caminhos de Ferro.
[195] Sabe-se que, em 1937, era Major (Vd. **A Polythécnica, N.º Único, comemorativo do Centenário da Escola Politécnica**, de 11 de Janeiro de 1937, p. 35.).
[196] Dele se sabe apenas que foi Tenente-Coronel (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**) e que terá feito parte da TAL (Vd. **O Século**, de 07 de Julho 1941, p. 8).

- **Luiz Carlos Pamplona**[197] [Violino];
- **Luiz Gonzaga Perreira Ribeiro** [Violino];
- **Manuel [Luíz?] Magno Abreu** [Cantor e GD];
- **Miguel Tavares Blanco**[198] [Flauta];
- **Mário Augusto da Fonseca Barbosa** [Bandolim];
- **Óscar Graça**[199] [Bandolim];
- **Passos** [GD];
- **Pedro Viana da Motta**[200] [Bandolim];
- **Ramon Nonato de la Féria** (Vogal do Conselho Fiscal) [Viola];

Ramon Nonato de La Féria, que nasceu em Serpa, nos finais do Séc XIX, e foi Alferes Médico Miliciano (e fez parte do 1.º Corpo Expedicionário Portugûes), segundo dados recolhidos no AHM. A quando da implantação da Republica terá sido quem fez o anúncio ao Povo, na então Vila de Serpa (localidade onde foi figura destacada, estando imortalizado na sua toponímia).
A sua acção politica, de Republicano convicto, mistura-se muitas vezes com a sua posição de Presidente do Conselho da Ordem Maçónica, na qual se iniciou em 1914 na Loja Cândido dos Reis. Precisamente por ser Maçon, esteve preso, sem culpa formada, de 1937 a 1939, segundo consta dos registos da PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 29, registo nº 5776 .



- **Raúl Luis d'Oliveira**;
- **Ribeiro de Almeida**[201] [Violino];
- **Tibúrcio Afonso Teixeira**[202] [Bandolim];
- **Varella**;

Tibúrcio Teixeira

[197] Sabe-se que, em 1937, era Major (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).
[198] Dele se sabe apenas que foi Major (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).
[199] Sabe-se que, em 1937, era Major (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).
[200] É muito provável ser familiar do famoso pianista José Vianna da Motta, mas não conseguimos dados suficientes para estabelecer o plausível parentesco.
[201] Subsistem dúvidas quanto a esta personagem. Com efeito, o anuário da Escola Politécnica detecta 3 indivíduos possíveis: **José Eugénio Ribeiro de Almeida** (que cursou entre 1903 e 1904), **Eugénio Ribeiro de Almeida** (que cursou entre 1888 e 1905) e **Eugénio Ribeiro de Almeida** (que cursou entre 1900 e 1905).
[202] Tratar-se-á do Major de Artilharia, **João Tibúrcio Afonso Teixeira**, que foi professor no Colégio Militar (segundo acta de 28 de Julho de 1925, consultada no site da Assembleia da República) . O seu nome figura na toponímia da vila de Mafra.

Membros da TAEPL em 1906

- Abel Perestrello
- Adelino Padesca (Secretário da Direcção);
- Adolfo Neto;
- **Alfredo de Melo Pereira de Carvalho**;
- Alfredo Mântua (Regente);
- António Costa Pereira;
- **António Costa**;
- António Joaquim Nunes da Silveira (Presidente da AG);
- António Prudente;
- Arnaldo Fortée (sub-regente);
- Aurélio Silva;
- Bento Caeiro;
- Bento Viegas;
- Bernard Guedes;
- Carlos Villamariz**;**
- **Centeno Valladas**[203] [GD];
- **Costa Álvares**;
- Diogro Freire;
- E. Ribeiro;
- Elysio Lobo;
- **Fernandes Costa**[204];
- Fernando Cabral (Presidente do Conselho Fiscal e sub-regente);
- **Formosinho Barbosa**[205];
- Fortée Rebelo;
- Francisco Castelo Branco (Presidente da AG);
- **Guilherme Gonçalves**;
- **Gustavo Adriano de Matos Sequeira**[206];
- **Henrique Mendonça**;
- Henrique Sepúlveda;

[203] Sabe-se que, em 1937, era Major (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).

[204] Nome que aparece em artigo de 1925 (**O Século**, 46.º Ano, N.º 15556, de 22 de Junho de 1925, p. 6), podendo tratar-se do mais acima mencionado *António Costa*, mas não temos a certeza, razão pela qual se optou por o incluir na listagem dos membros de 1906.

[205] Existem duas possibilidade: **Manuel José Formosinho Barbosa** (aluno de 1903 a 1906) e **Sebastião Formosinho Barbosa** (aluno de 1904 a 1908).

[206] O seu nome aparece apenas em artigo de 1925 (**O Século**, 46.º Ano, N.º 15556, de 22 de Junho de 1925, p. 6), razão pela qual se optou por o incluir na listagem dos membros de 1906.

- **Humberto Luna de Oliveira**;

Nome que apenas nos aparece em artigo de 1925 (**O Século**, 46.º Ano, N.º 15556, de 22 de Junho de 1925, p. 6). razão pela qual se optou por o incluir na listagem dos membros de 1906. Trata-se do Coronel **Humberto de Luna da Costa Freire e Oliveira** (1888 - 1952), distinguiu-se na I República pela propaganda republicana que desenvolveu no norte de Portugal, nos anos de 1910 e 1911, bem como, depois, pelo dedicado apoio que deu à revolução sidonista e, de Maio de 1928 a Julho de 1929 enquanto chefe de gabinete do Presidente do Ministério. Comandou, o Regimento de Cavalaria 7 a partir de 1941. Paralelamente, publicou obra literária, sobretudo como dramaturgo, Luna de Oliveira foi ainda redactor do *O Século* e, colaborou no *Diário de Notícias*, no *Dia*, na revista humorística *A sátira* e no mensário *Atlântida*. O seu nome está perpetuado na toponímia de Lisboa.

- **Jaime Casqueiro**[207] [Viola];
- João Carlos Bastos (Presidente do Grupo Dramático);
- **João Gil**[208] (Director do Grupo Dramático);
- João Patroni;
- **João Ribeiro Gomes**[209][GD];
- João Tamagnini Barbosa (Presidente da Direcção);
- Joaquim Flores;
- Jorge dos Anjos;
- José Barreto;
- José Carrilho;
- José Manito Tôrres (Secretário da AG);
- José Nunes Santos Júnior (Tesoureiro);
- **José Paulo da Câmara**[210] [GD];
- Lobo Antunes;
- Luiz (Menezes) Leal[211];
- Luiz Pamplona;
- Mário Barbosa;
- Mello Saraiva;
- **Monteiro**;
- **Mora**;
- Oliveira Duarte;
- Óscar Graça;
- **Pedro Afonso Emauz Leite Ribeiro** [212] [Violino/Bandolim/Viola];

João Gil

José Paulo da Câmara

[207] Provavelmente, segundo dados do projecto GERMIL, **Jaime Asdrúbal Cordeiro Casqueiro** (Cf. *Geneall.net*).
[208] **João Marcelino da Silva Gil** (1843-1915), foi um conhecido actor português, com uma carreira recheada, passando por todos os grandes teatros de Lisboa e com inúmeras digressões pelo país (bem como a Espanha e ao Brasil). Foi responsável (contratado?) pelos ensaios do Grupo Dramático da Tuna (embora nunca tivesse sido estudante da Escola Politécnica).
[209] Sabe-se que, em 1937, era Major (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).
[210] Ao que tudo indica, **José Paulo da Câmara** (1887-1939) que foi dramaturgo e jornalista português, sendo autor de diversas peças de teatro, atingindo alguma notoriedade quer em Portugal quer no Brasil (onde, depois de ter rumado na década de 1920, viria a falecer).
[211] Dele se sabe apenas que foi Tenente-Coronel (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).
[212] O seu nome apenas é referido em **A** Polythécnica (p. 35), pelo que se optou por incluí-lo no lote dos tunos de 1906, e que tocava violino, bandolim ou viola (sem sabermos exactamente qual o instrumento).

- Perreira Ribeiro;
- **Gustavo Adolfo de Brito Ptischieller**[213];
- Ramon de la Féria;
- Ribeiro de Almeida;
- **Sanches Coelho**;
- Tavares Blanco[214];
- **Teves**;
- Tibúrcio Teixeira;
- Viana da Motta;

Membros da TAEPL em 1907

- Bénard Guedes;
- **Eugénio Roseira** [porta-estandarte];
- Fortée Rebello;
- João Ribeiro Gomes (Regente);
- Vianna da Motta;

Membros da TAEPL em 1910

- **Luis Guerreiro** (Regente);

[213] **Gustavo de Brito Pitschieller**, médico que fez parte do Hospital da Cruz Vermelha na Flandres, o qual, em 1917, prestou cuidado aos soldados envolvidos na frente de combate (durante a Grande Guerra), segundo artigo de Helena da Silva (IHC-NOVA-FCSH) - O Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa na Flandres, 2017; Um hospital português em França na Grande Guerra - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 8, n.º 2. de 2018 (obras consultadas em 19-08-2021).

[214] Dele se sabe apenas que foi Major (Vd. *op. cit.* **A Polythécnica**).

Repertório da TAEL

São quase 60 títulos de temas que conseguimos detectar, do repertório executado pela Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa[215].

Mas quando olhamos atentamente para alguns deles, como é o caso das música tiradas de óperas, das colecções ou das rapsódias, percebemos que há dezenas de números musicais a adicionar[216].

Quando, para além disso, olhamos às representações dramáticas (revistas, operetas...), algumas delas com várias dezenas de números musicais, percebemos bem o vastíssimo repertório trabalhado, toda a exigência e tempo de preparação que tal implicava.

Isso ajuda-nos igualmente a perceber por que razão, por vezes, as tunas dessa época não têm tantas actuações como hoje concebemos. Com efeito, o tempo necessário para preparar um tão amplo repertório e toda a logística que implicava, em muitos casos, gerir ensaios entre a orquestra e o grupo dramático (obras que integravam, muitas vezes, mais de meia centena de intervenientes), explica o calendário mais sazonal das aparições da(s) tuna(s) em concertos e saraus.

No que toca às músicas interpretadas, para além de um repertório eclético (que procurava incorporar temas na moda e ao gosto da época), há que fazer uma especial referência aos de Alfredo Mântua, além de outros temas da lavra de tunos, como Bento Viegas, A. Moraes ou, ainda, do prestigiado regente da Tuna do Liceu e, depois, da TAL, Wenceslau Pinto.

No que toca a representações, há uma clara aposta no modelo das representações musicadas[217], especialmente no género "revista", contando a TAEPL com exímios autores, como Ressano Garcia, António Carneiro, Arnaldo Fortée, Paulo da Câmara, Costa Pereira, Severim de Moraes, Quirino Monteiro, João Bastos, Bento Mântua ou Carlos Manitto Torres.

Temas executados em 1901-1902

- Ao Luar (Valsa de Alfredo Mântua)
- Bal des Fleurs (*gavotte* de Joaquim José d'Almeida);
- Banda/Marcha de trombetas (Torregrosa);
- Carmen (*pot-pourri* de Bizet);
- Faico (*pasacalle* de J. Sapetti);
- Hino Académico (José A. S. da Gama e José C. O'Neill de Medeiros);
- Pastoral (Raul Ferraz);
- Pizzicato d'Ader;

Temas executados em 1902-1903

- Bailados da Gioconda (da Ópera de Ponchielli);
- Bergers Watteau (Gregh);
- Collecção de Fados (Alfredo Mântua);
- Czardas n.º 4 (Michaelis);
- Hino Espanhol (Bartolomé Pérez Casas);
- Hino Português (Alfredo Keil e Henrique Lopes de Mendonça);

[215] Omitimos o repertório do sexteto da Tuna (fundado em 1902 e dirigido por A. Mântua), dada a escassez de dados.
[216] Algo que coloca em perspectiva a reflexão a fazer sobre a falta de renovação do repertório de muitas das nossas tunas académicas, que teimam em eternizar os mesmos alinhamentos, anos a fio.
[217] Cabe, quase sempre, a Alfredo Mântua o papel de musicar as peças.

- Lamento di trovatore (Ângelo Mariani);
- Pastoral (Raúl Tenas);
- Rapaziada (José Urbano de Castro);
- Rapsódia de cantos populares portugueses (Alfredo Mântua);
- Sonata (Edvard Grieg);
- Tosca - Ópera em 3 actos (Giacomo Puccini);
- Viva la Gracia (*pasacalle* de Alberto Vasconcellos Moraes[218]);

Temas executados em 1903-1904

- Dança das Bachantes - da Obra Philemon et Baucies (Charles Gounod);
- Duo de l'Africana - Zarzuela em 1 acto (Manuel Fernández Caballero);
- Hino de Saudação (Alfredo Mântua);
- Intermezzo da Cavalleria Rusticana (Pietro Mascagni);
- La Mathilde (*gavotte* de Camerata Köln);
- Nova Collecção de Fados (?);
- Philemon et Baucies (Charles Gounod);
- Rapsódia de cantos hespanhoes (?);
- Recordação (Tomás Bretón);
- Serenata de Lizst (?);

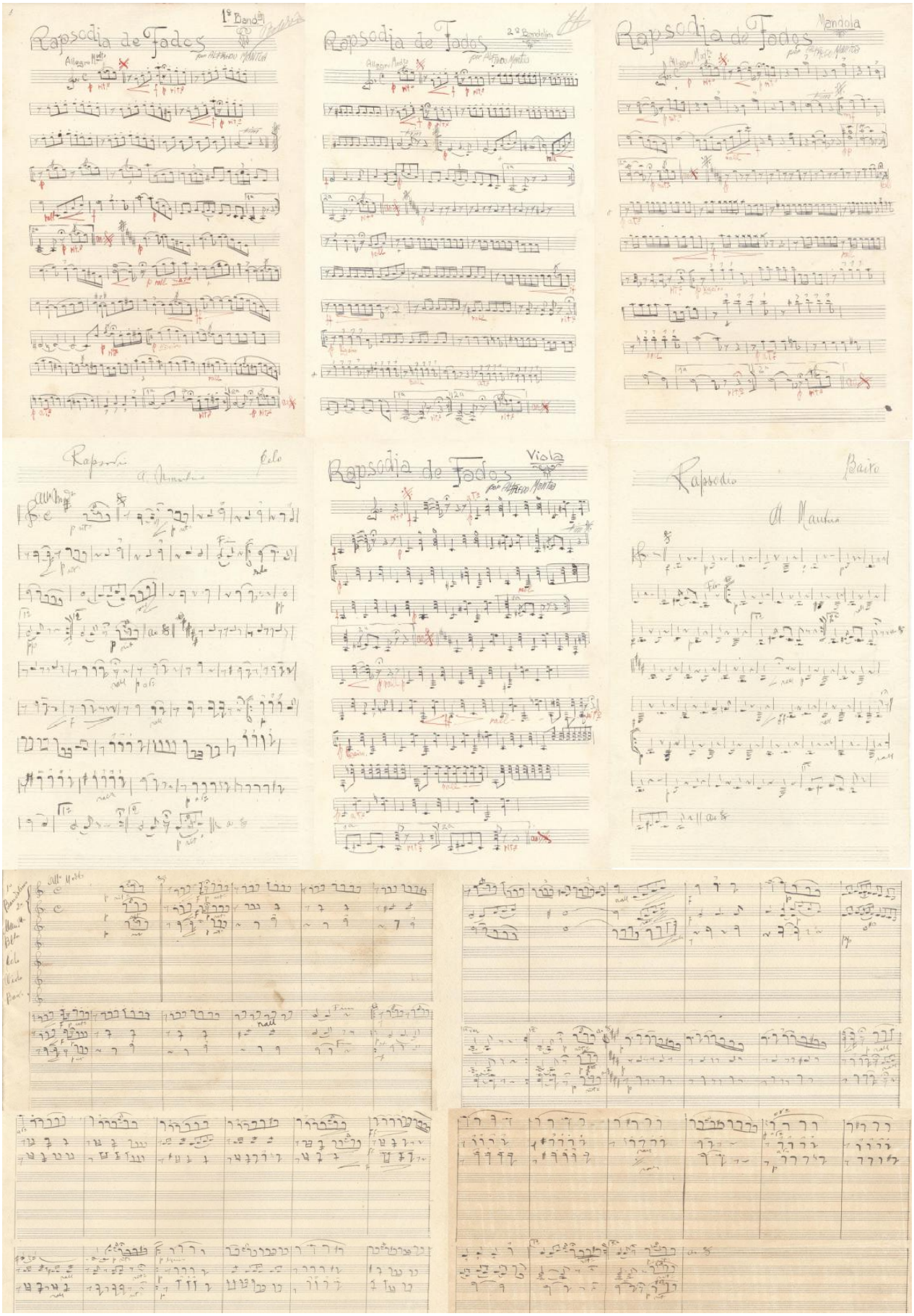
+ Diversas músicas de Ópera

Temas executados em 1904-1905

- A Somnambula (da Ópera de Bellini);
- Aida - Ópera em 4 actos (Guiseppe Verdi);
- Apinoza (?);
- Arlequinade (*pizzicato* de Luis Ganne);
- Cavalleria Rusticana (Ópera em um acto de Pietro Mascagni);
- Czardas (Vittorio Monti););
- Depois da Festa (*pasacalle* de Celestino Pinto);
- Morama (?);
- Os dois Viegas (Bento Mântua);
- Poète et Paysan (Franz von Suppé);
- Rapsódia de Fados (Alfredo Mântua);
- Sérénade (Valsa de Olivier Metra);

+ Diversas músicas de Revista

[218] Fez parte da TAUC e foi fundador e regente da Tuna Farense (1900).



Rapasódia de Fados de Alfredo Mântua
(RNOD - BNP)

Temas executados em 1905-1906

- A Tulipa (*gavotte* de J.J. de Almeida);
- Algarve (Marcha de Bento Viegas);
- Ballada (Massenet);
- Brincando (*pizzicato* de Wenceslau Pinto);
- Enlevo (Valsa de Alfredo Mântua);
- Fados (Alfredo Mântua);
- Fulmen - o raio (Marcha de ?);
- Marcha d'Atalaya (?);
- Marcha Triunfal a Herculano (Silveira Paes);
- Margarida na Fonte (*gavotte* de Alfredo Mântua)[219];
- Por las Morenas (*pasacalle* de Alberto Moraes);

Representações

- Dona Sebastiana (Ressano Garcia) 1901
- Aventuras na Côrte (António Carneiro) 1902
- Auto de Misericórdia (Severim de Moraes) 1902
- A Olho Nu - revista (Severim de Moraes e Quirino Monteiro) 1903
- Que Trez - Ceia dos Cardeais[220] (Arnaldo Fortée Rebello) 1904
- Marcha Geral d'Analyse[221] (nd) 1904
- Certamen de Heroes - comédia semi-histórica (Manitto Torres) 1905
- P'la Tangente - revista de costumes académicos (João Bastos e Bento Mântua) 1905
- D. Juan Tenorio - 1.º Ato (D. José Zorilla) 1905
- De Fio a Pavio - revista[222] (Arnaldo Fortée/Paulo da Câmara e Costa Pereira) 1906
- A Taberna Maldita - Bomba Bernabé (Carlos Manitto Torres) 1906
- Em Cheio - revista (autor desconhecido) 1907
- D. Fuas/Fufio - Farsa Lírica (autor desconhecido) 1907
- O Chá de Tolentino - revista em 5 quadros (??) 1925

[219] Só temos referência a este tema em 1925, quando tocado no encontro de antigos tunos, daí termos optado por colocá-lo em 1906 (último ano onde temos dados sobre os temas executados).
[220] Adaptação cómica de um dos maiores êxitos da dramaturgia portuguesa: A Ceia dos Cardeais, de Júlio Dantas.
[221] Uma farsa em verso que faz crítica humorada a uma das cadeiras leccionadas na Escola Politécnica.
[222] Segundo **O Século**, N.º 8715 de 01 de Abril de 1906, p. 7, a revista possui 40 peças musicais (executadas pela Tuna).

Epílogo

Recuperando a introdução a este livro, estivemos perante um agrupamento cuja curta vigência deixaria adivinhar, à partida, pouco ter que contar.

Como o leitor se apercebeu, a **Tuna Académica da Escola Politécnica de Lisboa** surge num contexto de forte expansão deste tipo de agrupamentos, sobretudo no âmbito escolar, contribuindo para um fenómeno ainda pouco valorizado: o da importância das tunas na democratização da música e o seu papel de destaque no grande movimento mundial das orquestras de plectro[223].

Este tipo de grupo, com efeito, contribuíu, e muito, na difusão de certos géneros e gostos musicais, como o da opereta, o "vaudeville" ou, sobretudo no nosso caso, o da revista:

> *"Papel de relevo na propagação da arte sonora tiveram os váriosorfeões criados nas três principais cidadesd o país: o "Orpheon Portuense", o "Orpheon Académico" de Coimbra, o Orfeão de Lisboa, a Tuna Académica* [TAL], *a* ***Tuna da Escola Politécnica****, a Tuna Feminina, a Schola Cantorum, etc. A sua história, como a de outros orfeões disseminados pelo país, está por fazer."*[224]

Se a obra "QVID TVNAE?" é A referência, no que concerne a dar-nos uma ideia global do fenómeno tuneril (sobretudo académico) em Portugal e no mundo [225], torna-se cada vez mais importante ir resgatando as tunas protagonistas desse mesmo fenómeno, resgatar as histórias da História, conhecer as parcelas de uma maneira mais próxima e personalizada, sobretudo em agremiações cujo legado não pode resumir-se a uma designação e data de fundação numa qualquer lápide evocativa ou passageira referência - mas que é preciso salvar do esquecimento, a começar pela preservação e valorização do seu património documental.

Apesar de subsistirem muitas interrogações e muitos aspectos a serem completados, actualizados e enriquecidos por futuros investigadores, quero crer que, com esta monografia, tenha sido já possível desenhar o essencial do panorama diegético da **TAEPL**, assim como conseguir um esboço suficientemente claro dos seus protagonistas, actividades desenvolvidas e espaço geográfico por onde a tuna se foi expressando.

Se, hoje em dia, temos uma ideia genérica e global do fenómeno tuneril em Portugal, é agora necessário aprofundar e particularizar, começando por aqueles grupos que começam a distar demasiadas décadas para não merecerem atenção, sob pena de, a juntar à sua extinção, o cairem num esquecimento definitivo (ou sobrar algo demasiado fragmentado para se narrar e entender satisfatoriamente).

Por outro lado, recordar da necessidade de, mesmo nas tunas em actividade, ir fazendo memória e registo museológico, sob pena de, também elas, poderem, um dia, passar ao lado da história narrável.

Possa, pois, esta obra incentivar outras pessoas a interessarem-se pelo fenómeno tuneril e semear nelas - a começar pelos tunos e antigos tunos - o desejo de investigar este riquíssimo património imaterial e, assim, contribuirem para a promoção e preservação do património imaterial tuneril, e para um melhor conhecimento do negro mester.

---

[223] Inscrito num movimento mais lato dito "Orfeónico".

[224] MARQUES, A. H. de Oliveira - **Guia de História da 1.ª República Portuguesa**. Editorial Estampa. Lisboa, 1981, p. 467.

[225] E para breve se espera uma actualização dessa obra.

Bibliografia

Alberto Xavier - **História da greve académica de 1907**. Coimbra Editora, 1963;

COELHO, Eduardo, SILVA, Jean-Pierre, TAVARES, Ricardo, SOUSA, João Paulo - **QVID TUNAE? A Tuna Estudantil em Portugal**. CoSaGaPe, 2011-12;

CUNHA, Pedro José da - **A Escola Politécnica de Lisboa : breve notícia histórica**. Faculdade de Ciências de Lisboa, 1937;

Dicionário de história da I República e do Republicanismo, Vol. I: A-E. Assembleia da República - Divisão de Edições. Raínho&Neves Lda., Lisboa, 2013;

Garcia, Arnaldo Cardoso Ressano - **Escola Politécnica de Lisboa: 10ª cadeira e os seus professores**. Faculdade de Ciências de Lisboa, 1937;

GOMES FERREIRA, Joaquim - **A Reforma Universitária de 1911**. Revista de História das Ideias, Vol. 12, IHTI. Faculdade de Letras da UC, 1990;

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. XVI. Editorial Enciclopédia Lda. Lisboa - Rio de Janeiro, 1959;

MARQUES, A. H. de Oliveira - **Guia de História da 1.ª República Portuguesa**. Editorial Estampa, Lisboa, 1981;

MENESES, Filipe Ribeiro de - **A Grande Guerra de Afonso Costa**. Dom Quixote, 2015;

NASCIMENTO, António José S.e NASCIMENTO, José António S. – **Estudantes de Coimbra em Orquestra: Tuna Académica da Universidade de Coimbra (1888 1913)**. Coimbra: Bubok Publishing S.L., 1.ª ed., 2010;

Os Governos Civis de Portugal, História e Memória (1835-2011). Coordenação de Fernando de Sousa. CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade. Porto, 2014;

SILVA, Helena da - **O Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa na Flandres**. IHC-NOVA-FCSH, 2017;

SILVA, Helena da - **Um Hospital Português em França na Grande Guerra** - História. Revista da FLUP. Porto. IV Série, Vol. 8, N.º 2, 2018;

SILVA, Jean-Pierre - **A França das *Estudiantinas* - Francofonia de um fenómeno nos séc. XIX e XX**. CoSaGaPe, Lisboa, 2019;

SILVA, Jean-Pierre - **A Grande Tuna Feminina de Alfredo Mântua - Breve Contributo Documental (1907-1913)**. CoSaGaPe, Lisboa, 2018;

SILVA, Jean-Pierre & COELHO, Eduardo - **QVOT TVNAS? Censo de Tunas Académicas em Portugal, 1983-2016**. CoSaGaPe, Lisboa, 2019;

SOUSA BASTOS, António - **Diccionario do Theatro Portuguez**. Lisboa. Imprensa Libânio da Silva, 1908;

SOUSA, Vicente e JACOB, Neto – **Portugal no 1.º Quartel do séc. XX documentado pelo Bilhete-Postal Ilustrado**. Bragança: C.M. de Bragança, 1985;

Una Visita á los estudiantes portugueses, por la Tuna Escolar valladolid-Coimbra de 1902. Memórias é Impressiones por el "Tuno" Antonio Martínez Cabezas. Imp. y Lib. de F. Santarén Madrazo. Valladolid, 1902;

ZACARIAS, Adília; MENDES, Isilda - **Tuna Académica do Liceu de Évora, 100 Anos de histórias e tradições**. TALE, 2012;

Outras fontes consultadas

- Arquivo da Câmara Municipal de Sintra;
- Arquivo Histórico da Presidência da República;
- Arquivo Histórico dos Museus da Universidade de Lisboa (MUL-MUHNAC-ULisboa);
- Arquivo Histórico Militar;
- Arquivo Municial de Lisboa;
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo;
- Assembleia da República - Catálogos Gerais
- Biblioteca Municipal de Viseu;
- Biblioteca Nacional de España;
- Biblioteca Nacional de Portugal;
- Biblioteca Virtual de Prensa Histórica;
- Blogue "Além Tunas", "Arte en Valladolid", "Castelo Branco - O Albicastrense", "Cidadãos por Abrantes", "Lisboa Antigamente", "Lisboa Hoje e Ontem", "Memórias e outras coisas...Bragança","Paixão por Lisboa", "Portugal Memória", "Restos de Colecção" e "Toponímia de Lisboa".
- Casa Comum - Fundação Mário Soares;
- Direcção Geral do Património Cultural;
- Geneall.net;
- Global Média Group - Direção de Documentação e Informação;
- Hemeroteca Digital Brasileira - BNDB;
- Hemeroteca Digital de Lisboa;
- Hemeroteca Digital do Algarve;
- Ordem dos Engenheiros (*web*) - História e Património da Politécnica;
- Portal Português de Arquivos;
- Projecto GERMIL - Genealogia em Registos Militares;
- Universidade de Lisboa;
- Wikipédia / Wikiwand;

Siglas e abreviaturas

- [GD] - Grupo Dramático;
- AHM - Arquivo Histórico Militar;
- AHPR - Arquivo Histórico da Presidência da República;
- AHT - Academia da História da Tuna.
- AML - Arquivo Municipal de Lisboa:
- BNP - Biblioteca Nacional de Portugal;
- *ca*. - circa (cerca de);
- CEP - Corpo Expedicionário Português;
- Cf. - Confrontar/confirmar com;
- INSA - Instituto Nacional de Saúde;
- *op. cit* - Obra [já anteriormente] citada/referida;
- TAEPL - Tuna Académica da escola Politécnica de Lisboa;
- TAL - Tuna Académica de Lisboa;
- TALE - Tuna Académica do liceu de Évora;
- TAUC - Tuna Académica da Universidade de Coimbra;
- Vd. - Ver/ler;

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

A Grande Tuna Feminina de Alfredo Mântua - Breve Contributo Documental (1907-1913).
A França das Estudiantinas - Francofonia de um fenómeno nos séc. XIX e XX.
A Tuna nas trincheiras da Grande Guerra (1914-1918).

OBRAS EM CO-AUTORIA

QVID TUNAE? A Tuna Estudantil em Portugal.
QVOT TVNAS? Censo de Tunas Académicas em Portugal, 1983-2016.